Rainbow

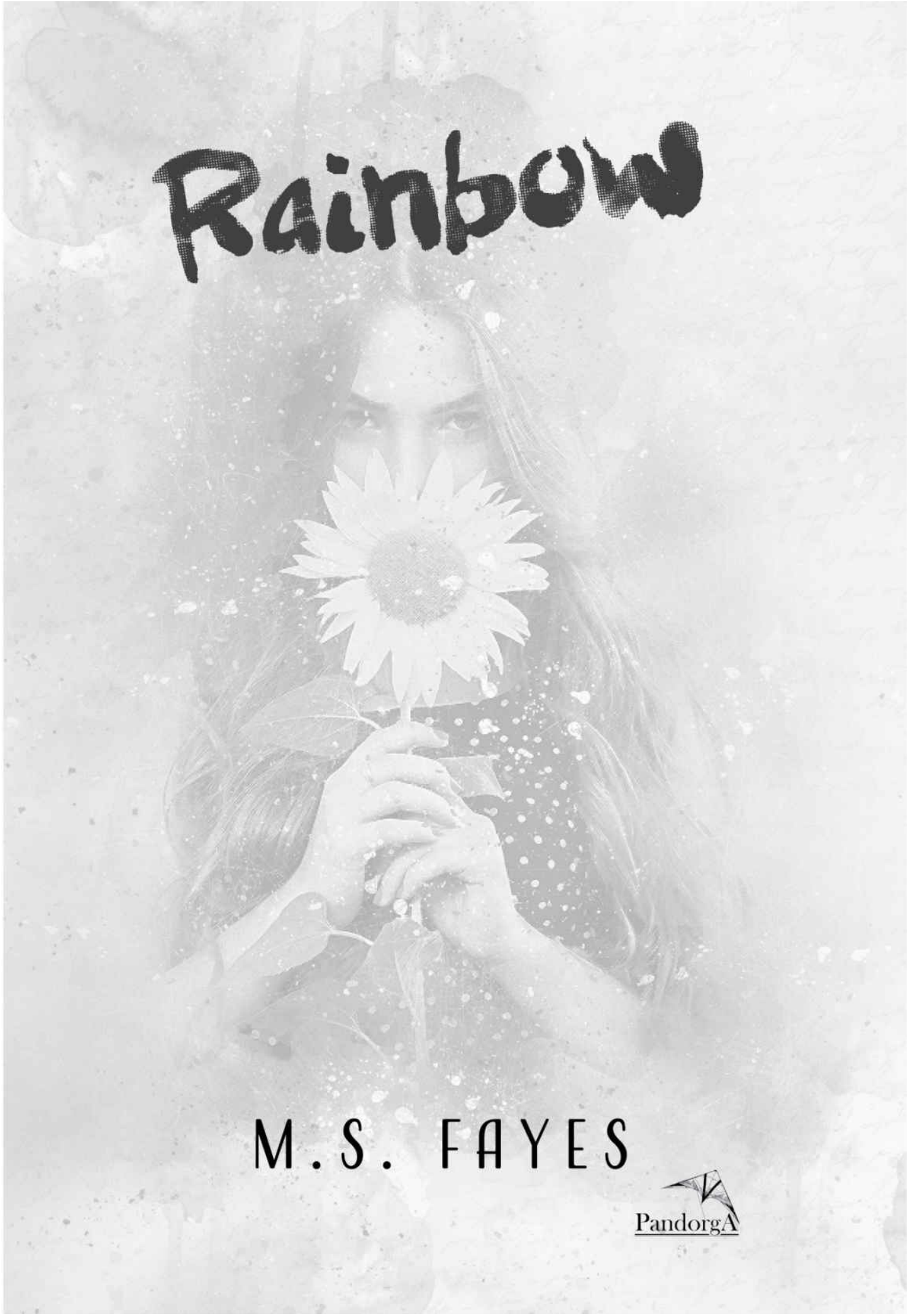


"Uma volta à escola,
seus desafios e primeiros amores,
pelo olhar sensível de M. S. Fayes."
BABI A. SETTE - *Autora da série*
"Flores da temporada"

M. S. FAYES

PandorgA

Rainbow



M.S. FAYES

PandorgA

Copyright © M.S. Fayes, 2017

Todos os direitos reservados

Copyright © 2017 by Editora Pandorga

Direção Editorial
Silvia Vasconcelos

Produção Editorial
Equipe Editora Pandorga

Preparação
Márcio Barbosa

Revisão
Aline Salles (AS Edições)

Diagramação
Abreu's System

Composição de capa
Dri K.K.

Editoração digital
Claudio Tito Braghini Junior

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo n. 54, de 1995)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha elaborada por: Tereza Cristina Barros – CRB-8/7410

Fayes, M. S.
Rainbow / M. S Fayes. – 1.ed. – São Paulo : PandorgA, 2017.
288 p. ; 16 x 23 cm.

ISBN 978-85-8442-204-3

1. Ficção brasileira 2. Literatura juvenil. I. Titulo.

11.04/012-2017 CDD- 869.3

2017
IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL
DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À
EDITORA PANDORGA
AVENIDA SÃO CAMILO, 899
CEP 06709-150 – GRANJA VIANA – COTIA – SP
TEL. (11) 4612-6404

WWW.EDITORAPANDORGA.COM.BR

dedicatória

Dedico este livro ao meu Arco-íris pessoal, que nem sequer faz ideia de que as cores que trouxe colorem minha vida a cada dia. À minha Rainbow exclusiva.

capítulo

1

Eu me chamo Rainbow. Sim, eu sei. Um nome estranho para uma garota estranha. O que posso fazer se sou fruto do avassalador modo hippie de viver? Meus pais estavam passando por uma viagem de autoconhecimento em Rainbow City, no Alabama. *Yeap*. Minha mãe resolveu entrar em trabalho de parto logo ali.

Ao menos meu nome não é Sunshine, como minha irmã mais nova. Embora seja um nome muito mais suave e bonito que o meu, esse lance de amor ao brilho do sol é muito meloso para mim.

Ainda tenho um irmão mais novo, gêmeo de Sunshine, que se chama Thunder Storm. Certo. Vocês perceberam que meus pais têm um certo lance com elementos superpoderosos da natureza. Nem preciso dizer que fenômenos naturais estavam acontecendo no momento exato em que minha mãe entrou em trabalho de parto. É necessário dizer que sempre fomos motivo de riso e zoação por todo lugar aonde vagássemos?

Nós somos o que você poderia chamar de "uma família viajante". Acredito que meus pais permanecem até hoje na *vib*e do movimento hippie, com aquele lance de ciganos e paz e amor. Nosso sobrenome, Walker, combina perfeitamente com o estilo de vida que meus pais adotaram desde que me entendo por gente.

Mesmo assim, eu os amo muito. Com seus defeitos e qualidades, suas loucuras e falta de senso algum na escolha dos nomes de seus próprios filhos.

— Rainbow Walker?

Merda. Eu odiava quando aquilo acontecia. Eu era novata na escola e o professor fez questão de chamar meu nome em alto e bom tom.

Na maioria das escolas que frequentei anteriormente, a chamada era feita no início e, sempre que eu era transferida de um lugar para outro, passava pelo constrangimento da apresentação.

Levantei a mão, mantendo o rosto abaixado, na tentativa de evitar que os colegas vissem o tom vermelho que dominava geral.

— Aqui.

— Venha aqui, querida. Apresente-se para a turma.

Nãããooo. Aquilo só poderia ser um pesadelo. Uma piada infame. Uma cena de filme trash.

Senti que meus olhos ficavam arregalados em choque.

— Rápido! — o professor prestativo acelerou.

Levantei meu corpo como se estivesse em câmera lenta e tentei não tropeçar nos colegas de classe que eu tinha certeza de que estavam rindo baixinho. Poderia até ser uma paranoia minha, mas estava ali. Um som de risos.

Quando cheguei em frente ao professor, aquele que eu sentia uma vontade imensa de esganar, eu me virei para a turma e esperei que o silêncio se fizesse.

E foi o que aconteceu. Os alunos se calaram e ficaram na expectativa do que eu falaria.

— Olá, meu nome é Rainbow. Sou recém-chegada de Melville, Kansas.

Nada. A turma apenas seguia me observando com olhos curiosos. Eu evitava fazer contato visual porque sabia que, se fizesse, estaria perdida.

— Muito bem, querida. Conte-nos de seus planos — o professor medonho insistiu.

O quê? O cara estava louco?

— Ãhhh...

Triiiimmm.

Sabe aquela hora em que você mesma diz que foi salva pelo gongo? Eu fui. Naquele exato momento.

A turma nem sequer esperou uma segunda ordem e todos já se levantaram apressadamente. Na tentativa de passarem por mim, levei vários esbarrões e nenhum pedido de desculpas.

Esperei que a turba furiosa se afastasse para poder voltar à minha mesa e reunir minhas coisas.

— Rainbow?

Olhei para trás e dei atenção ao professor.

— Sim, professor?

— Espero que consiga se relacionar bem com seus novos amigos.

Assim, ele disse aquilo e se virou, saindo da sala. Fiquei sozinha momentaneamente e respirei fundo diversas vezes. O primeiro dia de aula em uma escola nova era sempre aterrador. E aquela havia sido apenas a primeira aula.

capítulo

2

Quando o ônibus escolar parou na frente de casa, saltei apressadamente e corri pelo caminho gramado que dava acesso à porta. Eu já estava revoltada por termos de usar o transporte escolar, já que meus pais decidiram que, enquanto não estivesse adaptada ao caminho da escola e ao trânsito, seria melhor que usufruíssemos desse benefício por alguns dias.

Entrei em casa como um tufão e tentei seguir para o meu quarto antes que minha mãe chamasse.

— Rain?

Não bastasse meu nome ser altamente estranho, minha mãe ainda insistia em uma redução mais esquisita ainda.

— Sim, mãe?

Parei no meio das escadas.

— Venha aqui, florzinha.

Larguei a mochila no degrau e segui em direção à cozinha. Minha mãe estava fazendo um bolo cheiroso de baunilha. Cheguei perto e dei-lhe um beijo estalado na bochecha.

— Oi, mãe.

— Me diga como foi na escola — ela perguntou e continuou batendo a massa sem nem ao menos olhar para mim. Ainda bem, porque eu estava revirando os olhos naquele momento.

— Foi tudo *okay*.

Minha mãe parou o que estava fazendo e olhou atentamente para mim.

— *Okay*?

Sentei na cadeira mais próxima e bufei.

— Ah, mãe. Você sabe como são as pessoas quando alunos novos chegam... — falei e abaixei a cabeça nos braços. — Ainda mais com pessoas esquisitas.

— O que você disse?

Eu sabia que ela tinha ouvido. Aquele tom de voz era muito fácil de ler.

— Nada.

— Tudo.

A guerra de palavras iria começar.

— Mãe...

— Rain...

— *Okay*, foi horrível, mãe. O professor logo da primeira aula me fez falar diante dos alunos, nas outras aulas que se seguiram eu pude ouvir os risinhos e chacotas por conta do meu nome; enfim... esse tipo de coisa supernormal que já me acompanha há dezessete anos.

Ouvi o cessar da batedeira e percebi que minha mãe estava bem à minha frente, na mesa. Sua mão tocou delicadamente minha cabeça e acariciou meus cabelos.

— Tão ruim assim?

— *Yeap*.

O sorriso que minha mãe dava em momentos como este era único. Em seus olhos, eu conseguia ler o pesar por nos fazer passar por aquele tormento de tempos em tempos.

— Sinto muito, filha.

Levantei da cadeira e a abracei, quase colocando meu queixo sobre sua cabeça, já era mais baixa que eu.

— Eu sei, mãe. Eu aguento. Sempre aguentei.

— Mas você bem que podia fazer como sua irmã, Rain — ela disse e passou a mão suavemente em meu rosto. — Ignorar tudo isso e apenas se divertir.

— Eu não tenho tempo para me divertir, mãe — falei resoluta. — Sunshine pode curtir a vida porque ainda é caloura, eu não.

— Você sempre foi tão séria, filha.

Suspirei audivelmente.

— Eu nasci assim.

— Mas não foi gerada assim — ela disse e me sacudiu. — Meus filhos deveriam ser espíritos livres e viver em harmonia com o ambiente, com a natureza.

Segurei o riso. A filosofia dos meus pais era absolutamente engraçada. Por acaso eu já disse que meus pais são hippies? Ainda? Que aquela mesma onda de quando fomos gerados nunca deixou de existir? É isso aí.

— Eu sei. Mas o universo conspirou contra vocês e deu uma filha supercentrada e cheia de preocupações.

Ela bateu no meu traseiro.

— Vá tomar seu banho e desça para o lanche.

— Onde está todo mundo? — perguntei antes de roubar uma rosquinha da vasilha mais próxima.

— Sunny está na casa da vizinha. Já fez uma amiga — ela disse e voltou para os seus afazeres com o bolo —, Torm está no treino de futebol.

Era isso. O resumo da minha vida. Meus irmãos se divertiam enquanto eu me concentrava em ser a perfeita do lar.

Saí em disparada para o meu quarto e pude me refugiar naquele que era o local onde me sentia mais segura. Minhas coisas refletiam exatamente quem eu era. Nada de pôsteres de ídolos teens colados nas paredes. Apenas livros e mais livros. Nenhum bichinho de pelúcia ou bonecas. Nós nunca tínhamos tempo de fazer as malas adequadamente, então quanto menos coisas tivéssemos, melhor.

Eu não poderia dizer quanto tempo permaneceríamos naquela cidade. Esperava que ao menos meus pais pensassem um pouco em nós e nos deixassem terminar o Ensino Médio. Eu estava no último ano, e faltava tão pouco para me formar...

Milagres podiam acontecer, certo?

Tomei banho e rapidamente fiz minhas anotações sobre o dever que eu precisaria entregar, antes de descer para acompanhar a balbúrdia da cozinha.

— Eu disse! Eu disse que entraria no lugar do capitão do time assim que o técnico vislumbrasse meus músculos poderosos... — Storm disse, se gabando.

— Você só pode ter chantageado o professor... — Sunshine respondeu e gritou quando meu irmão lhe deu uma gravata. — Mas aqui está a pergunta que não quer calar... você realmente conseguiu o posto de capitão do time?

— Claro que não. Ainda sou calouro. — Ouvi Storm retrucar, cheio de marra. — Mas é apenas questão de tempo. Quando o *quarterback* se formar, eu estarei ali... pronto para usurpar o lugar...

— Parem com isso! Vamos respeitar o alimento que está em nossa mesa.

— Mas, mãeeee... é só um bolo — Storm disse revoltado.

— Não interessa — ela ralhou. — A hora do lanche é sagrada. Rainbow!!!

O grito foi desnecessário. Eu estava bem ali.

— Oh! Você está aí, querida — minha mãe disse alegremente. — Vamos todos nos sentar.

— Cadê o pai? — perguntei.

— Está cuidando das flores que foram maltratadas no jardim. As pessoas que moravam nesta casa antes de nós eram cruéis e desumanas.

Segurei o riso e observei meus irmãos revirando os olhos. A forma como minha mãe falava podia dar a entender que um crime hediondo havia ocorrido ali.

— Rain, como foi na aula? — Sunshine me perguntou.

— A mesma coisa de sempre, Sunny. E com você? — perguntei, embora já soubesse a resposta.

— Ma-ra-vi-lho-so — ela respondeu e abocanhou o bolo. — Conheci um monte de colegas e tem uns meninos lindos na sala.

Que novidade Sunshine ter reparado *apenas* naqueles detalhes ao longo do dia!

— Você está falando de boca cheia, sabe disso, né?! — perguntei o óbvio.

— Aham.

— E já ensinei que não devemos falar com a boca cheia, Sunny — minha mãe ralhou com ela.

Se ela pudesse, tenho certeza de que mostraria a língua para mim. O que seria nojento, dadas as circunstâncias.

— Eu joguei muito — Storm disse em sua tão característica falta de modéstia.

— Que ótimo, filho.

— Storm... quando você não joga bem, seu burro? — Sunny provocou, mostrando os músculos de seus bíceps.

Antes que ele pegasse um pedaço de bolo e arremessasse em nossa irmã, meu pai entrou pela porta dos fundos.

— Certo, crianças. Aquelas flores lindas não estão mais na UTI. Estão se recuperando bem — ele disse e deu um beijinho na testa de nossa mãe. — E ainda vou criar um espaço para nossas plantações livres de agrotóxicos.

— Que bom, pai.

— Maravilhoso, pai.

— Estupendo, pai.

Ele parou no centro da cozinha e nos lançou um olhar extremamente indagador.

— Vocês estão me zoando?

Começamos a rir.

— Claro que não, pai. — Limpei as migalhas do bolo em um guardanapo. Levantei e cheguei até ele, dando um abraço apertado naquele esquisitão. — Você é lindo, pai.

— Irrrcccc... — Storm fez som de nojo. — Que coisa mais melosa. Homens não são lindos, Rain. São fortes e másculos.

Todos demos risada e seguiu-se assim mais um dia em minha vida. Aquele era apenas o primeiro dia de muitos que viriam. Mas era bom que, ao menos em casa, eu podia ter a sensação de familiaridade de que tanto necessitava.

capítulo

3

Já havia se passado uma semana. Nenhuma viva alma trocou uma palavra sequer comigo. Eu era uma pária naquela escola. Aparentemente, a Westwood Garden High School não apreciava alunos novos no meio do semestre.

Tudo bem. Eu poderia viver em silêncio tranquilamente. Desde que me deixassem em paz, eu poderia ser apenas uma estátua paradinha ali, absorvendo conhecimentos e sendo ignorada pelos colegas.

Eu era estranha? Provavelmente. Meus cabelos castanhos eram sem sal, não tinham aquele viço que as meninas mais populares ostentavam. Praticamente, eu os mantinha aprisionados em uma trança. Meus olhos verdes quase nunca eram detectados porque eu nunca fazia contato visual com as pessoas. Minha pele clara era tão comum quanto as paredes decoradas da sala.

Eu tinha um corpo bacana, nada de que pudesse me envergonhar, mas não gostava de mostrar mais do que um pedaço de pele necessário. Fazia questão de esconder meus seios porque os achava grandes demais para a minha idade. Ou ao menos esse foi um hábito adquirido, levando em conta que aos treze anos eu já ostentava minha comissão de frente. Os meninos tinham uma tendência chata de ficarem encarando aquela área da minha anatomia. Meus tênis não eram da moda. Minhas roupas não eram estilosas. Talvez eu realmente não pertencesse àquela escola. Tudo ali girava em torno de dinheiro. As meninas andavam tão perfumadas que isso chegava a incomodar o meu olfato.

Os garotos eram tão insuportáveis que eu nem conseguia ficar muito tempo ouvindo os diálogos enfadonhos. Muitas vezes eu achava que estava sendo dura demais em meus julgamentos, mas a verdade era que as pessoas me irritavam. Então, preferia ficar sozinha.

Eu estava entretida em mais um dever de sala quando percebi que alguém sentou-se ao meu lado.

Olhei de rabo de olho e vi a garota grunge da escola. Rebecca. Era esse o nome. Posso não ter facilidade em fazer amigos, mas minha memória é excelente, além de ser extremamente observadora. Eu sabia o nome de quase todo mundo da sala.

— Rainbow, certo? — ela perguntou, olhando curiosa para mim.

— É.

A garota se virou para me olhar de frente e senti que estava sendo avaliada.

— Você também está sendo isolada? — ela perguntou de pronto.

Parei o que estava fazendo e olhei atentamente para a interlocutora.

— Rebecca, certo? — repeti sua abordagem.

Ela riu.

— É.

Estendi a mão e ela me cumprimentou.

— Já estou acostumada a ser isolada. Mudo de escola quase tanto quanto mudo de roupas — falei com sinceridade.

— Uau. Isso deve ser péssimo — ela disse. — Ter que passar por toda essa merda de ser apresentada na turma e blá-blá-blá...

— É. Também acho um saco.

Evitei a palavra merda. Embora achasse aquilo também.

— Eu estudo aqui desde o jardim de infância — Rebecca disse enquanto mascava o chiclete de maneira displicente. — E conheço meia dúzia de gatos pingados. Nenhum deles vale a pena.

— Puxa! Que triste... — Eu realmente quis dizer aquilo. — Digo, é muito tempo. Você não teve afinidade com ninguém?

— Não.

— Sério?

— Aham. — Ela pigarreou e segui seu olhar. Um garoto lindo entrava na sala. — Aquele ali é um dos objetos de desejo de noventa e oito por cento das garotas do Westwood.

A maneira como ela disse aquilo dava a entender que ela era parte dos 2% que não davam bola para o cara, mas que na verdade ela poderia ter pertencido ao grupo de 98% em algum momento de sua vida acadêmica.

— Ah...

— Jason.

Fiquei calada. Não tinha nada a acrescentar ao fato de ela citar o nome dele.

Ela me olhou atentamente. Eu tinha voltado a atenção para o dever.

— Você não acha ele um gato?

Seu tom de questionamento era cético.

— Acho muito bonito, sim — respondi, mas sem erguer a cabeça.

Só que acabei perdendo a concentração no dever quando escutei o riso solto que ela dava. Era o riso que estava chamando a atenção de toda a turma.

— Cara! Você é meu ídolo agora! — Rebecca disse alto. — Você é a única garota que conheci que...

— Sshhhhh... — Quase cobri sua boca com mão, mas acho que meu tom de voz deu realmente a entender o desespero para que ela se calasse.

— *Okay*, *okay*... — Ela ergueu as mãos no ar. — Não está mais aqui quem falou. Mas somos amigas agora, Rainbow. Você cresceu no meu conceito.

Apenas sacudi a cabeça concordando com a estranheza da situação. Opa. Acho que encontrei alguém mais estranha que eu. Aquilo era raro.

Olhei para o tal Jason e infelizmente aquele evento aconteceu na mesma hora em que ele ergueu a cabeça e olhou para mim. Droga. Pega em flagrante. Tentei evitar ficar rubra de vergonha, mas acredito que aquilo foi impossível. O garoto em questão deu um sorriso sacana, daqueles que querem dizer "essa garota caiu na rede e vai entrar para minha coleção".

Contive o impulso de revirar os olhos em puro desgosto. Eu detestava garotos daquele estilo. Muitas vezes meu irmão Storm tinha esse hábito extremamente constrangedor de se achar um presente dos deuses gregos às garotas do planeta.

Na verdade, eu detestava meninos extremamente populares. Podem até dizer que era por despeito, por nunca estar em seus radares, mas achava a maioria arrogante ao extremo. Fora que muitas vezes completavam o pacote de serem lindos por fora, mas completamente tapados intelectualmente.

Quando o professor começou a aula, minha atenção voltou totalmente para a física que ele tentava enfiar em nossas cabeças. Eu tinha de confessar que tentar ser a melhor aluna da sala, muitas vezes, era chato. Tinha de me forçar a compreender certos conceitos, que para mim, eram desnecessários. Física era uma matéria que eu entendia, mas não amava de paixão, como amava literatura, por exemplo. Mesmo assim, tentava superar meu próprio bloqueio.

O sinal tocou nos alertando para a troca de sala. Peguei meu horário e fui conferir qual matéria e para qual direção eu deveria seguir. Enquanto eu tentava entender o labirinto de salas, acabei esbarrando em alguém.

Olhei para cima e dei de cara com ninguém mais, ninguém menos que Jason. O tal Jason. O mais desejado e idolatrado da escola. Ou um dos... Pelo que Rebecca deu a entender, a escola tinha um quinhão de garotos daquele tipo.

— Olá, novata.

Fiquei momentaneamente sem responder. Eu estava buscando forças para ignorar a sobrancelha arqueada do cara.

— Oi.

— Então, você é nova por aqui?

Uau. Que originalidade!

— Ãh, acho que sou. — Minha ironia estava ganhando vida.

— Precisa de ajuda com a direção das salas? — Ele insistia com aquele lance esquisito da sobrancelha.

Eu já estava quase para perguntar se ele tinha botox naquela região.

O cara pegou o papel da minha mão sem o menor pudor.

— Hum... você tem aula de química. — Vi quando ele fez uma careta. — Sala 25. Venha, eu te levo lá.

Okay. O garoto era prestativo. Ainda segurava minha folha com meus horários enquanto me guiava pelos corredores. Eu podia jurar que olhos estavam se esbugalhando enquanto percorríamos a área.

Quando chegamos à sala, o garoto virou-se para mim, dando um sorriso do estilo quilowatts.

— Você está segura, garota novata. — Dizendo isso, ele me entregou o papel.

— Eu tenho um nome, obrigada — falei.

— Claro, claro. Um nome engraçadinho, já ouvi por aí — o descarado disse e riu. — Eu sou Jason Carson, mas tenho certeza de que já sabe disso.

Eu estava me contendo para não esmurrar aquela boca bonita.

— Rainbow Walker.

O idiota riu.

— Seu nome é muito interessante, Rainbow. De onde veio?

Senti uma enorme vontade de dizer a ele para olhar para o céu depois de um dia chuvoso. Idiota paspalhão.

Como o sinal soou naquele instante, fiquei livre de dar uma resposta desaforada ao garoto irritante.

O que ele tinha de lindo, também tinha de imbecil. Loiro, olhos azuis, atlético. A estirpe mais distinta entre os machos do colegial. Rico, pomposo e superconsciente de si mesmo. O garoto era um mané. E um clichê total. E altamente estereotipado em minha mente. O tipo de garoto que eu evitava como a praga do Egito.

Graças a Deus, consegui pegar a última carteira da sala. Ali eu poderia me esconder por ao menos uma hora, ou seja, a duração da aula.

Ao meu lado sentou outro garoto. Senti que ele me olhava, mas minha concentração estava toda no parafuso da cadeira à frente.

Quando a professora entrou, ergui os olhos porque o som de assovios foi quase ensurdecedor. A professora era uma mulher na faixa dos trinta anos, linda de dar inveja e com um ar distinto. Ela mais parecia uma modelo de revista em vez de uma professora de química.

— Queridos, queridos — a loira escultural falou. — Contenham esses hormônios loucos, por favor.

Todos riram. Aparentemente, o relacionamento da turma com essa professora era assim. Descolado.

A aula seguiu sem problemas, até que ela mandou que sentássemos em dupla para fazer a última questão. Questão esta que eu já havia feito, desculpe.

O cara do meu lado arrastou a carteira para se aproximar de mim.

— E aí? — O tom de voz era interessante. Tanto que me fez erguer o rosto e averiguar o interlocutor.

Uau. O cara era alto. E bonito, eu tinha de admitir. Tinha os cabelos castanho-claros, em um comprimento maior do que o da maioria dos meninos, usava um brinco na sobrancelha e tinha os olhos mais verdes que eu já havia visto na vida. Pareciam duas esmeraldas brilhantes. E estava vestido completamente de preto. Da cabeça aos pés. Não que eu tenha passado os olhos por toda a extensão do seu corpo. Longe disso. Culpem minha visão periférica, que era muito aguçada.

— E aí? — ele repetiu.

Senti meu rosto ficar quente.

— Desculpa — eu falei atrapalhada. — Estava pensando em outra coisa.

O garoto sorriu enviesado.

— Sei.

Aparentemente, os garotos daquela escola eram seres oniscientes.

— Seu nome? — perguntei enquanto arrancava uma folha do caderno e escrevia meu nome.

— Thomas Reynard — o garoto se apresentou e chegou o corpo perto do meu para ver se eu escrevia corretamente. — Oh, uau. Você já fez a questão.

— Pois é.

— Nerd.

— O quê? — perguntei chocada.

— Você é nerd.

Eu odiava aquele termo torpe de classificação. Só porque alguém gostava de química, gostava de estudar e conseguia efetuar uma equação rapidamente, não significava que merecia adentrar no reino das categorias pejorativas.

— *Okay*, punk.

Ele riu.

— O quê?

— Ué, se me classifica como nerd, vou te enquadrar como punk. Simples assim.

Falei isso e terminei de passar a limpo toda a questão.

— Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa na resposta, com toda a sua sabedoria?

O cara arregalou os olhos. *Yeap*. Eu estava fazendo mais um inimigo com meu supersarcasmo.

Para meu total espanto, ele apenas riu.

— Gostei de você. — Ele se aproximou de mim outra vez para ler o cabeçalho. — Rainbow.

Yay!!! Mais um membro para meu fã-clube. Meu Deus. Eu ainda teria mais quatro aulas naquele dia *espetacular*. Ignorei o garoto pelo resto da aula, mas podia sentir seu olhar em mim, como se eu estivesse debaixo de uma lente microscópica.

Eu era novidade no meio daquela galera que já devia se conhecer há séculos. Cada vez que o sinal batia, eu disparava da sala onde me encontrava, tentando achar a última fileira de cadeiras. Droga, eu queria me esconder.

Quando a última aula chegou, pude suspirar com alívio. Nas aulas anteriores, evitei loucamente qualquer espécie de contato com o Jason e o tal Thomas. Dois garotos completamente diferentes e iguais no meu ponto de vista. Malas. Ou será que eu era a pessoa ruim na equação, que só conseguia enxergar o lado negativo de cada um deles?

Não importavam minhas intensas reflexões naquele momento. Eu ainda tinha o restante do segundo semestre pela frente para tentar me camuflar no meio daquela galera.

Quando consegui sair para o pátio, depois da última aula, vi Sunshine correndo em minha direção.

— Minha nossa, Rain! — ela disse alto o bastante para que toda a escola ouvisse. — Estou completamente apaixonada pelo *quarterback* do time de futebol.

— Minha nossa, Sunny! — falei no mesmo tom. — O *quarterback* não é seu irmão?

— Claro que não, sua tapada. — Ela me deu uma ombrada. — Storm entrou para o time, mas o posto dele é outro, sei lá qual. Fora que ele é reserva.

— Nossa, Sunny! Estou perplexa com seus profundos conhecimentos das posições desse esporte... — eu disse, rindo.

— Querida, a posição não interessa. Só interessa se o cara é forte, gostoso e altamente bonito.

— Você é muito fútil, Sunny — falei e levei uma bolsada nas costas. — Ai!

Depois que entramos no ônibus escolar, Sunny continuou com seu rico discurso.

— Não sou fútil. Apenas enxergo o belo da vida, enquanto você se concentra em achar o que há de pior nos caras.

Embora Sunny tivesse dezesseis anos, ela era muito mais experiente em relacionamentos com garotos do que eu. Bem, ela estava certa naquele ponto. Eu só conseguia enxergar os defeitos e afastava os garotos antes que sequer pensassem em puxar assunto. Será que eu deveria ser a pessoa a mudar este padrão?

capítulo

4

Acordei no dia seguinte com uma tremenda enxaqueca. Estudei até de madrugada e depois engatei em um livro superdenso de literatura. O resultado disso? Poucas horas de sono e uma baita "ressaca".

Consegui ajeitar meu visual no espelho e desci para o café da manhã. Todos já estavam à mesa.

— Percebi que ficou até tarde acordada, Srta. Rain — minha mãe reclamou, enquanto sacudia a espátula na mão.

— Daí as olheiras assustadoras... — disse Sunny com a boca cheia de pão de canela.

— Mãe, vou demorar um pouco esta tarde — Storm disse. — Tenho treino e logo depois uma festinha com a equipe.

— Não é muito cedo para se enturmar com festinhas, Storm? — perguntei sentando-me à mesa e me concentrando em não morrer ali mesmo. Mal conseguia abrir os olhos, tamanha a dor martelando meu cérebro.

— Claro que não, Rain. Você é que é quadrada mesmo — ele disse e piscou o olho de forma marota.

Ignorei o comentário, porque eu sabia que era a mais pura verdade.

— Acho que você poderia me convidar para esta festinha, Storm — Sunny sorriu placidamente. Ali havia um plano.

— O quê? — ele falou chocado. — Claro que não!

— Pois eu acho uma ideia excelente, Torm — a mãe disse. — Dessa forma, você consegue que suas irmãs se enturmem também.

— Mãe! — ele quase gritou.

— Também acho isso, filho.

Meu pai entrou no assunto, largando sua xícara de chá.

— Seria maravilhoso. Sunny e Rain podem ficar mais à vontade na escola.

Quase deixei meu pãozinho cair na caneca de leite. O quê? Eu? Por que raios meu nome foi parar naquela conversa?

— Paaai... — falei, tossindo. — Eu não entro nessa equação...

— Rain, deixe de besteira — nossa mãe disse. — Você vai também. Chega dessa seriedade que ostenta.

Abri a boca. Ainda bem que eu já havia engolido a comida.

— Mãe... — usei meu tom mais desesperado, mas não obtive resultado. A fisionomia dela continuava impassível.

— É isso, Storm. — Ela apontou o dedo para ele. — Ou leva suas irmãs a este evento social ou você também não irá.

— O quê? — nós três gritamos juntos.

Aquela era a pior espécie de chantagem. Uma chantagem cruel e hedionda. Ao menos eu achava, em meu estado de dor aguda.

— Está decidido — nosso pai deu o veredito final.

— Mas, mãe... — Storm ainda tentou argumentar em favor de sua causa.

— Sem *mas*. Vai levar suas irmãs.

Sunny quase sambou na cadeira, tamanha era sua felicidade. O *quarterback* estava frito. Ela caçaria o cara até o fim do mundo.

Eu? Estava ferrada. Por acaso já disse que odiava festas ou qualquer tipo de evento social que me obrigasse a trocar palavras com outras pessoas? Por acaso já disse que odiava multidões, onde meu espaço pessoal poderia ser invadido facilmente?

— Vou subir e trocar a roupa por uma mais *cool*! — Sunny gritou. — Você deveria fazer o mesmo, Rain. Ou pelo menos passar uma maquiagem.

— Tem noção de que horas são, Sunny? — perguntei.

— Sim. Hora de ficar gatíssima!

Bufei em total desgosto. Minha irmã era totalmente desmiolada. Não adiantava ela ser poucos meses mais nova que eu. Sim. Meus pais não esperaram nem ao menos o período de resguardo adequado para procriar novamente. Daí o fato de sermos irmãos engatados. Quase trigêmeos. Eu poderia bem dizer que eu era a mais velha dos gêmeos... tipo por... quase um ano.

Quando a hora de sair para a escola chegou, eu estava completamente passada. Não conseguia acreditar que meus pais me obrigaram a comparecer a uma festa de escola. Enquanto Sunny delirava, eu sofria em segredo. Mal havia feito uma amiga e já estava badalando. Exatamente no meio do grupo das pessoas que eu mais detestava.

Storm estava vivendo uma tempestade parecida em seu interior. Ele não queria suas irmãs por perto. Isso era claro como cristal. Provavelmente para agitar sem culpa. A raiva de Storm fazia jus ao nome que ele carregava. Já Sunny ostentava um sorriso brilhante e sem-vergonha naquela cara. Já eu... não fazia ideia da razão de levar um nome tão colorido quando eu estava me sentindo completamente cinzenta por dentro.

Exatamente naquele dia, meu pai havia liberado meu carro, então segui em silêncio, o que só tornou tudo muito pior. Storm pegou sua bicicleta e sequer se despediu antes de sumir de casa.

Quando chegamos à escola, eu mais parecia um ser autômato. Andando sem rumo, apenas em busca do refúgio sagrado do saber. Pense em uma pessoa louca de sono e irritada de raiva. Como meus pais odiavam o mundo capitalista e os remédios alopáticos, eu havia apenas tomado um chá esquisito que minha mãe fez, de alguma planta mais esquisita ainda. Mas nem assim minha enxaqueca deu adeus.

Para minha total alegria, naquele exato dia eu teria aula de Educação Física.

Quando cheguei ao ginásio, meu choque foi humildemente disfarçado por um bocejo. As meninas estavam totalmente equipadas em seus trajes sumários para a aula de futebol. Pelos raios cósmicos... Para não gritar de ódio, eu ainda tinha de deglutir a informação de que teria de ser a goleira.

Suspirei e pedi forças aos céus. Eu precisaria, para sobreviver.

Enquanto me dirigia para o local do sacrifício, a trave do gol, fui interrompida pelo som do meu nome sendo chamado.

— Ei, Rainbow!

Virei e vi o babaca do Jason acenando em conjunto com seus amigos enfadonhos iguais a ele. Segurei a vontade sobrenatural de erguer meu dedo médio. O garoto estúpido estava conseguindo tirar o melhor de mim.

O professor de Educação Física, que mais parecia um ancião pedindo a gritos por sua aposentadoria, me chamou no canto.

— Querida, você sabe o que deve fazer?

— Claro que sim, professor — respondi, amenizando meu sarcasmo. — Evitar que qualquer coisa passe por aqui.

Ele riu e bateu a mão nas minhas costas.

— Boa menina — falou e foi para o meio do ginásio. — Que comecem os jogos!

Pense se não me vi em Jogos Vorazes. Infelizmente, eu não era marrenta como a protagonista para alvejar todos os panacas que entravam no meu caminho.

Lá vinha a merda da bola! Logo na minha direção. Disputada por duas garotas loiras e que mais pareciam estar fazendo um comercial esportivo.

Quando a maldita foi arremessada na direção do meu rosto, só tive tempo para desviar e proteger meu nariz, com os braços erguidos. Com esta manobra lindamente executada, consegui impedir que a bola desgraçada entrasse no meu local sagrado. Bem como evitei que meu nariz sofresse uma fratura múltipla.

Claro que fui ovacionada pelo meu time. Que eu mal conseguia identificar. Era fácil estar no gol. Eu deveria simplesmente impedir que a bola branca passasse por mim. Beleza.

Na última jogada, porém, levei uma trombada tão forte da atacante, que fez jus a este nome, já que ela realmente me atacou, e caí de lado na quadra. Senti uma dor absurda nas costelas, mas

levantei a mão alegando que estava bem, enquanto o professor apitava como um juiz feroz.

— Isso foi falta grave, Tiffany! — ele disse. — Você está bem, querida?

Sim. Claro. Eu estava ótima. Teria um mapa de roxos na minha lateral, mas quem ligava para este detalhe tão pequeno?

A garota Tiffany me ajudou a levantar, não sem antes me dar uma olhada enviesada.

— Fica esperta, garota novata.

Okay. Aquele era uma espécie de alerta importante. Do qual eu não fazia a menor ideia do que se tratava.

No vestiário, fui mais rápida do que todos para que pudesse sair logo dali. Aquela nuvem de vapor de chuveiro poderia intoxicar qualquer pessoa, já que vinha carregada com essências dos mais variados tipos de loções de banho. Reconheci ao menos duas, da Victoria's Secret, já que Sunshine empesteava o banheiro com as referidas essências.

Quando consegui me refugiar na sala de Biologia, sentei e abaixei a cabeça entre os braços.

Nem sei se cheguei a fazer uma primeira inspiração, e já recebi uma cutucada sutil nas costelas. É desnecessário dizer que quase pulei da cadeira. Eu só não conseguia classificar se meu pulo seria pela dor aguda nas costelas judiadas da aula, ou por cócegas indiscretas.

— Olá, nerd — o punk disse.

Eu estava irritada agora.

— *Okay*, garoto punk — falei, soprando minha franja para longe. — Vamos manter as regras das boas maneiras e nos chamar pelos nomes originais?

Ele acenou em concordância. Um sorriso satisfeito nos lábios.

— Olá, Rainbow.

— E aí, Thomas.

Pronto. Um diálogo fácil e muito eficaz. Agora se ele só pudesse sumir dali seria maravilhoso.

— Vi você jogando futebol hoje.

Olhei para ele e ergui a sobrancelha.

— Jogando, não. Eu era simplesmente a goleira. — Fiz questão de menosprezar minha participação ridícula no time.

— Cara, o goleiro é um componente importante na equipe — ele disse e me deu uma piscada. — Veja bem, aquela defesa ninja que você fez com os braços foi épica.

Eu tive de rir.

— É mesmo. Deve ter sido linda para ser apreciada.

— Você não faz ideia.

Deixei o comentário morrer ali.

Tive uma leve suspeita de que Thomas só sentou ao meu lado para que pudesse ser colocado em dupla comigo novamente.

E obviamente o professor não quis correr riscos de uma debandada geral dos alunos, fazendo com que lugares fossem mudados. Logo, lá estava eu. De dupla com o garoto punk. Ops... Meu

deslize. Thomas.

Depois de alguns minutos de explanação do conteúdo sacal, o professor nos passou exercícios para serem resolvidos e entregues ao final da aula. Eu achava muito sutil aquela tática de ficar sentado à mesa, checando e-mails pelo celular, enquanto os alunos tentavam demonstrar que absorveram a matéria dada. Ou não dada.

— Rainbow.

Thomas ficava falando meu nome como se estivesse tentando adivinhar algum fonema interessante ali.

— Você gosta do seu nome? — ele perguntou repentinamente.

Dei um olhar altamente congelante antes de responder.

— Que raio de pergunta é essa?

— Uma pergunta muito simples — ele respondeu e mexeu na ponta do meu cabelo.

Puxei a cabeça rapidamente de seu alcance e o olhei com cara feia.

— Há controvérsias sobre eu gostar ou não do meu nome, Thomas.

— Por quê?

Respirei fundo e contei até dez em italiano. Parei a contagem no número seis, já que havia esquecido como se pronunciava o sete.

— Porque meu nome é, estranhamente, um substantivo aplicado a um evento natural. Não está sequer na lista de nomes mais dados às crianças. E por que isso? Porque meus pais acham os fenômenos naturais muito mais interessantes do que nomes tipicamente americanos. Então, ser associado a um arco-íris, ou o brilho do sol, ou tempestades de trovões épicas, como acontece com meus irmãos, é algo muito emocionante para nós — falei sarcasticamente e voltei a atenção para meu caderno outra vez. — Respondi sua pergunta?

Quando ergui a cabeça novamente, seu olhar era intenso e contemplativo.

— Uau. Você falou mais palavras comigo do que me lembro de já ter ouvido dedicar aos outros alunos — ele disse e ergueu a sobrancelha.

— Como assim?

— Olha, você é nova aqui. Até aí, tudo bem. Sua chegada trouxe um frescor bacana à escola e certa curiosidade sobre você — ele falou e eu apenas fiquei esperando que pérola de sabedoria sairia dali. — Porém, desde que chegou, não foram muitas as pessoas que conseguiram realmente se aproximar. Você simplesmente as isola.

— O quê? — Ri sem achar graça alguma. Eu fazia aquilo realmente, e daí?

— Não quero me intrometer, mas você deveria ser mais expansiva com novas possibilidades de amizade, sabe?

— Sério? Já foi aluno novato em alguma escola, Thomas? — perguntei, contendo minha irritação.

— Não.

— Ótimo. Então, estudou sua vida inteira aqui?

— *Yeap*.

— Maravilhoso — eu disse e soprei a franja. — Então não faz ideia do que é estar no foco dos alunos veteranos na escola, como se estivesse sob a lente de um microscópio gigante, sendo avaliada, julgada, ou o que mais os alunos gostam de falar quando entra alguém novo em seu mundinho fechado.

Thomas ergueu as mãos em pedido de desculpas.

— Uou! Calma, tigresa! Não falei nada para ofender.

— Sei que não — eu disse cansada. — Mas é realmente muito chato ser o centro das atenções quando este nunca foi ou será seu objetivo de vida. Odeio os olhares e cochichos, entende? — Até mesmo eu me surpreendi com a admissão.

— Bom, eles só te afetam se você se importar com o que dizem de você. E, honestamente, te acho uma garota tão segura que não deveria sequer dar um pingo de atenção ao que os outros acham ou deixam de achar de você.

Uau. Aquela também foi a sentença mais longa proferida por ele.

— Certo. É muito mais fácil falar do que fazer ou sentir — desabafei. Não entendia, mas Thomas conseguia fazer com que eu abrisse a boca e soltasse o verbo. — Veja minha irmã, por exemplo, ela adora mudar de escola. Adora ser a garota novata, chamar a atenção para si. Ela faz amizades com uma facilidade invejável. O mesmo para meu irmão. Porém, eu não sou assim. Infelizmente.

— Mas bem que poderia aprender a ser mais despojada dessas coisas da vida.

— Como assim?

— Ora, se você mesma afirma que muda de cidade constantemente, poderia exercitar alguma prática para enfrentar essa dificuldade que tem.

Uau. O garoto era o que agora? O Dr. Phil?

— Alunos adoráveis, espero que vocês estejam se empenhando em cumprir o questionário — o professor nos interrompeu. Ao menos, não éramos só nós dois que estávamos envolvidos em uma conversa firme e improdutiva na sala de aula.

Olhei para Thomas, que ainda não tinha desprendido o olhar de mim.

— Vou analisar seu sábio conselho — eu disse sem ironia, e quis dizer aquilo mesmo.

Talvez fosse preciso que um aluno punk tivesse tido a coragem de chegar e me falar o que meus pais sempre tentaram me fazer entender. A dificuldade em me adaptar estava exatamente em mim mesma. Eu culpava o mundo, quando, na verdade, deveria fazer uma autoavaliação e ver se conseguiria encontrar uma forma de ser alguém mais fácil de conviver.

Minha dificuldade em fazer novos amigos poderia, sim, estar associada ao hábito constante de mudanças a que nossos pais nos obrigaram desde crianças. Eu provavelmente havia feito um escudo à minha volta, fazendo com que as pessoas se mantivessem distantes; dessa forma, quando eu precisasse mudar de cidade de novo, não haveria sofrimento e muito menos ranger de dentes. Seria fácil descartar os colegas de escola, tal qual descartamos um guardanapo. Mas este era meu conceito. Minha visão das coisas.

Embora tivesse feito disso uma prática constante em minha vida, agora era hora de evoluir um pouco mais. Em breve, eu estaria em uma universidade, por conta própria, ou teria um trabalho qualquer e, por mais que eu quisesse, não havia a menor possibilidade de passar por estas etapas sem conviver socialmente com as pessoas.

Apenas precisava descobrir como derrubar o muro que construí à minha volta.

Thomas

A garota novata, Rainbow Walker, estava mexendo com a minha cabeça. Não sei dizer a razão para estar tão fascinado, ou quando precisamente aconteceu, mas lá estava eu. Completamente encantado em tentar entender aquela cabeça tão diferente das garotas da escola.

Ela era linda, e o mais engraçado de tudo era que parecia não se dar conta disso. As meninas cochichavam entre si, roídas de puro ciúme, sobre o quão diferente ela era. Ouvi Tiffany, em seu tom mais invejoso possível, ridicularizar o nome tão incomum, e quase parti em sua defesa.

Rainbow era uma garota séria e completamente alheia ao fato de que todos ao seu redor queriam uma parcela de sua amizade. Eu, ao menos. Há muito tempo não ficava tão interessado em uma garota assim. Daquela forma que me fazia correr quando uma aula acabava, apenas para garantir que conseguiria um lugar ao seu lado em nossas aulas compartilhadas.

Cheguei a me arrepender amargamente por não ter escolhido as mesmas matérias que ela, mas agora era tarde. Teria de usufruir de sua companhia apenas quando pudesse.

Não sei por quê, mas estava empenhado em quebrar aquela redoma de vidro que ela havia colocado ao seu redor. Era certo, como a Terra é redonda, que aquela garota guardava dentro de si as coisas mais especiais possíveis, mas permitia a poucas pessoas terem um vislumbre disso.

Honestamente? Eu estava ardendo de ansiedade para ser um dos poucos escolhidos.

capítulo

5

Quando as aulas daquele dia ingrato chegaram ao fim, tentei absorver um pouco do conselho zen que Thomas havia dado e respirei profundamente para conseguir vencer a vontade de vomitar as tripas por conta da festa à qual teríamos de comparecer junto com Storm.

Quando cheguei ao meu carro, Sunny já estava ali e mantinha uma discussão acirrada com Storm.

— Você é um idiota, Storm! Nem adianta tentar me fazer desistir de ir, ou vou ligar para o papai agora! — ela falava nervosa.

— Que saco! Vocês são garotas, porra! Deveriam ir para casa e fazer as merdas que garotas fazem, tipo... pintar as unhas, sei lá.

Eu podia sentir o tom de frustração que vinha acompanhado nas palavras de Storm.

— Você acha que é isso que garotas fazem, Storm? — Sunny estava furiosa. — Pintam as unhas e só?

— Sei lá o que vocês fazem! Só quero que arranjem uma desculpa qualquer e não apareçam.

Respirei profundamente e deixei de lado a ideia de fingir que não estava ouvindo nada.

— Você está com vergonha de suas irmãs, Storm? — perguntei, e meu tom foi áspero o suficiente para que ele engolisse o que ia dizer e me encarasse.

— Não é isso.

— É isso, sim! — Sunny continuou a ofensiva.

Coloquei uma mão em seu ombro para que ela se acalmasse.

— Não iremos atrapalhar seus planos, Storm — eu disse. — Mas vou dar uma dica gratuita a você. Tenho certeza de que nessa porra de festa não haverá somente meninos fortes e cheios de testosterona exalando pelos poros. Muitas garotas estarão no local também. Talvez mostrando os peitos ou pernas para esses mesmos portadores de testosterona idiotas que pensam exatamente como você pensa sobre a presença delas ali.

— Eu não penso nada!

— Claro que pensa — argumentei firme. — Você não quer suas irmãs lá porque, no mínimo, acha que as garotas que estarão ali serão iscas fáceis para seus desejos carnais, certo?

— O quê? — Ele estava confuso. — Ãhhh, mais ou menos.

— Pois bem. Este é um pensamento machista pra caralho. Está desmerecendo as garotas que irão a esta festa, classificando-as como carne fácil.

— Elas são carne fácil, porra!

— Maneire sua boca comigo, garoto! Ou vou te descer a porrada na frente do colégio inteiro, entendeu? —falei e, pelo tom de voz, ele percebeu que era sério. — Cresça e aprenda de uma vez por todas que os idiotas são vocês também. Não somente as garotas que simplesmente pensam em abrir as pernas para vocês, pelo simples fato de serem "jogadores" de futebol da escola. — Fiz questão de enfatizar meu repúdio com minhas aspas gesticuladas. Storm odiava quando eu fazia isso. — Aprenda a respeitar estas mesmas meninas que tanto quer comer!

Storm estava agitado e nervoso. Sunny olhava para mim embasbacada.

— Eu só não quero que os garotos pensem isso de vocês duas, só isso — admitiu por fim.

Respirei fundo e passei a mão suavemente pelo braço do meu irmão.

— Quem deve se dar ao respeito não são somente as garotas, Storm. Os meninos também — eu disse. — Honestamente, não queria ir a festa alguma, mas se Sunny quer, eu irei e lá nós poderemos observar quais comportamentos são altamente inofensivos e quais são absurdos. Sunny vai se comportar, não é mesmo?

— Sim.

— Porque mesmo que ela seja uma garota assanhada, louca por músculos e jogadores, tenho certeza de que ela vai saber identificar as vagabundas e as garotas legais.

Os dois olharam assustados pra mim.

Nossa. Eu mesma achava que estava esquisita. Será que aquela simples conversa com Thomas Reynard havia extraído aquele meu novo temperamento?

— Vamos logo para essa orgia programada aí.

Entramos no carro depois de Storm deixar a bicicleta guardada no bicicletário da escola.

Pelo andar da carruagem, era uma festinha informal, já que todos continuavam vestidos com as mesmas roupas do dia e alguns atletas ainda estavam fazendo questão de ostentar seus uniformes suados e fétidos. De acordo com o código da escola, todas as sextas-feiras, após os jogos de futebol, havia uma festa barulhenta em algum lugar.

Torci o nariz não para o odor impregnado na sala da residência. Não especificamente para os integrantes do time, mas para quem era o dono da mesma. Jason *Babaca* Carson. Quando eu achava que uma coisa não poderia piorar, o universo me surpreendia.

— Oh, uau, Torm! Então estas são as suas irmãs? — ele disse, e deu um tapinha no ombro de Storm. — Gatas! Eu estudo com a... Rainbow, certo?

O imbecil estava realmente ganhando pontos no meu caderno. Pontuação para piadas ridículas.

— Certo — Storm disse constrangido e nos olhou ressabiado. — Vou me misturar. Vocês ficarão bem?

— Claro que elas ficarão, idiota — Jason disse e empurrou nosso irmão para longe. — Vá pegar alguma bebida para você e deixe que cuido de suas queridas irmãzinhas.

— Eu sou a irmã mais velha, idiota — eu disse entre dentes.

— Oh, então veio cuidar de seu mano? — Ele riu alto. — Ei, pessoal!

— Se ousar envergonhar o meu irmão simplesmente pelo fato de querer ser um babaca, eu juro que...

— Opa, opa... O que temos aqui? — Thomas Reynard entrou no nosso espaço e colocou o braço musculoso sobre os meus ombros e o de Sunny. — As irmãs mais quentes do pedaço.

Ele nos levou dali para o quintal enquanto eu tentava conter minha ira. Nem terminei de proferir minha ameaça, que eu nem sequer sabia qual seria ou se surtiria efeito, mas ao menos Jason parara de falar.

— O que está fazendo aqui, Rainbow? — ele perguntou. — Se misturando? Achei que essa não fosse sua praia.

Okay. Acabei de retirar meus elogios ao Sr. Punk. Ele havia conseguido voltar a dizer merda. Olhei embaraçada para Sunny, que nem sequer piscava os olhos, admirando nosso interlocutor.

— Sunny, este é Thomas. Thomas, esta é minha irmã, Sunshine — apresentei a contragosto.

O idiota teve o descaramento de beijar a mão da minha irmã, fazendo com que ela quase se derretesse em uma poça de lama aos nossos pés.

— Muito prazer, querida — ele disse. — Estão curtindo a festa?

— Acabamos de chegar, Thomas — falei irritada. Não sei por quê, mas estava enciumada com a situação.

— Rain, não seja chata! — Sunny ralhou. — Estamos aptas a nos divertir, Thomas. Você tem um apelido? Tipo Tommy?

Ele riu.

— Não, meu bem. As pessoas me chamam apenas de Thomas. É mais másculo.

Naquele momento, em que minha boca se abriu em horror, ouvimos gritinhos de algumas garotas.

— Sunny! Venha!

Ela desvencilhou-se de mim e saiu ao encontro de suas amigas, espevitadas ao extremo. Não sem antes olhar para trás e abanar o rosto como se estivesse com um calor profano e ainda abrir a boca para dizer um grande “gostoso” mudo.

— Rain?

Olhei sem entender.

— O quê?

— Sua irmã te chamou de Rain.

Bufei irritada.

— Não bastasse meu nome adoravelmente estranho, eles ainda insistem em usar uma redução mais sinistra ainda — admiti muito a contragosto.

Thomas estava agora com as mãos enfiadas dentro dos bolsos da calça jeans. Ele parecia um modelo de capa de revista de roqueiros adolescentes.

— Eu gostei — ele disse.

Dei de ombros porque para mim não importava muito a opinião dele a respeito do assunto. Nossa. Eu estava me sentindo uma cadela.

— Obrigada pela interrupção do momento ali atrás — agradeci, mesmo que forçadamente.

— Não há de quê.

Uns segundos de silêncio embaraçoso e Thomas fez o inimaginável.

— Quer dançar?

— O quê?

— Dançar? — ele perguntou e sacudiu o corpo para demonstrar.

— Eu entendi, só estou chocada com o convite.

— Por quê?

Eu estava encabulada, mas mesmo assim respondi.

— Só não achei que você fosse do estilo de gostar de dançar, só isso.

— Eu também nunca achei que você fosse do estilo de garota revoltada, mas você é — ele disse e eu abri a boca em choque.

— Eu... eu... eu não sou revoltada!

— Ah, sim... você é, Rainbow. — Thomas me puxou para a pista de dança enquanto eu ainda estava perturbada com seu comentário.

— Não! Não sou, não.

— É, sim. Você parece dócil por fora. Quando nos aproximamos muito, já solta as garras e *uéééún*... — ele disse e fez o som esganiçado de um gato.

Tentei não rir. Mas foi engraçado.

Uma de suas mãos estava posicionada logo acima do meu traseiro, me puxando para perto de seu corpo. Pude sentir todas as estruturas musculares que ele escondia por baixo da camiseta preta. Ele tinha um corpo magro e esbelto, mas aparentemente aquele abdômen falava de momentos de malhação intensa. Engoli em seco e fiquei com medo de engolir minha própria língua no processo.

Eu não sabia o que fazer com as mãos, então nem fiquei com raiva quando Thomas as posicionou atrás do seu pescoço.

Senti o cheiro de perfume e identifiquei algo como sândalo. Eu nunca tinha reparado que ele usava perfume.

— Você passou perfume? — perguntei e quase engasguei com minha própria saliva.

Senti seu corpo vibrando em uma risada.

— É meu suor que é assim cheiroso — ele respondeu e continuou rindo.

Revirei os olhos diante de tamanho ego inflado.

— Apenas perguntei.

— Eu sei, e não. Não passei antes de vir para cá, mas passei antes de ir à escola — ele disse. — Tem uma garota lá que estou tentando impressionar.

Oh! Acho que minha boca abriu naquela interjeição e ficou. Senti um leve estremecimento. Ele era um cara bonito, obviamente que estava comprometido.

— Legal.

— Legal o quê? O cheiro ou o fato de que eu esteja tentando impressionar alguém? — ele perguntou me olhando intensamente.

Dei de ombros.

— Ambos, acho.

A música parou e, graças a Deus, uma balada agitada tomava lugar. Dei uma desculpa qualquer e tentei sair em busca de minha irmã. Consegui me desvencilhar daqueles braços quentes e, tal qual uma grande covarde, bati em retirada da pista de dança. Eu precisava achar Sunny imediatamente. Storm, eu nem me atreveria a buscar, já que eu não queria embaraçá-lo.

— Ei!

Quando cheguei à cozinha, eu me virei para o grito um pouco alto de Jason.

— Quer dançar?

Outro convite em menos de vinte minutos? Era estranho.

— Não, obrigada. Eu não danço — menti descaradamente.

— Mentira, novata — ele disse e chegou bem próximo do balcão onde eu estava recostada. — Vi você com Thomas.

— Certo. Aquilo lá foi na verdade uma discussão sobre nosso projeto de Biologia. Só isso.

— Sabe... — ele disse e foi se aproximando mais. Enquanto isso eu me afastava. — Você é até bastante interessante.

— Sério? Que bacana. Obrigada. — Virei para a porta de saída.

— Thomas não namora ninguém, sabe? — ele disse a título de informação espontânea. — Ele é meio que prometido para a minha irmã.

Okay. Informação demais. Eu era novata na escola. Não estava de olho em absolutamente ninguém para que o idiota tivesse ideias erradas e nem imaginava que Thomas tivesse uma namorada. Nem sequer sabia que o idiota do Jason tinha uma irmã.

— Bom para ele — falei e saí da cozinha. Tentei ignorar as batidas aceleradas do meu coração.

Encontrei com Sunny no meio da sala, completamente agarrada a um cara mais ou menos da sua idade, tipicamente jogador do time. Talvez fosse o tal *quarterback*?

Quando consegui que ela se desvencilhasse do indivíduo, eu a puxei para o canto e perguntei:

— Esse é o tal *quarterback* que você tanto cobiçava, Sunny? — perguntei e vi quando ela me olhou em choque.

— Não. Claro que não. O *quarterback* gostoso que te falei era aquele amigo seu, Rain.

Pensei imediatamente em Jason e torci a boca em desgosto. Típico. Eu deveria ter adivinhado.

— Jason?

— Não, tonta. Thomas. Thomas Reynard é o *quarterback* do time e o astro mais top da escola! — ela disse num sussurro emocionado.

Olhei pela sala em busca do objeto falado e ele ergueu um copo vermelho de bebida em minha saudação. Ao seu lado, duas loiras estavam ostensivamente penduradas em seus braços.

Pense em alguém totalmente chocada com o rumo das coisas. Eu julguei completamente pela estampa e pela capa. Classifiquei o garoto como punk porque ele não fazia o estereótipo, em hipótese alguma, de um jogador de futebol.

Senti as bochechas ficando vermelhas da cor de um tomate e disfarcei, virando o rosto e fazendo com que meus cabelos cobrissem a minha vergonha.

Eu precisava ir para casa. Quem diria que o principal jogador do time fosse Thomas Reynard? Percebi que meu pré-julgamento foi completamente errôneo e senti uma leve fisgada de desapontamento comigo mesma.

Thomas

Observei atentamente quando Rainbow saiu acompanhada de sua irmã mais nova. Olhei ao redor e vi que o irmão dela, Storm, ainda estava entretido com alguns amigos, assistindo a algum jogo na TV.

Consegui me desvencilhar das duas líderes de torcida de quem nem sequer lembrava o nome e resolvi que também era hora de ir para casa. Com meu objeto de interesse partindo precipitadamente da festa, não haveria razão para que eu continuasse a fazer a social ali.

Consegui o inimaginável. Dancei com ela. Foi um momento em que pude sentir que ela havia se soltado, ao menos um pouquinho. Ouvir o som de seu riso foi tão empolgante que, por um momento, quase segurei seu rosto e a beijei nos lábios.

Consegui me conter. Eu não queria assustá-la. Em minha percepção de que ela era uma garota diferente daquelas com as quais eu estava acostumado, poderia jurar que ela não tinha muita experiência em avanços masculinos. Seu desconforto era óbvio quando a puxei para dançar. Fui um cretino, mas puxei aquele corpo sedutor bem colado ao meu. Foi uma armadilha masculina para sentir os contornos femininos, mas funcionou, e agora eu estava um pouco mais obcecado por Rainbow Walker.

Larguei o copo intocado da minha bebida na mesa da cozinha e segui rumo à saída da casa do idiota do Jason. Eu odiava aquele paspalho, mas o treinador nos obrigava a funcionar como equipe, e o ato de comemorar um jogo ganho deveria ser encarado como dever de equipe. Porém, ninguém disse por quanto tempo eu deveria cumprir esse protocolo.

— Thomas! — o grito estridente de Tiffany quase arrebentou meus tímpanos.

Respirei fundo antes de me voltar para a garota que aproveitava todas as oportunidades que tinha para me perturbar.

— Tiff — tentei disfarçar minha irritação.

— Você não pode ir agora... — Ela arranhou meu braço com aquelas unhas enormes. — Está tão cedo, Tommy...

Porra! Eu odiava quando alguém me chamava de Tommy.

— Você sabe que eu odeio que me chamem de Tommy, Tiffany. Qual é a sua? — Para que ela estivesse me pentelhando, deveria haver uma razão.

— Vi você dançando com a esquisita. — Por fim, a garota admitiu. Cruzando os braços em uma pose beligerante, ela aguardava uma resposta minha.

Contive a onda de irritação por vê-la se referir a Rainbow daquela forma.

— Sabe o que dizem de meninas perseguidoras, Tiff? — perguntei baixinho. — Que são loucas e perturbadas. É isso o que você é agora?

Bom, que ela era um tipo perseguidora eu sempre soube, mas admitir o feito era um pouco cruel.

— Por que está me tratando assim, Thomas? — ela perguntou, fingindo uma mágoa profunda.

— Estou irritado e cansado, Tiffany. Só me deixe em paz, *okay*? — Honestamente, eu estava cansado demais para jogar todas as verdades que sempre tive vontade de dizer a ela.

Saí rapidamente, ignorando o olhar chocado de Tiffany e as tentativas de outros colegas do time de me impedir de sair. Mike bateu o punho com o meu quando me aproximei do meu carro.

Já me aguardava ali para irmos embora. Mike era o amigo que qualquer cara poderia desejar ter. Ele sabia exatamente quando falar e quando permanecer em silêncio, como naquele exato momento.

Arranquei com meu carro e tentei apagar da memória a sensação inebriante de ter aquela garota em meus braços.

capítulo

6

Quando cheguei em casa, muito mais tarde do que eu desejaria, depois da festa fatídica, subi diretamente ao meu quarto, ignorando o tagarelar constante de Sunny ao enaltecer as belezas dos jogadores da equipe de futebol e as performances fantásticas que Thomas Reynard apresentava quando jogava.

Já era difícil ter de lidar com os sentimentos conturbados que eu estava começando a ter. Veja bem, sempre fui muito reclusa. Nunca gostei de festejar, sair para compras, participar de eventos com amigos e afins. Eu deixava esse comportamento socialmente aberto para Sunshine. Minha irmã poderia passar um dia inteiro no shopping e ainda voltar feliz e sorridente, como se aquele tivesse sido o melhor dia de sua vida. Sempre que dava, Sunny fazia companhia às amigas em momentos "garotas" e, todas as vezes, ela voltava tagarelando sobre as aventuras do dia. Sunny era boa nessas coisas. Conseguia fazer amizades rapidamente, se enturmar e ser convidada a todos os lugares do mundo. Resumindo, ela poderia ser considerada uma garota popular em seu ano escolar.

Popular não como as malditas Abelhas Rainhas do Ensino Médio, as líderes de torcida adoravelmente requisitadas da escola. Popular mais de um jeito fofo e meigo, alguém que as pessoas gostavam de ter ao seu redor.

Em alguns momentos eu invejava essa facilidade de se entregar às novas amizades. Para Sunny, era tão fácil quanto passar pasta de amendoim no pão. Para mim, era tipo um martírio, um momento de dor profunda e agrura mental. Buscar palavras para me comunicar socialmente com uma pessoa desconhecida era um trabalho hercúleo. Então, eu preferia me manter muito calada. Daí minha razão em estar sempre quietinha, no meu canto, tentando me misturar às paredes, fazendo-me passar por algo simples e comum, sem atrair atenção alguma.

Eu odiava atrair atenção. Já disse isso? Odiava. Com todas as forças do meu ser. E, honestamente, nem sei dizer por que estou me referindo ao fato no verbo passado. Odiava. Eu

deveria estar falando ODEIO. Porém, sinto que alguma coisa mudou dentro de mim, mas não consigo classificar bem a razão. Nestes últimos dias, percebi que minhas ações estão diferentes do meu *modus operandi*. Cedi à aproximação de Rebecca, e acho até que poderia considerá-la minha mais nova melhor amiga. Consegui até mesmo manter uma conversa com Thomas Reynard durante uma dança! E ainda com nossos corpos meio que grudados um no outro. Eu poderia jurar que uma moeda não conseguiria passar entre nós dois. A lembrança daquele momento fez meu rosto arder de embaraço.

Joguei água fria, tentando acalmar meus nervos, e escovei os dentes, me preparando para dormir. Quando estava saindo do banheiro, Sunshine me aguardava no meu quarto, deitada refestelada na minha cama.

Fechei a cara. Ela sabia que eu odiava que deitasse e colocasse os pés na minha cama limpa, ainda mais se tivesse andado descalça. O que significava levar toda a sujeira do chão para os lençóis limpos.

— Por que demorou no banheiro, Rain? Estava desenhando corações no vapor do espelho? — Sunshine sacudiu as sobrancelhas sugestivamente.

Revirei os olhos revoltada com a ideia ridícula que ela plantou na minha mente. Como se eu fosse capaz de fazer aquilo. O fato de ter pensado rapidamente em Thomas não me levaria nunca a desenhar corações no espelho ou em qualquer outra superfície.

— Vaza para o teu quarto, Sunny.

— Amanhã é sábado, podemos dormir até mais tarde.

— Amanhã é sábado, o último do mês. Lembra o que a mãe nos obriga a fazer? — perguntei, e ri quando ela enfiou o travesseiro no rosto abafando um grito.

— Ah, nãããoooo...

— Anda. Você vai precisar de suas forças para capinar o jardim e arejar a casa — ralhei.

— Pelo menos não sou eu que vou ter que esfolar os dedos separando os incensos por essências... — ela falou e saltou da cama. — Vem cá...

Sunny parou no batente da porta e olhou indagativamente da minha para a de Storm.

— Por que Storm sempre fica com a parte boa?

— E desde quando saudar o sol é algo bom?

Fizemos um cumprimento de mãos, sabendo que Storm teria que levantar às cinco da manhã e ficar na posição de lótus até que o pai o mandasse sair. Se eu fosse dizer que bunda estaria mais privilegiada, eu diria que era a minha e de Sunny.

Deitei na cama e resolvi refletir um pouco sobre a minha vida antes de sentir o sono me abater. Eu poderia ser considerada por muitos como uma pessoa chata. Entendo isso. Plenamente. E nem tiro a razão delas por essa primeira impressão. Embora eu não esteja muito ligada ao que as pessoas pensam ou deixam de pensar de mim.

Nossos pais nos criaram de uma maneira alternativa e cheia de nuances que poderiam ser consideradas esquisitas para grande parte das pessoas. Se fôssemos comparar, então, com a vida

dos adolescentes em geral, aí é que as diferenças seriam gritantes. Eu e meus irmãos fomos ensinados a detestar todo tipo de comida enlatada ou comercializada, e só fomos conhecer um McDonald's quando estávamos com treze anos e fomos a uma festinha de amigos. Eles quase surtaram quando descobriram que comemos um Big Mac.

Se dependesse deles, seríamos vegetarianos ou veganos, mas, como eles mesmos dizem, a vida lhes foi "injusta" dando filhos rebeldes que nunca respeitaram os animais ou a natureza.

Para algumas pessoas, a cultura e filosofia hippie era algo inexistente ou imaginário, tendo acontecido somente nos anos 1970. Para nós, os Walker, era algo bastante sólido e real. Meus pais viviam aquilo diariamente e acreditavam mesmo em cada pequena coisa de liberdade emocional e amor livre que eles apregoavam.

Nessa onda, acabei ficando muito mais retraída do que eles poderiam supor. Até imagino que o sonho deles era que eu andasse com flores nos cabelos longos, saias arrastando no chão, chinelos ou sandálias rasteiras e um eterno ar de paz e amor no rosto.

Eu não poderia ser mais diferente. E talvez fosse do jeito que eu sou exatamente por conta da expectativa que eles sempre depositaram em mim. Não por rebeldia ou algo assim. Mas mais por conta de querer ser alguém com uma identidade própria e forjada por mim mesma, e não pela imposição do que eles queriam. Eu não queria ser um espírito livre. Queria apenas ser *eu*.

***

Na semana que se seguiu, tentei imprimir um ritmo diferente à minha vida. Eu acordava todas as manhãs, tomava um banho demorado e me arrumava como se o dia fosse ser belo e aprazível. Descia e tomava meu café da manhã na companhia dos meus pais e meus irmãos, e seguia com Sunshine para a escola. Storm sempre ia de bicicleta, dizendo que aquela era uma alternativa para malhar seus músculos das coxas e ficar sarado.

Eu estava tentando desfazer a imagem de garota revoltada que Thomas fizera questão de esfregar na minha cara. Ou ao menos estava tentando mostrar que aquela era uma impressão errada.

Não sei por quê, mas aquela afirmativa mexeu com meus brios. Eu gostava muito de ser sarcástica e irônica. Gostava de pensar que era bastante esperta para os quesitos da vida. Mas, a partir do momento que alguém apontava o dedo para mim e me classificava como uma vaca de marca maior, eu realmente ficava mexida.

Rebecca estava me esperando na porta da sala de História e, pela sua cara, eu sabia que ela tinha algo para me contar.

— *Okay*... Acho que você vai surtar, mas preciso que não surte — ela disse, agitando aquelas unhas negras enormes para mim.

— Ceeeeerto. Por que eu surtaria, mas, devido ao seu pedido tão eloquente, não posso mais surtar?

Estávamos nos sentando no fundo da classe, quando uma bolinha de papel acertou minha cabeça.

Ouvi as risadinhas e, quando me virei para ver de onde tinha saído o ataque, encontrei o olhar de Tiffany e de sua gangue de macacas albinas.

— Que merda é essa? — perguntei mais para mim mesma do que para as infratoras.

— Era sobre isso que eu ia te falar — Rebecca disse. — Eu estava no refeitório mais cedo e ouvi o trio pateta falar que começariam uma campanha de difamação contra você.

— Hummm... adoro *bullying* — ironizei. — Sempre me emociona como essas pessoas realmente não conseguem manter os olhares longe de mim, ou as línguas ferinas.

— Então... o problema todo é por conta de línguas.

Virei rapidamente para ela com cara de espanto. Rebecca me pegava muitas vezes de surpresa porque eu achava que ela conversava em códigos russos.

— Oi?

— Jason andou espalhando aos quatro cantos que quer pegar você de qualquer maneira e... hummm... enfiar a língua dele pela sua goela abaixo.

Eu estava em choque.

— O quê? — *Que porra era aquela? Uma realidade alternativa do caralho?* Se minha mãe estivesse ali, ela sentiria orgulho da minha liberdade de expressão...

— Ele parece estar caidinho por você e aparentemente Tiffany ouviu isso do próprio, quando ele não quis mais enfiar a língua dentro da boca dela — Rebecca falava atropeladamente.

— Cara! Para com essa imagem mental de línguas sendo enfiadas dentro de bocas, por favor!

Rebecca teve o descaramento de rir.

— Eu não tenho culpa se eles querem enf...

Cobri a boca dela com minha mão livre. Aquilo estava se tornando um hábito. E mesmo a mordida que Rebecca sempre dava depois, me fazendo soltar sua matraca.

— Iuurggg... que nojo! — Limpei a baba dela dos meus dedos.

— Não cubra minha boca, irmã. Embora não seja na minha boca que a língua dele queira entrar, não aguento a sensação de tê-la obstruída.

Rimos da imagem que Rebecca mesmo projetou.

— Becca, que história é essa, pelo amor de Deus? — Eu estava em pânico. Ali estava eu, tentando ser uma pessoa melhor, e de repente aquilo. — Nem suporto esse Jason ou sou amiga dele.

Ela esfregou as unhas em seu suéter.

— Pois é, mas para o que ele quer fazer com você, querida, não há a necessidade de serem grandes amigos.

Embora a imagem que Rebecca projetou em minha mente tenha me dado calafrios, ainda assim fiz questão de argumentar.

— Para mim, há, sim!

— Ah, para, Rainbow! — ela disse e fez uma bolinha de papel com uma folha rasgada. — Este colégio não via emoções assim há muito tempo! Que mal há em dar pão e circo aos pobres mortais?

Eu ri porque Rebecca era louca assim.

Ela arremessou a bolinha na cabeça de Tiffany, que se virou enfurecida. Quando mostrou o dedo médio à patricinha da sala, escondi meu riso atrás da mão.

Naquele momento de comoção, Jason entrou na sala, e logo em seguida entrou Thomas.

O segundo fez questão de dirigir-se ao mesmo local onde eu e Rebecca nos enfiamos e se sentou ao meu lado. Senti aquele arrepio desconhecido de excitação que sentia sempre que o via.

Rebecca falou do lado oposto.

— Há rumores de que não é apenas ele querendo enfiar... você sabe... — Ela gesticulou com a língua enquanto Thomas não olhava. — Língua, boca, mãos bobas e tudo o mais.

Thomas ergueu a cabeça e olhou de uma para outra com especulação no olhar.

— Do que vocês estão falando, senhoritas?

— Nada.

Senti o sangue gelar. Sacudi o rosto para Rebecca, fazendo o sinal universal para que não falasse nada.

— Tudo, Thomas. Nossa garota novata aqui está arrebanhando corações e causando discórdias entre as meninas — ela falou e apontou com o lápis na direção das garotas encrenqueiras.

Aparentemente, Rebecca não era dada a entender os sinais universais. Mas senti vontade de mostrar meu dedo médio. Esse sinal eu tenho certeza de que ela compreenderia.

— O quê? — Ele olhou desconfiado para mim. — O que você anda aprontando?

Senti meu rosto adquirir uma coloração esquisita. Eu poderia jurar que estava vermelho, mas, devido ao fato de eu estar sem ar, acredito que um tom de roxo estaria sobressaindo.

— Ei... respire, garota! — Thomas disse e passou as mãos pelas minhas costas.

Mesmo que eu tivesse voltado a respirar normalmente, ainda assim sua mão continuou fazendo círculos e enviando ondas de calor pelo resto do meu corpo. Por mais que eu tentasse evitar contato físico com as pessoas, constantemente, Thomas parecia não aceitar aquele limite. É claro que eu nunca havia externado claramente, mas minha linguagem corporal indicava isso às vezes. Quando as pessoas chegavam muito perto, eu tendia a me inclinar para os lados. Quando cotovelos se tocavam, eu me afastava. Quando as pessoas se sentavam muito próximo, eu puxava minha cadeira para mais distante.

Porém, ao longo dos dias, desde aquela dança em que estivemos mais agarrados que duas peças de lego, por mais que eu evitasse um contato com Thomas, ele sempre fazia questão de "frequentar" meu espaço pessoal. Sempre que podia, colocava o braço sobre o encosto da minha cadeira e seus dedos resvalavam em meus ombros, furtivamente. Sua cadeira era sempre muito próxima da minha, então nossas pernas quase sempre estavam em contato, e várias vezes nossos joelhos se conectavam em choques dolorosos. Nem assim Thomas se afastava.

Quando minha trança ficava para trás, nas costas, eu podia sentir os dedos de Thomas brincando com a ponta dos meus cabelos. Ou seja, ele sempre encontrava uma maneira ou outra de vencer a barreira do "toque" espontâneo comigo.

— Não sei o que está acontecendo — falei, sussurrando quando a professora entrou na sala.

A Sra. Fortman gostava muito dos meus trabalhos. E ergueu o olhar exatamente para onde eu estava sentada.

Oh, não, não, não.

— Rainbow Walker? — ela chamou.

Engoli uma golfada de ar antes de responder.

— Sim, Sra. Fortman?

Sabe aquele momento em que toda a sala fica em silêncio e você pode até mesmo ouvir o farfalhar dos tecidos?

— Eu gostaria que você viesse aqui à frente da sala e lesse o trabalho simplesmente magnífico que escreveu sobre a Guerra Civil e a Batalha de Antietam.

Oh, meu Deus. Eu ia vomitar. Ali. Na frente de todo mundo. Na frente dos meus algozes, da minha amiga louca, do garoto que estava me fazendo sentir borboletas selvagens no estômago desde o dia em que dançamos juntos.

Vi pontos pretos dançando à frente dos meus olhos.

— Ah, professora Fortman? — Thomas a chamou.

— Sim, jovem Reynard? — ela falou com um sorriso. Aparentemente, ela também havia sido professora do pai de Thomas, pelo que Rebecca me contara em algum momento. Ela era tão antiga assim...

— Rainbow está com uma infecção de garganta e não consegue ler o texto, posso ler por ela?

Meu Deus. Agora, sim, era oficial. As borboletas eram mutantes e se transformaram em morcegos voadores dentro do meu estômago, com aquela oferta tão cavalheiresca de Thomas. Onde eu imaginaria que ele seria gentil assim?

— Claro, meu querido. Venha aqui e leia para a turma — ela disse e, quando Thomas chegou até a frente, a Sra. Fortman entregou minha redação. — Eu gostaria tanto que meus outros alunos também fossem empenhados em pesquisar e elaborar textos tão lindos e bem escritos como Rainbow fez. Aqui não houve preguiça ou sequer o enfado que muitos de vocês sentem quando precisam fazer um trabalho de casa.

Eu não tinha onde enfiar meu rosto, de tamanha vergonha. Era bom ser reconhecida como uma boa aluna? Claro. Mas não assim em público e em uma situação tão delicada quanto a que eu estava vivendo com alguns membros da turma. Cobri o rosto com as mãos na tentativa inglória de esconder a vergonha.

Thomas estava lendo meu texto e eu podia sentir os olhares de outros colegas da turma. Alguns assovios podiam ser ouvidos, além do som de escárnio vindo das garotas maldosas da sala. Se eu tentava passar despercebida, a fofoca a respeito de Jason não permitiria; e agora com essa

exibição pública da minha nerdice em nível *hard*, minha chance de ser apenas uma estudante qualquer naquela escola estava aniquilada. Fora o fato de que o *quarterback* badalado era o leitor do texto.

Porra. Eu preferia mil vezes ser uma pária na sociedade do que receber aquele nível de exposição.

Thomas terminou a leitura e recebeu aplausos. Quando se sentou ao meu lado novamente, bateu a mão suavemente na minha coxa e disse:

— Você escreve bem pra caralho, Rain.

— Obrigada, Thomas — agradeci, mas evitei seu olhar.

Enquanto a aula prosseguia, eu apenas tentava sobreviver a mais aquele tormento. O padrão de infantilidade de Rebecca e Tiffany era elevado. As duas passaram a aula inteira trocando pequenos insultos e bolinhas de papel. Acredito que em um determinado momento cheguei a ver uma borracha voando na direção da cabeça loira de Tiffany.

— Pare com isso, Becca! — pedi, tentando não surtar. — Ela vai acabar achando que fui eu!

— Claro que ela é burra, mas não tanto a ponto de não enxergar que eu estou trabalhando como franca atiradora aqui, Rainbow. Por favor, me dê um crédito.

— Deixe de criancice. Quanto mais fizer isso, mais ela vai nos infernizar.

— A mim, não. A você — Rebecca disse e riu. — Eu nunca vou permitir que Tiffany me tire um segundo de pensamento sobre ela ou sei lá o quê.

Thomas se virou na minha direção e piscou um olho.

— Aprenda com ela, Rain — ele disse. — Becca é especialista em desprezar todos os insultos de Tiffany desde o jardim de infância.

Oh. Uau. Então eles, tipo, estudavam juntos há séculos. Maravilhoso. Eu me perguntava por que Becca achava Jason o garoto mais cobiçado da escola, quando, na verdade, o alvo deveria ser Thomas, pelo posto que ocupava no time. Além do fato de ele ser lindo de doer as vistas.

Pelas fofocas e atualizações da escola que ouvi, Jason sentia uma inveja doentia de Thomas, exatamente por ocupar o cargo que ele almejava no time. Desde sempre. A disputa era acirrada. Jason fez de seu objetivo de vida tentar se sobressair em relação a Thomas. Inclusive no quesito pegador. Eu me perguntava se Thomas também já havia tido alguma coisa com Tiffany. Eu precisava apertar aquela tecla F5 urgentemente.

O período chegou ao fim e tentei sair rapidamente da sala de aula. Thomas segurou minha mão, pedindo que eu o esperasse. Ele estava conversando com outro cara, mas tudo o que eu pensava era em fugir. Tentei sutilmente sair do seu agarre, mas sua mão era de ferro.

— Vou pegar uma carona com você hoje — falou simplesmente.

— Hã? — Não entendi o que ele quis dizer com "carona". Não que eu fosse burra, nem nada. Mas minhas sinapses cerebrais estavam custando a funcionar devido ao choque momentâneo.

— Preciso ir para o bairro em que você mora e pensei em pegar uma carona.

Duas informações precisavam ser atualizadas imediatamente. Primeira: ele tinha carro, certo? Inclusive um muito bonito e vistoso *Porsche*. Segunda informação: como ele sabia em qual bairro eu morava?

— Thomas?

Ele me puxou, evitando que eu levasse um esbarrão de alguém no corredor e nossos corpos se grudaram mais ainda. Meu estômago se revirou em voltas olímpicas.

Evitei olhá-lo nos olhos, tamanho o meu embaraço.

— Hum? — Sua mão continuava segurando a minha, fazendo com que o rumo dos meus pensamentos ficasse um pouco perdido.

— Como assim uma carona?

— Ah, emprestei meu carro ao Mike. — Eu sabia que Mike era o melhor amigo de Thomas.

— Certo. E... — Eu estava sentindo gotas de suor na testa. — Como você sabe em que bairro eu moro?

Ele olhou para mim com cara de espanto.

— Quando você vai aprender que certas informações são muito fáceis de serem obtidas, Rain?

Eu detestava meu apelido. Mas ouvi-lo saindo da boca de Thomas parecia incrível. Achava até carinhoso e simpático. Segurei a vontade de revirar os olhos com minha estupidez em achar aquilo.

— *Okay*.

Saímos para o estacionamento e consegui evitar qualquer encontro desagradável com outras cobras peçonhentas da escola. Sunny vinha correndo em minha direção e, quando viu quem estava ao meu lado, praticamente estacou, derrapando na grama.

— Ahhh... Rain... ahh...

Acho que minha irmã havia perdido a habilidade da fala. Talvez ela tenha ficado chocada com o fato de que Thomas ainda mantinha a mão firmemente colada à minha. Era como se uma *Superbonder* estivesse nos mantendo grudados. Por mais que eu tentasse me desvencilhar, Thomas fazia questão de reforçar a pegada.

— Sunny, você vem?

Olhei indagativamente para Thomas, mostrando claramente que eu precisava do meu braço para buscar as chaves do carro na mochila. Somente assim ele me largou, e fiquei livre, saindo um pouco de seu alcance.

— Ahhh, eu liguei pra mãe e tenho um trabalho de Ciências. Combinamos de fazer, eu e Tayllie, na biblioteca da escola. — Ela não conseguia desviar os olhos de Thomas, que estava entretido, mexendo no celular. — O *que ele está fazendo aqui com você*? — ela perguntou e, graças a Deus, em linguagem de códigos, assim eu não morri de vergonha pensando que ele poderia ter entendido.

— *Vou dar uma carona para ele* — respondi do mesmo jeito.

— Vocês sabem que consigo ler a língua de sinais, certo? — ele falou, rindo.

O quê? Pooooorra... Seria pedir demais que o chão se abrisse naquele momento e me engolisse inteira?

— É feio prestar atenção na conversa dos outros, Thomas — caçoei com o máximo de dignidade que consegui.

— E é feio ficar fuxicando sobre uma pessoa que está exatamente aqui.

Revirei os olhos e Sunny apenas riu.

Despedimo-nos e Thomas entrou no meu pequeno possante. Para não dizer outra coisa, claro.

— Então... — ele começou e passou a língua por dentro da bochecha. Como eu consegui ver, não me pergunte. Estava tensa e consciente da presença dele, só isso. — Quer dizer que você anda partindo corações na escola?

Ainda bem que o sinal que estava ali à nossa frente era vermelho gritante, porque freei o carro com intensidade.

— O quê?

— Ah, qual é, Rain... Até parece que eu não saberia algo assim — ele disse e se remexeu no banco. — Jason Carson é um idiota, só para constar.

— Eu já saquei isso, Thomas.

— Ótimo. Assim ficamos combinados que você não pode cair na rede dele. — Como se fosse a coisa mais lógica do mundo, Thomas simplesmente soltou aquela frase.

Levei uma buzinada porque o sinal abriu, mas meu choque me impediu de pisar no acelerador.

— Thomas. — Eu estava buscando palavras brandas para aquele momento. — Gostaria de te informar que, mesmo que eu não seja burra e não vá cair na rede dele, como você mesmo afirmou, também não recebo ordens de ninguém e isso não é da sua conta.

— Rain, só estou falando para o seu bem.

— Eu sei disso, mas é um problema que é meu, não seu.

Eu sabia que estava sendo teimosa, mas era difícil aguentar, calada, coisas daquele tipo.

— É meu também.

— Claro que não, você está louco?

Eu podia ver que Thomas estava buscando explicações em algum lugar de sua mente.

— Estamos no final do campeonato estadual. Qualquer coisa que tire o foco de algum jogador do meu time é, sim, da minha conta — ele afirmou categoricamente.

Fiquei mais do que pasma.

— Meu Deus! Quanta arrogância — falei baixinho. — *Okay*, Thomas. Onde você vai ficar mesmo?

— Na sua casa.

Graças a Deus, o sinal ficou vermelho novamente, compatibilizando com minha freada brusca. Acho que não estava mais apta a dirigir um veículo automotivo.

Thomas

Quando entrei na escola mais cedo naquele dia, fiquei perturbado com a onda de fofocas que rondavam o nome da Rainbow. Eu sabia de algumas que ouvi nos vestiários masculinos. No treino do dia anterior, escutei alguns dos amigos de Jason comentando que ele faria um movimento em relação à garota novata, e rolou até mesmo um bolão de apostas de quanto tempo ele levaria para agarrá-la atrás das arquibancadas no próximo jogo. Era senso comum que Jason deveria fazer algo público e embaraçoso, para que todos vissem e não tivessem dúvidas de que ele ganhara a aposta.

Dizer que fiquei puto foi um eufemismo, já que quase esfreguei o chão do vestiário com o rosto de Donkie, um dos caras da defesa, quando ele se referiu a Rainbow em tons pejorativos. Garotos falam merdas quando estão juntos. Isso é fato. E falamos de mulheres. Isso é mais fato ainda. Comentamos sobre os atributos femininos e as possibilidades que cada garota pode oferecer para um acesso livre às segundas e terceiras bases. Eu só não entendia por que, quando falaram de Rainbow da forma que haviam falado, da mesma maneira que eu mesmo já havia feito tantas outras vezes com tantas outras garotas aleatórias, fiquei mais do que irritado.

Jason não se aproximaria de Rainbow se dependesse de mim. Estava me sentindo um pouco possessivo? Claro. Eu me asseguraria de que aquele merdinha não faria seu jogo cretino com aquela garota.

Antes, precisava entender o que estava acontecendo com a minha própria cabeça, mas podia garantir de antemão: Rainbow Walker me atingiu como um trem desgovernado.

Então, eu realmente precisava admitir que estava um pouco nervoso, sentado confinado naquele espaço minúsculo e compacto que ela chamava de carro.

capítulo

7

Eu estava olhando estupefata para ele. Thomas acenou com a cabeça para o sinal de trânsito. Coloquei o carro em marcha e, depois de uns cinco minutos supersilenciosos dentro do carro, consegui chegar à frente da minha casa.

— *Okay*. Pode cortar a piada agora — falei e nem sequer fiz menção de descer do carro. — O que você veio fazer aqui?

— Nosso projeto de Biologia.

Mentira... O quê? Puta merda! Eu tinha me esquecido completamente do nosso projeto de Biologia.

— O qu... espera... poderíamos ter feito isso na biblioteca, Thomas — argumentei, tentando evitar corar de vergonha.

— Claro que sim, mas estaríamos obrigados a manter aquele silêncio fúnebre ao qual as bibliotecas nos obrigam. Como discutiríamos os temas?

Bem pensado, se olhássemos por aquele ponto.

— Você não deveria ter ao menos se dado ao trabalho de averiguar comigo se eu poderia fazer isso hoje? — perguntei melindrada.

— Não. Porque sei que você daria alguma desculpa muito esfarrapada para isso. — Thomas olhou diretamente nos meus olhos. — Eu sei que você me evita constantemente.

— Não! Eu não faço isso — menti descaradamente.

— Você sabia que dois "nãos" seguidos anulam o primeiro, certo?

Que porra de menino inteligente era aquele, hein?

— Thomas.

— Rainbow — ele repetiu meu tom de voz. — Eu apenas quero fazer o trabalho sossegado, *okay*?

Aceitei a explicação e desci do carro. Fui caminhando para a porta da frente de casa, consciente da presença dele logo atrás de mim. Uma presença muito marcante e perturbadora.

Eu nunca tinha tido muito tempo para curtir essa onda de garotos bonitos e tal. Acho que porque sempre fui centrada demais nos meus estudos e tudo mais.

A onda hormonal de assanhamento, eu havia deixado para minha irmã. Claro que eu sabia que não seria uma tia solteirona com vinte gatos perambulando pela casa, mas também não estava interessada em acelerar o processo de conhecer e me encantar com garotos, porque eu sabia que teria muito tempo pela frente.

Thomas Reynard chegou em minha vida para jogar por terra toda essa minha filosofia arduamente conquistada. Ao longo dos dias, desde que o conheci, fiquei muito consciente do meu corpo, dos meus anseios, até então completamente desconhecidos, do espaço pessoal que ele nunca deixava entre nós dois... Eu não sabia a razão, mas Thomas conseguia me fazer perder a fala, agir como uma adolescente deslumbrada. E, na contramão daqueles sentimentos conturbados e estranhos para mim, eu tentava demonstrar que era infalível, agindo de maneira mal-humorada, mais do que já agia normalmente.

Quando entrei em casa, chamei pela minha mãe.

— Mãe?

Um papel colado na porta da cozinha chamou minha atenção.

"*Queridos, eu e seu pai fomos para um jantar da associação e vamos demorar um pouco a voltar. Deixei o jantar pronto em* tupperwares *separadas com os nomes de cada um. Basta que vocês esquentem no micro-ondas e sejam felizes. E comportem-se, claro. Amo vocês.*"

Sorri, porque, por mais que meus pais odiassem as comodidades capitalistas da vida, ainda assim eles sabiam que a vida sem um micro-ondas não seria a mesma.

— Então, estamos sozinhos aqui? — ele perguntou e quase dei um pulo, porque ele estava bem atrás de mim.

— Ah... acho que sim. Até que Storm chegue ou Sunny. — Fiz questão de dar aquela informação para me sentir segura.

Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha e me afastei, nervosamente.

— Você... ah... quer beber alguma coisa? — perguntei.

— Não, obrigado.

Eu não sabia o que fazer, então bebi um copo d'água para refrescar os ânimos.

Ele apenas me observava.

Peguei a mochila que havia largado de qualquer maneira e fiquei refletindo sobre o que fazer. Chamar para fazer o dever no meu quarto era inconcebível. Então a alternativa era a sala ou a cozinha.

— Podemos fazer o dever aqui.

— *Okay*.

Thomas sentou-se na cadeira e retirou seu material da mochila. Em seguida, retirou o laptop. Enquanto ligava o computador e abria o programa, eu tentava achar no livro o tema que deveríamos explorar. Meus dedos estavam trêmulos.

Minha mente havia dado um branco total e eu nem sequer lembrava sobre o que era o trabalho. Precisaria consultar minhas anotações. Eu era um estranho caso de confusão mental.

Ouvi quando Thomas pigarreou.

— Pronto — ele disse.

Ergui a sobrancelha sem compreender o que ele estava falando.

— Pronto o quê?

— O nosso projeto está devidamente pronto.

Abri a boca em questionamento e fiquei ali, parecendo um peixe. Abrindo e fechando a boca. Sem entender absolutamente nada.

Thomas passou as mãos pelos cabelos, deixando-os numa confusão altamente sexy. Afastei o olhar para outro ponto. A tela do laptop. Cheguei mais perto e olhei por cima de seus ombros. O projeto estava realmente todo feito. Com mais de quinze páginas, gráficos e até mesmo a bibliografia. Fiquei espantada.

— O... o quê?

Thomas se virou para olhar para mim. Seus olhos tinham um brilho único.

— Você sempre conclui os trabalhos e equações em sala, então, em retribuição a todo esse esforço, eu fiz o projeto sozinho e coloquei nossos nomes. Basta que você faça uma leitura para se ambientar no assunto.

Eu ainda estava estupefata.

— Mas por que isso? — perguntei, tentando entender minha irritação e inquietação. Por acaso já falei que quando fico inquieta com algo desconhecido eu tendo a ficar irritada?

— Por que o quê? — perguntou e se levantou. — Por que fiz o trabalho sozinho?

— Então, por que não me falou, — eu disse. — Daí não haveria necessidade de estarmos aqui.

Ele se aproximou de mim e percebi que me afastava para trás.

— Por que eu não te falei antes? — ele disse e passou a língua no lábio inferior. — Hummm... deixe-me ver, talvez porque eu quisesse estar aqui com você?

— Por quê?

Ai, meu Deus. Meu coração estava batendo acelerado e quase saltando do peito. Se vacilasse, era capaz de alguém perceber as oscilações dos batimentos cardíacos através da minha blusa.

— Talvez para passar mais tempo com você? — ele perguntou e se aproximou mais ainda.

Meu corpo encontrou a borda da pia atrás de mim, e parei.

Thomas se aproximou o suficiente para que não houvesse espaço entre nossos corpos. Eu respirava agitadamente agora. Estava nervosa. Tipo... muito nervosa.

— Thomas.

— Rainbow — ele disse, e afastou uma mecha do meu cabelo que havia escapado da trança. — Para uma garota esperta, você pode ser bastante desligada e meio cega.

O insulto passou completamente despercebido porque logo em seguida Thomas baixou os lábios nos meus, grudando-os. Eu apenas tive um segundo para me acostumar com a calidez de sua boca, até que ouvi um gemido, que não sei até agora se havia sido meu ou dele, ou talvez de ambos, e o beijo se aprofundou. O que era brando tornou-se uma exploração selvagem, com sua língua varrendo a minha, em busca de uma parceira de dança. Foi o beijo mais sensual que eu já havia dado na minha vida.

Okay. Eu só tinha dado dois ou três no ano anterior, mas, ainda assim, aquele ali era absolutamente incomparável. Não havia palavras para descrever. Talvez apenas nos romances que eu tanto amava.

As mãos de Thomas seguraram minha cabeça, ajeitando-a num ângulo *perfeito* para aprofundar o beijo. Senti quando seu corpo ficou completamente aderido ao meu, senti sua respiração em conjunto com a minha, como se tivéssemos corrido uma maratona brutal. Senti os dedos longos acariciando meu rosto. Em todo o auge da minha *nerdice* extrema, aquele beijo *perfeito* ainda foi destrinchado na minha mente, quando percebi que a inclinação da minha cabeça para um lado e a dele para o outro criava um ângulo muito adequado de encaixe entre nossos lábios.

O beijo acabou e senti a testa dele recostando-se à minha, bem como sua respiração enlouquecida, fazendo par com o meu estado de ânimo naquele momento. Seus olhos estavam fechados; os meus, abertos. Posso afirmar que o beijei com os olhos abertos, mas sem ver absolutamente nada, porque Thomas Reynard havia tirado a minha capacidade de pensar adequadamente. Que mico! Eu não fechei os olhos no beijo mais gostoso que já dei na vida! Fora que agora eu sentia a dúvida bater em mim de maneira sorrateira. Será que eu havia correspondido à altura?

— Porra. — Foi o que ele disse. Nada romântico, nem nada. Mas mesmo assim uma simples palavra que continha muito mais sentimentos do que poderíamos expressar.

Eu mesma não poderia falar nada melhor. Talvez... *uau*.

Ele me segurava contra seu corpo, as mãos ainda encapsulando meu rosto. Quando ele abriu os olhos e me olhou intensamente, lá estava aquele brilho único que eu havia identificado momentos antes, ainda mais intenso. Eu reconheci. Era o brilho do desejo.

Acho que os meus olhos deveriam estar refletindo os dele.

— Essa foi a razão pela qual não falei nada antes — ele disse.

— Ahhh...

Suas mãos mantinham meu rosto devidamente acolhido, os lábios muito próximos.

Repentinamente, uma música de rock invadiu o silêncio da cozinha e perdi o calor da mão direita de Thomas. Era o celular dele que interrompia aquele momento mágico.

— Já estou saindo.

Thomas disse apenas aquela única frase à pessoa do outro lado da linha, desligou e se afastou de mim meio a contragosto, começando a recolher suas coisas.

O quê?

Tipo... ele me beija e... vai embora? Que porra é essa? Ironicamente, pensei que a mesma palavra que ele havia proferido assim que encerrou nosso beijo agora perambulava pela minha mente, já que eu não conseguia entender sua fuga repentina. Ou, na verdade, eu precisava admitir, não conseguia entender nada.

— Thomas?

Ele arrumava suas coisas agitadamente.

Vi quando respirou fundo antes de se virar para mim e falar rapidamente:

— Eu preciso ir embora.

Thomas ergueu a mochila, colocou no ombro e começou a ir em direção à porta, então parou de repente, ainda de costas para mim, respirando asperamente.

— Eu não vou me desculpar, Rainbow. — Essa foi a sentença proferida em um tom firme de voz. — Te vejo na escola.

E saiu. Simples assim. Ele me deixou ali, na cozinha, ardendo em chamas invisíveis, com os lábios inchados e sedentos, nem um pouco saciados do beijo marcante que me dera. Para quem nunca havia conhecido um grama sequer de paixão ou desejo antes, eu podia jurar que meu corpo estava formigando.

Cheguei à janela a tempo de ver seu amigo Mike, com o carro dele, lhe entregando as chaves e entrando no banco do carona. Thomas deu um último olhar para minha casa, mas graças a Deus não me percebeu por trás do vidro fumê todo trabalhado que havia na lateral da porta.

Subi para o meu quarto como um autômato. Um zumbi sem vontade própria. Sentei na cama, respirei profundamente várias vezes e resolvi que deveria tomar um banho relaxante.

Meus dias de uma adolescente calma e pacata provavelmente estavam contados. Eu antes era apenas uma garota comum, com um nome estranho, um forte empenho em me superar nas matérias da escola e nenhum interesse em garotos. Agora eu era a revoltada, possível destruidora de namoros alheios e alvo crítico de um ódio fulminante por parte de garotas invejosas. Eu estava ainda no centro da disputa entre dois garotos lindos e superpopulares na escola. E, definitivamente, definitivamente agora, estava altamente ligada em garotos. Não no plural. Garoto. Um apenas. Um punk com cara de roqueiro, pinta de rebelde, mas um atleta focado e aluno aplicado. Thomas Reynard havia acabado de quebrar inúmeros paradigmas na minha vida.

Eu estava muito ferrada. Mas muito ferrada mesmo.

Thomas

Mike se manteve calado no carro. Por um tempo. Seria pedir demais que ele mantivesse aquele comportamento passivo todo o tempo.

— E aí? — Despreocupadamente, mexeu no som do carro, fingindo que estava apenas sondando as estações. Eu sabia que ele estava sondando era o terreno da fofoca.

— E aí o quê? — Fingir-me de desentendido era a melhor saída. Não que funcionasse sempre.

— Qual é, Thomas? Abre logo essa boca aí e conta qual é a sua com a garota novata.

— Ela tem um nome, Mike.

— Um muito legal, por sinal. Inclusive a irmã mais nova também é uma graça. Porque vou te falar: as duas são gostosas pra caralho!

Olhei enviesado para ele, fazendo uma carranca, mostrando claramente não ter gostado do comentário.

Tentei manter silêncio, fazendo com que ele captasse a deixa.

— Thomas. Conheço você desde o jardim de infância, *bro*. Nem adianta ficar calado, porra. Eu sei que está caidinho pela Rainbooooow. — O idiota fez questão de perturbar na fonética do nome dela.

Dei um soco forte o suficiente para fazê-lo gemer de dor.

— Me deixe em paz.

— Ah, qual é, Thow...

Revirei os olhos, porque somente Mike me chamava daquele jeito e continuava vivo.

— Eu apenas... estou ficando amigo dela. Só isso.

Quem eu queria enganar? Provavelmente o Mike. Eu mesmo é que não era. Eu não queria somente a amizade de Rainbow Walker. Queria tudo dela. Queria entender aquela mente complicada. Queria absorver aquele sorriso raro que ela dava para os irmãos quando ninguém percebia. Eu queria admirar sua inteligência e, obviamente, queria degustar aqueles lábios generosos e bem delineados, macios e perfeitos para serem beijados.

Sacudi a cabeça, tentando afastar os pensamentos impuros dali. Mike poderia ser capaz de captar alguma vibração e eu seria zoado pelo resto dos meus dias.

Uma coisa eu poderia afirmar com toda a certeza: aquela noite eu dormiria com um sorriso estúpido no rosto. E esperava que Rainbow também tivesse ficado tão mexida quanto eu, e sonhasse a noite inteira comigo e com as possibilidades que os trabalhos em duplas poderiam nos proporcionar de agora em diante.

capítulo

8

Nos dois dias seguintes àquele beijo, não tive notícias de Thomas. Ou ele estava me evitando ou estava me evitando. O projeto de Biologia deveria ser entregue na sexta-feira, ou seja, no dia seguinte, e honestamente não vi nenhum sinal dele pela escola.

Na tentativa de evitar apertar o F5 mental e acionar uma atualização das fofocas através de Becca, preferi me abster e ficar mais calada do que o usual.

Nem mesmo as piadinhas da turma de Tiffany conseguiram mexer comigo naqueles dois dias.

Thomas realmente não apareceu na escola, porque algumas matérias nós fazíamos juntos e simplesmente não era possível que a presença dele passasse despercebida na sala.

Eu estava concentrada em morder meu canudo e não pensar em Thomas, ou na sua ausência, quando uma lufada de ar indicou que minha muito sutil amiga sentou-se no banco.

— Acabei de saber de uma fofoca superquente — Rebecca falou enquanto ajeitava a bandeja do almoço ao meu lado no refeitório.

— É mesmo? — eu disse enquanto sugava pelo canudinho um pouco do meu suco de laranja.

— Thomas está com visita em casa. Uma prima de Nova York, que é modelo, resolveu passar alguns dias aqui.

Quando ela falou aquilo, o suco que estava descendo por minha garganta tomou outro rumo que não o esôfago. O infeliz pegou o trajeto da minha traqueia, fazendo com que eu me engasgasse brutalmente e precisasse de Becca para dar uns tapas nas minhas costas.

— Porra! De repente você ficou meio azul, Rain! — ela falou afobada enquanto ainda descia umas porradas em mim.

Ergui os braços tentando mostrar que ela poderia interromper a sessão espancamento, pois eu já respirava sozinha, obrigada.

— O que houve?

— Engasguei. — Era o máximo de informação que eu lhe daria. Nunca admitiria que a informação transmitida por ela havia feito aquele estrago.

— Uau. Você me assustou, garota.

— Desculpa.

— Certo. Então, onde eu estava mesmo?

Senti a pontada da dor de cabeça iniciando seu desfile logo atrás dos meus olhos.

— Thomas e a prima. — Foi difícil falar como se aquilo não me afetasse.

Okay. Esclareçamos algumas coisas. Eu nunca fui ligada em garotos. Quero dizer, já disse isso, e não é porque eu me ligava em garotas, de jeito nenhum. Era mais pelo fato de que eu não tinha tido esse despertar hormonal. Ainda. Até Thomas Reynard.

Ele havia me dado um beijo de queimar fusíveis e simplesmente vazou. Sumiu. Por dois dias inteiros nem sequer o vi. Meu coração palpitava loucamente quando a porta da sala se abria, ou quando meu celular apitava. Embora eu tenha me lembrado, tardiamente, de que nunca havia sequer fornecido meu número de celular ou pegado o dele. Mas claro que em meu peito ainda ardia aquela esperança de que, da mesma forma que ele soube onde eu morava, poderia escavar a informação e conseguir meu número. Se ele quisesse. O que, aparentemente, ele não quis.

Fiquei aborrecida com essa onda de autocomiseração porque agora eu entendia o que as melosas canções de amor falavam. Minha vontade era me enfiar no meu quarto e ouvir Demi Lovato o dia inteiro. Talvez um pouco menos de drama pudesse fazer bem para o meu cérebro, mas enfim... aqueles dias estavam sendo difíceis.

Logo em seguida, veio essa informação altamente desnecessária que simplesmente encheu minha cabeça com imagens, irritantemente gráficas, de uma megamodel, supergata, estilo Victoria's Secret, passando um tempo com ele, em casa. Sozinhos. Embora eu não soubesse se Thomas tinha família ou não. As imagens teimavam apenas em mostrar os dois juntos, suados... fazendo Deus sabe lá o quê.

— Isso! Cybella. Este é o nome. E porra, ela é um espetáculo, Rainbow — Rebecca disse com total ignorância do meu estado calamitoso.

— Uau!

— Sim! Tipo... uau! Ela tem só dezoito anos e já fez fortuna no mundo da moda — Rebecca disse, agitando as mãos. — Dizem até que já namorou Justin Bieber.

Torci o nariz porque, para mim, aquele ali não era um ponto a favor.

— Ela costumava ser bem legal, mas depois...

— Depois o quê?

— Depois que ela e Thomas se separaram.

Oi? Parem o mundo que eu quero descer porque esta porra está girando muito rápido.

— Amiga, você está bem? Não vai engasgar de novo, não é? — ela perguntou preocupada.

Okay. Vamos dar o benefício da dúvida para Rebecca por não compreender que está me destruindo por dentro, já que nunca contei absolutamente nada para ela. Mas também... contar o quê, precisamente? Foi tudo muito rápido. Paft. Puft. *Oi, Becca. Eu e Thomas fizemos um trabalho juntos. Ah... ele me beijou também. E ah... eu meio que fiquei caída por ele...* Não dava pra contar algo assim.

— Não, não. Estou bem... foi apenas um resquício do suco que desceu para o lugar errado.

Nós duas rimos da lembrança.

— Então, ela e Thomas namoraram? — perguntei e quase me dei um Oscar pela atuação.

— Namorar... namorar, nunca namoraram, mas estiveram juntos um tempo — Becca disse, quase sussurrando. — Thomas era louco por ela. Mas aparentemente ela era louca por ele e por vários outros também.

Entendi a diretiva. A prima e modelo era uma puta. Opa. Aquele ali poderia ser meu lado cruel e invejoso falando. A prima era, então... voraz, se eu pudesse usar uma palavra branda.

— Certo. Poxa, deve ser algo grande para que ele falte a dois dias de aulas.

— Pois é. Todas as vezes que ela aparece aqui ela o monopoliza totalmente. A mãe de Thomas lambe o chão em que a garota anda. E até hoje acho que ela acalenta o sonho dela e Thomas se casarem e terem milhões de bebês lindos e famosos. — Becca continuava sua verborragia. — E famosos, eu digo por ela e por ele também, porque Thomas já recebeu uns cinco ou seis convites de várias universidades para que integre o time de futebol americano, com direito a bolsa integral e tudo mais.

Uau! Thomas era especial assim.

— Bem... — Pigarreei, tentando disfarçar meu mal-estar súbito. — Que... legal.

— Ela foi estudante aqui. Então, quando aparece, é meio que uma celebridade, daí o diretor acaba liberando Thomas totalmente. Sem contar o fato de que o diretor é primo da mãe de Cybella.

Fale em corporativismo e nepotismo estudantil. Se é que isso existia.

Quando o sinal bateu para que voltássemos às duas últimas aulas do dia, eu estava em um estado lastimável de pura autocomiseração.

O beijo, aquele que me despertara para a vida, tal como o do Príncipe azul faz à sua Branca de Neve, ou do Príncipe Phillip, à sua Bela Adormecida, havia sido totalmente esquecido. Na mente de Thomas, porque na minha ele estava bem vivo e com cores surreais. Era até uma imagem em 3D.

Refletindo em meu cérebro sarcástico, eu poderia argumentar de imediato e me xingar mentalmente, alegando que estava agindo de maneira imbecil, tal qual as princesas referidas. Um beijo apenas e pluft! Caíam apaixonadas e já partiam para o *felizes para sempre*. Claro que, se formos observar os contos de fadas dessas donzelas, a felicidade só veio depois de muita merda e morte certa e, enfim, beijo narcoléptico em ambos os casos. Mas conto de fadas é conto de fadas e acabou a história. O importante é ter um final bem feliz.

Encerrei as aulas do dia e segui para casa, com Sunny tagarelando algo sobre algum garoto que ela queria conhecer, que era do time, mas que Storm não queria apresentar de jeito nenhum. Em algum momento ouvi que era amigo do capitão do time, mas nem associei com o objeto dos meus pensamentos.

Eu apenas ouvia, completamente absorta nas informações.

— Rain?

Não respondi de primeira porque achei que ela estava falando do tempo, tanto que olhei pelo para-brisa, em busca das gotas de chuva.

— Rain!

— Oi! — Saí do estupor e quase gritei. Se é que não gritei.

— Em que planeta você está viajando? Estou falando há horas e você nem sequer prestou atenção em alguma palavra que eu disse.

— Você não poderia estar falando há horas porque o trajeto da escola até em casa é de apenas dez minutos, Sunny — falei de maneira condescendente. — E se estivesse falando há horas, eu estaria completamente morta agora.

Ela me deu um leve soco no braço.

— Estou dizendo que vai haver uma festa amanhã à noite na casa do *quarterback*, aquele seu amigo ultragato — ela disse.

Meu cérebro processou a informação, mas não emiti nenhuma opinião.

— Parece que uma prima dele superfamosa está aí e quer rever algumas pessoas.

Que interessante...

Fiquei quieta, e quando chegamos em casa consegui fugir totalmente de Sunshine. Storm estava malhando os bíceps em desenvolvimento no meio da sala, enquanto assistia a alguma merda de seriado na TV.

— Onde estão nossos pais? — perguntei.

— Saíram.

Ultimamente, esses dois estavam saindo demais. Alguma coisa estava estranha ali.

Jantares, reuniões. Algo estava meio fora do lugar, mas eu não poderia afirmar o que era. Na verdade, esse não era o *modus operandi* deles quando estávamos em uma nova cidade. Normalmente, nossos pais ficavam em casa, curtindo a natureza, ou simplesmente buscavam um contato com o universo astral.

Enfim... O Universo estava conspirando contra mim. Minha vida era supertranquila. Agora estava uma bagunça.

Peguei alguma coisa para comer na cozinha e subi para o quarto. Eu já podia ouvir Sunshine cantando desafinadamente no banheiro e apenas sacudi a cabeça com suas escolhas musicais. Eu conseguia visualizar perfeitamente a louca tentando fazer a coreografia da música Toxic, de Britney Spears... e aquela era uma visão do inferno se você parasse pra pensar que Sunny devia estar completamente pelada e cheia de espuma. *Iiiurc*.

Enquanto comia meu sanduíche, peguei alguns exercícios da escola para fazer. Ou para, ao menos, fazer algo e esquecer a confusão em que estava a minha cabeça.

Meu celular vibrou naquele momento.

Quando li a mensagem, o sanduíche, que estava a poucos centímetros da boca, parou completamente.

Preciso falar com você. Thomas.

Pensei no recado por um momento. Então, ele realmente dera um jeito de conseguir meu número. Eu não estava errada. O que significava que se ele quisesse ter falado comigo antes teria conseguido.

Pensei no que responder. Não queria demonstrar meu lado cadela ciumenta e possessiva, então respirei fundo. Fiquei indecisa por dois segundos, roí um pequeno pedaço da unha e digitei:

Sobre o trabalho de amanhã?

Dois segundos se passaram e vi o cursor no *whatsapp* mostrar que ele estava digitando.

Também.

Olhei para o teto pensando em algo espirituoso.

Pode falar então.

Não por celular.

Então, nos vemos amanhã antes da aula.

Preciso falar com você hoje.

Meu lado cadela estava entrando em ação. Eu queria perguntar: por que não ontem, ou anteontem? Esteve muito ocupado com sua prima famosa?

Okay.

Okay, posso ir aí?

Tem certeza de que não pode ser por
telefone? É só me ligar ou vice-versa...

Não. Preciso que seja pessoalmente.

Mordi o lábio inferior porque não sabia o que dizer. Eu não estava contando com um encontro repentino.

Posso te pegar para comer um sanduíche?

Oi? Já passava das seis da tarde.

Okay.

Estarei aí em cinco minutos.

Que merda era essa? Ele morava perto ou já estava nas imediações?

Tirei a roupa do dia inteiro da escola e percebi que não teria tempo para uma ducha rápida, já que Sunny ainda se esgoelava no banheiro. Droga.

Coloquei um suéter bege comprido, que cobria bem minha *derriére* apertada em uma calça jeans gasta. Larguei meus tênis e calcei uma sapatilha confortável. Os cabelos estavam uma zona, então o máximo que eu poderia fazer era desmanchar a trança e prendê-los em um coque no alto da cabeça.

Nenhum batom e nada de perfume porque eu não queria dar a impressão de que tinha me esmerado para isso.

A buzina soou do lado de fora e desci correndo antes que Sunny quisesse saber quem era. Mesmo no banheiro, aqueles ouvidos eram capazes de captar tudo.

Storm continuava seu treino intenso, embora eu tivesse certeza de que ele estava mais focado nos seios das mulheres que estavam na TV.

— Vou dar uma saída e já volto.

— Fez o dever? — ele perguntou sem nem tirar a cara da TV.

— Vá à merda, Storm — disse e saí rindo.

Quando cheguei ao carro de Thomas, ele já me esperava com a porta aberta. Como um gentil cavalheiro.

Ele deu a volta e entrou do seu lado, colocando o carro em marcha.

Nenhum de nós dois falou por alguns minutos. Ou assim pareceu.

— Você está bonita.

Senti meu rosto esquentar.

— Obrigada.

Eu podia ver que ele apertava as mãos no volante e estava um pouco tenso.

— Ahhh... Rain?

Sim. Agora eu estava atenta e sabia que ele não estava falando sobre a possibilidade de uma chuva por ali.

— Sim?

Ele passou uma das mãos pelos cabelos, desalinhando-os de uma maneira que só ele conseguia fazer e ainda assim parecer sexy.

Como o carro estava silencioso, sem ao menos uma canção para quebrar o clima, senti a tensão e poderia jurar que, se tivesse uma faca, eu poderia cortá-la ali.

— Preciso de um favor seu.

Uau. Eu nem podia imaginar o que ele queria comigo, mas um favor não era algo que eu realmente pensasse que ele precisasse.

— Sério? — Cruzei os braços e ergui minhas sobrancelhas indagativamente.

— Sim. — Thomas olhou de lado para mim.

Uns segundos a mais de silêncio tenso.

— Veja bem, minha prima Cybella está na cidade...

Oh... e lá temos a Cybella estreando na minha passarela mental de novo.

— Hum? — Fiz-me de desentendida. Ele não precisava saber que eu já havia recebido o boletim informativo de quem era a garota.

— Uma prima minha, de NY, está aqui na cidade por alguns dias e... — Ele estava procurando uma alternativa para falar. — Preciso muito que você me ajude com uma coisa.

— Uma coisa?

O carro parou na frente de um TGI Fridays. Thomas abriu a porta e desceu. Em seguida veio abrir a minha porta, estendendo a mão para me ajudar a sair do carro.

Ele continuou segurando minha mão, por mais que eu tenha feito um esforço para soltá-la de seu agarre, e entramos na lanchonete. Acabamos atraindo alguns olhares dos frequentadores que estavam ali, mas resolvi ignorar e seguir para o lugar aonde ele me levava.

Thomas escolheu um canto e nos sentamos ali, ainda em um silêncio estranho. Ele queria um favor. Tinha algo a ver com a prima dele. E eu não poderia supor o que poderia fazer naquela equação estranha.

A garçonete chegou e nos estendeu o cardápio. Thomas o olhou. Ele pediu automaticamente um sanduíche qualquer e me perguntou o que eu queria.

— Eu já comi, obrigada.

— Mas pelo menos beba alguma coisa — ele implorou.

— *Okay*. Poderia ser uma limonada, por favor? — pedi educadamente à garçonete.

Quando ela saiu de perto, Thomas aproximou o corpo do meu e olhou no fundo dos meus olhos. Aqueles olhos verdes eram hipnotizantes. Pisquei várias vezes para quebrar a magia que eles pareciam lançar.

— Preciso da sua ajuda.

— Isso eu já entendi. — Cruzei as mãos sobre a mesa. — Só não consigo entender como poderia te ajudar.

Vi quando ele engoliu em seco e passou as mãos de novo pelos cabelos.

— Minha prim...

— Eu também já entendi essa parte, Thomas — falei, e dessa vez foi difícil disfarçar o tom irritado.

— *Okay*. Vou falar de uma vez.

— Fale.

— Estou tentando, porra.

— Com a boca suja você não vai conseguir nada.

Thomas me deu um olhar sujo e eu apenas ri.

— Preciso que você seja minha namorada.

Ele disse e, graças ao bom Deus, a garçonete ainda não havia trazido nossos pedidos, especialmente a bebida maldita que eu havia pedido. Porque penso que, se ele me pegasse desprevenida, tal qual Rebecca me pegara mais cedo na escola, o resultado do trajeto do líquido seria vergonhoso.

— O... o... quê? — perguntei e ri sem graça.

— Preciso que *finja* ser minha namorada enquanto Cybella estiver aqui — ele disse aquilo e me olhou intensamente.

Eu não sabia o que dizer. A garçonete chegou e agora eu estava grata por sua presença, já que poderia ganhar tempo em colocar os pensamentos em ordem novamente.

— Olha, sei que isso é meio louco e sem noção, mas eu ficaria imensamente grato se me ajudasse.

Bebi um gole da limonada, com bastante concentração para não engasgar.

— Thomas, eu só não consigo entender a razão.

Ele suspirou e mordeu seu sanduíche. Enquanto mastigava, pude ver que ele estava pensando sobre o que dizer.

— Cybella e eu somos primos muito... chegados.

Hummm, novo conceito de pegação entre primos. Primos chegados.

— Sei.

— Já tivemos algo há alguns anos.

— Quantos anos você tem? — perguntei chocada. Porque se ele disse há alguns anos, eu estava imaginando jardim de infância e tal. Opa. Eu era a garota estranha.

— Dezessete, quase dezoito. Por quê? — ele perguntou e deu um sorriso enviesado e consciente da razão da minha pergunta.

— É que você disse *há alguns anos*. Minha cabeça foi mais longe. Desculpa. Mas a referência desses anos que ficaram para trás querem dizer o quê, mais precisamente?

— Digo quando eu tinha quinze e perdemos a virgindade juntos.

Pense na porra da limonada que estava descendo pelo buraco errado agora!

Engasguei! Se eu tivesse mais um episódio daquele teria um sufocamento!

Thomas bateu a mão suavemente nas minhas costas.

— Muita informação, Thomas. Muita informação!

Ele riu.

— Você perguntou.

— Eu não perguntei isso! — Meu tom era indignado.

— Você estava especulando.

Certo. Eu estava especulando.

— Então... você e sua prima tiveram um lance, e daí?

— E daí que Cybella sempre que vem aqui resolve que quer reavivar esse lance e eu não quero.

Era fácil entender por que ela queria reavivar o tal lance. Thomas era meio que... lindo.

— Você não pode simplesmente dizer não?

— Você não entende, Rainbow. Ninguém diz não à Cybella.

Oh! Fale de alguém que alcançou o nível máster de vaca no meu conceito.

— Thomas, eu acho meio estranho que, no século em que estamos, você não consiga fugir de uma investida ou que uma garota não entenda um "não" como resposta.

Thomas respirou fundo.

— Você não entende. — Seu tom de voz era pesaroso.

— Não. Não entendo, mas você poderia me explicar. Ainda mais porque eu sou a garota nova na cidade e não entendo realmente a dinâmica da comunidade de vocês.

A cidade de Westwood, em Nova Jersey, fazia parte de um condado e agia muito como uma comunidade fechada. Era até meio assustador. Mais até do que as comunidades hippies dos meus pais.

Ele recostou no seu próprio assento.

— Cybella tem uma espécie de transtorno mental que a deixa altamente fora de si. Meus pais sempre cuidaram dela porque a mãe faleceu muito cedo e o pai a abandonou. Ela é um caso muito estranho de pessoa que conseguiu superar as próprias desgraças e subiu na vida.

Eu não iria corrigir Thomas, alegando que aparentemente a garota não tinha superado suas desgraças, já que carregava um transtorno que estava muito associado à dificuldade de receber um "não" como resposta.

— Ela é uma modelo famosa e sempre está em busca de algo diferente para fazer — ele disse. — Quando saiu da cidade, há três anos, Cy foi em busca dos sonhos que sempre teve e tal. Nós nem sequer tínhamos tido alguma coisa. Fomos meio que criados juntos.

Eu prestava atenção à narrativa dele, tentando evitar as imagens dos dois nus brincando calmamente. Senti um refluxo com a mais remota visão mental da cena. Já sentiu um refluxo com limonada? É muito ácido e horrível.

— Ela retornou um dia e ficamos juntos. Aquilo foi a glória para minha mãe, que sempre me quis casado com ela.

Uau! Que mãe superprecoce.

— Cybella surtou quando eu disse que não queria nada mais sério e foi embora. Somente duas semanas depois ficamos sabendo que ela havia tido um ataque de pânico e tal. O médico dela conversou com meus pais e ficou definido que todas as vezes que ela quisesse vir aqui deveríamos meio que... ficar ao dispor dela.

Oi? Espera... volta a fita que não entendi.

— Opa. Espera, inclusive sexualmente? — perguntei chocada.

— Não assim explicitamente. A ideia original era que eu estivesse à disposição da minha prima para fazer absolutamente tudo o que ela quisesse. Ficou subentendido que eu deveria "agradar" minha prima e fazê-la feliz.

— Isso não te faz uma espécie de...

— Prostituto?

— Eu ia dizer gigolô, mas você não recebe dinheiro por isso.

Ele respirou e pude ver o brilho em seu olhar. Ele estava puto.

— Eu nunca aceitei cumprir essa exigência, Rainbow. Mesmo que meus pais nunca verbalizassem isso. Exatamente porque não sou isso e nunca quis ser. Um objeto a ser usado ao bel-prazer da minha prima, só porque ela é uma famosa que não "pode" surtar colocando sua carreira em risco.

Eu o admirei por assumir aquilo.

— Falei para minha mãe que eu estava namorando uma garota e que não iria fazer nenhuma merda estúpida por conta de Cybella — ele disse e seu tom era esperançoso. — Da outra vez que ela esteve aqui, consegui dar um sumiço e passei alguns dias na casa de campo do Mike.

Uau. Era estranho. Ele tinha de fugir de uma mulher desejada no mundo inteiro.

— Por isso você sumiu por dois dias? — Quase bati na boca por ter deixado sair aquela pergunta.

Ele deu um sorriso de puro conhecimento e me olhou com os olhos semicerrados.

— Você sentiu minha falta, Rain?

Quase dei-lhe um murro na boca. E, se eu pudesse, daria um murro em mim também. Como pude deixar escapar aquilo?

— Âhhh... não, eu estava pensando no trabalho.

— Aquele trabalho que já está feito? — Ele riu. — Confesse, Rain. Você sentiu minha falta loucamente...

Eu tive de rir porque ele pareceu extremamente fofo naquele momento. E totalmente nada a ver, já que usou uma palavra muito sem noção para definir a intensidade dos meus sentimentos de saudade. Que pode ter sido até um pouco dolorida.

— Você poderia ter ligado — eu disse em um sussurro.

Ele pegou uma das minhas mãos e segurou de maneira suave. Seu olhar, porém, era intenso.

— Sinto muito. — Thomas beijou meus dedos. — Eu não sabia o que fazer ou como reagir e, logo em seguida, Cybella chegou.

Resolvi que era uma explicação plausível. E até mesmo porque ele não me devia satisfações. Fora apenas um beijo trocado. Não havia nenhuma espécie de acordo ou acerto sobre o que estávamos vivendo ou não. Tudo era muito recente. Meu Deus, fora apenas um beijo. Nem sequer me deixei abalar pela admissão de ele também ter sido afetado pelo acontecido.

E eu também estava em um terreno completamente desconhecido, então não sabia o que os casais que trocavam afagos quentes, como os que trocamos, faziam logo em seguida.

— Quis te ver no dia seguinte, Rain. Em cada minuto que passou. Tudo em que eu conseguia pensar era no sabor dos seus lábios nos meus.

Uau. Aquilo foi inesperado. E tão quente que senti meu rosto queimar.

Engoli em seco e afastei o copo de limonada de perto de mim enquanto pensava no que dizer, porque estava completamente sem fala naquele momento.

Nossos olhares ficaram travados em um duelo silencioso, e ele sabia que o pouco que falou havia calado fundo no meu coração. E eu, honestamente? Não fazia a mínima ideia de como lidar com aquela situação nova para mim. Meu coração retumbava no peito como um tropel de cavalos selvagens.

O que falar em uma situação desconhecida como aquela?

capítulo

9

Thomas olhou intensamente para mim.

— E então? O que você me diz?

Percebi que ele amenizou meu desconforto, voltando ao assunto anterior, o da ajuda requerida quanto ao problema com o furacão Cybella.

Mordi o lábio, pensando.

— Seria uma espécie de fingir que estamos namorando? — perguntei porque queria conhecer os termos exatos do esquema. Não queria deixar margens para dúvidas.

Tinha medo do que poderia se originar dali, mas pretendia ajudá-lo. Quem eu estava enganando? Estava completamente fascinada pela ideia de ser a namorada de Thomas Reynard. Mesmo que de mentira. Eu estava preocupada que algum alienígena houvesse se apossado do meu corpo e mudado minha personalidade. Aquela não era eu! Definitivamente.

— Bem... ah... sim...

Minha decepção foi enorme.

— Mas temos que realmente deixar claro que estamos namorando. Qualquer percepção de que estamos fingindo pode fazer com que Cybella surte — ele disse, avaliando minha reação.

— E o que impedirá que ela surte quando souber que você não está disponível, Thomas? Que está com outra pessoa? — Era uma dúvida plausível.

— Até então, minha mãe acredita que Cybella não vai querer entrar em nenhuma espécie de escândalo e vai segurar a onda. O lance do namoro é muito para que minha mãe ajude no processo e não me force a estar com Cybella. Ela respeita meus sentimentos — Thomas disse convicto.

Pensei que talvez não respeitasse tanto, já que colocara aquele peso nos ombros do filho, mesmo que implicitamente, mas tudo bem.

— Você concorda? Eu já até falei para minha mãe que estava com você.

— O quê?

— Eu precisava dar nome aos bois.

Fingi estar irritada.

— *Okay*, este é aquele momento em que me sinto uma vaca — falei com cara feia. — No sentido literal.

Ele riu.

— Rainbow.

— Certo, Thomas. Eu vou te ajudar — disse e ele suspirou. — E Deus me ajude — sussurrei para que ele não escutasse.

Thomas acertou a conta e fomos embora para casa. Minha mãe já tinha mandado uma mensagem questionando que horas eu estaria de volta.

Estávamos em um silêncio embaraçoso, mas uma pergunta que martelava minha mente aflorou e, quando menos esperava, ela saiu em disparada da minha boca.

— Você não era uma espécie de prometido da irmã do Jason Carson? — Cobri a boca em choque.

Ele olhou com espanto para mim e apenas abriu a boca.

— Onde você ouviu esse absurdo? — ele perguntou com a voz meio esganiçada.

Olhei para ele e percebi que seu tom era realmente chocado.

— Âh, Jason falou algo assim na outra noite. No dia daquela festa... quando dançamos...

Que vontade de me socar! Mais uma vez, perdi a oportunidade de ficar calada!

Ele começou a rir.

— Não estou entendendo o seu acesso de riso. — Cruzei os braços, já começando a sentir a irritação surgir.

Quando por fim ele conseguiu parar, secou as lágrimas, que ardiam em seus olhos.

— A irmã de Jason tem dez anos, Rainbow. — Thomas olhou para mim, que havia ficado petrificada no assento. — Ela diz que é minha prometida desde que a salvei de uma queda no jardim de infância quando tinha apenas quatro anos de idade.

Nem sei bem o porquê, mas soltei o ar que estava prendendo. Aquilo foi um alívio, embora o tom de alerta de Jason tivesse sido definitivamente muito real.

— Ele não tem outra irmã? — perguntei desconfiada.

— Não que eu saiba — respondeu ainda rindo.

Depois daquilo, resolvi me abster em minha vergonha e ficar calada até chegarmos em casa.

Quando chegamos, eu ia descer rapidamente do carro, evitando o momento fatídico do constrangimento entre nós dois, porém Thomas foi mais rápido e segurou meu cotovelo.

— Ei.

Virei o rosto para o dele, e o encontrei a centímetros de distância. Sua boca pairava sobre a minha. Acredito que meus olhos tenham ficado vesgos nessa investigação minuciosa daqueles lábios.

Antes que eu pudesse falar qualquer coisa, Thomas segurou minha nuca e me puxou de encontro à sua boca.

Senti aquele formigamento único descer por toda a minha coluna e acredito que gemi. Era uma sensação angustiante e fascinante.

A boca de Thomas possuía e deslizava. Ora com voracidade, ora com suavidade extrema. Quando por fim ele afastou os lábios dos meus, nossos olhos se conectaram em uma mensagem muda.

— Até mais — Thomas se despediu.

— Até.

Acenei e corri para casa. Abri a porta meio atordoada e, antes que eu pudesse subir as escadas rumo ao meu quarto, minha mãe falou da sala.

— Namorado?

O quê? Minha mãe estava espionando?

— Ah, oi, mãe.

— Vamos lá, conte-nos — meu pai falou do canto do sofá.

Puta merda! Os dois estavam na calada da noite, sentados, imóveis na sala. E ambos com um sorriso nos lábios.

— Pai, mãe. — Eu não sabia o que dizer. — Âhhh...

— Adoro quando ela fica completamente constrangida, Herb — minha mãe disse, rindo.

— Eu também. Nossa mocinha está crescendo! — meu pai complementou a zoação e eu revirei os olhos.

Tentei subir os degraus de novo, porém eles me chamaram. Não tive alternativa a não ser ir me encontrar com os dois *espiões*.

— Você está de namorado novo? — a mãe perguntou.

— Mãe, quando eu tive um namorado antes, pelo amor de Deus? — falei, meio constrangida.

Ela levantou do sofá e me abraçou.

— É verdade. Já não era sem tempo, não é mesmo, Herb? — ela disse e beijou meu rosto. — Você está já prestes a fazer dezoito anos. Eu com dezessete já...

— Mãe!!! — Cobri meus ouvidos porque não queria ficar com aquilo impresso na minha mente.

— Sua mãe ia dizer que, com dezessete, ela já me paquerava e escrevia meu nome nos cadernos, com muitos corações e flores. Fora que brincava daquele jogo onde escrevia o nome do futuro marido e quantos filhos teria.

Os dois riram e meu pai me abraçou pelo outro lado.

— O garoto é bonito? — minha mãe perguntou.

— O garoto é bacana? — meu pai emendou.

— Sim e sim. Mas estou apenas ajudando um amigo. Ele não é bem meu... namorado.

— Adoro tramas assim, cheias de mistérios e nenhuma admissão da verdade — minha mãe disse e apertou meu nariz. — Você precisa de um momento de divertimento nessa sua vida muito

regrada, Rain. Acho que esse rapaz chegou em uma ótima hora, como uma chuva de verão. — Minha mãe fez trocadilho com meu nome e me fez revirar os olhos novamente.

— Queremos que você seja feliz, bonequinha — meu pai falou e me beijou. — Vamos, amor. Vamos nos lembrar daqueles corações e flores que você desenhava e depois tentou tatuar no meu corpo sexy.

Os dois subiram a escada e eu fiquei em choque.

— Aaaargh... muita informação, pai! Muita informação! — gritei enquanto subia as escadas e ouvia as gargalhadas dos dois.

Eu teria de fazer uma força descomunal para sonhar com ovelhas pulando cerquinhas, em vez de corações e flores desenhados e o nome de Thomas no meio.

Quando cheguei no quarto, acabei me recordando que, na verdade, o plano não fora completamente traçado. Meu celular vibrou com uma mensagem:

> Ah, eu me esqueci de avisar que amanhã haverá uma festa na minha casa. Será sua prova de choque. Devemos provar à sociedade que estamos muito envolvidos e cheios de corações flutuantes sobre nossa cabeça.

Sorri como uma boba com suas palavras, deitei na cama e a imagem de corações, da qual queria tanto fugir, ressurgiu com força máxima. Fechei os olhos e os olhos verdes de Thomas e aquele sorriso enviesado tomaram forma para compor meus sonhos juvenis.

Thomas

Cheguei em casa silenciosamente, e subi nas pontas dos pés, tentando evitar que Cybella percebesse minha presença. Ela era a última pessoa na face da Terra que eu gostaria de encontrar naquele instante para estragar meu momento de epifania.

Depois de dois dias na casa de Mike, onde consegui me impedir de passar raiva com meus pais me obrigando a bajular minha prima, voltei para casa, já que teria jogo no dia seguinte e o plano ideal havia se formado em minha mente.

A desculpa perfeita para me aproximar de Rainbow havia caído de bandeja em meu colo. Bastou que Mike jogasse a ideia sem nem ao menos perceber. Quando ele ventilou que o dia em que eu tivesse verdadeiramente uma garota provavelmente Cybella ficaria puta, pensei imediatamente em Rainbow como a chave para minha liberdade. Mas, mais do que isso, pensei na desculpa ideal para conseguir me aproximar da armadura que ela havia desenvolvido em volta de seu corpo e mente.

Entrei em meu quarto, arranquei a camiseta e chutei os tênis fora, sem me importar com a direção que eles tomavam. Tirei o jeans e me enfiei embaixo das cobertas, não sem antes apanhar

o celular no bolso da calça e enviar uma mensagem para Rainbow, avisando-a da festa na minha casa no dia seguinte.

Aquele seria o momento em que teríamos que provar para todo mundo que éramos um novo casal apaixonado. De minha parte eu sabia que não seria fingimento algum e não haveria dificuldade em me entregar aos beijos com aquela garota. Restava saber quanto tempo eu teria para quebrar o gelo em volta dela e fazê-la admitir que o sentimento era recíproco.

capítulo

10

Eu estava prendendo os cabelos em um rabo de cavalo alto quando Sunny entrou no meu quarto, atropeladamente, na manhã seguinte.

— Diga que isso não é apenas fofoca! — ela gritava eufórica.

Eu não fazia ideia do que ela estava falando, mas podia supor que era algo muito empolgante.

— O quê?

Ela sentou na minha cama e agarrou uma almofada, sorrindo e com uma cara de esperteza.

— Você e Thomas Reynard estão se pegando. — Ela foi singela e sutil como um hipopótamo.

— Sunny! — ralhei. — Isso é jeito de falar!

— Ué, mas é a notícia mais top de todas. Vocês dois estão se pegando!

Joguei minha escova em sua direção e ela conseguiu desviar.

— Não estamos nos pegando. — Tentei disfarçar. — E onde você ouviu isso? — perguntei desconfiada.

— A prima de Justine trabalha no TGI e viu vocês dois.

Meu cérebro estava congestionado porque eu ainda não conseguia entender a lógica.

— Justine estava lá na lanchonete esperando a prima pra pegar uma encomenda para a mãe — Sunny falou pacientemente.

— Oh!

— Isso mesmo. Oh! Foi exatamente o que ela disse — Sunny riu — quando viu você e Thomas aconchegadinhos um no outro.

Meu rosto esquentou.

— Não estávamos aconchegadinhos, Sunny. — Tentei disfarçar.

— Claro que não. — Ela se levantou e sacudiu os cabelos. — Então temos festa hoje à noite?

Fiquei sem entender por alguns segundos.

— Ah, acho que sim.

— Maravilhoso. Vou ajeitar meu vestido e o seu.

— O quê?

— Não vou deixar que você vá esculhambada para a festa do "seu" homem.

— Sunny! — gritei indignada.

— Relaxa, Rain! Estou brincando. Mas diga a verdade. — Ela mordeu a unha do indicador. — Vocês estão ou não juntos?

Pensei em revelar a verdade a ela. Seria uma forma de tentar me proteger e não ficar delirando, achando que aquilo poderia ser algo mais do que o que estava proposto. Depois fiquei com medo de Sunny abrir a boca grande e acabar contando para alguma amiga que poderia acabar espalhando a fofoca pela escola.

— Sim. Tipo isso.

Ela me abraçou com força e deu um grito de júbilo.

— Aaaah!! Que orgulho da minha irmã! Pegando o gato mais quente da escola! — Ela girou, dançando no meu quarto. — Mooooorram, invejosas!

Dizendo isso, ela saiu pulando para o seu quarto e eu fiquei apenas ali. Estática. Sem reação diante de tamanha efusividade.

Sorri e me olhei no espelho, tentando conter a onda de ansiedade que bateu no meu peito. Eu o veria dali a pouco.

Quando estacionei o carro na escola, Sunny se despediu e saiu em disparada para o seu prédio. Eu apenas tentei respirar um pouco e puxei uma inspiração mais profunda. Fechei os olhos e encostei a cabeça no volante. Estava criando coragem para descer do carro, quando uma batida suave na janela me assustou.

Thomas estava parado do lado de fora. Seu carro estava estacionado ao lado do meu.

Abri a porta e saí do carro, tentando saber o que fazer a seguir. Thomas facilitou isso para mim quando puxou meu corpo junto ao seu e me deu um beijo suave nos lábios.

— Sei que dentro da escola existe a maldita política de pouco toque e contato, então vamos aproveitar esse breve momento, aqui no estacionamento — disse e aprofundou o beijo.

Uau. Eu ainda estava despreparada para a avalanche de emoções e sensações que ele me despertava. Era novata naquilo tudo. E nunca tinha namorado.

Quando ele, por fim, separou sua boca da minha, seus olhos buscaram os meus e um sorriso lindo marcava seu rosto.

— Como passou a noite?

Ele pegou minha mochila e agarrou minha mão, me puxando em direção ao prédio onde estudávamos. Eu estava embaraçada ao extremo porque podia jurar que ouvia os grilos cantando, tamanho o silêncio que se fez entre os alunos. Meu Deus, eu tinha medo do meu rosto estar com mais de cinquenta tons de vermelho. Daria um bom enredo de livro. Ou filme. Não seria original, mas seria bem interessante.

— Então?

Eu estava sem entender a pergunta.

— Então o quê?

— Como foi sua noite? — Ele olhava para mim com um sorriso conhecedor. — Despertei seus sonhos mais eróticos?

Eu acho que desmaiaria naquele momento. Senti que hiperventilei.

— Rain? — ele perguntou preocupado. — O que houve?

— Você não pode perguntar essas coisas assim, Thomas! — Quase tive uma síncope, antes de sussurrar para que só ele ouvisse.

Ele começou a rir loucamente. Passou o braço pelos meus ombros me puxando para mais perto de seu corpo forte e quente.

— Adoro ver como você fica envergonhada por qualquer coisa, Rainbow. Seu rosto realmente atinge os tons de um arco-íris — disse e beijou a ponta do meu nariz.

— Ha-ha. — Tentei me desvencilhar, mas seu agarre era forte. — Você é tão engraçado — debochei, ainda sem graça.

— Também acho.

Quando chegamos à porta da minha sala, ele apenas beijou minha bochecha e saiu em direção à sua aula.

Entrei na sala e as garotas olhavam completamente embasbacadas ou fascinadas.

Rebecca estava delirante em sua cadeira, acenando como uma louca para que eu me sentasse imediatamente.

— O que foi aquilo? — ela quase gritou. — Eu sabia! Eu sabia que havia algo ali! Thomas sempre ficava estranho perto de você!

Olhei ressabiada para ela.

— Como assim?

— Como um cara que não conseguia tirar os olhos de algo muito lindo e tal — ela disse, e chegou perto como se estivesse contando um segredo. — Na verdade, ele olha para você como um lobo faminto diante de um banquete supersuculento.

— Becca! — Bati em seu braço e ri sem graça diante da comparação absurda.

Virando-se totalmente para mim, sem qualquer discrição, Becca juntou as mãos, fazendo uma mímica como se estivessem se beijando.

Fiquei embaraçada ao extremo enquanto a garota simplesmente rolava de rir.

— Cara! Isso é simplesmente fe-no-me-nal! — ela disse, vibrando. — Melhor notícia de todos os tempos!

— Becca, será que podemos deixar esse assunto para lá? — perguntei totalmente constrangida.

— Claro que não. — Ela se abanou com o caderno. — Ainda mais pela festança que vai rolar esta noite e toda a excitação que isto está causando nos estudantes. Com mais essa notícia, teremos repercussão para uma década! Vocês estarão fazendo história!

Eu estava concentrada em simplesmente não ficar vermelha quando um soco na minha mesa fez com que eu acabasse derrubando todos os cadernos que segurava. Canetas e lápis voaram.

— Que porra é essa, Jason? — Becca gritou, se levantando nervosa.

Olhei para um par de olhos amedrontadores, tal a intensidade de ódio que emanavam. Ódio associado a uma espécie mórbida de desprezo.

— Você está namorando aquele merda? — ele cuspiu.

Eu ainda estava em choque diante de tal brutalidade.

— O.... O quê? — Eu não conseguia sair do meu torpor.

— Eu perguntei se você e o Thomas estão fodendo!

Com a expressão chula, eu me ergui da cadeira e quase voei no pescoço do imbecil.

— Que falta de respeito é essa, Jason? — Becca perguntou irritada.

Eu apenas me concentrava em encarar o idiota.

— Estou fazendo uma pergunta muito simples.

— E você não tem que saber da resposta porque não é da sua conta, idiota! — ela falou.

Suspirei profundamente.

— Que merda é essa que acontece com vocês que acham que têm o direito de se meterem na vida das pessoas? — perguntei, buscando uma calma que eu não sentia.

— Eu só quero saber se é verdade! — ele falou.

— Porque isso estragaria as fofocas que você anda contando sobre o fato de termos ficado juntos, Jason? — perguntei corajosamente e ele apenas pareceu embaraçado. — Sim, eu sei das coisas que você andou espalhando. — Olhei com cara de nojo para ele. — Qual é o seu problema, cara? Ficar inventando essas merdas?

Ele ergueu o corpo e me encarou.

— Estou cansado do Thomas interferir em todos os meus assuntos.

Eu estava com cara de descrente. Porque realmente não conseguia acreditar que ele pensasse aquilo mesmo. Era muito surreal para ser verdade.

— Cara, eu nunca fui um assunto seu — falei com a minha melhor cara de desprezo. — Você realmente se *acha* mesmo para ter assumido isso, não é? Não seria muita presunção, não?

A professora entrou na sala naquele instante e o silêncio se fez evidente. Jason recolheu sua insignificância e voltou para o lugar.

Eu apenas me concentrei em recolher meus objetos do chão e tentar não chorar de puro ódio. Era isso. Quando eu sentia um ódio latente ardendo em mim, a vontade de chorar era intensa. Muitas pessoas choram por tristeza, alegria, dor. Eu chorava por raiva. Sempre. Todas as malditas vezes. Pisquei os olhos com força para conter as lágrimas pirracentas que queriam dar um show naquele instante.

— Não esquente com esse merdinha, Rain — Becca disse, me passando um caderno que tinha caído. — Caralho, deixa só o Thomas ficar sabendo...

— Saber do quê? — perguntei espantada.

— Dessa birra ridícula do Jason.

— Não, Becca. Ele não precisa saber disso.

Rebecca olhou para mim com toda a compaixão do mundo, toda a compaixão que poderia expressar naqueles olhos pintados.

— Querida, se acha que isso ainda não chegou aos ouvidos de Thomas, então você é uma completa tapada — ela disse e bateu a mão suavemente na minha bochecha. — No bom sentido. Uma tapada muito querida.

Eu tentei não rir, mas foi impossível. Becca tinha esse efeito nas pessoas.

Quando o intervalo chegou, antes que eu pudesse dar um passo para fora da sala, Thomas já estava à espera, completamente revoltado.

Ele segurou meu braço delicadamente e me puxou para um canto.

— Me diga que aquele merda não fez o que estão falando — perguntou, tentando controlar o tom de voz irritado.

Engoli em seco. Como eu poderia mentir? Seria a minha palavra mentirosa contra todos os alunos que presenciaram a troca de farpas.

Resolvi adotar o estilo argumentador.

— O que você ouviu?

Ele ergueu uma sobrancelha e cruzou os braços, me encarando acintosamente.

— Rain.

— *Okay*, estou perguntando porque muitas informações podem ter sido passadas sem que necessariamente expressem a verdade total e completa. — Tentei amansar.

— Rain.

— Certo — suspirei audivelmente. — Jason chegou na sala perguntando se eu e você estávamos namorando.

— Não foi só isso.

— Bom, depois ele usou uma abordagem um pouco mais chula e ofensiva, mas demos conta do recado, eu e Becca, a título de informação.

Thomas continuou me olhando com uma expressão indecifrável.

Sem nem ao menos eu estar preparada, ele me puxou para o calor de seus braços e senti sua respiração quente no meu pescoço.

— Rain, eu sinto muito — ele disse com um suspiro audível e transtornado.

— Pelo quê, Thomas? — Repentinamente, meu lado inseguro ficou meio aflorado. Será que ele sentia muito ter pedido minha ajuda?

— Pelo comportamento do idiota — disse e esquadrinhou meu rosto com as mãos quentes e ásperas. — Eu vou fazê-lo te pedir desculpas.

— O quê? Não! Não, Thomas... Por favor, esqueça esse assunto — pedi desesperada, não queria uma briga em que eu estivesse envolvida ou na qual fosse uma peça chave no

desenvolvimento do conflito. Meu Deus! Era pedir muito, passar incógnita e sem ser notada? No meio de tantos alunos?

Outra coisa... eu não queria ser a donzela que precisava ser resgatada pelo cavaleiro andante. Embora fosse muito encantador, eu não queria ser esse tipo de garota.

Ele abaixou a boca na direção da minha e depositou um beijo suave.

— Vamos almoçar?

Claro. Por que não? Eu já era o assunto do momento na escola. O que era uma entrada singela, no meio do refeitório lotado, com Thomas Reynard simplesmente impondo sua marca sobre os meus ombros?

Thomas

Alegar que eu estava puto era algo um pouco simples ou efêmero. Eu estava extremamente revoltado com a atitude infantil de Jason.

O fato de nossos pais se conhecerem desde quando éramos crianças pesou na decisão de eu não encher aquela cara presunçosa de porrada e quebrar alguns dentes. Ou talvez estilizar um pouco aquele nariz perfeitinho demais.

Jason sempre disputou comigo qualquer coisa, desde que me conheço por gente. No jardim de infância, ele disputava a atenção das professoras, e se percebesse que alguma gostava mais de mim ou demonstrava um pouco mais de afeto, Jason era capaz de birras épicas que ficaram conhecidas em toda a escola.

À medida que crescíamos, nossas disputas iam mudando de figura. Ou eram jogos de videogame, ou jogos de futebol, ou pequenos campeonatos. Notas em algumas matérias, comportamento e até mesmo a atenção de garotas. E eu falo disputávamos, mas na verdade, a atitude vinha sempre do lado de Jason e sua insegurança. Eu sempre o ignorava e, na maioria das vezes, apenas ria das infantilidades dele.

Porém, agora eu estava começando a achar que as coisas estavam mudando de figura. Quando Jason "roubou" Melissa Thompson, no baile de primavera, assim que entramos no Ensino Médio, como uma forma de afronta, eu senti uma pontada de decepção, mas esqueci o assunto e deixei pra lá. Na verdade, voltei minha indignação para as garotas, acreditando que não podiam ser confiáveis.

Ou seja, eu nem sequer sofri as dores de um coração partido e essas merdas todas. O sentimento era novo agora, embora nem pudesse ser comparado com situações iguais. Mas eu podia ver aonde Jason queria chegar. Sua meta era clara. Chegar em Rainbow e roubá-la de mim.

E agora, sim, eu estava puto com a mais remota possibilidade. Mas meu estado de irritação era mais evidente ainda porque Rainbow Walker não era qualquer garota. Ela não poderia ser considerada uma garota que simplesmente havia atraído minha atenção. Ou apenas uma paquera. Eu não sabia explicar, mas estava completamente caído por ela. E saber que Jason a havia

ofendido e humilhado mais cedo, por conta da decisão dela de estar comigo, mesmo que ninguém soubesse que era um acordo entre nós dois, estava me comendo vivo.

Eu não poderia dar uma surra em Jason naquele momento, porque teria jogo logo mais. Eu o observava do vestiário, sabendo que ele também enviava olhares rancorosos na minha direção. Mike já havia me apontado que o idiota estava falando alguma besteira para uns colegas.

Quando o treinador chamou todos no centro do vestiário, para dar as instruções para o início do jogo, eu, como capitão, pude ter a palavra e falar para o time:

— Podemos jogar com garra, determinação ou podemos simplesmente ser um bando de maricas e ficar fofocando no vestiário. Vocês decidem agora o que querem. — Ao dizer aquilo, olhei diretamente para Jason e os dois patetas que o acompanhavam sempre em suas idiotices. — Vou deixar claro que cada um é responsável pelas decisões que tomarem.

Deixei o enigma acender a chama do reconhecimento da minha ameaça na cabeça dos idiotas, embora eu achasse que eles eram tão burros que somente uma pancada de uma cabeça contra a outra poderia fazê-las funcionar no tranco e trazer o entendimento e a razão.

Dado o grito de guerra, saímos do vestiário e, antes de sairmos para o campo, meu ombro resvalou de forma tão brusca contra o de Jason que acabei jogando o corpo dele contra a mureta de proteção. Assim... meio que sem querer.

— Cuidado com as merdas que anda falando, Jason. — Foi a única sentença que proferi antes de correr para o campo.

Eu não podia descer a porrada nele aleatoriamente, mas e no campo de futebol? Uma bola ou um ombro sempre poderiam esbarrar de maneira súbita e espontânea, causando alguma injúria que deixasse claro que ninguém mexia com o que era de Thomas Reynard.

capítulo

11

Com o término das aulas naquele dia exaustivo, eu meio que me preparava para o tormento que seria a festa logo mais à noite, na casa de Thomas. Praticamente toda a escola estaria lá, com exceção dos alunos calouros das séries anteriores, então todos já deviam estar inteirados da fofoca do momento.

Thomas Reynard estava "traçando" a novata Rainbow Walker. Os termos verbais variavam de acordo com os grupinhos que proliferavam o assunto.

Entrei no meu carro procurando me esconder o mais rápido possível. Sunny veio correndo e abriu a porta do carona, se jogando sem nenhuma classe no banco.

— Uau! Minha irmã é um ícone máster nesta escola careta! — ela disse exultante.

Bati a testa no volante.

— Rain?

— O quê? — perguntei, sem erguer o rosto.

— Isso é ótimo, irmã. Maravilhoso!

Olhei com raiva para ela.

— Como pode ser maravilhoso, Sunny? Pelo amor de Deus, você só pensa nesse lance de popularidade. É um saco, odeio isso. — Me encolhi no banco. — Eu só queria passar incólume e despercebida. Merda! É pedir muito?

— Aparentemente, quando você está sob o radar de Thomas Reynard, é pedir muito. — Ela passou a mão pelas minhas costas. — Rain... deixe as coisas rolarem.

— Rolar, Sunny? — Eu estava abismada pela forma como ela banalizava tudo. — Eu sou o centro da fofoca e você quer que simplesmente curta a onda?

Ela olhou com raiva para mim.

— Exatamente! Você vê tudo pelo lado negativo, tudo esmiuçado na seriedade que é a tua característica, Rain. Mas a vida está aí para ser vivida sem tantas preocupações enquanto estamos

no segundo grau, caramba. Depois que crescermos, não poderemos mais nos distrair com bobeiras como essa!

Eu nunca tinha visto minha irmã tão enfática. Resolvi ligar o carro e ir para casa. Fechei a boca e simplesmente deixei que meus pensamentos turbulentos sobrecarregassem minha mente.

Era isso. Eu realmente era muito séria. Enxergava o mundo sob uma ótica muito angular. Nunca permiti cores e a beleza dos caleidoscópios, que poderiam colorir meus pensamentos.

Talvez por conta da criação à qual fomos acostumados. Mas isso não explicava, exatamente, porque meus irmãos foram criados da mesma maneira e cada um era de um jeito. O que tornava tudo muito mais complicado ainda na minha cabeça. Por que somente eu fui sair tão certinha e complicada? Com pensamentos tão retrógrados que destoavam completamente da família inteira?

Tinha vezes em que me sentia um alienígena. Sentia-me um peixe fora d'água. Um ser anômalo em meio a espécimes tão distintos e belos. Sunshine era uma força da natureza. Sua exuberância sobrepujava todos ao nosso redor. Storm fazia jus ao nome que carregava. Sua energia era como uma tempestade de emoções. Ele transparecia como uma placa de vidro.

Nossos pais nos criaram para sermos espíritos livres. Eu já disse isso? Para amarmos o mundo e a natureza, as fontes da vida e toda a energia impactante que delas procede. Para olharmos o universo e nos conectarmos com o cosmos. E quando você olha para si mesma no espelho e pensa: quem é você, afinal? Qual é a razão de estar aqui? Ou uma pergunta mais áspera e ácida: o que você faz aqui, no meio de pessoas tão distintas?

Infelizmente minha mente se debatia com aqueles sentimentos. Por quê? Era tão fácil para algumas pessoas... Por que para outras era tão complicado? Na verdade, eu nem pensava em complicação. Estava até satisfeita em viver minha vida miserável de resignação. Não tinha interesses despertados ou desejos de mudar absolutamente nada. Apenas ia levando a vida, deixando-a passar por mim.

Ouvia todos os dias da minha mãe que eu deveria ser um pouco mais expansiva e fazer mais amizades, ou acabaria solitária. Na verdade, a solidão é um estado de espírito, certo? Uma pessoa poderia estar rodeada de pessoas, em uma sala abarrotada de colegas, e ainda assim se sentir completamente só.

Aquele era um sentimento muito comum e corriqueiro na minha vida. Mas, desde que Thomas Reynard chegou com aqueles olhos verdes perscrutadores, me desafiando a sair da concha na qual me enfiei, passei a questionar minha decisão de ter me enclausurado dentro de mim mesma.

Seria eu um caso estranho necessitando de terapia? Eu acreditava que todas as pessoas precisavam de terapia para aprender a lidar com as turbulências da vida. Mas não imaginava que, aos dezessete, eu já teria essa crise despertada. Pensava em algo como uma crise de meia-idade.

Agora eu sentia um desejo intenso de me compreender, para poder abrir o coração e a mente e aprender a socializar, deixando qualquer conflito interno, que me tornava aquela adolescente reclusa, para trás.

Resolvi que aquela poderia ser a oportunidade em que eu daria o pontapé inicial no projeto "Mudança Interior". Iria me empenhar para virar o jogo da fofoca infame que estava rolando com meu nome. E começaria naquela noite.

***

Muito mais tarde, Sunny olhava para sua obra-prima, no caso, eu.

— Você está espetacular.

— Não estou com cara de vadia, não, né, Sunny? — Fiz questão de confirmar antes de me virar para o espelho.

Sunny ainda ajeitou alguma coisa no meu cabelo e me virou de frente para o grande espelho oval do quarto da mamãe.

Oh. Uau. Aquela era realmente eu? Tão diferente da habitual Rainbow.

Sunny havia me obrigado a colocar um vestido vinho, e meus cabelos estavam ligeiramente ondulados, criando um efeito super *boho chic*. Meus lábios estavam com um pouco mais de cor, com algo que ela classificou como um batom mate, resistente até mesmo a beijos, de acordo com suas palavras. Minhas orelhas ostentavam argolas prateadas, singelas, porém que fizeram um diferencial no geral. Nos pés, eu calçava um par de botas Dr. Martens pretas. Claro que eram dela. E deram um visual totalmente radical para a minha humilde pessoa.

Olhei de perto e vi que meus olhos estavam com um delineador suave e um esfumado que deixava meu olhar bem misterioso. Até mesmo a cor dos meus olhos ganhou uma intensidade diferente no castanho-esverdeado.

— Uau, Sunny! — Aproximei-me do espelho e olhei mais de perto. Realmente meu olhar poderia ser classificado como sexy. — Não está exagerado, não é?

Sunny veio para o meu lado. Seu visual era algo a ser detalhado. Calças apertadas e um top que revelava a barriga sarada. O cabelo jogado sobre um ombro.

— Estamos lindas e forasteiras, mana — ela disse e comecei a rir.

— *Okay*. Vamos fazer isso — falei mais para mim do que para ela. Afinal, Sunny não sabia da prova de fogo que eu enfrentaria naquele dia ao conhecer a infame Cybella.

Olhei mais uma vez para o espelho e, esperando Sunny sair do quarto, apenas permiti que a sensação boa de me sentir bem comigo mesma sobreviesse. Deixei qualquer sentimento de insegurança por baixo do tapete. Naquela noite, eu havia colocado um propósito em curso.

De costas, ainda fiz questão de conferir se meu traseiro não estava descomunal ou se minhas pernas pareceriam estranhas. Sacudi os ombros em resignação, porque era tarde para mudar de ideia em todas as resoluções que eu havia tomado.

Fomos no meu carro. Recusei terminantemente a carona de Thomas. Eu fazia questão de chegar e sair de lá na hora que quisesse.

Estacionei na calçada da rua movimentada de Thomas. Era um bairro bacana. Cerca de dez minutos de distância da minha casa, como eu imaginava, já que Thomas chegava lá muito rápido.

Quando eu estava andando pelo caminho principal em direção à porta da frente de sua casa, senti os joelhos tremerem. De repente, o pânico assolou meu coração de maneira violenta. Senti náuseas e quase desisti. Sunny deve ter percebido meu intento de fazer uma fuga alucinada, já que segurou meu braço.

Antes de bater a aldrava da grande porta branca, e meu cérebro ainda teve tempo para analisar o fato de que a casa de Thomas tinha uma aldrava antiga e antiquada, ao invés de um botão de campainha muito mais moderno, esta mesma abriu-se bruscamente. Thomas olhava para mim com cara de estupefação.

— Rain?

Para evitar a sensação de mal-estar que tomou conta de mim, resolvi apelar para meu senso de humor ridiculamente sarcástico.

— Você está perguntando se está chovendo ou confirmando minha identidade? — indaguei.

Sunny deu uma risadinha matreira e passou por Thomas. Não sem antes cumprimentá-lo rapidamente e virar-se às suas costas acenando a palavra "gostoooooso". Revirei os olhos diante do ato, esquecendo que Thomas estava na minha frente.

— Rain.

— Oi.

— Porra... uau... você está... está...

— Diferente? — perguntei sem graça.

— Eu ia dizer linda.

— Oh! — Meu rosto resolveu participar da decoração vermelha que eu podia avistar dentro da casa.

— Vem aqui. — Thomas me puxou para o calor de seus braços.

Simplesmente me deixei ir e aspirei seu perfume delicioso.

Ele abaixou a boca e beijou meus lábios, quase com reverência.

— Não vou deixar você sair da minha vista hoje — ele disse de forma possessiva.

— *Okay*. — Eu tinha de confessar que também não queria que ele saísse do meu lado, já que estava apavorada. Tipo, muito apavorada. Minha confiança tinha se evaporado.

Entramos na casa, enquanto ele me puxava pela mão. Eu podia observar o rosto dos outros convidados, apenas cochichando e olhando abismados para a demonstração pública de afeto entre nós dois.

Thomas me levou diretamente à imensa área de trás da casa, onde um belo jardim decorado mostrava que a festa realmente estava agitada. Chegamos a um barril e Thomas questionou se eu queria beber alguma coisa.

— Uma soda. — Foi o máximo que respondi enquanto tentava engolir meu pavor.

Quando colocou o copo na minha mão, Thomas imediatamente passou o outro braço por cima dos meus ombros, mostrando ali todo um lance de posse. Eu odiava meninos desse tipo. Mas confesso que, com Thomas, estava me sentindo muito mais protegida do que outra coisa.

Quando percebi que ele havia retesado o corpo, procurei a fonte de seu desconforto, olhando para o mesmo lugar que ele estava encarando.

Oh. Uau. Puta que pariu. Pense em uma merda de prima tipo fantasticamente bonita. Era a tal Cybella, a prima louca. Seus cabelos eram cacheados, num tom avermelhado que fazia parecer que pequenas chamas iridescentes saíam dali. Claro que tudo poderia ser efeito de uma boa caixa de *Koleston*, mas quem se liga nesse fato?

Ela ergueu o olhar e o direcionou exatamente para onde a mão de Thomas estava. Ou seja, sobre a minha pessoa.

Senti meu corpo ficar rígido e Thomas sussurrou em meu ouvido:

— Não se preocupe, amor. Ela não morde. Apenas ladra como uma cadela. — Mesmo com aquela afirmativa, meu estômago deu cambalhotas esquisitas.

Senti as fagulhas em meu ventre quando captei do que ele havia me chamado.

— Thomas... — a dita cadela chamou.

— Cy... oi... te falei sobre minha garota, certo? — Ele tentava parecer descontraído, mas eu sabia que estava sendo custoso.

— Ouvi algo. Tia Alyce me disse, mas não achei que fosse verdade. — Ela me olhou como se olhasse para um inseto insignificante. — E nem sequer pensei que fosse uma... uma...

— Cybella... — O tom de Thomas foi de advertência.

— Coisinha tão miudinha como esta — ela completou e virou as costas.

Soltei o ar que nem sabia que estava retendo, embora eu tivesse que concordar que fosse uma coisa miudinha, ao menos em comparação com sua altura de girafa. Não era à toa que a criatura era modelo de passarela, claro.

— Esqueça o que ela disse, Rain. — Ele olhou para mim preocupado. — Você é a garota mais linda desta festa. A garota mais linda em que já pus os olhos.

Sacudi a cabeça em concordância. Mas sem nem ao menos me concentrar em seus elogios. Eu sabia que era uma garota insignificante perto de tantas outras exuberantes que estavam por ali. Sempre fiz muita questão de passar despercebida em qualquer lugar em que pusesse os pés, então eu estava bem com aquilo. Se ele queria me fazer sentir bem, então eu fingiria aceitar, mesmo que minha mente rejeitasse completamente toda aquela veemência.

Quando dei por mim, Thomas estava me puxando para a pista de dança. Segui como um autômato.

Quando seus braços fortes me enlaçaram, consegui finalmente relaxar.

— Você está linda, Rain — Thomas repetiu mais uma vez, dando um beijo suave no topo da minha cabeça.

Eu agora estava com meu rosto recostado em seu peito, na tentativa de acalmar meu coração e de não demonstrar o tanto que ele me afetava. Ou o tanto que toda aquela situação nova em que eu me encontrava afetava meus nervos.

Eu nunca havia namorado antes. Nunca havia colocado meu ouvido diretamente sobre o coração de um cara, ouvindo atentamente os batimentos cardíacos, ou sentido o calor de um corpo tão quente próximo ao meu. Não daquela maneira intensa.

Nunca tinha dançado tão intimamente conectada a alguém.

Sorri brandamente.

— Obrigada.

— É sério. — Ele se afastou e me olhou profundamente. — Você já é linda do seu jeito simples, mas hoje... porra... você está...

— Diferente — repeti nossa brincadeira de mais cedo.

— Deslumbrante. Eu ia dizer deslumbrante — ele disse e me deu um beijo casto nos lábios.

Escutamos murmúrios e percebemos que todo mundo da festa tinha parado para acompanhar nossa interação na pista de dança.

Escondi o rosto no peito de Thomas, envergonhada por completo. Seu peito retumbou com o som de sua risada.

— Venha, vamos nos misturar.

Thomas me apresentou para mais pessoas do que eu imaginava ser possível em uma noite só, inclusive para vários membros da sua equipe de futebol americano.

Em um determinado momento da noite, Jason acabou dando as caras e parou bem na nossa frente.

— O casal vinte do pedaço. — Pelo tom de voz, parecia que ele estava um pouco bêbado.

— Jason, cai fora antes que eu te encha de porrada — Thomas disse irritado. — Nem sei por que permiti que você entrasse na festa.

Jason colocou a mão dramaticamente sobre o peito e fez um beicinho.

— Poxa, achei que era porque fôssemos amigos, Tommy? — ele disse com ódio não disfarçado.

Thomas ergueu o corpo e ficou diante de Jason, que temeu um pouco por sua vida e afastou-se.

— Nunca fomos ou seremos amigos, seu idiota. — O tom de ameaça na voz de Thomas não passou despercebido. — Eu escolho a dedo as pessoas as quais chamo de amigos.

— E escolhe a dedo também as garotas que você fode? — ele cuspiu.

Thomas agarrou o colarinho de Jason e o ergueu, prensando o cara na parede.

A festa parou, a música silenciou e eu apenas coloquei a mão sobre a boca. Estava chocada com o que Jason falara e com a confusão.

— Retire as porras que você disse, ou vou fazer com que seja expulso do time, seu merda do caralho! — Thomas gritou.

Jason pelo menos pareceu assustado.

Mike chegou e o segurou para evitar uma briga, então Thomas largou o idiota no chão, não sem antes o encarar com puro ódio no olhar e dizer:

— Saia daqui. E nem pense em se aproximar da Rainbow de novo, ou vou te mandar para o hospital, seu babaca!

Jason levantou tropegamente e ainda, sem medo de morrer naquela noite, continuou falando:

— Você sempre tem que pegar tudo o que deveria ser meu! Eu deveria ser o *quarterback*! Não você! Você nem sequer parece com um... Temos que ter um porte adequado.

Okay, o cara estava chapado.

— E sobre a garota novata, eu cheguei nela primeiro!

— Cala a boca, seu imbecil! Ela não é um pedaço de carne ou um brinquedo para ser disputado! — Thomas estava puto.

Eu apenas acompanhava a interação. Sunny estava do outro lado da sala e olhava a cena, chocada. Storm estava com alguns amigos e apenas acompanhava. Mas eu podia ver que estava puto. Esse era o medo do meu irmão em nos ver envolvidas nas festas do time de futebol americano da escola. Normalmente terminavam em brigas por conta de garotas. E, infelizmente, eu estava estrelando a confusão no centro do palco.

Meu rosto estava queimando de embaraço.

— Mas é uma carne bem gostosa que você está passando a ma...

Antes que ele terminasse de proferir a sentença, Thomas arremessou um murro na boca de Jason, que caiu como um tronco para trás.

O silêncio foi total. Mike falou para que os amigos de Jason o pegassem e o levassem embora. Thomas apenas passou as mãos pelos cabelos nervosamente, antes de se virar para mim.

— Rain, me desculpa — ele disse e me puxou entre seus braços.

Enquanto me refugiava ali, meus olhos captaram os cabelos vermelhos de Cybella ao longe. Ela nos encarava com ódio no olhar. Ótimo. Eu tinha feito mais uma inimiga. Eu realmente poderia dizer que minha popularidade para ganhar inimigos estava em ótimo patamar. "Como se tornar o centro de ódio em pouco tempo", nota A+ para Rainbow Walker.

Quase duas horas depois, eu realmente estava precisando de uma pausa. A tensão era grande e eu podia sentir que meus músculos do pescoço estavam rígidos, tamanha minha necessidade em não buscar a infame Cybella onde estivéssemos. Ela parecia uma assombração estranhamente bela. Para onde eu olhava, lá estavam aqueles olhos azuis me enviando ondas e ondas de puro terror.

— Thomas — eu o chamei tirando sua atenção de um bate-papo animado com os amigos.

Ele virou imediatamente e beijou meus dedos, que estavam entrelaçados aos dele.

— *Yeap*?

— Posso ir? — perguntei baixinho para que ninguém nos ouvisse.

Seus olhos ficaram pasmos diante do meu pedido.

— Por quê?

Suspirei.

— Estou cansada. Só isso.

— Eu te levo, então — ele disse.

— Não! Eu vim de carro, lembra? — falei rapidamente.

Ele me puxou para fora da sala. Acabamos indo parar no quarto dele no segundo andar.

— Âhh... acho que a saída não é por aqui. — Tentei brincar para evitar meu constrangimento óbvio.

Sem dizer nada, Thomas me puxou para o quarto e trancou a porta.

— Thomas?

— Vem aqui, Rain. — Sentou-se na cama e me chamou.

Quando me aproximei para me sentar ao seu lado, ele rapidamente me colocou em seu colo. Senti que meu rosto pegava fogo. Thomas começou a rir suavemente.

— Calma, não vou fazer nada que não queira, Rain.

Ótimo saber disso. Difícil era saber o que eu queria ou não.

Ele ergueu meu cabelo e o segurou em um punho. Seus lábios depositavam beijos suaves pelos meus ombros, pescoço, bochecha, testa, até que chegaram à minha boca.

Quando a calidez daqueles lábios moveu-se contra os meus, senti que meu corpo ficou lânguido e entregue em seus braços.

Rapidamente, Thomas nos girou e me deitou, com seu corpo forte sobre o meu. Um alerta máximo de intimidade iminente acionou em meu cérebro. Provavelmente meus olhos expressaram esse temor, porque Thomas parou o que estava fazendo e disse:

— Não vou fazer nada, Rain. Relaxa.

— Fácil para você dizer isso. — Tentei brincar.

— Só estou passando um tempo com minha garota — ele disse. Ah, tá. Como se fosse simples assim.

— Mas se estamos aqui no quarto, não há ninguém para provar que estamos juntos, ou melhor, fingir — eu disse.

— Exatamente. — Thomas beijou meu pescoço. — Estamos aqui porque eu quero e você também.

— Quero? — Eu sabia que estava brincando. Realmente queria. Estava sendo libertador soltar as amarras da Rainbow superséria.

— Quer. — Ele bateu o dedo suavemente contra minha têmpora. — Aqui você pensa que não. — Sua mão pousou suavemente sobre meu coração. Que acelerou a pleno galope naquele momento. — Mas aqui diz que você quer.

Ignore o fato de que a mão dele continuou pousada naquela área, muito próxima do meu seio esquerdo.

— Você é muito seguro de si, Sr. Reynard — falei com um sorriso.

— O que posso fazer, baby? Eu nasci assim.

Começamos a rir. Thomas repentinamente ficou sério e seus olhos verdes apenas me fulminavam com paixão.

— Você sabe o que faz comigo, certo?

Tentei ignorar o que ele queria dizer.

— Você... você... — Eu estava sem graça.

Ele começou a rir.

— Não estou falando anatomicamente, Pequena Mente Suja — ele disse, rindo. — Estou falando aqui.

Com isso, ele pegou minha mão e colocou sobre o seu coração.

Engoli em seco. Eu não estava preparada para Thomas admitir qualquer espécie de sentimentos por mim, até mesmo porque eu era uma garota extremamente cética em relação a paixões à primeira vista.

— A regra de bom convívio entre namorados é clara quando diz: "O lado oposto que recebe uma declaração espontânea, deve se pronunciar adequadamente em favor do declarante" — ele disse em tom sério.

Comecei a rir. Thomas Reynard era o típico garoto que conseguia extrair das pessoas ao seu redor esse tipo de reação.

— Quem inventou este manual? — perguntei, zombando.

— Eu, obviamente. — Sua resposta veio acompanhada de um sorriso lindo nos lábios. — E ainda sou cheio de regras favoráveis à minha pessoa.

— Claro. Como não... — falei e afastei uma mecha de cabelo de sua testa. — Você é o *quarterback* do time da escola, o garoto popular mais controverso que já vi, um nerd disfarçado de punk, um garoto com habilidades excepcionais em conseguir que todos façam as coisas que você quer — listei calmamente.

Percebi que seu semblante ficou um pouco mais fechado.

— Eu não me disfarço ou finjo algo que não sou, Rain — ele se defendeu, e sua voz transparecia mágoa. — Simplesmente sou assim.

— Estamos fingindo algo aqui, Thomas — falei baixinho.

Thomas passou os polegares suavemente pelo meu rosto.

— Eu posso não querer estar fingindo mais. E você?

Perdi minha habilidade em falar.

— Eu poderia estar querendo a coisa verdadeira. O namoro real, sabe? — ele disse e continuava distribuindo carinhos suaves pelo meu rosto, pescoço. — Eu quero que você me queira. Da mesma forma que quero você.

— Eu... eu... eu... — Cacete. Alguém roubou minha habilidade de fala. Meu lado direito do cérebro estava totalmente prejudicado.

— Você não sente a mesma emoção? — ele questionou. Seus olhos pareciam pegar fogo. — Desde o primeiro instante que te vi. Tão fechada em si mesma. Tão quieta e revoltada com todos ao seu redor.

À medida que Thomas ia falando, seus dedos traçavam os contornos do meu rosto. Aquilo amenizava um pouco a irritação de receber a verdade tão crua e seca.

— Eu não sou revoltada. — *Okay*. Consegui que meu cérebro funcionasse no tranco. Não sei por quê, mas eu sentia uma mágoa profunda que Thomas me enxergasse daquela maneira. Mesmo que às vezes tivesse de admitir que eu realmente era revoltada com o mundo.

Ficava muito aborrecida que uma pessoa como Thomas percebesse isso claramente. Ou ele era um cara tão perceptivo que sacou somente no olhar? Fui muito dura em meu julgamento inicial de - Thomas. Classifiquei-o em uma estirpe de pessoas com as quais sempre jurei nunca querer me relacionar, mas ali estava eu, sendo abalroada por ele, me dizendo uma verdade que era difícil de encarar.

Sim. Eu era revoltada. Comigo mesma, com todos, com o mundo ao meu redor. Com minha dificuldade de me enxergar no mundo em que eu estava inserida, na família na qual nasci. Revoltada com o sistema que exigia que as pessoas só poderiam ser felizes se, e tão somente se, socializassem adequadamente umas com as outras. Revoltada com minha própria revolta agora, por estar sendo apontada por um garoto que eu, ridiculamente, estava tentando impressionar, quando na verdade nunca pensei que desejaria fazer aquilo. Eu precisava urgente ir para o meu quarto na companhia de uma caixa de chocolates e um CD de Demi Lovato, novamente ela e suas músicas de revolta emocional. Eu tinha medo de acabar tendo uma overdose de Demi.

Um silêncio tranquilo preencheu o quarto. Eu ouvia apenas a nossa respiração. Se me concentrasse um pouco mais, talvez até pudesse ouvir o som de nossos batimentos cardíacos.

Deixei que o que ele havia falado assentasse em mim. Nossos olhares apenas se mantinham conectados.

— O que você viu em mim, Thomas? — perguntei com suspeita. Eu nunca antes havia sido objeto de desejo de um garoto, quanto mais um ultrassupermega popular como Thomas Reynard. Será que eu representava uma espécie de desafio?

— Eu vejo uma garota linda e desejável... e muito cheirosa... — Thomas enfiou o rosto no vão do meu pescoço. Parecia que ele queria falar algo mais, mas se segurou. — Por acaso já disse o tanto que você cheira bem?

Ri um pouco sem graça com sua declaração. Thomas era um garoto. Era óbvio que ele era ligado no quesito de pele e toque. Até mesmo eu, em minha inocência e ingenuidade, sabia disso através dos meus romances literários.

— Eu recebi um presente do destino quando Cybella resolveu aparecer.

O nome da cadela fez com que meu cenho ficasse franzido em desagrado.

— Foi a oportunidade que caiu do céu para que eu pudesse encontrar uma desculpa para estar mais perto de você — ele admitiu. — Você tem que admitir que meu plano foi fantástico.

— E se eu não tivesse aceitado te ajudar neste plano infalível? — perguntei desconfiada. Meu medo era que ele respondesse que provavelmente procuraria outra garota.

— Eu teria insistido, batido o pé, chantageado, ameaçado, qualquer coisa que a fizesse aceitar meu plano.

— Por que não simplesmente chegar e pedir que eu fosse sua namorada? Por que precisou de uma desculpa? — questionei.

Thomas começou a rir.

— Rain, se eu tivesse feito esta abordagem direta, você teria arremessado o livro mais grosso que encontrasse diretamente na minha cabeça — Thomas respondeu e beijou a ponta do meu nariz. — Não sei explicar. Apenas tive a ideia brilhante e aproveitei o momento. E fico feliz que você tenha concordado, porque isso nos trouxe exatamente ao local onde estamos agora.

Seu tom de voz era extremamente sedutor.

— E... e... se eu disser que nunca fiz isso antes? — perguntei temerosa. Eu esperava que sua percepção fosse genial em entender sobre o que eu estava falando.

Precisava admitir que nunca havia namorado. Embora tivesse quase certeza de que, naquela altura do campeonato, Thomas já deveria ter sacado aquilo, com toda aquela sagacidade ninja dele. Nunca havia sequer cogitado a hipótese de estar debaixo de um garoto como naquele momento e, terminantemente, nunca havia dado um passo tão importante quanto entregar meu corpo ao bel-prazer dos meus desejos e os de outra pessoa.

Thomas me olhou longamente.

— Bom, eu ficaria envaidecido por ter a honra de ser o primeiro a conquistar seu coração — ele disse em tom sério. — E respeitaria seus limites em relação a qualquer tópico que você me expusesse. Como por exemplo, com esta afirmação, que me faz chegar à conclusão de que você é virgem.

Nós apenas nos encaramos. Acredito que eu não precisava confirmar o óbvio.

Apenas sacudi a cabeça e senti uma vontade imensa de esconder o rosto, que deveria estar vermelho intenso, embaixo do travesseiro.

Thomas riu.

— Não precisa sentir vergonha, Rain.

— Você fala isso porque não é o motivo das piadas de outras garotas, quando se dão conta dessa realidade — admiti claramente. — Minhas perspectivas não são liberais, Thomas. Eu tenho pais extremamente liberais e incentivadores de toda e qualquer forma de expressão de amor, mas simplesmente não sou assim. Eu posso ser travada em relação ao meu comportamento, mas ele apenas reflete exatamente quem sou ou o que penso.

E aquilo era verdade. Meus pais incentivavam que levássemos nossos possíveis namorados para casa e nos entregássemos ao amor puro e jovial. Eu achava isso um absurdo. Que pais fazem isso com seus filhos adolescentes, pelo amor de Deus? Creio que muitas garotas desejariam estar no meu lugar, mas... honestamente? Ninguém nunca está satisfeito com aquilo que tem. Eu preferia que meus pais fossem um tanto quanto mais conservadores em relação a certos fatores, como este, por exemplo.

Thomas abaixou seus lábios contra os meus e simplesmente depositou um suave beijo.

— Este papo está ficando muito cabeça para o meu gosto — falou, tentando aliviar o clima. — Acredito que podemos viver o momento e o que ele nos oferece e deixar as coisas correrem com o tempo, o que você acha?

Sorri mesmo sem querer. Tantas garotas nem sequer hesitariam em chegar aos finalmentes, ao tão aclamado *home run* com este garoto, e eu...

Com meu pensamento do momento, apenas senti vontade de rir verdadeiramente. Caramba, por que eu havia pensado em uma jogada finalizada de beisebol, quando o esporte de Thomas era o futebol americano? Eu deveria ter me referido a um *touchdown*.

— Por que está rindo? — ele perguntou. — Você é linda quando sorri, sabia?

Segurei o riso e espontaneamente passei as mãos pelos seus cabelos bagunçados.

— Por uma besteira que talvez algum dia eu compartilhe com você.

Thomas ergueu o corpo e levantou da cama, me ajudando no processo. Quando fiquei de pé, ele me tomou num abraço apertado e beijou o topo da minha cabeça.

— Estamos em acordo agora?

— Que acordo? — Minha cabeça estava nas nuvens.

— Estamos namorando de verdade. Nada de fingimentos ou o que seja.

Senti o rosto ficar vermelho novamente e abaixei a cabeça com vergonha.

Thomas ergueu meu rosto com um dedo.

— Não se esconda de mim, Rain.

— Eu vou precisar me acostumar a ser essa garota mais extrovertida que você vê por baixo dessa minha capa de introspecção, Thomas.

Ele beijou meus lábios com intensidade. Simples assim. Em um momento estávamos conversando, em outro nos agarrando. Não que eu reclamasse.

— Vou levá-la em casa.

— De novo esse assunto? Vim de carro, esqueceu? — falei, fingindo irritação.

Thomas apenas riu e me puxou pela mão. Saímos de seu quarto e exatamente naquele instante, no corredor, tal qual uma perseguidora do caralho, Cybella surgia em toda a sua glória.

— O que vocês dois estavam fazendo aí? — Sua voz era aguda e carregada de irritação.

— Não é da sua conta, Cy — Thomas respondeu e continuou seguindo em direção à escada.

Cybella parou na nossa frente, impedindo que prosseguíssemos em nossa fuga. Eu disse "nossa", mas na verdade a fuga era minha. Aquela garota me aterrorizava e eu nem sabia a razão.

— Sim. É da minha conta, sim. Aposto que a tia Alyce não vai ficar nem um pouco satisfeita que você esteja trazendo suas vagabundas para o quarto.

Uou! A garota pegava pesado nas palavras. Vagabundas? Tipo... no plural? Que eu saiba, eu era apenas uma ali. Não que soubesse muito da frequência com que Thomas recebia visitas no quarto. Aquilo me fez refletir que eu não deveria estar chateada, mas estava. O monstro do ciúme bateu à minha porta.

— Olha a forma que fala da minha namorada, Cy. Maneire sua boca e nunca mais se refira à Rainbow desse jeito, porra — ele cuspiu, com ódio no olhar.

A criatura repugnante começou a rir com deboche. E lááááá vinha a zoação por causa do meu nome.

— Rainbow? Que porra de nome ridículo é esse? — Ela riu descaradamente e Thomas quase partiu pra cima dela. Eu o segurei. — Seus pais devem ser completamente fodidos para terem optado por isso.

Antes que eu pudesse me segurar, meu cérebro acionou o turbo e minha língua disparou.

— Estranho. Ao menos o significado do meu nome tem tudo a ver com a história que eles viveram no momento em que eu nasci ou fui concebida — falei, e meu tom era sarcástico. — Ao contrário dos seus pais, que erraram feio na escolha do seu nome. Não vejo um pingo de afetuosidade ou beleza em você.

A moça fez o favor de manter-se imóvel e em choque com o que falei. E claro que continuei, para mostrar meu verdadeiro potencial de nerd.

— Se não sabe o que significa, querida, vá procurar no google. Quem sabe caia na real e perceba que a única que não é digna de carregar o nome que ostenta é você.

Ao dizer aquela sentença lindamente elaborada, meu peito se encheu de orgulho e larguei a mão de Thomas, acelerando os passos em direção à escada. Nem sequer escutei o que ele falou em seguida para a louca. Eu queria dar o fora. Meu momento de coragem súbita havia passado. Percebi que posso ter sido até mesmo cruel, já que a garota não tinha pais.

Quando cheguei ao terraço, em busca de Sunny ou Storm, Thomas agarrou meu braço e, quando me virou, pude ver um sorriso maravilhoso em seus lábios.

— Caralho! Você soube colocar a garota completamente no devido lugar, Rain. Você a deixou sem chão, parecendo uma mosca morta no corredor — ele disse e riu, me abraçando. — Você me enche de orgulho por não aceitar engolir sapo.

Eu tive que rir junto, já que sua empolgação era intensa. Mas meu coração parecia que galopava em um ritmo louco. Eu estava apavorada. Sempre fui acostumada a ouvir toda espécie de zombaria com meu nome e nunca revidar. Quem era aquela nova Rainbow que assumia meu corpo e minhas vontades? Sorri para mim mesma quando percebi que aquela era a nova garota que eu queria ser.

E estava curtindo muito a mudança.

capítulo

12

No caminho para casa, o silêncio imperou no carro. Meus pensamentos conflituosos, por si só, já faziam uma bagunça na minha cabeça. Storm estava calado, o que não era seu costume, então eu só poderia supor que a história da discussão na festa tinha influenciado seu humor taciturno. Sunny, por outro lado, estava exultante com sua nova conquista e não teimava em alardear no carro. Storm revirava os olhos com nojo. Ao que parece, ela havia se envolvido em uma conversa intensa com Mike, amigo de Thomas. Ambos estavam apenas nisso, até que, em um determinado momento da festa, sumiram rapidamente.

Quando descemos do carro, Storm e Sunny travavam uma discussão infantil sobre isso. Graças a Deus, o dia seguinte era um sábado e não precisaria enfrentar o rescaldo da festa de Thomas na escola.

— Pelo amor de Deus, Sunny — ele disse e tampou os ouvidos. — Eu não preciso ouvir como minha irmã gêmea simplesmente deixou um garoto enfiar a língua em sua garganta.

Comecei a rir. Sunny não tinha papas na língua e não maneirava em expor seus pensamentos. Ela era realmente uma alma livre. Livre até demais, se você me perguntar. Eu achava que nossa mãe - ainda tinha de dar uma sova nela e explicar direito certas coisas, antes que Sunny acabasse fazendo uma besteira com sua vida. Mas quem eu queria enganar? Minha mãe tinha sido a primeira a incentivar a libertação de toda a exuberância sexual de Sunshine.

— Torm, você é um recalcado. Só porque não conseguiu ficar com Shirley, quer jogar água fria na minha cabeça e apagar o meu fogo — ela respondeu amuada.

— Sunny, você tem que tomar cuidado para este fogo não se transformar num incêndio de proporções épicas e acabar saindo queimada — falei em um tom mais brando, porém firme.

— Tostada — Storm completou.

Sunny revirou os olhos e nos mostrou a língua.

— Olhe quem está falando, a garota que passou boa parte da festa trancada no quarto de Thomas Reynard — ela zombou.

Senti meu rosto esquentar.

— O quê? — Storm gritou de onde estava. — Você também, Rain? Eu não posso acreditar nisso! Não você! Minha irmã supernerd e concentrada em tudo, menos nos garotos ao redor! — ele disse irritado.

Dei-lhe um tapa na cabeça exatamente na mesma hora em que enfiava a chave na fechadura.

Tranquei a porta, conferi as janelas e subimos cada um para nossos respectivos quartos. Depois de usar o banheiro e escovar os dentes, passando um tempo necessário para retirar a maquiagem dos meus olhos, pude enfim contemplar minha imagem no espelho e refletir sobre quem eu estava olhando.

Aquela era a Rainbow com a qual eu estava acostumada. A calma e despretensiosa. Que fazia questão de não estar no radar de ninguém ou ser um empecilho para qualquer pessoa.

Agora meus olhos brilhavam de modo um pouco diferente. Um sorriso cruzou meus lábios e toquei exatamente onde Thomas havia enchido de beijos escaldantes. Houve um momento em que cheguei a pensar, com o coração acelerado, que ele seria mais enfático em sua decisão de estar comigo. Ou em sua resolução de fazer questão de me conquistar.

Thomas Reynard poderia conquistar qualquer garota que quisesse. Por que seus olhos se focaram em mim? Então, em um determinado momento de nossa conversa, cheguei a ver em seu olhar algo que nem mesmo eu saberia reconhecer.

Mas percebi que ele agiu como qualquer garoto de sua idade. Admitiu que sentia desejo por mim. Isso era normal, certo? Todo aquele lance hormonal. Eu era bem inteligente e estudada para sacar isso. E entendia que meninos funcionavam de maneira distinta das garotas.

Uma centelha de algo mais se acendeu em meu coração, porém. O que, nem eu mesma poderia apontar. Todas as emoções e sensações que Thomas estava despertando em mim eram muito novas. Eu era um turbilhão de pensamentos desconexos.

Fui para o quarto e coloquei um pijama, me jogando na cama e abraçando meu travesseiro, fingindo, por um momento apenas, que era Thomas, e que nossos corpos estavam enlaçados como estiveram horas antes.

Thomas

Sempre que rolava festa pós-jogo na minha casa, eu obrigava a equipe a ajudar na arrumação da bagunça. Então, quando o último infeliz saiu da festa, carregando uma tralha de sujeira com ele, recolhi mais alguns copos espalhados e fui para a cozinha fazer um sanduíche.

Estava pegando alguns ingredientes na geladeira, quando senti as mãos de Cybella no meu corpo.

Meu reflexo foi pular longe de seu alcance imediatamente.

— Porra, Cybella! Caralho! Você me assustou! — Eu estava puto. Odiava quando ela vinha ostentando aquele ar de celebridade, achando que todos ao seu redor deveriam beijar seus pés.

— Nossa, Thomas... Você não costumava reagir assim às minhas mãos — ela ronronou, achando que era sexy. Cybella estava vestida com nada mais que uma camisola completamente transparente, que mais mostrava que cobria. Nem sei como ela poderia dizer que dormia protegida do frio com aquilo. Em outras ocasiões eu poderia dizer que era sexy pra caralho.

— Acho ótimo quando você conjuga o verbo adequadamente, Cy — falei calmamente, e enquanto mastigava meu sanduíche captava a onda de ódio em seus olhos.

— Aquela sua namoradinha, afinal... é ridícula. Sempre achei que fosse capaz de conseguir algo melhor, meu bem — Cybella disse e inclinou sua cabeça, abaixando uma alça de sua camisola indecente.

— Suponho que era para ser sexy esta camisola da Victoria's Secret, certo? — cuspi com ironia. — Engraçado que em você fica simplesmente vulgar.

Eu sabia que conquistaria a ira dela. E Cybella irada era uma força da natureza.

— Isso não vai ficar assim, Thomas. Vou falar pra sua mãe como você e essa vadiazinha que chama de namorada me trataram — dizendo aquilo, Cybella virou-se dramaticamente e saiu da cozinha.

Depois que terminei aquele sanduíche, que acabou descendo amargamente, subi para o quarto e me deitei na cama. Peguei e abracei o travesseiro, onde horas antes Rainbow esteve deitada. Eu ainda podia sentir o cheiro delicioso de seu perfume, ou do xampu. Eu nunca saberia diferenciar o que mais amava em seu cheiro único.

Em um momento louco naquela noite, quase derramei meu coração para ela. Quase. Por apenas um fôlego. Mas eu sabia que Rainbow era uma garota completamente reclusa dentro de camadas que havia tecido dentro de si. Ela nem sequer enxergava a beleza que havia em seu íntimo. Era preciso que ela soltasse a armadura que forjou ao seu redor, e só então eu poderia dizer tudo o que ela me fazia sentir. Porque, porra... a garota fez um rombo no meu coração. De uma forma inimaginável. Daquela maneira que nunca sonhei que poderia acontecer comigo. Eu achava ridícula qualquer alusão a esta espécie de sentimento súbito anunciado nos quatro cantos do planeta: amor à primeira vista.

Acabei provando em primeira mão. Cheguei a pensar se não poderia ser o desafio em si. Eu sei que poderia ter qualquer garota que quisesse. Muitas vinham para mim pelo meu status de jogador. Muitas vinham pela minha aparência. Cheguei a pensar que, como Rainbow não me deu a mínima inicialmente, aquilo tivesse aguçado meus instintos animais de predador, em que ela era a caça.

Mas meu coração enlouquecia sempre que eu tinha a expectativa de vê-la. E no momento em que minhas mãos a tocavam, então, meu peito parecia que ia explodir. Quando a tive ali sob meu corpo, precisei buscar forças não sei de onde para combater os instintos de fazê-la minha.

Eu não poderia assustá-la em hipótese alguma. Ou ela escorregaria das minhas mãos, tal qual uma peça de porcelana ensaboada.

Poooorra. Rainbow Walker estava rastejando debaixo da minha pele. Eu esperava que em algum momento ela estivesse rastejando embaixo de mim. Um cara podia sonhar, certo?

Na manhã seguinte, depois de sonhos perturbadores e cheios de malditos corações flutuantes, desci para o café da manhã. Nossos pais já haviam tomado o café, e avisaram que estavam nos aguardando na sala. Olhei para Sunny, que ergueu o ombro, sem saber também do que se tratava.

Storm ainda não havia descido, e só poderíamos supor que seria o último a pegar o bonde do café. Foi terminar de pensar naquilo e o idiota entrou atropeladamente pela porta da cozinha.

— O que aconteceu? — perguntou, erguendo as sobrancelhas. — Os pais estão parecendo o Concílio de Trento ali na sala.

Eu e Sunny quase engasgamos com nossas torradas.

— Cara! Você sabe sequer o que é o Concílio de Trento? — perguntei, debochando.

Storm jogou uma fatia de pão na minha direção e a agarrei no ar. Sabia que, se caísse no chão, quem teria de limpar seria eu e não ele. Imbecil.

— Pare com estes seus preconceitos e julgamentos bobos, mana. Atletas gostosos e sarados como eu podem ser extremamente cultos e inteligentes. — Storm declamou aquilo como se fosse o rei da cozinha.

Não aguentei e comecei a rir. Quase cuspi o café em toda a mesa. Sunny estava em situação parecida.

Era apenas um sábado normal, em que estávamos bem felizes. Mesmo que a noite de sexta tenha sido meio agitada, com algumas emoções diferentes das habituais. Claro que ninguém precisaria saber que certas emoções estavam relacionadas a alguns amassos bem dados com Thomas Reynard no quarto. Portanto, ficaríamos bem, preparados para executar as tarefas usuais dos sábados.

Sempre havia uma rotina.

— Vocês já terminaram o café? — mamãe perguntou da porta da cozinha.

Terminamos e levantei da mesa, recolhendo as canecas que eu e meus irmãos havíamos usado.

— Deixe isso para depois, Rainbow.

Quando a mãe disse aquilo, olhei assustada e imediatamente meus olhos se conectaram aos dos meus irmãos. Algo estava acontecendo.

Seguimos para a sala e ficamos à espera do que viria. Um sentimento estranho percorreu meu peito. Passei a mão, tentando aliviar o que quer que fosse.

Mamãe foi sentar-se ao lado do pai, que já nos aguardava ali.

— E então? Como foi a festa ontem? — nosso pai perguntou eufórico demais.

Observei que a mãe parecia um pouco nervosa e senti um frio no estômago. Eu odiava esses momentos de reunião familiar, especialmente uma que acontecia logo cedo e sem agendamento prévio. Lembra que falei da rotina? Aquilo saía completamente do previsto.

— Sentem-se aqui, crianças.

Senti vontade de rir com a forma como nosso pai ainda se referia a nós três.

Storm se largou em um sofá, enquanto Sunny largava seus chinelos e sentava-se com as pernas cruzadas em uma almofada. Eu apenas me contentei em sentar ereta na poltrona de frente ao sofá em que meus pais estavam.

— Então? — Sunny perguntou ansiosa.

Meu pai pigarreou um pouco e preparou-se para o que iria dizer.

— Bem, estamos nesta cidade há bem pouco tempo e...

Oh, não. Eu conhecia aquele olhar. Era o mesmo olhar de quando eles iam nos dizer que estaríamos seguindo de mudança. O pânico ameaçou mostrar suas garras.

— E seu pai e eu decidimos, depois de participarmos de algumas reuniões da associação de moradores, que talvez este não seja o lugar ideal para fixarmos residência — minha mãe soltou a bomba.

A porra da bomba nuclear. Hiroshima e Nagasaki. Uma explosão de reator nuclear em plena Chernobyl. Meus ouvidos estavam zumbindo.

— O quê? — Sunny perguntou estridentemente. — Estamos aqui há o quê? Pouco mais de um mês? — Ela me olhou buscando confirmação.

— Exatamente. E esta não é uma cidade que achamos ideal para vocês — meu pai falou.

— E o que seria uma cidade ideal, pai? — perguntei, sentindo meu espírito se levantar em revolta. *Okay*. Lá estava a garota revoltada que Thomas havia apontado. — Qual é a expectativa que vocês têm em relação a determinar o que é ou não uma cidade ideal?

Meus pais nos olhavam sem saber explicar, mas minha mãe apenas sacudiu os cabelos.

— Queremos uma comunidade livre de regras e moralismo, Rainbow. Queremos que vocês cresçam e sejam livres de amarras e nossa ideologia não é bem aceita aqui, pela opinião do povo em geral.

Tive de me levantar do sofá. Olhei para Sunny e percebi que ela estava em choque. Storm também não parecia contente.

— Mãe, pai, eu acho que já passou da hora de vocês perceberem os filhos que têm — falei, tentando segurar meu tom. — Vocês estão tentando impor um estilo de vida que amam, mas que não representa o que queremos para nossa vida.

Eles dois nos olhavam com choque.

— Olha, sei que devemos obediência e respeito a vocês, mas não é isso o que está em questão — eu disse. Minha voz, porém, estava trêmula. — Nós amamos vocês dois exatamente do jeito que são, mas isso não significa, necessariamente, que a filosofia de vida que vocês curtem tem que ser a nossa. Exatamente porque somos seres humanos diferentes. — Minha paixão em expor meus

pensamentos estava tumultuando um pouco meu cérebro. — Pelo amor de Deus! Não é porque vocês dois se identificam como hippies contumazes que nós queremos ser, mãe!

Sunny me olhava e seus olhos tinham lágrimas não derramadas. Storm mantinha a cabeça baixa. Meus pais estavam com um olhar desnorteado nos rostos.

— Falem também! Ou sou apenas eu que me sinto assim? — perguntei irritada com o silêncio dos meus irmãos. — Empurrada de uma cidade a outra, tentando suprir os desejos de nossos pais de que nós sejamos como eles? Andarilhos e sem amarras ou raízes? Falem, porra!

— Rainbow. — Minha mãe estava chocada.

— Vocês nunca sequer perguntaram nossa opinião para nada, mãe — falei cansada. — Sempre tomaram as atitudes partindo do princípio de que era aquilo que queríamos, mas, poxa, eu estou cansada de mudar de um lugar para o outro. De uma escola a outra. — Uma lágrima escorregou pela minha bochecha. — Estou cansada de nunca criar raízes ou ser capaz de fazer amizades. Afinal, para que eu deveria me esforçar? Assim que me abrisse, vocês decidiriam se mudar, exatamente como estão fazendo agora.

Meu coração doeu porque finalmente estava sentindo palpitações e sentimentos por um garoto. Pela primeira vez havia começado a derrubar minhas barreiras e estava permitindo que alguém se aproximasse. Coisa que minha mãe sempre se queixou que eu não fazia.

— Rainbow, nós... — meu pai tentou explicar. — Nós queremos o melhor para vocês.

— Pai, vocês vivem um estilo de vida alternativo que amam. Mas não significa que eu ame.

Eu não sabia explicar minhas ideias. Tinha de respeitar a autoridade dos meus pais, já que estávamos sob a responsabilidade deles, morando debaixo de seu teto, sendo supridos pelo esforço do trabalho deles. Eu deveria obedecer e ponto final. Mas, a partir do momento em que queriam nos transformar em miniprojetos deles, aí eu sentia revolta.

Veja bem. Eu compreendo que famílias passem princípios e ensinamentos para seus filhos e os filhos dos seus filhos e por aí vai. Algumas famílias professavam a religião que lhes fora ensinada e isso era bacana. Eu mesma era cristã. Mas não porque meus pais ensinaram. E sim porque nas aulas de religião de algumas escolas que frequentamos havia sido aquilo com que eu me identificara. Acreditar em um Deus maior, que teve um amor tão grande por nós que foi capaz de dar seu filho para que morresse na cruz e nos salvasse. Eu amava essa crença. De saber que havia um Deus que cuidava tanto assim de nós, seres mortais e falhos.

Mas o que meus pais queriam era que seguíssemos uma linha de vivência que eles amavam. Não tinha nada a ver com espiritualidade. Tinha a ver com filosofia de vida. Eles amavam o espírito livre e todo aquele lance de paz e amor. E eu não compactuava dessa mesma filosofia. E daí se eu queria um lar estável, casar com um homem bom e seguro, ter filhos e criá-los e educá-los dentro da normalidade da sociedade em que vivíamos? E daí se eu quisesse comer enlatados e produtos industrializados e mostrasse uma veia mais consumista? Eu poderia ser uma pessoa diferente, não poderia?

— Eu concordo com a Rain — Storm disse em um tom de voz baixo.

— Eu também — Sunny afirmou.

— Não, Sunny, você não — a mãe falou com decepção no olhar. — O que fizemos de errado, Herb? — Ela olhava chorosa para nosso pai.

— Não é o que fizeram de errado, mãe — falei e sentei à sua frente no sofá. — É só que somos indivíduos com mentes próprias e pensantes e personalidades características. Vocês não poderiam moldar nós três para sermos hippies livres e soltos porque somos pessoas diferentes. Com DNA diferente. Cada um com uma digital diferente — afirmei. — Não é questão de erro. É só questão de entender que não necessariamente seguiríamos os passos de vocês, já que a nós nos foram dados sonhos diferentes.

Minha mãe enxugou uma lágrima e meu pai passou o braço por seu ombro.

— Queria tanto que vocês entendessem a razão de sermos assim — ela falou. — Por que escolhemos essa vida...

— Mas eu entendo, mãe — eu disse cansada. — Nossos avós foram extremamente repressores e vocês nunca aceitaram isso. Agora será que vocês conseguem ver que estamos repetindo um padrão?

Meu pai me encarou em silêncio enquanto refletia.

— Não quero me mudar, mãe — Sunny disse categoricamente. — Agora que fiz novos amigos e consegui me enturmar.

— E entrei no time de futebol — Storm completou.

Eu segurei minha língua para não dizer: "E eu me apaixonei por um cara maravilhoso. Ele é uma das razões de não querer sair desta cidade de jeito nenhum. Isso me torna uma pessoa muito egoísta também?".

— Nós realmente nunca perguntamos nada para vocês, não é? — meu pai questionou. — Sempre tomamos as decisões e realmente esquecemos que agora temos três adolescentes que manifestariam em algum momento seus desejos e vontades.

— Vocês estão revoltados e com razão — a mãe disse e enxugou uma lágrima furtiva. Ainda fungou um pouco, o que me fez ter compaixão total. — Nunca fomos bons pais.

— Espera... nunca dissemos isso, mãe! — exclamei nervosa. — Vocês são pais maravilhosos e nós entendemos que sejam diferentes. A única coisa que pedimos é que agora nos entendam.

Meu pai olhou para minha mãe e ambos compartilharam alguma informação secreta.

— Estamos entediados com esta cidade — meu pai admitiu a verdade nua e crua. — A mentalidade das pessoas é tacanha e as oportunidades são escassas.

— Pai, em qualquer lugar que pisarmos, as pessoas os entediarão e terão mentes tacanhas. Exatamente pelo fato de serem diferentes de vocês — afirmei o óbvio. Sempre foi aquela a desculpa. — O único lugar em que os dois se sentiriam vibrando seria em uma comunidade hippie, isolada da sociedade consumista e autocrática.

— Quando nossa filha mais velha ficou assim tão inteligente? — meu pai perguntou.

Revirei os olhos e sorri.

— Ela sempre foi, Herb. Nós é que não percebemos. Eu deveria ter dado aquele chá de ervas quando ela era bebê, talvez assim ela fosse mais tranquila e complacente — a mãe brincou e os dois riram sozinhos da piada.

— *Okay*! Não falemos mais sobre mudança — nosso pai falou e pude suspirar aliviada. — Rainbow fará dezoito dentro de dois meses e o Ensino Médio ficará para trás. Acredito que você tenha planos de preencher formulários de faculdades, certo? — ele perguntou.

Acenei com a cabeça em afirmação. Embora eu não fizesse a menor ideia de onde ou o que eu gostaria de fazer no futuro.

— Não era bem o que queríamos para você, mas entendemos.

Sacudi a cabeça em descrença. Meus pais nem sequer cogitavam a hipótese de que quiséssemos cursar uma faculdade e perseguir um futuro profissional brilhante.

— Sua mãe e eu temos nossas economias e a herança que o vovô Gilbert me deixou, e que nunca quisemos usar, já que é contra nossos princípios, mas que assegurará um futuro promissor, sem apertos — meu pai falou. — Mas...

Eu sabia que havia um "mas" escondido naquele discurso de aceitação.

— Eu e sua mãe já havíamos nos comprometido a participar ativamente do festival da Família Arco-Íris em Richwood, na Virgínia, que era o nosso próximo destino.

— Quando ganhamos você, Rainbow, estávamos acampados neste mesmo festival, na cidade de Rainbow City — mamãe falou cheia de saudosismo. — Foi um tempo maravilhoso o que vivemos naquela comunidade. E achávamos que havia chegado a hora de vocês conhecerem uma comunidade dessas. Vivenciar nossas experiências...

Eu podia sentir a decepção completa que havia em sua voz.

— Bem, o festival será no próximo mês.

— Mas no próximo mês é a final do campeonato, pai! — Storm falou nervoso.

— E final de ano escolar — Sunny completou.

O que me levou a pensar que era o encerramento do meu Ensino Médio.

— Eu sei e acreditamos que, como já foram devidamente ensinados ao longo dos anos, vocês poderão muito bem se cuidar sozinhos durante o tempo que permanecermos lá.

Quando meu pai falou aquilo, o silêncio parecia ter criado estática na sala. Nenhum de nós três tínhamos palavras para proferir. Sunny estava boquiaberta, Storm parecia uma truta seca. E eu? Eu apenas estava afogada em pura descrença. Nossos pais estavam simplesmente dizendo que iriam partir para sua viagem interior em outro estado, nos deixando completamente por conta própria!

Era em momentos como este que eu me sentia um completo empecilho ao estilo de vida alternativo dos meus pais. Talvez, se não tivéssemos nascido, eles seriam verdadeiramente livres para viver intensamente aquilo que tanto amavam e acreditavam ser o melhor.

— Vocês vão nos deixar sozinhos? — Sunny foi a primeira a dar voz ao nosso temor.

Senti a vibração de puro terror em seu tom. Quando olhei para ela, seus olhos estavam cheios de lágrimas.

Meu pai pareceu um pouco constrangido e minha mãe apenas abaixou a cabeça.

— Vocês nem sequer se perguntaram alguma vez por que tiveram filhos? — falei com uma mágoa profunda em meu peito.

Depois saí da sala como se estivesse com o corpo em chamas e corri para o meu quarto, trancando imediatamente a porta. Pude ouvir o pai chamando meu nome e o choro de minha mãe.

Sunny bateu na minha porta minutos mais tarde e pediu para entrar. Eu não estava com clima para ninguém ou para qualquer tipo de conversa, já que estava afundada em autocomiseração.

— Por favor, Rain. Me deixe entrar. — Sua voz estava embargada.

Abri a porta e Sunny simplesmente deitou-se na minha cama, se acomodando embaixo do meu cobertor, me pedindo com aqueles olhos pidões se poderia ficar ali. Parecia quando éramos crianças e ela ficava apavorada com tormentas e tempestades ou ameaças de tornados, dependendo do estado americano em que morávamos no momento.

Fechei a porta e não tranquei, imaginando se Storm faria o mesmo.

Deitei na cama e imediatamente minha irmã segurou minha mão, enquanto eu podia ouvir seu choro baixinho.

— Vai dar tudo certo, Sunny — falei e apertei sua mão carinhosamente.

Eu só não sabia se estava falando para ela ou para mim mesma. De todo jeito, o sábado promissor que imaginávamos ter tinha acabado em um momento de pura reunião familiar. Drama, drama, drama.

A vida sempre vai ser cheia de reviravoltas. Um garoto me acusa de ser uma revoltada da vida. Isso faz com que eu comece a refletir sobre a razão de ser assim com tudo e com todos ao meu redor. Nesses momentos de epifania pura, claro que chego à conclusão de que tudo pode ter ligação com a maneira com que fui criada e as ramificações que isso teria em minha vida. O estilo de vida hippie dos meus pais, liberais ao extremo, acabava sendo um contrassenso a tudo o que eu precisava, que era um sentido de ordem no meio do caos. E agora, o caos imperava. Porque a filosofia que eles tanto amavam tentava sobrepujar exatamente as resoluções e certezas de que aquela, definitivamente, não era a vida que eu queria levar.

Não assim.

Para piorar tudo, o domingo chegou e o silêncio imperou em nossa casa. Nós evitávamos nossos pais. Storm trancou-se em seu quarto, sem sair até mesmo para jogar seu amado videogame ou malhar os bíceps, o que mostrava o seu estado deprimido. Sunny perambulava entre o quarto dela, pintando as unhas ou ouvindo música, e o meu, quando sentia a necessidade de estar com alguém.

As refeições foram feitas em absoluto silêncio, mesmo que percebêssemos que nossos pais estavam tentando conversar ou amenizar um pouco o clima da situação que eles mesmos haviam criado.

Neste meio-tempo, eu estava me sentindo uma imbecil fragilizada, sentindo falta de Thomas, para que pelo menos pudesse estar enrolada entre seus braços, fazendo com que eu esquecesse um pouco as feiuras do mundo. Este era o poder que ele tinha sobre mim.

Eu não sabia se estava mais revoltada comigo por sentir tamanha falta dele naquele momento, ou revoltada com ele por simplesmente ter sumido da face da Terra. Veja bem... como sou uma pessoa nova no mercado de namorados, esse lance de comportamento adequado ainda era terreno inóspito para mim. Então, não sabia se pegava bem eu ligar para o celular dele ou enviar uma mensagem. Fora que parecia muito menininha chorosa, pedinte e mendigando por uma parcela de carinho ou aconchego. O que eu diria?

"Oi, será que você poderia vir aqui em casa ou me levar pra sair? Preciso arejar a cabeça. Meus pais vão se enfiar em uma viagem e nos deixar pra trás, quão massa é isso?", ou *"Ah, eu não estou querendo ir porque, sabe... eu meio que, tipo, posso estar completamente apaixonada por você... e talvez você seja meu primeiro amor..."*

Penso que esse comportamento não seria meu e, por mais que estivesse tentando mudar minhas atitudes e abrir um pouco mais minhas arestas, expandir um pouco mais meus horizontes e permitir a mim mesma sentir as coisas ao meu redor, ainda assim havia um limite. Eu não poderia simplesmente mudar de uma hora para outra. Porque isso seria quase como um transplante de personalidade.

Eu estava dando passos de bebê. Já era um avanço na evolução da minha espécie somente a admissão de que eu sentia uma intensa necessidade dos braços de Thomas Reynard ao meu redor para me dar o apoio que nem eu imaginava que precisaria.

Thomas

A casa estava destruída. Eu só conseguia olhar para minha mãe aos prantos e minha vontade era gritar algumas coisas, como, por exemplo, colocar um processo em cima daquela cadela sem noção, mas sabia que só pioraria as coisas, com minha mãe já fragilizada como estava.

Consegui falar com meu pai, que anteciparia sua volta de Chicago para a manhã seguinte, o que era ótimo. Deixaria para ele o problema com Cybella. Ele daria um jeito de despachar a prima louca para longe. Aparentemente, o sensor de desconfiômetro ainda estava quebrado e ela não havia pegado um avião para bem longe dali.

Quando estava trocando de roupa no quarto, prestes a sair com Mike, Cybella entrou sorrateiramente e trancou a porta.

— Abra a porra dessa porta, Cybella. Você já fez merda pra mais de um século aqui em casa. — Minha raiva era latente. Eu não sabia se seria capaz de agredi-la fisicamente. Nunca agredi uma garota. Mas aquela ali testava esse limite de sanidade.

— Eu posso dar um jeito na sua amiguinha, sabe? — Cybella destilou seu veneno. — Naquela ratinha sem sal...

Eu sabia que Cybella era uma bruxa, mas ameaçar Rainbow era um pouco fora de seu eixo. O que aquela cadela poderia fazer, afinal de contas? Ela era completamente ridícula.

— Sai do meu quarto, Cybella.

— Pense nisso, Thomas. Pense em quanto poder o meu dinheiro pode comprar. Um poder inimaginável, sabe? Daqueles que você só vê em filmes policiais... — Seu tom era meio louco. O que acabou captando minha atenção.

— O que você está dizendo, porra?

— Nada... apenas pense. Dinheiro pode contratar tantas pessoas que podem fazer tantas coisas más... — Cybella lançou um beijou e saiu do meu quarto.

Um arrepio de medo percorreu meu pescoço. A cadela era louca. Eu sabia disso. Mas será que sua loucura seria em um nível assim tão psicótico?

capítulo

13

Quando a segunda-feira chegou irradiante, o clima não estava compatível com o humor que vibrava dentro do meu peito. Para completar todo o meu martírio, Thomas nem sequer havia telefonado ou mandado uma mensagem no fim de semana, o que me fez um bem enorme, para não dizer o contrário, claro, já que eu estava tremendamente abalada com a notícia bombástica dos meus pais, além de ter causado um estrago imenso em minha tão fragilizada recém-adquirida autoestima.

Sunny havia ido para a escola com uma amiga, Storm saíra com sua bicicleta em seu trajeto solitário e eu apenas me sentei atrás do volante do carro, criando coragem para seguir rumo à escola.

Meus nervos estavam em frangalhos. Minha vida estava desabando como um castelo de cartas e meu futuro era incerto. Pode ser que eu estivesse muito concentrada apenas nos aspectos negativos de toda aquela merda familiar, mas eu não conseguia ver uma luz no fim do túnel. No final, era nítido o sentimento de abandono que eu e meus irmãos estávamos sentindo. E o pior é que eu estava sentindo o abandono vindo de outro lado também. O que me fez pensar que realmente Thomas havia apenas agido por impulso quando afirmou que "estávamos" namorando *de verdade*.

Porra... eu sabia que, quando os jovens partiam para a universidade, muitos pais apenas viam os filhos uma ou duas vezes ao ano, em feriados importantes, o que caracterizava o clássico estilo de vida americano. A ida para a universidade era um marco no crescimento pessoal do indivíduo jovem em muitas famílias. Era o dito: "Agora é contigo, filhão", o que não me fazia sentir melhor.

E meus irmãos? Se eu realmente mandasse meus formulários para alguma universidade, o que seria de meus irmãos que ainda estariam no Ensino Médio? Será que meus pais não viam aquilo? Por quanto tempo seria essa viagem de autoconhecimento que eles planejavam fazer? Meu Deus! Eu praticamente seria responsável pelos meus irmãos mais novos!

Nem sequer tomei notas ou peguei detalhes de quanto tempo eles pretendiam fixar residência em Richwood, na tal comunidade hippie.

Quando estacionei o carro na minha vaga favorita, percebi que o carro de Thomas já estava ali. Ele não estava por perto, o que me deu um frio no coração agora acelerado.

Desci do carro sem coragem alguma e me dirigi à sala de aula. Becca me esperava na porta, impaciente como sempre e, definitivamente, refletindo meu estado de espírito interior. Vestida toda de preto, dos pés à cabeça, incluindo o batom.

— Rain! Conte-me tudo! — Ela agarrou meu braço. — Eu estava pronta para ir à festa na sexta-feira quando Pierce vomitou na minha roupa e tivemos que ir embora. Foi nojento e totalmente degradante.

Pierce era o namorado de Becca e estudava em outra escola. Eles só se viam nos finais de semana, o que explicava o fato de eu e Becca quase nunca termos saídas de garotas nesses dias. Era extremamente interessante o fato de uma garota tão diferente de mim ter conseguido burlar minha desconfiança e ter ganhado meu coração.

— Nossa, que nojento, Becca — falei, fazendo careta.

Entramos na sala e, para meu total espanto, Thomas estava sentado exatamente ao lado de Tiffany, a rainha das bruxas más, e nem sequer olhou na minha direção. Acho que fiquei parada em choque por alguns segundos, porque senti o empurrão de Becca para que eu continuasse.

Eu não conseguia entender nada, mas meu coração estava realmente doendo. Acho que uma batida falhou e pensei que um caso de arritmia poderia estar rolando no meu peito. E aquilo era uma merda. Era exatamente por isso que não permitia me abrir para ninguém. Porque a dor da separação, quando tínhamos de nos mudar, poderia ser capaz de me destroçar. E agora eu entendia que nem bem precisava me mudar fisicamente de uma cidade a outra para que sentisse aquilo na pele.

Passei pela sua cadeira e, já que ele estava fazendo o jogo do "vamos ignorar Rainbow", acabei aceitando participar ativamente dessa ideia. Meu orgulho era muito grande naquele instante para que eu fosse a pessoa a dar o primeiro passo e dizer um oi.

— Eu preciso saber de tudo da festa — Becca sussurrou.

— Não há nada para contar. O mesmo de sempre, sabe? Música, cerveja camuflada e contrabandeada naqueles copos plásticos vermelhos, pegação.

— Hummm... — Ela me deu uma cotovelada. — Soube que houve pegação do seu lado.

Tentei disfarçar meu constrangimento escondendo o rosto por trás dos meus cabelos.

— Você conheceu Cybella? — ela perguntou e me olhou por baixo da minha cabeleira.

— Hum-hum. — Tentei ser vaga.

— E aí?

— E aí o quê? — Tentei ser mais vaga ainda.

— Rain! Deixe de merda e me conte logo, caralho! — ela falou e um grande número de alunos olhou em nossa direção.

— Você poderia ser mais discreta, Becca? — pedi irritada. — Pelo amor de Deus!

Becca me deu mais uma cotovelada.

— Não faz meu estilo ser discreta, Rain, e conta logo tudo. Vomita!

Nojenta a imagem que Becca trouxe à minha memória, já que pensei logo no vômito que o infame Pierce jorrara nela.

— Eu a conheci e achei que ela é muito... muito...

— Gata?

— Também. Não restam dúvidas de que a mulher é bonita e faz jus ao fato de ser modelo, mas eu a achei uma completa... — Tentei encontrar uma palavra bacana. — Vaca.

Becca começou a rir e mais uma vez fomos o centro das atenções.

O professor entrou na sala e imediatamente entrei no modo nerd, resolvendo ignorar os olhares que Thomas agora me dava.

Quando a aula acabou, consegui escapulir rapidamente e fugir pelo corredor, indo me esconder no banheiro feminino. Eu podia sentir que meus olhos estavam marejados e eu morreria antes de demonstrar meus sentimentos ali em público. Eu me tranquei numa cabine e apenas inspirei e expirei vários ciclos fétidos de oxigênio poluído, já que estava no banheiro, e só depois criei coragem para sair.

Eu estava quase entrando na sala de aula quando escutei a risadinha de Tiffany atrás de mim.

— Você sabe que Thomas me convidou para sair no fim de semana? — ela falava para alguma amiga. Mas me recusei a virar e conferir. Senti que meus olhos tomavam a proporção de um desenho de mangá. — Foi ótimo. Claro que Cybella estava junto, já que saiu com o Mike, mas enfim... foi maravilhoso.

Acelerei os passos e entrei de cabeça baixa na sala de aula. Tardiamente, percebi que era a aula de Biologia e que minha dupla normalmente era o próprio Thomas *Idiota* Reynard.

Alegando um mal-estar súbito, saí correndo da sala e me refugiei no banheiro. De novo. Ali, dei vazão às lágrimas. Eu era oficialmente uma torneira aberta.

Então, tudo o que ele havia falado para mim na sexta-feira era mentira? Era tudo falso e completamente dispensável? Será que realmente o que Thomas somente queria era marcar mais um xis em sua cabeceira e fui totalmente burra para quase pensar em ceder?

Meu coração estava em frangalhos. Minha alma parecia ter sido arrancada e somente havia sobrado a casca de quem eu era ou deveria ser.

Naquele instante, senti a imensa vontade de topar a mudança com meus pais e partir para um destino incerto. Dane-se a merda de escola. Eu sentia a vontade insana de me afundar no estilo hippie louco dos meus pais, no qual apenas as ondas psicodélicas faziam sentido.

Poderia pedir alguma substância ilícita que facilitasse meu acesso ao mundo louco em que viviam. Podia deixar de cortar o cabelo, usar uma saia arrastando no chão, tomar banho só quando a natureza quisesse... esse tipo de coisa.

Quando percebi que o sinal havia batido e eu tinha perdido uma aula, consegui me recompor e me dirigir para a próxima aula martirizante. Graças aos céus, eu não dividia matéria nem com Thomas ou Becca, mas, infelizmente, para completar meu dia, Jason estava lá.

Sentei-me o mais distante possível e tentei ignorar qualquer tentativa de contato visual com outros alunos. Agora, eu havia assumido mesmo minha posição de concha. Queria ser uma ostra, protegida por uma carapaça enigmática que impedisse qualquer um de entrar.

Jason colocou um bilhete na minha carteira e eu simplesmente ignorei.

Quando saí daquela sala, fui direto para a biblioteca, pulando completamente o almoço e as pessoas que encontraria no refeitório. Estava sendo uma covarde total, mas quem me obrigaria? Ninguém.

Eu estava imersa em uma leitura nem um pouco interessante quando uma sombra se projetou sobre meu livro e eu contemplei os tênis que apareciam na minha linha de visão.

— Rain.

Podia detectar o tom ressentido na voz dele.

Não ergui o rosto e tentei manter meu modo silencioso.

— Rain, por favor. — Ele sentou-se à minha frente e arrancou o livro da minha mão.

Bufei irritada e me recusei a olhar para ele.

Depois de alguns segundos, Thomas abaixou a cabeça entre seus braços e apenas suspirou.

Aproveitei o momento em que ele estava absorto com o rosto mergulhado em seus braços e recolhi minhas coisas, na tentativa de uma fuga bem-sucedida.

A aula começaria dali a alguns minutos e eu queria me recompor.

Quando estava me levantando da cadeira, Thomas segurou meu braço para me manter no lugar. Seus olhos estavam soltando fagulhas.

— Eu preciso falar com você — ele pediu em tom baixo.

— Não. Nós não temos nada para conversar. — Tentei sair.

Thomas me puxou um pouco mais bruscamente e acabei sentada com força na cadeira.

Eu podia sentir minha irritação subindo à vida.

— Eu. Preciso. Falar. Com. Você — ele falou entre os dentes. — Agora! Por favor.

Soltei o braço de seu agarre e devolvi o olhar irritado a ele.

— Tenho aula em quinze minutos, Thomas — falei de maneira robótica.

— Eu... eu preciso... preciso...

— Explicar por que nem sequer me ligou ou entrou em contato comigo no fim de semana inteiro e escolheu sair com Tiffany? — cuspi a informação que estava me matando desde cedo. — É isso?

Ele me olhou, completamente chocado.

— Como assim, saí com a Tiffany?

— Sabe, Thomas, existe uma razão para que eu seja uma pessoa fechada. Mas nem por isso sou burra ou desconectada com o que acontece ao meu redor, portanto, corte a enrolação e diga logo o que você quer, *okay*?

Ele continuava chocado, apenas me encarando sem entender.

— Eu não saí porra nenhuma com a Tiffany! — ele falou quase se sentindo insultado.

— *Okay*. Informação errônea, então? Ah! Espera... foi a própria Tiffany que fez questão de alardear este acontecimento único e especial! — Meu sarcasmo estava funcionando como um tornado de categoria F5.

Thomas segurou meus braços quase me sacudindo.

— Você vai acreditar em mim ou o quê? — Ele estava revoltado. — Se eu te digo que não saí com a Tiffany é porque não saí, porra!

— Bom, achei vocês bem à vontade na aula mais cedo. Então as informações batem, o que me leva a duvidar da veracidade das suas palavras — falei, mas podia sentir o cansaço se abater sobre o meu corpo de maneira brusca.

— Rain, eu não saí com a Tiffany. Ela estava no mesmo lugar onde eu estava! Saí com Mike e minutos depois a louca da Cybella apareceu! — ele falava desesperado. — Tiffany estava lá e, querendo puxar o saco da Cy, sentou com a gente!

— *Okay* — falei sem vida.

— Rainbow! — ele quase gritou. — Porra! Por que não acredita em mim?

Eu me levantei quando escutei o sinal bater e ajeitei a mochila no ombro.

— Porque precisei muito de você no fim de semana, mas parece que a recíproca não era verdadeira.

Dizendo isso, saí em disparada da biblioteca, mas, em vez de me dirigir para a aula, resolvi adotar o estilo irresponsável de um aluno que mata aula, e fugi para o meu carro.

Uma merda. Era como aquele dia estava. Uma merda total. Acrescentar um pouco mais não faria diferença. Além do mais, meus pais não poderiam sequer erguer a voz para uma bronca bem dada. Eu estava simplesmente deixando que meu espírito vagasse livre.

Thomas

Depois que Rainbow saiu da biblioteca, tentei organizar meus pensamentos, esfriar minhas decisões, mas era difícil em virtude do que estava sentindo. Eu podia ver que havia magoado seu coração. A dor estava em seus olhos no exato momento em que ela entrou na sala de aula mais cedo.

Passei pelo corredor e fui direto para a aula que eu sabia que seria a próxima dela. Acusem-me de perseguidor, mas eu conhecia toda a sua grade horária. Quando vi que não havia nenhum sinal de Rainbow por ali, corri para fora do estacionamento e percebi que seu carro não estava mais lá.

Porra! Eu havia feito com que ela fugisse da aula, da escola, de mim. Provavelmente até de si mesma. E a culpa era toda minha. Porque fui um idiota, filho da puta e insensível de merda.

Olhei para o céu e percebi que cairia uma chuva torrencial em breve. Minha decisão já estava tomada antes mesmo de eu executar meu próximo piscar de olhos.

capítulo

14

Uma chuva sorrateira batia intermitentemente na janela do quarto. Quando cheguei em casa, consegui me esconder no quarto sem que meus pais detectassem minha presença. Não que eu estivesse preocupada com isso, afinal. Se meus pais não tinham um pingo de culpa por se embrenharem em uma viagem futura, largando os três filhos ao deus-dará, porque eu deveria explicar algo concernente à escola que eles nem mesmo davam valor? Sim, lá estava a garota revoltada de que tanto falavam.

Sunny havia mandado uma mensagem me perguntando onde eu estava, já que ela esperava uma carona, mas aleguei um maldito mal-estar e desliguei meu celular na sequência. Uma fisgada de culpa na consciência deslizou rapidamente, afinal estava chovendo. Mas Sunny era descolada... arranjaria uma carona, com certeza.

Estava deitada de lado na cama, mergulhada em pensamentos tristes que mereciam uma colher enfiada repetidas vezes em uma vasilha de Ben&Jerry's de flocos, quando o ruído da janela ao lado atraiu minha atenção.

Virei o corpo para trás e me deparei com Thomas entrando sorrateiramente em meu quarto pela janela! Bom, fui redundante observando o local por onde ele estava entrando no quarto, mas eu estava chocada. Que porra! Como ele havia conseguido subir até aquela altura? *Okay*, eu entendia que o cara era um atleta másculo e tal, mas certas coisas tinham limite. E o limite do chão até ali era bem alto. Fora o fato de que ele estava encharcado!

— O que você está fazendo aqui? — perguntei chocada.

Nem sequer reparei que eu estava com uma camiseta regata curta, com as alças do sutiã aparecendo e um short folgado, porém pendurado em meus quadris. E eu nem queria pensar no estado dos meus cabelos, ou do meu nariz, depois de uma crise épica de choro.

— Já que você se esgueirou pela escola e fugiu, não dando a mínima chance de conversarmos, resolvi apelar para um gesto mais radical.

— Percebi — falei com raiva. — Mas, honestamente, não quero falar com você, Thomas. Então pegue o rumo de onde veio e simplesmente saia daqui — falei e virei para longe dele. — Vá embora. Por favor.

Senti dois braços fortes me agarrando por trás e tentei lutar contra o abraço. O rosto de Thomas encaixou exatamente no vão do meu pescoço e senti que ele respirava bruscamente.

— Por favor, Rain... Por favor, apenas me escute, porra — ele praticamente implorou.

Senti um nó na garganta porque um lado meu queria apenas expulsá-lo dali, enquanto o outro queria retribuir o abraço e simplesmente deixar sair toda a mágoa que eu havia guardado em meu coração.

Thomas não me soltou em momento algum, nem mesmo quando percebeu que eu já não lutava contra ele e que havia me rendido. E nem mesmo liguei para o fato de que agora minha roupa estava molhada e ambos estávamos congelando.

Eu não tinha forças para uma conversa, um diálogo ou o que quer que Thomas quisesse naquele momento. Então me aquietei, mas deixei que ele desse início às explicações que queria me dar.

— Eu estava protegendo você — ele disse num sussurro.

Soltei uma risada bufada que deve ter parecido ridícula, mas que vinha a contento, já que pareceu totalmente de deboche.

— Rain, por favor, estou falando sério — ele repetiu. — Você tem que acreditar em mim.

Como eu não falei absolutamente nada em retorno, Thomas continuou. Ainda me abraçando fortemente.

— Cybella teve um ataque e praticamente quebrou toda a casa no sábado, depois da festa. Minha mãe quase surtou e quis colocá-la para fora porque, por mais que ela tenha feito todos os caprichos dela, ainda assim há um limite do razoável para a mamãe. Meu pai está viajando a negócios, então só estávamos eu e minha mãe em casa para conter a fúria — ele falou e suspirou longamente. — Aparentemente, quando Cybella estraçalhou o quadro réplica de um Monet, minha mãe perdeu as estribeiras totalmente. — Ele riu do fato. Eu não achei graça nenhuma. — Nem mesmo com Cybella prometendo comprar outro para repor, até mesmo um original, a fúria da minha mãe se aplacou.

Eu apenas ouvia seu relato tentando imaginar o furacão Cybella passando pela casa de Thomas.

— Cybella conseguiu amaciar minha mãe e acabaram fazendo as pazes, mas, logo em seguida, ela entrou no meu quarto e ameaçou você.

Senti meu corpo ficar retesado diante da informação.

— Ela ameaçou você fisicamente e acabei ficando apavorado, porque sei que pode parecer loucura ou exagero, mas algumas vezes, realmente, acredito que ela seja capaz de qualquer coisa.

Meu coração batia em ritmo acelerado e eu não sabia o que falar. Thomas me virou de frente para ele, ainda sem permitir que eu saísse de seu abraço, e me apertou forte contra seu peito.

— No sábado, eu me encontrei com Mike, tentando descobrir o que fazer, ou talvez acalmar meus nervos, imaginando que Cybella tivesse exagerado e eu estava ficando nervoso à toa — ele

falou, mas eu estava com o rosto pressionado contra seu coração que palpitava acelerado, no mesmo ritmo que o meu.

Thomas caminhou para trás e sentou-se na cama, me puxando em sua direção, fazendo com que eu acabasse sentada em seu colo.

— Ela apareceu na lanchonete e, novamente, fez as ameaças — Thomas disse, tentando que eu olhasse para ele. — Pode perguntar para o Mike, ele estava lá e ouviu tudo o que ela disse. Eu te juro, Rain. Fiquei afastado porque realmente senti medo que ela fizesse algo contra você.

Nunca havia me sentido ameaçada por absolutamente nada com repercussões físicas. Ameaças emocionais eu havia sofrido, como quando as pessoas zombavam do meu nome ou dos nomes de meus irmãos e espalhavam cartazes pelas escolas por onde passávamos, satirizando todos os fenômenos naturais relacionados às nossas alcunhas exóticas.

Mas uma ameaça física? Em que mundo eu vivia? Achava que aquilo somente acontecia em novelas ou filmes, ou mesmo em livros de romances, carregados de drama e fatos marcantes, como a morte da protagonista.

Ergui meu rosto e encarei um par de olhos verdes que me mostravam uma tristeza profunda.

— E por que estava sentado com Tiffany hoje cedo, Thomas? Era uma forma de me mandar uma mensagem? Uma forma de desfazer todas as palavras que me falou na sexta-feira? — Meu tom de voz era desanimado.

— Tiffany conseguiu fazer amizade com Cybella e as duas se comprometeram a trocar informações. Cybella exigiu que Tiffany mantivesse um olho em você e garantisse que não estávamos mais juntos — ele disse. — Tiffany faria de tudo para agradar minha prima, ainda mais quando ela prometeu uma série de presentes em troca disso.

Olhei assustada para Thomas. Parecia um esquema sinistro de espionagem.

— Então Tiffany é como um guarda-costas para você agora? A mando de sua prima? — debochei.

— Não, Rain. Eu não dou a mínima para o que Tiffany faz na tentativa de cair nas boas graças de minha prima. — Seu tom de voz era irritado. — Mas elas se falaram hoje pela manhã, quando Cybella estava a caminho do aeroporto, e achei melhor fingir que estava no esquema delas.

Respirei fundo.

— Credo. Isso mais parece roteiro de algum filme macabro, tipo *Carrie, a Estranha*. — Tentei brincar. — Talvez seja melhor mesmo que eu saia fugida da cidade e suma daqui.

Eu falei aquilo mais para mim mesma, sem nem prestar atenção ao fato de que Thomas ouvia tudo e de um local privilegiado, já que eu ainda estava no colo dele.

— Como assim?

— O quê? — Mordi a unha do polegar tentando lembrar o que eu havia falado.

— Como assim fugir da cidade? — ele perguntou e em seus olhos eu podia ver a mágoa.

Tentei me levantar do seu colo, mas seus braços eram como tornos em volta de mim.

— Não é nada.

Em minha tentativa de desconversar, não percebi que afastei os olhos dos de Thomas, o que delatava totalmente o fato de que não estava falando a plena verdade.

— Rain.

Olhei para cima e seu olhar era indagador.

— Não é nada, Thomas. Apenas esqueça isso.

— Não. Não vou esquecer, ainda mais quando você me disse que seus pais vivem mudando de cidade sempre que lhes convém — ele disse e parecia irritado.

— Eles realmente têm falado em mudar de cidade — admiti fracamente.

— Como assim? E você nunca me falou nada? — Agora ele parecia puto.

Eu o encarei irritada também e respondi à altura.

— Eu também não sabia de nada, Thomas! — quase gritei. — No sábado de manhã, depois da festa, nossos pais soltaram a bomba. Eu e meus irmãos também fomos pegos de surpresa. Nada agradável, por sinal.

Thomas parecia em pânico agora.

— Então está falando que vai se mudar daqui? É isso? — Seus braços agora tremiam ao meu redor. Provavelmente efeito do frio de nossas roupas. Talvez fosse melhor que eu me afastasse e pegasse uma toalha para Thomas ou algo assim. E trocasse a minha camiseta, que agora estava completamente transparente.

— Não. Estou falando que eles planejaram isso.

— Sim, e daí? — Thomas estava irritado. — Você vai se mudar, é isso?

— Não, Thomas! — Tentei sair do seu agarre e finalmente consegui, colocando-me de pé para andar pelo quarto, em busca de um pouco de calmaria. — Tivemos uma briga familiar horrível e as decisões acabaram sendo mudadas.

— Então seus pais não vão mais se mudar.

Fiquei tentada a não falar nada. De que adiantaria? A maioria das pessoas não entendia o estilo de vida adotado pelos meus pais e a decisão que foi tomada chocaria completamente a sociedade.

— Eles irão se mudar — falei desanimada.

Thomas se levantou da cama e caminhou em minha direção.

— Você está brincando comigo, porra?! — ele falou alterado. — Acabou de dizer que não vai, mas logo em seguida disse que seus pais vão.

Olhei para ele esperando que ele entendesse. Mas era exigir muito.

— A estrutura da minha família é um pouco diferente da maioria das famílias que você conhece, Thomas — tentei explicar, cansada.

Como ele ainda me olhava com aqueles lindos olhos verdes indagadores, resolvi sentar na cama e o chamei para sentar ao meu lado. Antes, porém, coloquei um cobertor sobre seus ombros e peguei um agasalho para mim. Só depois que me cobri foi que criei coragem para tentar explicar algo que para muitos era inexplicável.

— Meus pais são hippies, Thomas. Eles vivem esse estilo de vida desde antes de nascermos e acreditam piamente na filosofia "paz e amor". — Percebi que ele prestava atenção. — Caçam comunidades hippies pelo país, a fim de viver em harmonia e essa coisa toda. Acontece que acabamos discutindo e dizendo que Sunny, Torm e eu não compartilhamos dos mesmos gostos e estávamos cansados de levar uma vida itinerante, sem criar laços, mudando de escola para escola e por aí vai.

Ele me abraçou fortemente.

— Eles decidiram seguir para um festival em uma comunidade hippie em Richwood, na Virgínia, daqui a algumas semanas, e nós ficaremos para trás.

Thomas arregalou os olhos, assustado, com o que eu havia falado.

— Está dizendo que seus pais se mudarão e vocês vão ficar aqui, sozinhos e por conta própria? — Seu tom de voz era de descrença.

— *Yay*! Isso mesmo — ironizei minha situação de vida.

— Meu Deus, Rain! Por isso disse que precisou tanto de mim no fim de semana, você estava tentando digerir essa ideia.

Sacudi a cabeça concordando e tentando conter as lágrimas que teimavam em querer descer sempre que eu pensava na atitude dos meus pais. Que o estilo de vida deles era muito mais importante que seus três filhos. Ou ao menos meu estado emocional estava tão fragilizado que era assim que eu me sentia.

Quando Thomas me abraçou, deixei que minha cabeça pendesse em seu ombro e permiti que as lágrimas lavassem meu rosto, na tentativa de expurgar o sentimento de abandono que eu sentia.

Com o sumiço dele no fim de semana, aquele sentimento havia crescido e tomado proporções enormes diante do fato, e eu não conseguia lidar com isso. Eu tinha dezessete anos, tudo bem, quase dezoito, mas e daí? Ainda era uma adolescente tentando vencer a merda do Ensino Médio, com uma vida toda pela frente e completamente incerta, agora que estaria por conta própria. Na rebarba de todo o drama, eu ainda teria de arcar com a responsabilidade de cuidar dos meus irmãos gêmeos de dezesseis.

Depois de conseguir chorar o suficiente para alagar o quarto, Thomas colocou a ponta do dedo debaixo do meu queixo e o levantou em direção ao dele. Então depositou um beijo suave e me encarou.

— E, nessa merda toda, ainda acabei de acrescentar este problema da Cybella na sua vida, não é? — ele perguntou triste.

Eu o abracei, enlaçando seu pescoço com os braços e o beijei delicadamente de volta.

— Você é um dos motivos de eu me recusar a sair daqui, Thomas — eu disse e senti meu rosto corar. — Não sei como, mas você tem conseguido perfurar as camadas de proteção que eu havia tecido em volta de mim. E, se antes eu não tinha laços, acabei encontrando um forte motivo para bater o pé e não querer ir embora.

Seus olhos mostravam uma ternura infinita, mudando logo para um padrão mais quente e cheio de desejo.

Thomas mergulhou sua boca contra a minha e me beijou como se não houvesse amanhã. Eu adorava esses arroubos selvagens dele. Mostravam-me claramente que eu o atraía na mesma medida que me sentia atraída. Então os sentimentos incertos que ele havia despertado em mim acabavam tomando força e fazendo com que eu o ansiasse cada vez mais.

Meu corpo parecia criar vida própria quando entrava em contato com o dele. Nem sequer conseguia me reconhecer naquela figura devassa que agarrava os cabelos de Thomas e o puxava contra meu próprio corpo, querendo apenas um simples atrito que aplacasse meu anseio.

Eu estava perdida, correndo o risco de ficar perdidamente apaixonada por Thomas Reynard.

E precisava daquele momento em que nenhum pensamento racional coabitasse meu corpo. Precisava apenas sentir, dar vazão aos sentimentos arrebatadores que ele despertava em mim. Eu podia dizer que eram turbulentos. Havia fúria, por conta da rejeição infringida naquela manhã, havia raiva e mágoa, por conta do descaso e de seu sumiço durante o fim de semana, e havia paixão latente, por conta da aceitação de uma verdade única e exclusiva: Thomas era o que conseguia manter o fio da minha sanidade aceso.

capítulo

15

A parte boa em viver a filosofia que o mundo hippie pregava era o fato de carregar consigo apenas coisas essenciais à vida e deixar que a natureza provesse o resto. Logo, a bagagem dos meus pais consistia em poucas sacolas e mochilas. Olhando para os dois, completamente envolvidos com o projeto Richwood, você pensaria que eram dois adolescentes saindo "mochilando" pelo mundo.

Mas eram meus pais, porra.

Eu estava sentada à mesa da cozinha, tentando fazer o cereal matinal descer a pulso. Desde o dia em que eles nos avisaram de seus planos já haviam se passado mais de duas semanas e os dois estavam ansiosos em partir para o tal festival. Meu coração estava magoado, mas eu não daria o braço a torcer e tentava conter os impulsos de me enrolar em uma bola e chorar loucamente.

Ao longo daquelas semanas, tentamos manter nossa rotina de ir à escola, como se nada estivesse acontecendo, nem sequer demonstrando para os colegas ou professores que a rotina familiar estaria alterada dentro em breve. Outra coisa que precisaríamos fazer era reeducar a rotina com os vizinhos. O senso de normalidade deveria imperar, dando a impressão de que uma família unida e muito feliz ainda coabitava naquela casa.

O que acontece com famílias hippies: se vivem em comunidades, acabam se adaptando bem às regras e normas sociais, já que as leis que seguem são guiadas por padrões diferentes. Como funcionaria, então, o conselho tutelar no caso de três adolescentes soltos no sistema? O sistema não precisaria saber desse detalhe.

Se estivéssemos dentro de uma comunidade hippie, estaríamos totalmente protegidos, mas como estávamos fora, nós precisaríamos fazer um esquema um pouco mais camuflado para burlar certos protocolos. Como em dois meses eu faria dezoito anos, seria legalmente responsável pelos meus

irmãos. Então, para evitar problemas, no decorrer desses meses meus pais resolveram deixar documentos preparados de emancipação precoce, para o caso de uma possível "merda futura".

Não que fosse rolar algo, já que eles estariam apenas em outro estado, então não é como se fôssemos órfãos ou algo assim, mas os documentos os protegeriam de "abandono de incapazes". Era algo mais para protegê-los do que a nós mesmos, se fôssemos avaliar. Mas enfim... Pelo menos eles pensaram nessa hipótese. Seria aterrador nos deparar com a possibilidade de sermos separados e jogados no sistema, ou ver meus irmãos em lares adotivos enquanto meus pais correriam para casa para cuidar da merda em que se meteram. Espera. Da merda em que *nos* meteram.

— Eu consegui fazer um monte de congelados para vocês. Está tudo na geladeira — minha mãe falou, olhando diretamente para mim. — Seu pai também fez compras de alguns mantimentos, mas deixamos uma quantia a mais para que vocês comprem o que gostam, já que nós não gostamos de comprar coisas industrializadas para você e seus irmãos — ela disse e olhou com repugnância para minha tigela de cereal.

Apenas sacudi a cabeça em concordância. Minha garganta estava fechada.

Sunny entrou naquele momento na cozinha, esfregando os olhos na tentativa de disfarçar as lágrimas que queria derramar.

— Seu pai e eu estamos muito orgulhosos de vocês. Tão corajosos e...

— Corta o assunto, mãe — falei revoltada. Levantei de onde estava sentada, lavei a vasilha na pia e coloquei no escorredor, enquanto minha mãe apenas esfregava uma mão na outra. — A gente já entendeu onde o coração de vocês dois está, então, estamos sendo muito dignos em aceitar esse abandono.

Okay, talvez eu estivesse sendo um pouco dramática demais, mas era bom soltar os sentimentos de vez em quando.

— Rain — minha mãe falou quase chorando. — Não estamos abandonando vocês.

— Não? — Meu tom era ríspido. — Essa viagem de conhecimento de vocês vai durar quanto tempo? Hein? Por um acaso pararam para pensar em minha formatura? Ou como poderei seguir para uma faculdade deixando meus irmãos aqui sozinhos sem vocês?

Minha mãe colocou a mão na boca e soluçou. Meu pai entrou naquele instante pela porta dos fundos. Quando olhou o estado da minha mãe, ele apenas suspirou e olhou para mim.

— Você não poderia pegar leve, não é? — indagou com raiva.

— Não, pai. Desculpa se magoei os sentimentos da mamãe tentando expressar os meus — falei com lágrimas nos olhos. — Eu vou me despedir agora porque não quero estar aqui quando partirem para esta jornada. Sinto muito. Mas só quero que saibam que vou sentir falta de vocês. Independente de qualquer coisa.

Cheguei em minha mãe e a abracei fortemente, contendo a dor em meu coração. Beijei seu rosto e disse:

— Eu te amo, mãe.

O mesmo fiz com meu pai. Ambos estavam mudos diante da minha atitude. Sunny chorava baixinho com o rosto afundado entre os braços na mesa da cozinha. Storm estava apoiado no batente da porta.

— Eu vou para a escola e, quando chegar, vamos montar toda a configuração de como será daqui por diante, *okay*? — falei para os meus irmãos.

Sunny não se levantou, o que indicava que ou ela mataria aula para ficar em casa e ver meus pais partindo, ou arranjaria carona com alguma amiga.

Storm veio atrás de mim e falou:

— Posso ir com você hoje?

Acenei minha cabeça em concordância e seguimos para o carro.

Eu sabia que meu irmão estava tentando lidar da melhor forma possível e sem demonstrar que também estava se sentindo ferido.

Minha vontade naquele instante era me recolher no quarto e chorar toda a angústia que sentia no peito. Ou então fazer o impensável e simplesmente abraçar meu irmão, tentando mostrar que tudo ficaria bem. Que nós três passaríamos por aquele momento sem nos quebrarmos. Quem sabe aquilo até nos fizesse mais fortes e preparados para o que a vida tinha a nos oferecer no futuro, não é?

Assim eu esperava.

Quando chegamos à escola, Storm desceu do carro e me esperou chegar ao seu lado. Ele fez o que eu não imaginava que faria. Beijou meu rosto e colocou o braço forte em meus ombros.

— Tenho orgulho em ter você como irmã, Rainbow — ele disse enquanto caminhávamos pelo gramado até a entrada.

Sorri sem vontade porque eu sabia que meus irmãos me colocaram no posto de heroína quando resolvi enfrentar nossos pais na questão da mudança. Eu havia lhes dado um pouco de voz em manifestar que também não estavam felizes. Então o fato de nos mantermos ali naquela cidade, naquela escola, rodeados por aqueles amigos que fizemos recentemente, estava deixando os dois orgulhosos de algo do qual eu sentia muito medo.

Como faríamos se um de nós três adoecesse? Era meu pensamento constante. Comida, roupa lavada, afazeres domésticos? Teríamos de apenas readaptar, já que sempre participamos ativamente das tarefas de casa.

Dei um beijo em meu irmão e cada um tomou seu caminho.

Entrei na sala de aula, mas o que eu mais queria naquele momento era um par de braços fortes que me abraçasse e me consolasse da dor inimaginável que eu estava sentindo.

Pode me chamar de fraca ou do que quiser. Agora eu entendia as músicas melosas e românticas. A necessidade que as pessoas sentem da pessoa amada ao lado. Espera... pessoa amada... *pessoa amada*? Eu amava Thomas Reynard? Em todo aquele conflito acontecendo na minha vida, ainda teria capacidade para reconhecer o sentimento de maneira correta sem confundir necessidade vital com qualquer outra coisa?

capítulo

16

Eu estava relutante em encerrar aquele dia escolar e ir para casa. Sabia que estava deprimida e não havia falado nada para o Thomas. A despedida meio brusca dos meus pais na cozinha, naquela manhã, fez com que eu mergulhasse em meu próprio conflito. Na verdade, eu já estava era cansada de viver em eterno conflito.

Quando estava indo para o meu carro, senti um puxão no cotovelo. Thomas me segurava com um pedido no olhar.

— O quê? — perguntei sem entender.

— Fica comigo hoje. — Seu pedido era tão doce quanto carente.

Meu coração deu um pulo incomum e apenas deixei que ele me abraçasse.

— Não posso, Thomas — falei e enfiei o nariz em seu peito, sentindo o cheiro da colônia que ele sempre usava. — Tenho que ir para casa e cuidar dos meus irmãos, ver as coisas.

Ele puxou meu rosto para cima e olhou diretamente em meus olhos.

— Seus pais já foram?

Apenas acenei a cabeça, tentando afastar a imensa vontade de chorar. Caralho. Eu já estava quase me desidratando.

— Posso ir com você então? — perguntou sem jeito.

Acenei afirmativamente, porque eu realmente precisava de um carinho naquele momento. E ele era a pessoa ideal para cobrir o buraco que estava no meu peito.

Como ambos estávamos em nossos respectivos carros, cada um seguiu para o seu, lado a lado no estacionamento. Sorri para ele e nossa troca de olhares foi mais doce do que eu poderia imaginar.

Peguei meu celular e chequei as mensagens. Storm já havia ido para o treino e de lá pegaria carona com um amigo. Sunny realmente não fora para a aula.

Seguimos calmamente pela via que levava à minha casa, e eu tentava não pensar em como seria chegar lá e dar com a total ausência dos meus pais. Acho que eu ainda acalentava o sonho de

que eles desistiriam daquilo tudo, ou diriam que era apenas uma brincadeira.

Parei o carro e Thomas estacionou o dele logo atrás.

Ele segurou minha mão enquanto seguíamos para a porta de entrada.

— Sunny? — chamei minha irmã enquanto largava a chave na mesa ao lado da porta e deixava a mochila no sofá mais próximo.

Sunny estava deitada enrodilhada no sofá do canto e seus olhos estavam completamente vermelhos de tanto chorar.

Sentei ao seu lado e a abracei.

— Eles... eles... nem... mudaram de ideia, Rain — ela falou entre as lágrimas.

— Eu sei — disse e afaguei sua cabeça. — Mas vamos passar por essa numa boa, Sunny.

Eu também dizia isso a mim mesma. Thomas chegava naquele instante com um copo com água. Garoto perceptivo. Estava conquistando mais ainda meu coração somente em demonstrar aquele cuidado com minha irmã.

Sunshine sentou-se no sofá e aceitou o copo oferecido por Thomas, erguendo os olhos inchados para ele, em um agradecimento mudo.

— Você está bem? — ele perguntou delicadamente.

— Não. Mas vou ficar. — Foi a resposta corajosa de minha irmã.

Dei um beijo em seu rosto e me levantei. Eu tinha de fazer alguma coisa para me ocupar.

— Quer comer alguma coisa? — perguntei ao Thomas.

— Ah... não, obrigado — disse e me seguiu para a cozinha.

Abri a geladeira em busca de algo e, ao ver os mantimentos ali, meu coração caiu. Fechei a porta e encostei a testa nela. Comecei a chorar imediatamente.

Thomas me abraçou por trás e apenas me sustentou ali.

— O que posso fazer por você, Rain? — Seu tom era agoniado.

Eu sabia que a maioria dos garotos fugia quando as meninas choravam em seus braços. Thomas estava firme na posição de ser meu ombro consolador.

Girei entre seus braços e ergui os meus para enlaçar seu pescoço, afundando o rosto naquele vão que eu tanto amava. É. Estava mais fácil assimilar a ideia do pensamento romântico agora.

— Nada. Só me abrace. — Foi minha resposta.

Nem sei quanto tempo ficamos abraçados na cozinha. Quando dei por mim, eu estava sentada no colo dele, que estava sentado na cadeira.

Quando, por fim, senti que meu reservatório de lágrimas havia secado, ergui o rosto tentando não pensar em quão trágico devia estar meu visual.

Thomas beijou a pálpebra dos meus olhos, minhas bochechas, um ponto abaixo da minha orelha, o que me deu calafrios gostosos, meu pescoço, até chegar à boca, onde depositou suaves pinceladas com seus lábios macios.

Abri os olhos e ficamos nos encarando por um momento.

— Obrigada.

— Sempre ao seu dispor para ser seu lenço, Rain. — Ele deu uma piscadela.

Com um abraço forte, ele olhou profundamente em meus olhos e disse:

— Você é a garota mais corajosa que já conheci. E vai passar por isso com maestria.

— Mesmo que eu esteja agindo como um bebê chorão?

— Mesmo assim. Não pode trancar seus sentimentos, Rainbow — ele disse sério. — Você, mais do que ninguém, tem todo o direito de estar magoada, ferida, sentindo-se abandonada. Dê vazão a estes sentimentos. Perdoe minha opinião, mas seus pais foram egoístas em pensar somente neles.

Retesei o corpo e o olhei.

— De que adiantaria se fizéssemos de tudo para que eles não fossem? — perguntei com sinceridade. — Eles ficariam, mas estariam tristes porque estaríamos tirando essa oportunidade deles. Às vezes penso que não deveríamos ter nascido, sabe? Penso que acabamos atrapalhando.

— Sssshhhhh. — Ele colocou a mão na minha boca. — Nem pense nisso, Rain.

Sacudi a cabeça em concordância para manter esta opinião pessoal para mim. Eu também não precisava que Sunny ouvisse tudo isso.

Naquele momento, como se tivesse invocado sua presença, ela entrou na cozinha, completamente vestida para sair.

— Tayllie veio me buscar. Vou sair um pouco, mas volto antes das dez, *okay*? — ela falou.

Teríamos de conversar sobre ajustes em nossos horários, porque, por mais que nossos pais não estivessem ali para controlar, eu tinha a responsabilidade de olhar por eles.

Eu só não poderia exigir nada daquilo naquele momento.

— *Okay*. Leve o celular.

Ela acenou e timidamente se despediu de Thomas.

Quando ouvimos a porta bater, Thomas se levantou e me puxou com ele, para que nos acomodássemos no sofá da sala.

— O que você acha — ele começou dizendo e seu sorriso era genuinamente safado — de darmos uns amassos nesse seu sofá?

Comecei a rir porque só ele mesmo para conseguir que eu esquecesse de todo o meu drama pessoal.

Quando caí ao seu lado no sofá, o sorriso morreu em meus lábios ao me deparar com o fogo que ardia naqueles olhos felinos.

— Vem cá, Rain. — Foi sua demanda.

Eu apenas obedeci.

Aconcheguei meu corpo ao dele e senti seus lábios buscando os meus. Todos aqueles sentimentos eram muito novos para mim, mas eu podia identificar as fagulhas que pinicavam meu corpo.

Seu beijo foi ficando cada vez mais intenso e, quando percebi, estava deitada sob seu corpo forte, completamente afundada nas almofadas do sofá. Thomas segurava meus punhos acima da cabeça e sua boca devastava a minha, acendendo mais ainda o fogo que antes ardia placidamente.

Uma de suas mãos percorreu a lateral das minhas costelas e, quando estava para abarcar meu seio, eu me retesei, fazendo com que Thomas parasse imediatamente suas investidas.

— Desculpa, desculpa... — ele disse ofegante e afundou o rosto no vão do meu pescoço. — Rain, desculpa.

— *Okay*. Thomas, desculpa.

Ele ergueu a cabeça bruscamente e seus olhos travaram nos meus.

— Eu sei por que estou pedindo desculpas, mas você está se desculpando pelo quê? — ele perguntou abruptamente.

— Porque... porque... não consigo corresponder ao que... o que... você precisa... ou quer — eu disse e senti vontade de me enfiar embaixo das almofadas.

— Ssshhh... — Thomas calou minha boca com um beijo. — Você não tem que pedir desculpas, Rain. Eu que me excedi. Mil perdões.

Ele beijou meu pescoço e puxou uma respiração profunda.

— Você me excita mais do que qualquer garota com quem já estive — admitiu. — E eu sei que você é inexperiente e... porra. — Ele depositou um beijo gostoso em meu pescoço.

Senti um formigamento correr por todas as minhas fibras.

— Eu nunca vou apressar você, nunca — ele disse, olhando novamente em meus olhos. — Vou respeitar o tempo que você quiser porque eu apenas quero estar ao seu lado, *okay*?

Assenti e passei os braços pelo seu pescoço.

— Não sou nem um pouco contra alguns beijos ardentes e uns amassos — falei com timidez. — Só não acho que esteja preparada para um passo tão importante quanto...

Eu não conseguia falar.

— Eu sei, amor — Thomas finalizou por mim. Senti um alívio imenso.

Meu namorado, além de lindo, era mais do que compreensivo e gostoso. Muito gostoso. Eu já disse gostoso? Quantas vezes? Não custava nada reafirmar essa verdade absoluta. Thomas Reynard era o epítome da gostosura. E eu estava me transformando em uma devassa total.

A porta de casa se abriu e Thomas saiu de cima de mim rapidamente, fazendo com que eu me erguesse e tentasse me ajeitar.

Storm entrou na sala fazendo jus ao seu nome e nos olhou com cara de poucos amigos.

— Olha só — ele começou. — Não é porque a mãe e o pai não estão aqui que a coisa vai ser liberada, *okay*? — ele falou, olhando diretamente para Thomas. — E eu não estou nem aí para o fato de você ser o *quarterback* do time e poder barrar qualquer tentativa minha de fazer parte da equipe. Ou derrubar minha bunda no campo. Ou fora dele...

Thomas olhou com respeito renovado para meu irmão.

— Não aconteceu nada, Torm — falei sem graça.

— Porque eu cheguei!

— Não. Porque eu decidi que não ia acontecer nada. Estávamos apenas nos...

— Pegando — ele completou.

Senti meu rosto esquentar e, quando olhei para Thomas, o descarado estava rindo. Rindo da minha desgraça.

— *Okay*. Apenas deixei meu recado. Nada de amassos quentes e pegajosos aqui no sofá. Eu deito aqui para assistir TV, porra!

A indignação do meu irmão era por causa do sofá?

Comecei a rir e Thomas me acompanhou.

Depois de mais alguns minutos, nos despedimos na porta de casa e senti uma leveza no peito que há muito tempo não sentia.

Sunny chegou na hora combinada e, depois de averiguar que todos haviam feito seus deveres de casa, mesmo Sunshine, que não havia ido à aula, nos organizamos para dormir.

A porta do quarto dos meus pais foi deixada fechada, para que tivéssemos a breve sensação de que eles estavam ali. Era um sentimento fugaz, mas ao menos nos daria a sensação de segurança de que eles estavam presentes. Mesmo que não estivessem.

Thomas

Digam o que quiserem, pensem o que quiserem. Eu estou irremediavelmente apaixonado por Rainbow. E embora cada vez que esteja ao seu lado fique mais difícil conter meus impulsos apaixonados e que me fazem um macho da espécie, também não consigo visualizar, em hipótese alguma, ferir os sentimentos dela em prol dos meus, ou da satisfação do meu prazer próprio, forçando-a a dar um passo, para o qual talvez não esteja preparada, para seguir em frente em nosso namoro.

Enquanto dirigia meu carro de volta para casa, meus pensamentos vagavam para a garota que deixei solitária naquela casa imensa, ao lado apenas de seus irmãos. Por mais que meu pai viajasse muito a trabalho e durante muitas noites ele estivesse ausente, ainda assim, a sensação de unidade familiar sempre foi presente na minha casa. E o que eu sentia naquele instante, na residência dos Walker, era que uma rachadura havia se instalado e trazia uma brisa gélida, cheia de desconforto e angústia para a garota que era dona dos meus pensamentos.

Minha vontade era dar meia-volta e acampar ali mesmo. Firmar meus pés e falar que eu ficaria com eles até que os pais deles voltassem. Que eu seria o guardião, o cuidador, ou o caralho a quatro. Mesmo que eu soubesse que havia a figura masculina de Storm, ainda assim, eu sentia arder em mim a intensa e insana vontade de simplesmente querer cuidar da minha garota.

capítulo

17

Os dias que se seguiram à debandada dos meus pais acabaram sendo mais tranquilos do que eu esperava. Eu e meus irmãos estabelecemos uma rotina de afazeres, regras a serem seguidas e tentávamos nos manter sempre abertos a nos comunicar em qualquer hipótese.

Nossos pais haviam dado sinal de vida afirmando que já estavam em Richwood e tentei não me ressentir do fato de que o tom de voz deles era de pura felicidade.

Íamos à escola, fazíamos nossas coisas e, mesmo que nos víssemos nas aulas, Thomas sempre apareceria de noite para o jantar e curtíamos um momento acalentador em meu quarto, já que Storm fez questão de se apoderar do sofá.

Estávamos deitados um ao lado do outro, com apenas nosso dedo mindinho interligado, olhando para o teto do quarto. Nem sei quantos minutos de silêncio haviam se passado. Cheguei a pensar que Thomas estava dormindo.

— Thomas? — chamei e virei a cabeça para o lado.

Ele virou a sua e nossos olhos se conectaram.

— O quê?

— Nada. Apenas estava checando se você tinha dormido.

Ele sorriu e seus olhos brilharam com desejo.

— Estou me segurando, fazendo yoga mental para não pular em cima de você.

Senti meu rosto corar fortemente.

— Eu queria que você fosse ao jogo amanhã — ele pediu timidamente.

Pensei seriamente em seu pedido. Eu acompanhava a rotina de treinos que ele fazia, sabia os dias dos jogos, mas nunca antes tive o interesse de comparecer a algum.

Seu pedido foi tão singelo que senti meu peito arder por não ter me oferecido para apoiá-lo antes.

— Eu sou uma péssima namorada, não é? — perguntei com um sorriso triste.

Thomas se endireitou de lado na cama, apoiando a cabeça na mão, e apenas me olhou longamente.

— Nunca — ele disse. — Você é a melhor namorada do mundo.

Sorri e olhei enviesado para ele.

— Nunca — repliquei. — Além de não comparecer aos seus jogos, eu ainda não...

Ele não me deixou concluir, colocando a mão na minha boca.

— Não diga isso — Thomas pediu. — Esse nunca foi um fator decisivo em minha opinião.

Senti uma certa irritação com aquilo.

— Ah, qual é, Thomas! — falei irritada, mas mais comigo mesma. — Eu sei muito bem qual o tipo de namoro em que você sempre esteve envolvido, qual o tipo de garotas que sempre o rodeavam. Sei que você gosta e sente falta de... sexo. — Engoli em seco, mas consegui falar a palavra. — Sei que esse é um próximo passo a ser dado em todo namoro.

— Quem disse que namoros precisam ter regras fixas, Rain? — ele perguntou. — Eu não vou mentir e dizer que não sinto falta da parte do sexo. Sinto. E muito — ele completou. — Mas essa é apenas uma parte. Namoro não envolve somente isso, porra.

— Mas...

— Mas, nada. Eu gosto de estar com você! Gosto da sua companhia, da sua cabeça, do seu sorriso, do seu toque, do seu cheiro, das suas piadas ridículas, da sua língua ferina, do seu humor instável — ele disse e dei-lhe um tapa. — Viu? Eu gosto de você. VOCÊ. E você não é apenas esse pacote gostoso cheio de curvas tentadoras que realmente estão me fazendo suar, você é mais do que isso para mim.

Oh. Uau. Simplesmente uau. Eu estava sem fala. Nenhum pensamento coerente veio à minha cabeça naquele momento.

— Eu quero você, Rain. E só de estar ao seu lado já fico muito satisfeito, *okay*? — ele disse e beijou a ponta do meu nariz. — Mentira. Meio satisfeito, mas muito feliz.

Sorri e passei a mão pelo seu pescoço, percorri com os dedos os traços do seu rosto e apenas me deliciei com sua presença ali.

— Você realmente me quer no seu jogo amanhã?

— Mais do que qualquer coisa neste mundo — ele disse e o puxei para beijá-lo suavemente.

Claro que todo gesto suave se transformava em algo abrasador logo depois.

Thomas

Meu Deus... cada vez ficava mais difícil e intenso. Rainbow agora estava cochilando, deitada em cima do meu agasalho, embolado como um travesseiro, em sua cama, da maneira como estávamos e como gostávamos de ficar. Mesmo que os travesseiros dela estivessem espalhados por ali, percebi que Rainbow sempre fazia isso com meu moletom, e não sei explicar a razão, mas meu coração se aquecia ao extremo.

Passei os dedos suavemente pelo seu rosto, afastando algumas mechas sedosas do cabelo escuro. Beijei a ponta do nariz e esperei que ela se remexesse em seu breve sono, já que era chegada a hora de minha saída. Cada dia ficava mais difícil dizer adeus. Simples assim.

capítulo

18

No dia seguinte, eu podia jurar que o tempo estava correndo em uma velocidade vertiginosa.

Logo pela manhã o ritmo era frenético. Menos para Storm, claro. Apesar de seu nome denotar uma imagem de algo tempestuoso, ele agia em ritmo de tartaruga. Quando cheguei à cozinha, Sunshine estava revirando os olhos, completamente enojada.

Storm mantinha a camiseta erguida em seu abdômen, contemplando seu reflexo na porta da geladeira de aço escovado.

— Sério, Torm? Tão cedo? Já tentando nos fazer escorregar nesse sebo todo? — tirei sarro, enquanto pegava uma caneca para preparar meu chocolate quente.

— Preciso sempre conferir a quantidade exata de gomos no meu abdômen. — Foi sua resposta. Diga-se de passagem, com a boca cheia de panqueca. — Estou contabilizando um pacote de seis.

— Meu Deus, Torm. Você é um poço de nojeira — Sunshine disse sem dó. — Além de falar com a boca cheia, ainda tem que nos obrigar a ver isso... *eca*.

— Garotas... vocês precisam estar adaptadas à perfeição do corpo masculino... — Quando ele percebeu o que falou, sua sobrancelha arqueou-se de maneira arrogante. — Embora eu ache desnecessário que sequer se aproximem dos machos da espécie. São todos criaturas horrendas e nojentas e que querem apenas uma coisa de vocês.

Cruzei os braços e esperei a pérola de sabedoria que sairia dali.

— E que seria?

— Entrar nas suas calcinhas, obviamente. Homens são podres.

— Storm? — Sunshine o chamou com a voz doce.

— Sim?

— Você percebeu que também é homem, certo?

Sua risada foi tão efusiva que ele quase cuspiu o restante da comida que ainda guardava na boca.

— Porra! Claro! Dê apenas uma olhada nestes músculos excitantes! Nesse tanque de guerra que levo abaixo da camiseta e sem falar...

— Cala a boca, Storm! — gritei antes que falasse mais merda.

— Meu Deus... você deve ter tomado algum tipo de leite transgênico, sério...

— Storm, o que a Sunshine está querendo dizer é que você está denegrindo sua própria estirpe, seu burro.

— Não estou denegrindo. Estou sendo honesto.

— Nem todos os homens são assim. — Pensei imediatamente em Thomas.

— Claro que são, Rain. Homens só pensam com uma cabeça.

— Storm, deixa de ser um porco chauvinista! — gritei irritada.

— É sério. Vocês mulheres, espera... mulheres no geral, não... apenas vocês, minhas irmãs, deveriam morar em um convento, um asilo de mulheres, algo assim. Nunca pensar em machos e essas paradas, saca?

Eu e Sunny olhamos uma para a outra, completamente chocadas com as ideias de Storm.

— Cara, você é muito mais maluco do que eu pensava... — Sunny falou, rindo.

— Storm, você saudou o sol hoje de manhã? — perguntei desconfiada.

— Eu não. Desde que o pai e a mãe vazaram...

Não foi preciso completar a sentença. Tarefas que fazíamos simplesmente porque eles nos obrigavam deixaram de fazer sentido. Ainda mais quando elas nos lembravam o estilo de vida que os fizeram se afastar de nós naquele momento.

— Por quê? — ele indagou.

— Porque possivelmente eu diria que você pegou muito sol na cabeça, ou caiu de cara no chão enquanto mantinha a pose clássica da yoga, ou sei lá... você é muito doido.

— Só porque não quero que minhas irmãs se engalfinhem com machos? — perguntou com sinceridade. Seu suspiro exasperado nos disse tudo o que já sabíamos. Storm era ciumento demais. — Eu só não gosto de imaginar outros caras fazendo gracinhas com vocês. Conheço as mentes desses animais.

Começamos a rir porque ele mesmo se enquadrou na categoria.

— Certo, *animal*. É hora de irmos para a aula, *okay*?

Sunshine deu um beijo sapecado na bochecha de Storm antes de passar por ele.

— Você é uma gracinha com ciúmes, Torm. Mas um convento? Nunca.

***

As aulas começaram e se encerraram mais rapidamente, e a escola inteira encontrava-se em um clima festivo por conta do jogo que aconteceria mais tarde. As líderes de torcida estavam mais do que excitadas e o único assunto do qual se falava em toda a escola era em como os meninos ficavam sexy em seus uniformes.

Eu nunca tinha assistido a um jogo oficial, então aquela alegria contagiante não percorria meu corpo como eu achava que deveria. Resolvi dar uma chance a toda essa movimentação e desencanar de que algo pudesse dar errado.

Quando o último sinal tocou, saí da sala rapidamente e esbarrei em uma parede de músculos com um cheiro muito característico. Thomas.

— Opa — falei, brincando. — Desse jeito posso acabar danificando o atleta principal do jogo...

Ele me deu um beijo suave nos lábios.

— Desse jeito o atleta principal do jogo até ficaria interessado em ser danificado... um esbarrão assim, de encontro a um belo conjunto de curvas... — ele disse e beijou meu pescoço.

— Shhhh! — quase gritei e olhei para todos os lados, tentando detectar se alguém presenciara aquele diálogo. — As pessoas podem ouvir!

— Deixe que ouçam — ele falou e pousou o braço pesadamente sobre meus ombros, guiando-nos para fora. — Não é segredo algum que você é minha garota.

O dia estava realmente bonito do lado de fora da escola. Um belo dia como um prenúncio de um excelente jogo. Era assim que Thomas pensava. Que, se o sol raiasse durante o dia, o jogo seria fantástico. Qual era a lógica desse pensamento, eu não fazia ideia.

— Vou para o campo e já ficarei por lá para o jogo — ele disse enquanto me levava para o meu carro. — Fico te esperando exatamente às 17h30, na entrada da arquibancada A, *okay*?

— *Okay*.

Quando chegamos ao estacionamento, Thomas me abraçou e prensou meu corpo contra o carro. Ele apenas me olhou durante um bom tempo, sem falar nada. Eu já podia sentir meu rosto esquentando diante de seu olhar perscrutador.

— O que... foi? — perguntei incerta.

— Nada — ele disse, e passou as costas da mão suavemente pelo meu rosto. — Estou apenas memorizando seu rosto para me preparar para o jogo.

Eu ri do disparate.

— E como memorizar meu rosto poderia te ajudar? — Ergui uma sobrancelha, tentando a todo custo não ronronar como um gatinho por conta do carinho que ele me fazia.

— Cada vez que eu fechar os olhos, seu rosto estará por trás das minhas pálpebras e vou saber que você estará me assistindo da arquibancada. — Thomas beijou meus lábios suavemente. — E isso vai me fazer querer dar uma surra do caralho naqueles pulhas...

— Tão confiante... — falei, rindo.

— Você me enche de confiança, Rain — ele disse, sorrindo. — Simples assim.

— Por quê? — perguntei, eu realmente estava curiosa. Se eu não sentia confiança em mim mesma, por que outra pessoa sentiria essa mesma confiança de forma tão cega?

— Porque eu posso ver aquilo que você teima em não admirar no espelho todos os dias — ele disse, e seu sorriso arrefeceu um pouco. Suas mãos agora englobavam todo meu rosto. — Você não se vê da maneira como eu a vejo... mas pretendo mudar isso.

Sorri sem graça, mas aceitei que, se ele acreditava naquilo, então quem seria eu para jogar areia em seu ventilador?

— *Okay*. Faça um bom treino. — Enlacei seu pescoço de maneira espontânea, o que arrancou dele um ofego meio chocado. — No teatro as pessoas dizem "quebre a perna", como uma forma de desejar boa sorte... eu acho que aqui não seria uma boa, né?

Ele riu e beijou a ponta do meu nariz.

— Não. Mas entendi a referência. — Beijando meus lábios com um pouco mais de seriedade e volúpia, Thomas acabou fazendo com que eu ficasse um pouco tonta. — Te espero lá.

Dizendo isso, ele simplesmente se afastou e caminhou de costas, com um sorriso lindo no rosto e uma promessa no olhar.

Acenei de maneira tola e completamente fora do meu estilo, mas esperava recuperar as forças nas pernas para entrar no carro e ir para casa.

Eu tinha um armário inteiro pela frente para vasculhar e encontrar algo que fosse nada mais nada menos do que perfeito para vestir. Queria ter a certeza de que estava fazendo a coisa certa me dirigindo para encontrar aquela Rainbow que Thomas afirmava enxergar.

Cheguei em casa rapidamente e, mesmo que eu tivesse tempo de sobra para tomar um belo banho e me arrumar com calma, meus nervos estavam me corroendo.

Quando entrei, Sunny estava na cozinha comendo alguma coisa.

— Ei — falei e coloquei a mochila na cadeira.

— Ei. Está preparada para o jogo? — ela perguntou e ergueu as sobrancelhas de maneira cômica, para cima e para baixo. — Hein?

— Por que será que tenho a impressão de que essa sua pergunta contém algum tipo muito louco de insinuação? — perguntei e abri a geladeira em busca de algo que me refrescasse.

— Ah, qual é, Rain! — ela falou e quase saltitou onde estava. — A química entre você e o gostoso do time é tão forte que praticamente incendeia os corredores da escola...

Meu rosto ficou quente.

— Deixe de exagerar, Sunny. Thomas e eu somos namorados muito discretos.

— Querida... discrição aqui não é o problema. Os olhares que vocês trocam quando estão longe um do outro é que dizem que uma fogueira vai se acender em breve...

Quase dei um cascudo na minha irmã. Eu não conseguia entender por que seu cérebro funcionava de maneira muito mais leviana do que o meu.

— E quando pergunto se você está pronta para o jogo, eu quero dizer "O *Jogo*".

— Muito bem, espertinha — falei e sentei à sua frente. — O único jogo para o qual vou me preparar é o que vai rolar daqui a... — Olhei em meu relógio de pulso. — Uma hora e meia.

— Uhuuu! — Ela bateu palmas comemorando. — Você vai fazer o papel da namorada perfeita e torcer pelo seu queridinho?

Revirei os olhos. Os comentários de Sunny podiam irritar até mesmo um santo.

— Vou fazer o meu melhor — disse sem muita convicção. Eu não sabia o que poderia esperar de um evento como aquele.

— *Okay*. Então vamos nos preparar para arrasar nesse jogo e deixar bem claro que Thomas Reynard é um cara tomado.

— Sunny... Por que eu iria querer isso? — perguntei sem entender.

— Porque, minha querida e inocente irmã mais velha, agindo assim você deixará muito claro para aquelas líderes de torcida que seu namorado não está disponível no mercado.

Bebi o suco que agora descia com um gosto amargo. Eu odiava qualquer espécie de competição. E uma neste nível era totalmente fora da minha liga.

Sunny sacudiu a poeira inexistente em suas mãos e se levantou, como se estivesse se preparando para a guerra.

Ela me puxou sem cerimônia alguma e subimos correndo as escadas, rumo a um momento totalmente feminino e cheio de coisinhas com as quais eu estava começando a me habituar.

Thomas

O treino foi brutal. O treinador não quis dar moleza para ninguém, especialmente porque os resultados nos jogos garantiriam a vaga para as eliminatórias. Depois de executar todas as ordens que o ditador nos deu, fomos enviados para o vestiário com o intuito de descansarmos um pouco, para logo mais nos prepararmos para o jogo.

Jason mantinha seus asseclas sempre ao lado, tentando me irritar, mas minha despedida mais cedo de Rainbow e a perspectiva de encontrá-la logo mais, antes do início da partida, me fez um cara calmo e pacífico.

Depois de uma ducha, vesti rapidamente minha roupa e fui para o corredor, para o exato lugar onde fiquei de esperar por ela. Recostei-me à parede e deixei minha mente vagar, refletindo sobre a mudança que eu sentia em mim desde que Rainbow entrara na minha vida. Como uma pessoa conseguia mudar outra de maneira tão contundente e de forma tão rápida?

E eu me perguntava: será que esta mesma mudança, a que eu sentia no fundo do meu ser, podia também ser sentida por ela? Será que eu poderia estar, finalmente, conseguindo cavar por entre as trincheiras que ela havia feito à sua volta, chegando perto de seu coração? Eu esperava que sim. Minha meta era que a redoma que Rainbow colocara à sua volta fosse gradualmente retirada, de maneira espontânea. Mas se fosse de maneira súbita e intempestiva, também seria benéfico, porque sentimentos passionais tendiam a trazer à tona a veracidade de quem somos por dentro. E Rainbow Walker era um verdadeiro vulcão por dentro. Ele só estava adormecido.

capítulo

19

— Sério, Sunny? — Olhei incerta para meu reflexo no espelho grande que mostrava meu corpo inteiro. — Eu não estou nem um pouco a fim de me parecer com uma... uma...

— Garota gostosa? — ela emendou e continuou arrumando meu rabo de cavalo. Não sei o que ela estava fazendo, mas afirmava que era para deixar o penteado um pouco mais arrojado.

— Tipo isso.

— Bem, querida irmã... você é uma garota gostosa. O único problema é que sempre foi muito tapada para enxergar esse potencial todo que Deus lhe deu. — Ela puxou mais algumas mechas. — Fomos agraciadas com os bons genes de mamãe... Por que não usá-los?

— Por que isso parece frívolo pra caralho? — Minha pergunta era retórica. Claro que ela entendeu e deu um puxão mais forte em meus cabelos. — Ai!

— Olha... eu fiz questão de fazer você se vestir de uma maneira casual, porém despojada e no estilo "sou gostosa e não faço ideia"... — a louca disse. — E você realmente faz jus ao jargão.

Olhei meu reflexo e o que via me assustava tanto quanto me deixava envaidecida. Aquela era realmente eu? Eu tinha plena noção de que me escondia por baixo de roupas insossas no intuito de não ser notada de maneira alguma.

Eu preferia ser uma pessoa que passasse totalmente despercebida em um ambiente escolar. Ou qualquer outro. O engraçado é que me esconder por baixo de tecidos e roupas não significava única e exclusivamente que os mesmos fossem feios ou disformes. A atitude da pessoa que vestia determinada roupa é que denotava todo o conjunto.

Então, uma pessoa extremamente confiante e que gostasse de se relacionar com pessoas, poderia estar usando um jeans qualquer e uma blusa sem muitos detalhes, mas ainda assim parecer completamente estonteante. As roupas simples não a faziam simples. A atitude dela em relação a si mesma é que comandava o show.

Dessa forma, lá estava eu, me olhando, vestida em meus casuais jeans surrados, porém um pouco mais apertados que o normal. É claro que aqueles jeans pertenciam a Sunny, ou então foram meus em um século passado. Talvez.

Uma simples blusa preta, meio caída em um ombro, completava o visual. Eu usava os mesmos tênis que amava. Converses pretos e surrados. Mas o que me tornava tão diferente do que eu estava acostumada a ver todos os dias?

Sunny colocara um colar prateado bacana que sobressaía sobre a blusa preta sem estampas, e um par de brincos simples, porém eficazes. Como meus cabelos estavam presos, os brincos acabaram realmente fazendo uma aparição interessante.

Girei a cabeça e me encantei com a forma como Sunny havia amarrado minha juba. O castanho que eu enxergava sem graça e sem atrativo algum agora brilhava e parecia hipermacio e sedoso. Em vez de um rabo de cavalo simples e com os fios indomáveis, eles agora ostentavam umas ondas lindas que deram todo um charme ao penteado.

Como não era uma festa, Sunny permitiu que meu rosto ficasse isento de produtos químicos, embora ela tenha me obrigado a passar um batom um pouco mais vivo. E, obviamente, não poderia deixar de borrifar atrás das orelhas o perfume que eu mantinha encostado na penteadeira. Embora eu quase nunca o usasse, também não deixava que ela passasse a mão. Minha alegação era que cada uma de nós deveria ter seu próprio cheiro. Por exemplo, se eu usasse aquele determinado perfume para um caso hipotético de fazer meu namorado recordar-se sempre de mim, à medida que eu emprestasse "minha essência" para ela, meu namorado sentiria meu cheiro em outra garota. Esse pensamento era desconcertante e irritante ao mesmo tempo.

Passei as mãos suadas pela lateral da calça jeans, sentindo que todas as minhas curvas ficavam realmente muito evidentes.

— Essa calça está...

— Sensacional. — Sunny cortou meu pensamento. — Você está casual e sexy. Exatamente do que precisa para marcar seu território.

Olhei desconfiada para minha irmã. Como ela poderia ser tão antenada nesses assuntos? Onde essa garota aprendia esse tipo de manejos e traquejos?

— Você vai ao jogo? — perguntei na expectativa de não me sentir sozinha.

— Claro. Mas vou depois de você, obviamente — ela disse rapidamente. — Tayllie vem me buscar. Eu não perderia esse jogo por nada neste mundo.

Dando um beijo estalado na minha bochecha, Sunny apontou o relógio que ficava na cabeceira da minha cama.

— Já está na hora, queridinha. — Ela riu. — Não que você esteja indo para um baile, e eu seja uma fada madrinha envergada e tal... mas é hora de você zarpar.

Respirei profundamente.

— Ah... — ela disse e parei no caminho da porta. — Não existe essa regra de feitiço quebrando às badaladas da meia-noite, *okay*? — ela disse e piscou um olho de forma maliciosa.

— O jogo pode prosseguir para o segundo tempo...

Saí revirando os olhos. Sério. Minha irmã mais nova parecia regida por hormônios enlouquecidos. Em termos de conhecimento, parecia que ela estava a anos-luz da minha parca experiência. Eu podia apostar que era culpa das inúmeras revistas de entretenimento nas quais era viciada.

Entrei no carro e conferi se meu celular estava carregado e se as chaves estavam certas. Uma mania meio TOC, já que eu sabia que as chaves estavam todas ali. Ou quem eu gostaria de enganar? Eu estava protelando. Seguir para o estádio estava carcomendo minhas entranhas, tamanha a ansiedade.

Cheguei ao estacionamento e procurei pelo carro de Thomas, mas não o avistei em lugar nenhum.

Escolhi um lugar qualquer e desci do carro. Passei as mãos novamente pelos meus quadris, tentando garantir que eles estavam discretos e não muito evidentes, embora agora fosse tarde para qualquer percepção de que realmente estavam chamando atenção.

Enquanto andava em direção à arquibancada que Thomas havia me indicado, fiquei pasma porque escutei assovios masculinos vindos de um lugar desconhecido. Contive meu nervosismo de procurar pelos atrevidos e segui firme.

Avistei Thomas recostado à parede, com os braços cruzados e olhando para o campo. Como se sentisse minha presença, ele aprumou o corpo e olhou diretamente para mim.

Seus olhos passaram de arregalados para semicerrados em uma fração de segundos. Um sorriso sorrateiro deslizou por seus lábios.

— Uau! — Ele me puxou para um abraço e afundou o rosto na curva do meu pescoço. — Quando eu disse para você se arrumar para o jogo, não contava que iria querer arrasar meu coração dessa forma.

Meu rosto ficou quente. Eu ainda não havia me acostumado com a mania de Thomas e seus elogios galantes.

— Obrigada — falei simplesmente. — Sunny me obrigou a vir bem vestida.

Quase me bati ao revelar aquilo. Eu deveria parecer confiante o suficiente para ter tomado a decisão sozinha, certo?

— Sunny merece um prêmio, mas ao mesmo tempo, merece uma reprimenda.

Ergui as sobrancelhas indagativamente.

— Por quê?

— Porque você parece cada vez mais estonteante quando eu te vejo — ele disse e me beijou suavemente. Foi apenas um leve toque de lábios. Nada muito devastador. Era como se ele apenas estivesse absorvendo o gosto. O que ele acabaria conseguindo, já que o batom tinha sabor morango. — Que delícia... — Ele lambeu os lábios. — Porra... como vou jogar agora?

Uma onda súbita de nervosismo acometeu meus pensamentos. Droga! Eu não queria estragar nada para ele!

— Rain... seus olhos são tão reveladores... — ele disse e me abraçou fortemente. — Eu não quis dizer que você vai me atrapalhar no jogo... Só quis dizer que vou traçar estratégias para

chegarmos aos *touchdowns* o mais rápido possível, dessa forma, com a vitória garantida, talvez o jogo acabe rápido e possa correr de volta pra você.

Suspirei aliviada e enlacei seu corpo, abraçando-o demoradamente.

— Estarei te esperando.

— Assim espero.

Quando ele disse aquilo, o corredor foi repentinamente tomado pelos outros garotos que compunham o time. Muitos passaram e espiaram em nossa direção. Acredito que ouvi cochichos chocados.

— Vou colocar você sentadinha num lugar onde eu te veja sempre que quiser — ele disse e segurou minha mão, me puxando em direção às cadeiras numeradas bem à frente.

Eu conseguia praticamente segurar o alambrado que separava a arquibancada da lateral do campo.

— Aqui — falou e fez com que me sentasse. Como se eu fosse uma garota pequena. Odiaria aquilo se não tivesse parecido tão terno e fofo. — Não fale com estranhos.

Thomas me beijou longamente e piscou o olhou. Saiu sorrindo em direção aos vestiários, enquanto eu segurava meu coração para que não saltasse do peito.

Eu podia ouvir as pessoas ao meu redor acomodando-se em seus devidos lugares. Pouco mais de vinte minutos se passaram e Sunny sentou-se ao meu lado. Tayllie ficou do outro lado. Ambas com copos gigantes de refrigerantes e pacotes de pipoca.

O jogo nem sequer havia começado e eu já queria devorar toda a pipoca para controlar minha ansiedade crescente.

— Relaxe, Rain. — Sunny bateu seu ombro no meu. — Lá vêm eles.

Eu não estava preparada para o espetáculo que um jogo podia ser. Olhei para trás e quase levei um susto, já que eu, em minha ignorância, não havia me atentado para o tamanho do estádio.

Pelo menos umas dez mil pessoas deviam estar ali presentes. Meu coração quase saltou do peito enquanto Sunny batia palmas!

— Adoro essa parte! Olha, Rain! É superemocionante!

Olhei para a porta que dava acesso aos vestiários e um grupo de garotos se amontoava ali, com uma faixa azul gigante contendo a debandada.

Quando a torcida veio à loucura gritando o nome da escola, senti a energia vibrante do lugar.

As líderes de torcida da nossa escola correram pelo campo e fizeram suas piruetas mirabolantes, recebendo assovios e aplausos pelas performances.

Contive uma onda sutil de inveja por não ser tão descolada quanto aquelas garotas, que pareciam tão bem resolvidas diante de um público imenso como aquele.

Do outro lado do campo, o time adversário, The Gators, se alinhava às margens.

Quando ouvimos um estouro, olhei para a concentração onde nossos jogadores estavam. Eles arrebentaram a faixa e correram em direção ao campo, saudando a torcida que havia comparecido ao jogo.

Eu tentava descobrir onde Thomas estava e podia assumir meu fracasso total ao perceber que nem sequer perguntara a ele, antes, qual o número da camisa que vestia.

— Lá vem ele! — Sunny gritou. — E logo atrás vem o objeto dos meus desmaios! Me segura, Tayllie!!!

A excitação de Sunshine passou totalmente para mim quando consegui distinguir Thomas no meio dos jogadores. Ele olhou para onde estávamos sentadas e ergueu o capacete em um cumprimento, com um sorriso que poderia fazer com que eu desmaiasse ali mesmo.

Abaixo de seus olhos ele tinha uma faixa preta pintada e, quando por fim virou de costas, pude guardar na memória o que sempre assombraria meus sonhos mais loucos: número 18, estampado logo abaixo de REYNARD.

O uniforme era um show à parte. Com as calças brancas completamente justas, engoli em seco, tentando desviar o foco do traseiro bem delineado do meu namorado. Olhei para o lado e Sunny fingia um desmaio, com Tayllie rindo aos cântaros e abanando seu rosto.

A camisa, ou mais precisamente *Jersey*, como eles a chamavam, era azul com letras brancas. O mascote da escola destacava-se no centro do peito dos jogadores. Um urso era o símbolo.

Quando o locutor começou a anunciar, alertando os jogadores a se alinharem e tomarem posição para a execução do hino nacional, meu coração acelerou porque ali entendi a seriedade com que muitos viam aquele esporte. Thomas falava do futebol com uma paixão viciante. Agora eu podia entender.

E para os desavisados como eu, os jogos interescolares eram levados tão a sério quanto os jogos universitários e os da própria liga profissional. Na verdade, os jogadores de Ensino Médio eram visados pelas universidades de todo o país, procurados por olheiros que se espalhavam pelo lugar. E, embora aquele não fosse um jogo de final, o show funcionava como uma preliminar para o que viria mais à frente.

Os times tomaram suas posições, com linhas ofensivas e defensivas, e eu tinha de confessar... não entendia absolutamente nada da dinâmica do jogo. Só sabia que eles tinham de fazer de tudo para chegarem à linha final do campo adversário.

Jardas, posições, regras... eu não sabia nada. E nem poderia atestar que algum dia fosse ser uma fiel conhecedora de tudo aquilo, mas por Thomas eu me esforçaria para compreender um pouco mais do esporte que ele levava no coração.

Quando o apito soou anunciando o início do jogo, meus olhos se focaram exclusivamente para onde o número 18 se movimentava. Eu o rastreava como uma águia, torcendo por ele, sofrendo por ele e completamente chocada com a brutalidade do jogo em si.

Parecia uma arena. Mas lá dentro do campo, Thomas Reynard reinava como um verdadeiro gladiador.

Thomas

Porra! Pense em um jogo espetacular e cheio de adrenalina do começo ao fim! Agora pense em um jogador que jogou anestesiado e em piloto automático, apenas esperando que os tempos se encerrassem logo, para que pudesse correr diretamente para os braços de uma garota ainda mais espetacular que o esperava na arquibancada A. Esse cara era eu. Thomas *definitivamente apaixonado* Reynard.

Quando o jogo acabou, me esquivei rapidamente dos cumprimentos do resto da equipe, trocando apenas umas palavras com Mike, e corri diretamente para o vestiário. Eu queria retirar logo meu uniforme imundo e, se possível, tomar um banho. Mas... honestamente? Quando passei por Rainbow e a avisei para me aguardar ali mesmo onde estava sentada, simplesmente apaguei qualquer ideia que fizesse com que eu me demorasse mais do que o necessário.

Retirei apenas as ombreiras e as joguei no banco, peguei minhas coisas no armário e saí do jeito que estava. Foda-se. O banho ficaria para depois. Eu queria era chegar na minha garota. Meu vício e necessidade por ela eram maiores do que a ânsia por um gole de *Gatorade* depois de um treino ou jogo intenso. E isso era tremendamente assustador.

capítulo

20

Quando o jogo daquela noite acabou, eu poderia jurar que estava exausta quase tanto quanto os jogadores. Claro que aquilo era um exagero, mas minha exaustão era emocional ao invés de física. Todas as vezes que Thomas passava perto da arquibancada onde eu estava, ele dava um jeito de me cumprimentar, mesmo que de maneira sutil. Um sorriso, uma piscada, um assovio baixo.

O Westwood venceu a partida de maneira apertada, mas o *touchdown* final, passado em um passe perfeito de Thomas para Mike, o receptor talentoso do time, e que eu descobri ser o objeto de desejo de Sunny, garantiu os pontos necessários para que saíssem vitoriosos.

Quando Thomas passou para o vestiário, me pediu que o aguardasse ali mesmo onde eu estava. Sunny já havia encontrado um meio de escapulir com Tayllie e, se eu não estivesse enganada, aquelas duas provavelmente deviam estar assediando os pobres jogadores nos arredores do vestiário.

Embora fosse terminantemente proibida a entrada de pessoal não autorizado naquela área, ainda assim eu podia ver que várias meninas eram destemidas em tentar furar a barreira que os seguranças do local ofereciam.

Eu só esperava que Sunny não estivesse ali no meio. As marias-chuteiras eram destemidas. Era impressionante o que essas garotas eram capazes de fazer só para chegar perto dos garotos, que mesmo suados e sujos do jogo, ainda assim exalavam uma onda poderosa de feromônios.

Eu estava recostada na cadeira quando ouvi a pequena confusão um pouco abaixo. Claro que a curiosidade foi maior e fez com que eu espiasse. Thomas estava cercado de três líderes de torcida, incluindo Tiffany, que alisava seu braço de maneira despudorada.

— Eu não gostaria de ser grosso com vocês, garotas, mas será que poderiam sair da minha frente? — Seu tom de voz era irritado. Ele ainda vestia o uniforme sujo do jogo. Estava sem a armação de ombros e todo o aparato que usava para proteção, e eu só poderia alegar que, mesmo imundo de terra e grama, ele estava sexy pra caralho.

— Ah, Thomas... não faça assim... — A voz ranhosa de Tiffany quase perfurou meus ouvidos. Afundei as unhas em minhas palmas. Era o único modo de controlar meu impulso assustador de arranhar aquela carinha sonsa.

— Tiff... — Quando ouvi a abreviação irritante do nome dela, saindo da boca de Thomas, senti a onda de ódio fazer com que eu me levantasse da cadeira.

Thomas disse que eu precisava sentir mais. Me abrir mais e permitir que as emoções percorressem minha vida. Aquilo era assustador porque as mesmas emoções que se entranhavam dentro de mim naquele momento não eram nem um pouco agradáveis. Eu era muito fechada, certo? Abrir aquela torrente de sentimentos poderia dar vazão a toda espécie de reações.

Ciúmes mesclados à raiva fizeram com que eu simplesmente virasse as costas e saísse pelo outro lado da arquibancada. Marchei com um propósito em vista. Fugir como a covarde que eu era.

Yeap. Eu estava me sentindo um rato no momento. Fugir não era a solução que a nova Rainbow teria. Ela enfrentaria a situação numa boa. Ficaria ali na cadeira, esperando o namorado livrar-se das assanhadas de plantão, talvez bebendo seu refrigerante quente, ou talvez até mesmo lixando as unhas. Até podia ver a cena. Uma perna acima do alambrado, em uma pose despretensiosa e atrevida ao mesmo tempo.

Quando ele despontasse em minha direção, eu me levantaria calmamente e o abraçaria, parabenizando-o pelo jogo árduo. Um beijo selaria o encontro, e a imagem das unhas de Tiffany, percorrendo os bíceps de Thomas, ficaria desvanecida no tempo. Apenas uma memória granulada, ruim... com baixa definição e pixels de menos.

Infelizmente, não era assim que minha cabeça funcionava. Eu estava em busca do meu novo eu, mas uma mudança brusca e imediata era o mesmo que falar que alguém fez uma lobotomia no meu cérebro. Ou que eu tivesse sido abduzida por aliens.

O meu antigo eu, ou o *eu* ao qual estava acostumada, se aconchegaria na insegurança e na placidez que somente uma concha era capaz de proporcionar. Então, mesmo com as roupas divergentes da pessoa a qual eu me habituara a ser, nada conseguiu impedir que me retirasse rapidamente em direção ao meu carro.

Creio que corri alguns passos, na tentativa de fugir de um possível confronto. Quando estava chegando ao carro, senti um puxão brusco no cotovelo, o que fez com meu corpo todo girasse 180 graus. Eu estava encarando os olhos tempestuosos de Thomas naquele exato momento.

— Eu te chamei inúmeras vezes e você simplesmente fingiu que não ouviu? — Seu tom era irritado.

Fúria fervia a fogo brando dentro de mim.

— Eu estava distraída. — E o pior era que não estava mentindo. Minha raiva, além de me deixar cega, ainda tampou completamente meus ouvidos. — Desculpa.

Espera... eu estava pedindo desculpas pelo que mesmo?

— Tenho que acordar cedo amanhã e me lembrei que... tenho... que terminar alguma coisa em casa... — Encontrar desculpas estava difícil com aqueles olhos intensamente focados em mim e na

minha tentativa frustrada de sair de fininho.

— Rainbow — Thomas falou e o tom condescendente me irritou mais que o normal. — Mentir não é uma coisa que você consegue fazer bem, sabe?

Tentei soltar o braço do seu agarre, mas ele apertou mais ainda. Mesmo que delicadamente. Era contraditório isso, mas, mesmo irritado, Thomas ainda conseguia ser gentil.

Não percebi que havíamos dado alguns passos e agora eu me encontrava recostada no meu carro. Aquilo estava se tornando um hábito. Eu tinha até medo de olhar e encontrar a forma do meu corpo moldado na lataria.

— Thomas, por que você não vai... ãhh... comemorar ou fazer sei lá o que com seu pessoal? — Tentei parecer super-relaxada. — *Yaaay*! Vocês venceram! Não tem alguma festa de comemoração ou algo assim?

Ele largou no chão a mochila que segurava no ombro e agarrou meus braços.

— Essa tentativa patética de tentar me afastar só faz com que eu queira me aproximar mais, você entende isso? — Seu tom era irritado, mas carregado com uma paixão visceral.

— Isso é doentio, percebe isso? — Tentei devolver a brincadeira na troca de palavras.

Quando ele simplesmente me agarrou e me beijou como se eu não tivesse falado absolutamente nada, fechei as mãos em punhos firmes na lateral do corpo, na tentativa vã de não enlaçar aquele pescoço suado.

Claro que os lábios de Thomas, me beijando de maneira acintosamente sedutora, impediram que minha resolução em parecer desinteressada vingasse.

Meus braços ganharam vida própria e o agarraram na igual medida com que os dele me enlaçavam como tentáculos.

Nós dois ficamos um pouco sem fôlego. Talvez não. Certamente nossos cérebros ficaram um pouco desoxigenados.

— Ãhhhh... o que você estava dizendo? — ele perguntou.

— Eu não estava dizendo absolutamente nada.

— Engraçado — ele disse e beijou meu pescoço. — Foi exatamente o que pensei.

Como ainda ficamos abraçados e recostados ao carro, os outros alunos que passavam por ali gritavam obscenidades indesejadas. Isso fez com que meu cérebro despertasse para a vida e para o que eu estava propensa a fazer minutos antes.

— Opa. Espera... — Tentei me desvencilhar, mas Thomas garantiu que fosse uma tentativa frustrada. — Eu preciso ir para casa.

— Antes me diga por que estava fugindo como se estivesse sendo perseguida por morcegos gigantes...

Tive de rir da imagem que ele pintou em minha mente.

— Eu... eu...

— Vamos, Rain — Thomas insistiu. — Você consegue falar a verdade que está entalada aí dentro.

Olhei para o outro lado evitando o contato com seus olhos perscrutadores.

— Eu pedi que você me esperasse no exato lugar onde te deixei mais cedo — ele disse entre irritado e cansado. — Por que então simplesmente saiu e fugiu pelo outro lado?

Respirei fundo. Eu odiava quando era confrontada.

— *Okay*. Olha... eu fiquei irritada, tá? — assumi timidamente. — Não estou acostumada a sentir tantas emoções conflituosas dentro de mim, então simplesmente opto por fugir e me esconder um pouco, assim consigo me acalmar e pensar melhor.

— E o que fez com que você ficasse irritada?

Bufei com raiva.

— Vi você rodeado pelas garotas que deveriam fazer parte do seu círculo de amigos, em vez de uma pessoa completamente reclusa e monástica como eu.

Quando disse aquilo, abaixei o rosto tentando esconder meus sentimentos dos olhos conhecedores daquele garoto.

Ele ergueu meu queixo com um dedo e esperou que meus olhos se conectassem aos dele.

— Você está se referindo à Tiffany e às lacraias que andam com ela?

Contive o riso com o apelido extremamente adequado às garotas.

Apenas assenti.

— Você sabe que eu estava tentando me desvencilhar delas, certo?

— Eu sei — disse brava com a minha própria estupidez. — Mas isso não impediu que as unhas da Tiff — debochei do apelido com que ele a chamou mais cedo — fizessem uma análise corporal no seu braço...

Thomas começou a rir.

— Você está com um puta ciúme, não é? — ele zombou e me apertou tentando me segurar.

Eu estava irritada com ele agora.

Entre as risadas, ele me beijava e, mesmo que eu tentasse fugir de sua boca, Thomas sempre me alcançava. E claro que cada beijo foi soltando a armadura que tentei colocar de volta em mim.

Depois de alguns segundos de resistência fraca e completamente destruída, eu me rendi e me recostei em Thomas. Mesmo que ele estivesse suarento.

— Odiei ouvir você chamar a cobra de *Tiff*... — admiti fracamente.

— É só o hábito, Rain. Estudo com a cobra, como você sabiamente a chama, desde o jardim de infância.

Esse lance arraigado de amizades era algo muito estranho para mim.

— *Okay*.

— *Okay*? — ele perguntou e olhou diretamente em meus olhos.

— *Yeap*.

— Então, agora você pode me dar uma carona até em casa para que eu possa tomar um banho, e depois vamos à festa de comemoração. Vai ser na casa do treinador — ele afirmou como se fosse garantido que eu toparia.

— Onde está seu carro? — perguntei desconfiada.

— Deixei com Mike exatamente para que você pudesse me dar uma carona... — ele falou e me puxou em seus braços. — Afinal, não seria capaz de deixar seu namorado sozinho e perdido neste estacionamento, né?

Olhei para o lado e vi um grupo de garotas assanhadas acenando para outros jogadores que estavam saindo em uma caminhonete de luxo.

— Tenho certeza de que você se arranjaria... — tirei sarro, mordida com a merda do ciúme novamente.

— Ah... não faça assim, Rain — ele pediu e colocou minha mão em seu coração, coberta pela grande mão dele. — Assim você quebra meu pobre coração...

Ri e aceitei que me puxasse novamente contra seu corpo.

— Eu me ofereceria para dirigir como um cavaleiro galante, mas estou completamente cansado e judiado — ele disse e pegou a mochila no chão.

Abri a porta do lado do passageiro e fiz um gesto como se fosse um chofer.

— Queira se acomodar em sua carruagem, galante cavaleiro — brinquei e ganhei um beijo na ponta do nariz.

Quando Thomas se sentou no banco, corri para o meu lado e me posicionei à frente do volante. Olhei para o lado e ele estava com a cabeça recostada apenas olhando para mim.

— Sabia que seus olhos brilham como os de um gato quando você está brava? — ele perguntou e eu sorri sem graça.

— Não.

— Então, acredite. É a porra da coisa mais sexy que já vi na vida, mas confesso que não quero ser a razão dessa raiva toda e estar do lado oposto ao seu.

— Então não faça por merecer, engraçadinho.

Nós dois rimos e seguimos em uma relativa paz até a casa de Thomas. Ainda bem que ele estava convencido de que eu valia a pena e nunca desistia de mim, mesmo que eu dificultasse nossa relação com toda a minha inexperiência.

Eu era muito, muito nova naquele lance de relacionamento. Pense em algo inexplicável e você podia visualizar toda a situação em minha mente analítica. Eu me via assim: chegamos à cidade de Westwood havia pouco mais de dois meses. Já nas primeiras semanas, Thomas Reynard fez questão de tentar perfurar meus bloqueios emocionais, como uma doninha pirracenta, em busca de algo escondido. Naquele pouco espaço de tempo que estávamos juntos, eu, que sempre fui - fechada, reclusa, calada e antissocial, acabei me envolvendo com o garoto mais popular da escola, lindo, desejado, espontâneo, irritante e que expunha todas as minhas emoções, na base da pancada seca.

E agora eu havia criado uma dependência de estar perto dele. Porque ao seu lado eu me sentia viva, como há muito tempo não me sentia. Ou como talvez eu nunca tenha me sentido em meus dezessete anos de idade. E era puramente esquisito fazer parte do mesmo grupo de garotas que

respondiam aos inúmeros *quizzes* existentes nestas revistas adolescentes que Sunshine tanto amava. Eu estava completamente envolvida por aquele garoto. Ele conseguia extrair o melhor de mim. E perceber que as doces emoções que ele me provocava estavam me levando a me tornar alguém melhor era maravilhoso.

capítulo

21

Esperar Thomas em sua casa foi algo extremamente embaraçoso. Eu não queria ficar em seu quarto, pois o nível de intimidade era muito para mim. Por mais que eu já tivesse estado ali, em seus braços, naquele momento abrasador onde definimos que o falso namoro se tornaria real, não queria correr o risco de ficar tentada a implorar por mais daquele sentimento de formigamento quando nossos corpos se tocavam.

Acabei convencendo-o a subir sozinho, como um bom menino, e levar o tempo que precisasse para se arrumar. Pelo que ele havia me dito, provavelmente tomaria um banho de banheira, em uma imersão escaldante para "tratar" seus pobres músculos. Sacudi a cabeça porque eu não queria pensar em um Thomas muito nu em sua banheira... do jeito que veio ao mundo...

Oh, minha nossa! Senti um calor esquentar meu rosto e percebi que estava corando sozinha, sentada na sala, apenas com o pensamento de algo indecente. Coloquei as mãos frias no rosto, na tentativa de refrescar o ardor.

Comecei a rir quando a porta de entrada da casa se abriu. Fiquei constrangida imediatamente, já que os pais de Thomas entravam naquele momento. Graças a Deus eles não podiam ler mentes. Ou ficariam chocados com a minha.

O choque foi de ambos os lados. Vi quando os olhos de seus pais se arregalaram e eu pude sentir que os meus também estavam enormes.

— Boa noite. — Quis ser educada e os cumprimentei antes.

— Olá, querida. — A mãe de Thomas veio em minha direção como se já me conhecesse. — Stuart, esta garota adorável aqui é a namoradinha de Thomas — ela disse eufórica, mas não passou despercebido por mim, que o "namoradinha" ganhava uma conotação um tanto quanto sarcástica, como se não fosse nada sério.

Levantei rapidamente do sofá e estendi a mão para o cumprimento do homem elegante que era a versão mais velha de Thomas.

— Muito prazer, senhor Reynard. — Senti um alívio imediato quando ele sorriu de volta.

— O prazer é todo nosso, querida — ele disse e olhou ao redor em busca, muito provavelmente, de seu filho. — Onde está o Thomas? Ele não tinha um jogo hoje à noite?

— Ãh, sim. Ele está tomando banho para irmos à festa de comemoração — falei rapidamente. — Será na casa do treinador. — Não sei por qual razão senti a necessidade de completar com aquele pequeno pedaço de informação. Talvez para que eles não tivessem uma ideia errada.

A mãe de Thomas me observava atentamente. Comecei a ficar extremamente nervosa com todo aquele escrutínio.

— Por que ele não tomou banho no vestiário do estádio? — a mãe perguntou.

Ótima pergunta, Sra. Reynard, pensei.

— Não sei, Sra. Reynard.

— Oh, deixemos de formalidades, querida — ela disse calorosamente. — Pode me chamar de Alyce. Apenas Alyce e Stuart. Assim nos sentimos joviais e tudo mais.

Acabei rindo e senti que poderia até mesmo tentar quebrar o protocolo.

Só não soube o que fazer quando a Sra. Reynard, digo Alyce, simplesmente me abraçou. Assim... do nada. Sem mais nem menos.

Eu não era uma pessoa muito de abraços e toques repentinos. Normalmente, quando as pessoas se aproximavam muito, eu me afastava. Era minha natureza e eu sabia que Thomas vinha tentando mudar aquilo de maneira gradual. Sempre que ele podia, sua mão repousava sobre meu ombro, ou os dedos acariciavam meu rosto, ou brincavam com os meus.

Thomas vinha derrubando várias barreiras que criei à minha volta. Onde antes eu não sentia nada, agora ficava um eterno formigar, uma vontade engraçada de tocá-lo tanto quanto ele fazia comigo.

Para mim, era um grande avanço o fato de me permitir ser tocada a todo momento ou abraçada sem razão alguma.

— Você é uma gracinha, querida — a mãe de Thomas disse enquanto ainda me mantinha entre seus braços. — Fico tão feliz em ver meu Tommy feliz!

Uau! Aquele era um momento catártico e constrangedor ao mesmo tempo. Catártico porque pude perceber que não... meu rosto não podia cair de vergonha ou explodir em vermelhidão. E constrangedor porque, exatamente naquele momento, Thomas descia as escadas e sorria para a cena estranha.

— Mãe, sabia que Rainbow não curte muito esse lance de abraços e afagos? — o descarado disse e senti uma vontade imensa de matá-lo a sangue frio. Sim. Com requintes de crueldade.

Não havia probabilidade de meu rosto esquentar mais do que já estava. A sensação térmica era a mesma que um vulcão em erupção. Meus braços ainda pendiam soltos ao lado do corpo.

Eu ia morrer.

— Aww... bom, você vai ter que aprender a conviver com isso, querida. Thomas puxou à nossa família nesse quesito. Já deve ter notado que ele é um típico agarrador, não é? — Ela piscou

desavergonhadamente para mim.

Eu pensava que a coisa não podia piorar. Podia, sim. E muito.

Thomas simplesmente se aproximou e abraçou nós duas, em uma espécie de abraço coletivo. E claro, o idiota sem noção ainda fez por merecer o direito de apanhar de mim naquela noite. Mais tarde. Sem plateia.

— Pai! Venha aqui! Estamos em um momento de muita emoção! — ele disse sem conseguir conter as risadas enquanto olhava para mim.

Deus! Por favor, me leve desta Terra.

O pai de Thomas abraçou o pacote apertado de braços ao meu redor. Se um buraco se abrisse naquele momento, seria a glória, porque minha vingança estaria completa, já que todos cairiam juntos.

Acabei me rendendo ao momento e deixei escapar uma espécie de soluço. Opa. Não. Era uma risada mesmo.

— Nestas horas devia haver outra pessoa na sala para registrar este momento lindo e bater uma foto — a mãe de Thomas disse simplesmente.

— Não, mãe. A pessoa iria se juntar a este abraço caloroso fazendo com que Rainbow adquirisse todas as cores do arco-íris... *literalmente* — Thomas disse e beijou a ponta do meu nariz.

Oh, meu Deus! Na frente dos seus pais!

Quando o abraço foi desfeito, senti meus braços meio dormentes. Nem sequer consegui erguê-los para afastar o cretino de mim.

Thomas me abraçou e escondeu o rosto no vão do meu pescoço. Eu podia sentir as vibrações de sua risada descarada.

— Eu ainda vou matar você — sussurrei.

Seu riso aumentou e acabei sentindo arrepios quando ele beijou logo abaixo da minha orelha.

— Meu Deus, Rain... — Ele olhou diretamente para mim. — Este momento deveria ficar eternizado. Foi impagável!

Graças a Deus os pais dele já haviam ido para a cozinha e não puderam acompanhar o idiota fazendo chacota do meu sofrimento.

— Mãe! Estamos saindo!

A mãe dele apareceu no vão da sala e disse:

— Vão com Deus e apareça sempre que quiser, querida. — Alyce acenou, despedindo-se.

Thomas saiu de casa puxando minha mão. Eu estava anestesiada ainda.

Nem sequer me dei conta de que ele assumiu o volante do *meu* carro.

Quando estávamos a duas quadras do local da festa, ele disse:

— Estou preocupado. Até agora você não falou nada.

Olhei para ele com os olhos entrecerrados e lançando faíscas.

— Estou sem fala. Tentando amortizar o impacto daquele momento na sala — admiti.

Thomas começou a rir novamente, mas eu precisava ser honesta. Milagrosamente, não sentia raiva alguma. Senti vergonha, claro. Mas não a raiva que eu poderia esperar por ter sido obrigada a enfrentar um momento tabu para mim.

— Prefere não falar do assunto? — Ele era esperto e sabia como conduzir meu humor. Eu precisava lhe dar o crédito.

— Thomas — falei seriamente. — Obrigada.

Porra! Até eu me espantei!

Ele arregalou os olhos, completamente chocado.

— Oh, meu Deus... quem é você e o que fez com minha namorada? — ele perguntou e praticamente sacudiu minha cabeça.

Começamos a rir dentro do carro. Nem eu sabia quem era naquele momento. Só sei que estava gostando cada vez mais daquela minha nova versão.

Thomas

Não há palavras suficientes para descrever o sentimento que tive quando desci as escadas e dei de cara com a cena toda. Minha mãe, abraçada à minha Rainbow. Seus olhos estavam completamente abertos em puro choque e terror diante daquele arroubo.

Eu sabia que Rain era meio avessa a muitos toques. Meio, não. Completamente avessa. Não havia um trauma evidente, ou algo assim, mas ela simplesmente não curtia muito contato físico. Mas como eu era um cara insistente, ao longo do tempo em que estivemos juntos, seja na escola, ou em qualquer outro lugar, sempre fazia questão de colocar as mãos sobre ela. Pequenos toques sutis.

E acabei esquecendo de avisar que minha necessidade de contato físico foi algo herdado da família. Ali não tínhamos pudores ou vergonha em demonstrar carinho e atenção.

Meus pais abraçavam-se o tempo inteiro e repartiam abraços a todo instante. Talvez fosse todo aquele excesso de amor derramado que os fazia tão condescendentes com as birras e acessos de Cybella.

Acabei correndo o risco de irritar totalmente minha garota quando participei do abraço coletivo, embora imaginasse que em sua família *hiponga* aquela fosse uma prática comum. Rainbow me surpreendeu mais uma vez. Quando, mesmo envergonhada, ainda assim, manteve seus sentimentos sob controle e lidou bem com a situação.

Como eu disse... Rainbow Walker era um vulcão adormecido. Não é que ela fosse fria de sentimentos. O problema é que ela sentia tantos, e alguns eram tão conflitantes, que muitos se misturavam e subiam à tona no momento errado. Quando ela precisava controlar o temperamento, ela explodia, quando precisava dar vazão, ela se retraía.

O que minha garota precisava aprender era encontrar o equilíbrio no meio de toda aquela bagunça sentimental. E agora era o momento em que eu me sentia o Dr. Phil, ou podia jurar que a filosofia zen dos pais dela estava me pegando como um vírus insidioso.

capítulo

22

A festa estava animada ao extremo. Quando entramos na casa barulhenta, fomos recebidos pelo treinador, que já nos estendia um copo de alguma coisa.

— É energético. Para que o Thomas recupere as forças. Esse cara foi um espetáculo hoje! — o técnico disse empolgado.

Eu achava que ele já devia ter ingerido alguma coisa com teor alcoólico, mas tinha de dar o crédito de que, se a festa era na casa dele, ele seria responsável o suficiente para monitorar e não permitir bebidas, já que 90% dos frequentadores eram menores de idade.

— Obrigado, treinador. — Thomas pegou o copo e agradeceu.

Sem delicadeza alguma, ele saiu me puxando e seguindo rumo à pista de dança. Uma música insinuante tocava e algumas luzes negras piscavam no jardim.

Uau. O técnico já devia estar seguro da vitória do time, porque aquilo ali devia ter sido preparado com antecedência.

Thomas me puxou contra seu corpo e, imediatamente, fiquei dura como uma pedra. Eu odiava dançar. Com todas as minhas forças. Na frente das pessoas então... era o cúmulo do absurdo para meus padrões.

Ele obrigava meu corpo a acompanhar seu ritmo, que eu devia admitir, era muito sexy.

— Dance comigo, Rain — ele pediu em um sussurro.

— Eu não sei dançar, Thomas — respondi no mesmo tom e com um desespero aterrador.

— Feche seus olhos e deixe que eu te guio.

Eu ainda estava receosa e sem saber o que fazer. Thomas me levava ao limite da minha sanidade.

— Vamos, Rain — ele implorou. — Faça isso por mim...

— Thomas... — Eu podia sentir as mãos suando.

Seus braços me enlaçaram mais apertado.

— Feche os olhos.

Resolvi pular do "despenhadeiro" em que minha vida se enfiou desde que conheci aquele garoto.

Fechei os olhos e senti seus lábios contra os meus. Nada de beijos quentes nem nada. Apenas um contato para me assegurar de que ele estava ali na minha frente.

À medida que a música batia em meus ouvidos, Thomas comandava nossos corpos juntos, em um ritmo sinuoso e sexy. Ou ao menos eu comecei a me sentir assim em seus braços. Quem diria que dançar poderia ser libertador? De olhos fechados ainda... aprimorava os sentidos de maneira que nunca imaginei ser possível.

Eu podia sentir até mesmo a fibra da camiseta que Thomas usava, ou mesmo as partículas de suor que escorriam e se mesclavam. O suspirar dele em meu ouvido. A sensação de seus cabelos contra o meu rosto. A dimensão de suas mãos em contato com meu corpo. O leve tremor de seus dedos, ou o agarrar suave que ele dava em minha roupa, como se estivesse se controlando.

Eu sabia que havia gente ao redor, mas, naquele momento, imaginei que somente Thomas e eu estivéssemos ali. Meus dedos ganharam vida própria e seguraram seus braços fortes. Eu podia sentir seus músculos suaves.

Meu corpo começou a tremer e ansiar por algo que eu nem sequer poderia imaginar. Na verdade, podia, sim. Não era tão ingênua para não saber.

Dois corpos juntos, em uma constante fricção, ao som de uma música indutora de movimentos sinuosos e sedutores, uma batida empolgante...

Thomas beijou meu pescoço e senti o arrepio percorrer meu corpo. A sensação parecia algo extracorpóreo. Era como se eu pudesse observar a cena de cima. E desconhecia eu mesma.

Mas dizer que permitir com que aqueles sentidos invadissem minha alma fizesse bem, seria um eufemismo.

Quando a música mudou para outra batida, abri os olhos lentamente e senti meu corpo letárgico. Cara... e eu não havia bebido absolutamente nada para que pudesse culpar um efeito entorpecente.

Meus olhos encontraram os de Thomas, que me olhava com uma seriedade impressionante.

— Juro que você seria capaz de me matar — ele disse simplesmente.

Não entendi a brusquidão de seu tom, mas percebi a energia nervosa que ele liberava.

— Preciso pegar algo para beber. O que você quer?

— Uma soda está bom.

Ele me largou no meio da pista de dança. Do nada. Thomas se afastou como se estivesse com o corpo em chamas.

O meu ao menos parecia estar. Resolvi que deveria pegar um ar fresco e esperar que uma calma desconhecida sobreviesse.

Aquela noite estava realmente cheia de fortes emoções. Era como uma overdose de sensações conflitantes dentro de mim.

Eu podia sentir alguns muros ruindo ao meu redor. A redoma que coloquei sobre meus sentimentos estava sendo retirada gradualmente.

Podia entender agora porque as pessoas eram capazes de fazer loucuras quando estavam apaixonadas.

Porra! Eu estava apaixonada! Espera. Eu. Estou. Apaixonada. Categoricamente confirmado.

Meu Deus.

Eu amo Thomas Reynard. Realmente amo esse garoto. Como isso aconteceu? Como permiti acontecer? O que eu faria?

Será que existia um protocolo para agir em casos assim? É claro que sabia que não era a única garota do planeta a se apaixonar. Mas, para mim, era a primeira vez.

E era um sentimento aterrador. E eu não tinha minha mãe perto para me ajudar a entender ou ao menos me orientar. Poderia conversar com Sunny. Mas caralhoooo! Era minha irmã mais nova!

Senti que uma lágrima sorrateira queria se suicidar do meu olho esquerdo e pisquei com força para evitar o desastre. Além de arruinar minha maquiagem sutil, ainda me faria pagar um mico tremendo.

Enquanto eu caminhava para algum lugar tranquilo, onde pudesse respirar ar puro e não empesteado de suores, senti a torrente de emoções querendo saltar de dentro de mim.

Oh, meu Deus.

Nem reparei para onde seguia e esbarrei em alguém.

— Uou, uou, uou... olha só quem temos aqui! Se não é a empertigada Rainbow Walker! — O bafo de Jason me atingiu sem dó. Acho que fiz uma careta de nojo, porque logo em seguida as feições dele mudaram. — O que foi? Você se acha importante demais para os reles mortais? Acha que é superior só porque é mais inteligente?

— Sai da minha frente, por favor. — Nem sei por que me dei ao trabalho de ser educada com aquele pentelho.

Senti suas mãos pegajosas nos meus braços nus e tentei me afastar, sem sucesso. Eu sabia que devia ter feito as aulas de defesa pessoal na penúltima escola que frequentei, mas a preguiça me impediu. A preguiça e a ardente necessidade de desviar de todo e qualquer contato físico com um instrutor ou uma dupla para praticar os golpes.

— Nããooo... Rainbow Walker dançou de uma maneira sexy pra caralho ali atrás... pode muito bem repetir a performance aqui comigo, que tal? — ele falou e tentou chegar mais perto.

Coloquei os braços estendidos à minha frente, tentando manter o máximo de distância.

— Eu vi você com o idiota do Thomas. Eu vi! — ele falava alto. Algumas pessoas já estavam atraídas pelo espetáculo. — Ele te pegou assim de jeito... foi sexy... mas por que tem que ser só com ele? Hein? Vamos lá, Rainbow! Seja um espírito livre, igual aos seus pais!

A menção aos meus pais acabou me congelando no lugar. Senti todo meu sangue drenar do rosto e meus braços caíram inertes à frente. Com isso ele acabou conseguindo me abraçar de maneira vulgar e suja. Eu podia sentir meus membros entorpecidos.

— Cala... a boca... seu... seu... — eu tentava falar, mas parecia que minha língua estava travada. — Você... não tem o direito...

Uma movimentação atraiu a atenção de Jason, o suficiente para que eu recuperasse meus sentidos e tentasse me livrar de seu aperto.

— Larga minha irmã, seu imbecil! — Storm gritou e praticamente arrancou Jason de cima de mim.

O que ele não contava era que Jason estava me segurando tão forte que acabou me levando junto.

Quando percebi, estava engalfinhada no chão, entre meu irmão e Jason. Ambos tentavam acertar um ao outro, e eu podia sentir que viria merda dali.

Ouvi um grito de longe, a torcida pedindo briga, como um circo de horrores, e tentei proteger meu rosto dos braços e pernas que chutavam e agrediam.

Eu estava com medo de Jason acertar meu irmão, mas ao mesmo tempo tentava sair do meio.

Era óbvio que sobraria para mim. Um soco voou em direção incerta e qual não foi minha surpresa ao sentir a intensidade do mesmo, exatamente na minha mandíbula. Acho que mordi a língua, pois senti o gosto de sangue imediatamente. A dor foi tão forte que perdi o foco e acho que apaguei por um momento.

Quando recobrei os sentidos, estava sentada na grama, no colo de alguém, que eu só poderia supor ser o Thomas, já que consegui distinguir o som de sua voz.

— Ssshhhh... — ele falava em meu ouvido. — Tragam a porra do gelo, merda!

Aquilo não foi um sussurro e doeu em meus ouvidos, mas, como eu ainda estava com um zumbido na tuba auditiva, deixei passar.

Oh, sim. O zumbido devia ser por conta do soco que recebi. Maravilha. Pense em exacerbar sensações em apenas uma noite.

Yeap. Era eu. A rainha do drama da noite.

capítulo

23

Senti uma mão percorrer meus cabelos e um beijo suave nos lábios. Também percebi que as pessoas sussurravam ao redor. Mas por quê?

Lembrei. A briga.

Abri os olhos e dei de cara com o olhar preocupado no rosto lindo do meu namorado. Aquele que amo tanto que chega a doer.

Mordi a língua para evitar que falasse alguma besteira relativa àquela descoberta recente e gemi de dor, já que acabei pressionando os dentes no mesmo local onde havia mordido.

— Rain! Fale comigo! — Era a voz de Storm e eu podia dizer que ele estava desesperado.

— Estou tentando... — falei engrolado. Minha língua devia estar inchada mesmo. — Mordi a língua... acho...

Storm fazia jus ao nome que mamãe colocara nele. Ele andava furiosamente pela sala. Olhei ao redor e não reconheci o lugar. Meus olhos devem ter mostrado a pergunta que nem sequer cheguei a fazer, porque em seguida Thomas respondeu.

— Estamos no escritório do técnico Murray.

Fazia sentido, já que estávamos na festa na casa dele.

Uma mulher de meia-idade, que supus ser a esposa do treinador, entrou naquele momento com uma vasilha nas mãos.

— Olhe aqui, meu bem. Mais gelo — ela disse e olhou penalizada para onde eu estava deitada.

Meu Deus. Seu olhar era tão chocado, que agora eu estava com medo de me olhar no espelho.

Tentei me levantar do sofá, mas meu corpo doeu em lugares vitais. Parecia que eu tinha me envolvido em uma luta livre. Ah, sim. Foi quase isso.

— Puxa... eu virei um sanduíche de socos e pontapés, né? — tentei brincar.

Storm olhou para mim com tanto desespero que cheguei a ter vontade de pegá-lo no colo para confortá-lo.

A porta se abriu e Sunny entrou parecendo uma valquíria desgovernada.

— Onde está aquele imbecil? Vou descer a mão na cara dele! — ela gritou.

— Fique na fila — Storm falou.

— *Okay*. Alguém poderia me contar o que aconteceu a partir do momento em que apaguei?

Thomas acariciou meus cabelos e me ajudou a sentar calmamente no sofá. Ele ficou com o corpo atrás do meu, me dando suporte.

— Acho que acertei um soco em você, Rain — Storm assumiu pesaroso.

— Não dá pra atestar isso do meu ponto de vista. — Tentei amenizar a culpa que via em seus olhos. — Os socos voavam e eu estava com medo de ele acertar você!

— Você nem devia ter sido envolvida nessa merda, Rain! — Thomas falou nervoso.

Sunny pegou um gelo e me ofereceu para que o colocasse na boca.

Agradeci com um sorriso. Minha língua estava doendo pra burro.

— Quando arranquei o idiota de cima da minha irmã, não podia imaginar que ele estava grudado como um polvo e não soltaria, porra. — Storm falou chateado.

— *Okay*... sshhhh... — Tentei chupar o gelo silenciosamente, mas era complexo. — Ssshhhh...

— Você está mandando alguém calar a boca? — Sunny perguntou.

— Não. Estou tentando não morrer engasgada com esse gelo — falei simplesmente.

Todos os olhares viraram para mim como se eu fosse louca.

— Ãhhh... você sabe que o gelo derrete, certo? — Sunny resolveu fazer piada naquele instante.

— Diga isso para aquela pedra com que você ficou entalada quando era mais nova e chegou a ficar roxa. Foi preciso um soco violento nas suas costas e um aperto de morte para que você a cuspisse... — falei. — Que eu saiba, você ficou proibida de chupar gelo por um bom tempo.

Sunny teve a delicadeza de corar.

— Oh... é mesmo.

— *Okay*. Voltemos.

— Quando percebi que tinha sido atingida, consegui tirar seu irmão de cima de você e, antes de te afastar dali, ainda pude dar um soco na cara do Jason — Thomas falou como se fosse a coisa mais simples do mundo.

— Foi um belo soco, por sinal — Storm elogiou.

Thomas nem sequer deu bola. Ele olhava diretamente para mim e para o local onde eu mantinha o saco de gelo.

— O que foi? Está tão horrível assim? — perguntei.

— Não.

— Ainda bem que não foi no olho, mana — Sunny disse. — Você ia ficar com um hematoma do tamanho do buraco da camada de ozônio.

Ri da minha irmãzinha, porque somente ela conseguia extrair pérolas de sabedoria durante um momento tenso.

O treinador Murray escolheu aquele momento para entrar no escritório e em seus olhos nós podíamos ver a desaprovação.

— Jason será punido pelos atos de hoje e você, Thomas, ficará suspenso por dois treinos. — Ele olhou para Storm. — Você só não ficará de fora da equipe porque sei que agiu em defesa da sua irmã, já que outros alunos relataram o ocorrido. Mas espero que esse comportamento não se repita. — Seus olhos passaram por todos na sala. — É vergonhoso esse tipo de atitude, tanto por parte do Jason, quanto de vocês, de se envolverem em uma briga de rua. Praticamente. Espero que tenham visto que outras pessoas que nem deviam sair feridas acabaram se machucando.

Ficamos em silêncio, já que o esporro era geral. Graças a Deus ele não resolveu chamar o idiota criador da contenda para um bate-papo e para fazer as pazes.

Thomas ficou calado e com a cabeça baixa praticamente todo o tempo. Eu só sentia suas mãos fazendo carinho em minhas costas de vez em quando.

— Vamos embora. — Sunny levantou-se do sofá e puxou o irmão. — Você também precisa de um gelo em alguma parte dessa cabeça dura aí.

— Vamos, Rain — Storm chamou da porta.

— Eu vou levá-la. — Thomas dispensou os dois.

Tentei argumentar, mas seu olhar foi mais eloquente que palavras.

Ele me ajudou a levantar do sofá e, quando saí do escritório, pude ver apenas os sinais da festa que aconteceu mais cedo. Copos espalhados pelo chão, pratos e salgadinhos largados em todos os cantos.

— Lembre-me de nunca dar uma festa em casa — falei, brincando.

Thomas não respondeu.

Ele continuava me guiando para a saída e paramos apenas rapidamente para nos despedir dos donos da casa.

— Melhoras, querida. Foi vergonhoso o que aquele jovem fez, mas Murray vai cuidar disso. — A mulher do treinador me deu tapinhas de consolo nas costas.

— Leve a moça em segurança para casa, Thomas — o treinador falou e olhou diretamente para mim. — Eu falaria para você registrar uma queixa, mas, como não sabemos a procedência do murro que você levou, provavelmente acabaria trazendo problemas para o seu irmão. Mas quero que saiba que o conselho disciplinar vai ficar sabendo da história. O comportamento acintoso de Jason não pode passar despercebido.

Assenti com a cabeça, já que não tinha o que falar. Tudo ainda era muito nebuloso.

Thomas nos levou para casa, o caminho inteiro em um silêncio perturbador. Eu podia dizer que ele estava chateado com alguma coisa, mas não entendia precisamente com o quê.

Quando desci do carro, me atentei para o fato de que eu deveria tê-lo deixado em casa primeiro.

— Como voc...

Nem sequer completei minha sequência frasal. Thomas me beijou placidamente, com o intuito de me manter calada.

— Me deixe passar a noite aqui, Rain — ele pediu e seu tom de voz era triste e envergonhado.

— O quê?

— Me deixe ficar apenas cuidando de você...

— Thomas, não acho que seja uma boa ideia...

— Eu só quero cuidar de você. — Ele passou as mãos nervosamente pelos cabelos. — Porra, se eu não tivesse saído do seu lado e te largado na pista de dança, talvez isso nunca tivesse acontecido.

Ele estava se sentindo culpado?

— A culpa não foi sua, Thomas. Eu saí para o jardim. Esbarrei no idiota.

— Mas *eu* larguei você na pista porque tive um momento de pânico — ele admitiu.

— Pânico? De quê?

— Vamos entrar, Rain. — Thomas me puxou para a porta, mudando o assunto.

Como eu estava muito cansada e sobrecarregada da noite, além de estar com o corpo todo dolorido, o segui obedientemente.

Storm estava na cozinha ajeitando alguma coisa para comer e não havia sinal de Sunny.

— Opa, opa! Para onde você pensa que está indo? — Storm perguntou, segurando um prato enorme de macarrão.

Eu não podia acreditar que meu irmão estava dando uma de "homem da casa" e ainda sentia fome ao mesmo tempo. Percebi que meus pensamentos estavam confusos e misturados e quase comecei a rir. O que uma coisa tinha a ver com a outra?

— Thomas vai subir comigo — informei e comecei a subir as escadas.

— Para o seu quarto?

— Não. Para o banheiro... — ironizei. — É óbvio que para o meu quarto, Torm!

— Mas ele não pode ficar no seu quarto, Rain. Ele é homem. E homens não ficam nos quartos das namoradas, a não ser que seja para fazer coisas ilícitas... — ele disse e largou o prato na pia, caminhando em nossa direção. — E isso eu não vou permitir.

Eu estava chocada, cansada, esgotada, dolorida e puta.

— Nós não vamos fazer coisas ilícitas, seu burro! Ou eu não estaria te informando e estaria entrando sorrateiramente com ele! — acho que gritei, porque os dois olharam chocados para mim. — Que merda de dia! Será que ele nunca vai acabar?

Subi os degraus com pressa e entrei no meu quarto fazendo questão de bater a porta.

Nem bem se passaram cinco segundos e Thomas entrou calmamente.

Eu estava sentada na cama olhando para o nada.

— Rain...

— Thomas. — Levantei da cama e parei à sua frente. — Espera aqui. Vou trocar de roupa.

Peguei meu pijama mais comportado, o que implicava uma boa dose de algodão da cabeça aos pés, e corri para o banheiro. Bom, correr era uma espécie de exagero, já que meio que saí mancando. Meu corpo estava tão judiado que eu mais parecia uma idosa de cem anos.

Tomei uma ducha rápida e escovei os dentes. Tentei evitar o espelho, mas a curiosidade foi maior.

Suspirei chocada com minha aparência. Um hematoma horrível se formava na minha mandíbula e parecia que eu tinha uma goma de mascar na lateral da bochecha.

Fora os outros pontos doloridos em meu corpo, onde os pés e cotovelos dos brigões fizeram contato, deixando tudo um mapa de cores interessantes. Aparentemente, luta no chão realmente poderia ser brutal. Aquilo foi praticamente um *ménage à trois* no modelo UFC.

Enfim, a cena em si não era nem um pouco sedutora, logo meu irmão podia ficar sossegado.

Quando voltei para o quarto, Thomas já estava descalço e deitado confortavelmente na minha cama. Seus braços estavam atrás da cabeça e os olhos me seguiram por todo o caminho até que me sentei ao seu lado.

— Você sabe que não vou deitar aí com você, né? — eu disse e ele apenas sorriu diante da minha tentativa de parecer calma.

Eu estava nervosa. Afinal de contas, havia um "garoto" deitado na minha cama! Esse fato não era algo corriqueiro para mim.

Muitas garotas da minha idade poderiam achar aquela cena uma das mais banais, mas não eu. Culpe meu lado pudico, sei lá.

— Rain, não vou fazer nada. Eu juro. — Thomas beijou os dedos cruzados em uma promessa fraca. — Antes de mais nada, tome estes dois comprimidos de Tylenol aqui.

Olhei desconfiada para a garrafa d'água que ele segurava e os comprimidos em sua mão estendida.

— Onde você arranjou isso? — perguntei porque eu sabia que meus pais eram contra remédios alopáticos em casa. Tudo deveria vir da natureza. E viva a homeopatia. *Yay*!

— Eu sempre ando com um frasco na bolsa, Rain. Muitas vezes, depois de um treino árduo, é o que alivia as dores no corpo.

Uau. Ele não era muito novo para se automedicar? Bom, calei essa pergunta e aceitei os comprimidos, já que eu sabia que as dores que estava sentindo agora estariam triplicadas na manhã seguinte. Engoli tudo com um gole. O que o nervosismo não faz com as pessoas, não é?!

Deitei ao seu lado e ele simplesmente me puxou para um abraço. Então eu estava deitada sobre seu tórax, apenas ouvindo as batidas aceleradas de seu coração. Tenho quase certeza de que ele poderia sentir as batidas do meu, através das costelas.

Eu não podia negar meus sentimentos. Estar ali em seus braços era algo perturbador e extremamente gratificante. Ficamos em silêncio por alguns instantes.

— Estou me sentindo culpado pra caralho pelo que aconteceu com você esta noite. — Ouvi seu suspiro cansado.

— Por quê? — Ergui a cabeça para olhar em seus olhos. — Não foi culpa sua, Thomas. Ninguém tem culpa do Jason ser um babaca total.

Thomas beijou minha testa e fez um carinho no meu rosto, passando os dedos delicadamente sobre o machucado que eu agora ostentava.

— Eu meio que surtei na pista de dança e larguei você.

Okay. Aí estava algo verdadeiro. E minha curiosidade era grande para saber o motivo do surto.

— E por quê?

Thomas olhou profundamente em meus olhos.

— Você não tem ideia do que faz comigo, não é? — ele perguntou e acenei a cabeça devagar em negativa.

Se fosse algo parecido ao que ele fazia comigo, eu podia entender seu conflito.

Thomas passou uma mão pelo seu rosto e em seguida agitou os cabelos já bagunçados.

— Não posso negar que quero você, Rainbow. Da forma mais carnal possível — ele admitiu e eu engoli em seco. Opa. O papo era sério. — Dançar com você daquele jeito, quando você simplesmente confiou em mim para guiá-la... tê-la tão junto, tão... tão... porra...

— Se eu disser que você também mexe com meus sentimentos de maneira profunda e intensa e de maneira um tanto quanto... carnal... você acreditaria? — perguntei e senti o rosto corar.

Ele deu um sorriso lindo e passou a mão pelos meus cabelos.

— Nunca na mesma intensidade que o meu corpo sente, Rain.

— *Okaaay*... posso entender isso — falei constrangida. — Você é homem e tudo mais.

Thomas me abraçou e começou a rir.

— Isso mesmo. Homem e tudo mais.

Continuei encapsulada em seus braços e senti um beijo suave na curva do meu pescoço. Aquele pequeno gesto arrepiou até minha alma.

— Eu sinto muito, Thomas. — Deixei escapar uma leve impressão de insegurança.

Ele me encarou seriamente.

— Pelo quê?

— Por não poder corresponder às suas expectativas...

Nossa. Aquela conversa parecia até mesmo um déjà-vu.

— Acho que já falamos sobre isso. — Tentei me levantar, mas fui impedida.

— Eu sei. E vou respeitar sua decisão sempre, Rain. Nunca vou forçar você a nada, pode acreditar em mim. — Seu tom era firme e solene. — Prefiro viver no celibato a ficar sem você.

Uau. Pense em estar apaixonada secretamente e de repente se apaixonar de novo. Isso era possível?

Segurei minha língua. Ela tinha vida própria e queria revelar meu segredo.

— Eu posso dormir aqui?

Hein? Como assim? Eu estava pasma.

— Calma. — Ele correu a me acalmar. Acho que percebeu os sintomas de um surto iminente. — Vou apenas ficar do seu lado. Só preciso ficar perto. E amenizar a culpa no meu coração.

Okay. Aquela parecia uma desculpa muito fajuta de um cara querendo se infiltrar na cama de uma garota.

— Thomas...

— Eu juro, Rain. — Thomas colocou a mão no coração. Foi bem bonitinho ver sua tentativa de fazer os olhos pidões do Gato de Botas.

— Você promete se comportar?

— Pela alma do meu papagaio — ele zombou. — Prometo conservar minhas roupas. Vou dormir com elas.

Dei um murro em seu braço.

— Você é um idiota, sabia?

— Sabia. Mas seria mais idiota se simplesmente não tentasse a sorte... — disse e beijou minha mão.

— Eu nunca fiz isso.

— O quê? — perguntou confuso.

— Dar tanta liberdade para alguém... ter intimidade com alguém... sei lá.

— Espero mesmo que não.

— Thomas... eu nunca dormi acompanhada!

— Espero mesmo que não, novamente.

Comecei a rir da sua tentativa de amenizar a situação.

— Garotas comumente fazem isso?

— Depende... do que mais precisamente você está falando? — ele brincou. — De simplesmente dormir lado a lado, de maneira comportadinha ou fazendo estripulias?

— Dormir clandestinamente com um cara no quarto, engraçadinho.

Thomas me abraçou e puxou o edredom sobre nós dois. Ah, meu Deus. Estava acontecendo. Quero dizer... estávamos mesmo nos preparando para dormir!

— Já ouvi relatos de muitas fugas pela madrugada, saídas furtivas e outras coisas mais — Thomas falou e bocejou. — Mas vou te confessar que nunca antes quis compartilhar esta mesma intimidade com uma garota. Nunca entrei sorrateiramente no quarto de uma para simplesmente passar a noite.

Não passou despercebido o "simplesmente passar a noite". O que só poderia significar que ele já havia adentrado o quarto de alguma garota.

Bem, Thomas tinha um passado e nunca havia negado isso.

— Posso apagar a luz? — ele perguntou.

Acenei afirmativamente e tudo ficou escuro. Meus olhos tentavam se acostumar com o breu, e podia ouvir o som de nossas respirações sintonizadas.

— Por que ter tanto trabalho assim, Thomas? — perguntei e tentei entender realmente.

— Trabalho de quê?

— Em ficar comigo, mesmo sabendo que nosso relacionamento é limitado a pequenos momentos assim...

Ouvi seu suspiro profundo.

— Porque você vale a pena, Rain.

Olhei para cima e somente podia perceber seu rosto na penumbra.

— Eu não entendo você — falei sinceramente. — Poderia ter qualquer garota que quisesse... e eu sou tão... tão... imperfeita...

— Ah, Rainbow... — Thomas suspirou entre irritado e desanimado. — Eu só gostaria que se enxergasse da maneira que eu te enxergo. Para mim, você é perfeita.

— Thomas? — chamei baixinho, averiguando se ele já havia dormido.

— Hummm?

— Você tem um papagaio?

Senti sua risada baixa retumbar em meus ouvidos.

Com um beijo na minha testa, Thomas me puxou mais firmemente contra seu corpo quente e apenas deixei que meus olhos se fechassem e os pensamentos resvalassem para o reino dos sonhos.

Uma coisa eu não poderia esquecer. Thomas Reynard conseguia fazer com que eu me sentisse confortável comigo mesma e ainda a melhor das garotas.

Eu só precisava aprender a lidar com aquilo e passar a acreditar também.

Thomas

Minha cabeça não conseguia desligar dos momentos tensos passados. Embora eu pudesse me comprazer com o suave ressonar de Rainbow, profundamente adormecida em meus braços, meus olhos não conseguiam se fechar, nem mesmo diante da penumbra do quarto acolhedor.

Sentir o calor de seu corpo ao meu lado era ao mesmo tempo maravilhoso e torturante. Quando dançamos mais cedo, eu realmente achei que pudesse ter surtado em meu breve momento de pânico. Porque minha vontade absoluta era, definitivamente, carregar Rainbow dali e convencê-la, de qualquer jeito, a ser minha de todas as maneiras possíveis e inimagináveis.

Passei a mão pelo meu rosto, tentando apagar a memória de nossa dança eroticamente protagonizada na pista de dança. Em minha mente, quando Rainbow fechou os olhos e permitiu que eu guiasse seus movimentos, praticamente a arrastei dentro da nuvem de luxúria que eu conduzia. Meu corpo estava ardendo de vontade de estabelecer uma posse absoluta sobre ela. De ter pele sobre pele. Mãos, dentes, boca, tudo o que eu tivesse direito a encostar e fazer.

Quando seus olhos se abriram e pude ver o reflexo do meu desejo ardente naqueles olhos verdes lindos, que eu tanto amava, e aquele foi o verdadeiro momento catártico da percepção de

que eu amava aquela garota, eu simplesmente entrei em pânico e precisei de espaço para apagar as chamas que o corpo dela produzia no meu.

Pense em alguém sendo consumido gradualmente por um desejo sexual latente, com um constante quadro de bolas azuis monumentais e uma barra rígida sem esforço, bastando apenas um olhar daquela garota...

Pense na doce tortura de estar lado a lado, vendo-a ganhar vida e abrindo-se cada dia mais, vendo seus olhos adquirindo um brilho único, os lábios dando sorrisos exclusivos para mim...

Rainbow Walker estava me quebrando aos poucos. Eu achava que seria aquele que faria um arrombamento sutil na parede de tijolos de seus sentimentos bloqueados. Mas, na verdade, ela era a pessoa que simplesmente chegou com uma bola demolidora, e puta que pariu, só consigo pensar em Miley Cyrus agora, e destruiu toda e qualquer estrutura que eu pudesse ter antes de conhecê-la.

Quando por fim acalmei meus sentidos perturbados, depois de jogar água gelada no rosto e ajeitar algo mais ao sul, organizando o infeliz e mentalizando que com aquela garota não era por aquele caminho que as coisas seguiriam, voltei para a pista de dança e a encontrei estranhamente vazia. Percebi que todos estavam do lado de fora, contemplando uma briga, e qual não foi o meu choque e terror ao perceber que Rainbow estava exatamente no meio de todo o conflito.

Corri em sua direção, tentando apartar a briga, gritando por Mike, para que ele agisse do outro lado. Ou chamasse o treinador, sei lá. Os outros carniceiros, que estavam à volta, apenas esperavam o desfecho da merda toda. Nenhum deles foi inteligente o suficiente para imaginar que uma garota enfiada em uma briga, no chão, no meio de dois marmanjos, sairia machucada com 99% de certeza.

Meu coração quase parou quando vi que seus olhos perdiam vida rapidamente e reviraram fazendo com que ela apagasse como uma vela ao vento, o que só significava que alguém havia atingido seu rosto. Porra! Só consegui arrancar Storm de cima e, sem nem ao menos hesitar, arremessei um soco na cara de Jason. Eu estava pouco me lixando se o treinador Murray me puniria ou não. Aquele merda envolveu minha garota em uma briga. Eu era inteligente o suficiente para sacar que no mínimo seu irmão estava no meio, porque deve ter corrido em seu socorro. Era só somar dois e dois. Simples assim.

Sentei na grama e peguei o corpo inerte de Rainbow nos braços, tentando fazer com que ela acordasse e respondesse ao meu chamado. Vi quando abriu os olhos brevemente e suspirei de alívio na hora, disso me lembro bem.

Daí, quando o treinador chegou e nos encaminhou para o seu escritório, eu simplesmente fui incapaz de me afastar de Rainbow.

E estava aí a razão do meu apelo apaixonado para que ela me deixasse passar aquela noite ali, com ela segura em meus braços. Mesmo que o calor de seu corpo e o simples respirar enviassem vibrações espontâneas diretamente para outra área do meu corpo e eu estivesse em um doce martírio.

Olhei para seu rosto adormecido e dei-lhe um beijo suave na ponta do nariz. Em seguida a abracei firmemente, esperando que o sono viesse, por fim, trazer a paz de que eu necessitava. Aquela noite, definitivamente, tinha sido do caralho.

capítulo

24

Por mais estranho que pudesse parecer, acordar ao lado de Thomas não foi tão esquisito quanto pensei que seria.

Ele depositou um beijinho suave em minha testa e abri os olhos calmamente. A visão daqueles olhos verdes enevoados deu um tombo em meu coração.

Se meu corpo estivesse obedecendo aos comandos adequados, eu teria saído da cama rapidamente, já que estava preocupada com o bafo matinal. Eu nem sabia como os casais se comportavam ao acordarem juntos e como lidavam com essa particularidade.

Porém, com os efeitos da noite anterior, estava me sentindo enferrujada, quase podendo ouvir o ranger e estalido dos meus ossos e músculos tentando se descompactar para executar um movimento. Segurei um gemido de dor que varreu meu corpo quando sentei na cama. Minhas costelas pareciam ter sido espremidas por um Troll. Ou então eu podia jurar que tinha dormido de espartilho.

— Não fuja! — Thomas tentou me segurar.

— Eu já volto.

Marchei como uma tartaruga para o banheiro e percebi que meus irmãos ainda deviam estar dormindo, já que as portas de seus quartos estavam fechadas. Sunny havia pendurado sua placa de "não perturbe, pois aqui há um zumbi prestes a te devorar".

Sorri internamente e percebi que eu estava feliz, apesar de todo o drama da noite anterior e da perspectiva de ser objeto de fofoca da escola inteira na segunda-feira. Fora a dor. Não podemos nos esquecer da dor do caralho que estava percorrendo todas as fibras musculares do meu pobre corpo naquele momento. Sentar no vaso sanitário havia sido uma tarefa monumental. Quase equiparável a um treino intenso em academia. Ou pós-treino, quando os músculos se recusam a obedecer e tremem loucamente.

Quando voltei para o quarto, Thomas estava sentado na cama, passando as mãos pelos cabelos e bocejando.

— Se ainda está com sono, por que razão me acordou? — perguntei e cruzei os braços, esperando que desculpas ele daria.

— Dormir abraçado com você é maravilhoso, mas existe algo como o chamado da natureza, já ouviu falar? — Sorriu.

Quando ele se levantou da cama, suspirei por toda aquela glória masculina e amarrotada, que não deixava de ser sexy nem mesmo ao acordar. Era bem injusto, mas quem está reclamando? Eu não.

Ele se aproximou de mim e me enlaçou em seus braços. Sem esperar um segundo ele me beijou e meu cérebro processou o agradecimento de ter escovado os dentes com capricho.

— Hummm... creme dental de menta com pequenas partículas cristalizadas... — ele disse e lambeu os lábios. — Meu favorito.

Abri a boca em choque, mas ele já havia me soltado e marchado para fora do quarto. Aproveitei o momento e troquei de roupa rapidamente — na medida do possível, já que todos os meus movimentos estavam sendo executados como se estivessem em uma câmera *slow motion* —, colocando uma calça de moletom e uma regata no lugar do pijama quentinho e puritano.

Prendi os cabelos em uma trança e, quando me inclinei para procurar um par de chinelos, gemi em voz alta. Esqueci da dor nas costelas. Agora eu estava preocupada de precisar de um guincho para me retirar daquela posição inglória. Foi quando ouvi o pigarro atrás de mim.

— É realmente uma cena digna de apreciar — o descarado disse e riu.

Percebi que ele devia estar olhando para o meu traseiro.

Quando consegui voltar a uma posição digna, sem gemer audivelmente no processo, arremessei um chinelo em sua direção. Infelizmente o objeto tomou outro rumo e acabou acertando meu quadro de avisos na parede.

— Idiota.

— Idiota, mas você me ama.

Quase engasguei. É claro que ele devia estar brincando, já que, logo em seguida, sentou-se na cama para calçar seus sapatos.

— O que vamos fazer hoje? — ele perguntou despreocupadamente.

Eu ainda tentava fazer meu coração voltar ao ritmo normal e não deixar transparecer que havia ficado abalada agora há pouco.

— Não sei. Ficar em casa seria ótimo para mim.

E seria mesmo. Eu queria me enrolar debaixo das cobertas e ficar ali o dia inteiro. E Thomas seria bem-vindo, claro. Mas eu não sabia se teria coragem suficiente para externar aquele desejo.

— Eu sei. Mas você precisa sair. Então vamos dar uma volta por aí.

— Thomas, estou com tooooodo o meu corpo malhado de contusões. E tudo dói. Até meus cílios estão doendo, se é que isso é possível — falei e acompanhei o riso que ele deu.

— Sei disso também. Por isso, já estou com o arsenal de drogas, vulgo analgésicos, preparado para você. Agora vamos.

Ele disse e levantou-se de um pulo me pegando desprevenida quando me ergueu em seus braços e saiu do quarto disparando pela escada.

— Thomas! Me solta! O que você está fazendo? Ponha-me no chão! — tentei ralhar, mas eu lutava contra o riso. E claro que rir e lutar contra o seu agarre ao mesmo tempo doía pra caralho.

Quando percebi que ele rumava para a porta de saída, me sacudi em seus braços.

— Fica quieta! Ou vamos acordar seus irmãos!

— Mas nem tomamos o café da manhã!

Já estávamos do lado de fora de casa e Thomas quase me colocava dentro do carro quando Storm gritou da porta.

— Ei! Onde os dois estão indo tão rapidamente?

— Vou sequestrar sua irmã. E não se dê ao trabalho de chamar a polícia! — Thomas gritou entrando no carro e arrancando rapidamente.

Eu provavelmente devia estar parecendo uma trouxa, pois um sorriso insistente resolveu se instalar em meus lábios e não saía de forma alguma. Mesmo que meu rosto estivesse doendo horrores, ainda assim eu estava feliz com os arroubos de Thomas.

Ele acabava me obrigando a fazer coisas que nunca pensei que gostaria de fazer. Eu encontrava diversão onde antes apenas via algo anormal ou idiota.

Isso me fez lembrar que nem ao menos averiguei direito o estado do hematoma em meu rosto. Abaixei o espelho do quebra-sol e dei uma espiada no estrago. Estava roxo, inchado, mas nada que pudesse colocar uma criança pra chorar pensando que eu fosse um zumbi ou algo assim.

Abri e fechei a boca algumas vezes, testando se o movimento causaria muito desconforto. Ainda bem que o soco não alcançou meus lábios, ou naquele momento eu poderia estar com um beiço estilo Angelina Jolie, mas sem todo o glamour e sexualidade latente da diva hollywoodiana.

Tentei me ajeitar no banco sem demonstrar muito as dores que sentia. Eu não queria estragar o clima festivo de Thomas.

— Não faço a mínima ideia para onde vamos, garota. — Ele desviou os olhos do trânsito. — Vamos ser selvagens hoje!

— Thomas! Você é louco! Eu nem ao menos peguei minha bolsa.

— Eu sou muito mais esperto que você, querida. O que seria aquilo ali atrás no banco? Olhei para onde ele apontava e vi minha bolsa largada de qualquer jeito.

Voltei os olhos para ele e um sorriso estúpido espalhava-se pelo meu rosto.

— Você tem uma mente criminosa, Thomas Reynard.

— Você não faz ideia, meu bem. — Piscou de maneira atrevida.

Nosso passeio seguia até que Thomas parou em um posto de gasolina e desceu rapidamente para usar a bomba de combustível. Eu fiquei dentro do carro apenas acompanhando seus

movimentos com os olhos. Vi quando um carro cheio de garotas em trajes sumários parava ao nosso lado. Uma delas chamou Thomas, mas ele nem sequer deu atenção e fingiu não ouvir.

Thomas correu para a loja de conveniências e demorou alguns minutos ali dentro. Eu tentava conter minha ânsia em ir atrás dele e descobrir o que estava fazendo.

Antes que eu pudesse executar meus planos, Thomas saiu da loja com uma sacola cheia de guloseimas. Pelo brilho prateado que aparecia, eu só poderia supor que era um grande saco de salgadinhos, daqueles bem carregados de condimentos.

Quando voltou para o carro, antes de ligar o motor, me puxou para um beijo. Com uma mão grudada em minha nuca, Thomas quis reforçar suas intenções. Acredito que deu certo. Eu estava nas nuvens agora.

— Vamos para a estrada, baby!

Arregalei os olhos em choque.

— O quê?

— Relaxa. É aqui perto, mas vamos pegar a I-52 de todo jeito...

Resolvi em uma batalha mental, entre o lado racional e o emocional, que deixaria que Thomas guiasse aquele dia e que aproveitaria ao máximo.

Antes que o carro saísse para a estrada, Thomas me passou uma garrafa de suco de laranja e mais dois comprimidos. Eu estava suspeitando que o garoto queria me tornar uma viciada em Tylenol.

— Beba isso e engula essas preciosidades, Rain — ele disse calmamente. — E sem fazer drama. Ou vou colocar na minha boca e fazer você engolir de um jeito muito mais interessante...

Senti meu rosto corar com a insinuação do beijo erótico que ele propunha.

— É assim que se brinca de médico? — perguntei enquanto bebia o suco.

Sua risada encheu o carro.

— Adoro o fato de você ser tão inocente e sagaz ao mesmo tempo, baby.

Liguei o rádio e uma melodia suave tomou conta do ambiente. Estávamos em um silêncio confortável. Em um dado momento, quando minha cabeça pesou e me apoiei no encosto do banco, contemplando a paisagem que era apenas um borrão do lado de fora da janela, Thomas segurou uma das minhas mãos e a manteve apoiada em sua coxa.

Ele cantarolava em algumas músicas, assoviava em outras. Ou simplesmente xingava quando a canção era ridícula, em sua opinião, claro.

— Essa música é um lixo.

— Eu gosto de One Direction.

— Eles são ridículos.

— Eu não acho.

— Você pode bater boca comigo à vontade, meu bem. Mas para mim eles não valem um tostão.

— A Billboard diz o contrário, engraçadinho — argumentei.

— Ridículos — ele disse em um tom de nojo.

— Eu acho o Harry muito gato — falei e ganhei um beliscão. — Ai! Isso dói!

Vamos somar mais um roxo à coleção que Rainbow já tem? Eeeeeba!

— Nunca mais fale uma asneira dessas ao meu lado. — Thomas fingiu irritação.

Comecei a rir do disparate.

— Você está com ciúmes de um cara absolutamente inalcançável?

Thomas fez um bufo irritado.

— Ridículos.

Bati em seu braço e ganhei uma olhada irritada.

— Você está com ciúmes! — Comecei a rir com mais vontade.

— *Okay*. Admito. Não gosto de ver você babando pelos caras.

— Pelo cara, no singular. Eu só gosto do Harry.

Recebi outro beliscão.

— Para com isso! Eu vou ficar roxa por sua causa! Ou melhor, mais roxa. Cara, você não conseguiu contabilizar a quantidade de cores que tenho no meu corpo agora, mas te digo que quase faço jus ao meu nome. Sou praticamente uma paleta de cores. Posso dizer que tenho tatuagens até!

Thomas me deu uma olhada estranha e percebi que o episódio da noite anterior voltou à sua mente. Tentei voltar ao clima ameno que compartilhávamos antes.

— Deixe a música, por favor. Eu amo essa letra.

— Isso é tortura psicológica, Rain.

— Finja que não está ouvindo nada.

— É difícil quando meus ouvidos estão praticamente sangrando — ele falou, emburrado.

Depois de mais alguns minutos de discussão sobre música, o sono acabou me vencendo. Já passava do meio-dia, mas eu nem ao menos sentia fome. Encostei o rosto no encosto do banco e adormeci.

Quando acordei, sem nem ao menos saber por quantos minutos estive fora, percebi que um casaco me cobria.

Thomas tamborilava uma canção que tocava no rádio. Quando me mexi no banco tentando levantar, ele olhou em minha direção.

Seus olhos estavam brilhantes e cheios de entusiasmo.

— Quanto tempo eu dormi? — perguntei, me sentindo a pior das namoradas. Ele havia me tirado de casa para um passeio e eu simplesmente adormeci. Mas eu sempre poderia culpar as "drogas", não é mesmo?

— Menos de uma hora.

— Uau. — Olhei em volta para tentar identificar onde estávamos. — Onde estamos?

— Quase lá.

Tentei evitar meu olhar assassino, mas foi impossível. Thomas apenas riu.

— E onde seria esse quase lá?

— Você sabe que se eu lhe contar deixa de ser uma surpresa, certo? — Sua mão acariciou suavemente minha coxa. — Por que não pega alguma coisa para comer ou beber?

Peguei a sacola que estava no banco de trás e saí em busca de algo para passar o tempo. Que esse tempo fosse comendo besteira, tudo bem.

Apanhei um pacote de batata frita e uma soda.

— Quer alguma coisa? — perguntei solícita.

— Desde que você coloque na minha boca...

Bufei da gracinha, mas cumpri meu papel adequadamente.

Enquanto eu colocava uma batata em minha boca, Thomas requeria ao menos duas na dele. E sempre acompanhava com uma mordida nos meus dedos. Por mais que eu tentasse ser rápida, ele sempre conseguia me morder. O que só arrancava risadas minhas.

Em momentos como aquele, eu pensava que alguém provavelmente tinha feito uma abdução do meu corpo, algo como aliens de um planeta distante, ou simplesmente uma lobotomia tinha sido - realizada durante meu sono, porque eu me desconhecia em meus comportamentos habituais.

Pequenas brincadeiras roubadas, risos espontâneos, a despreocupação com a forma como eu devia agir em torno das pessoas.

Thomas Reynard havia mudado tudo aquilo em questão de alguns meses. E eu não poderia dizer que sentia falta da minha antiga "eu". A nova Rainbow estava muito mais feliz e segura de qualquer coisa que quisesse fazer ou realizar.

Era até engraçada toda a situação, porque com todo o drama a respeito da viagem de meus pais, a nova realidade com que eu e meus irmãos tínhamos de lidar, completamente sozinhos... até mesmo aquela transição estava sendo tranquila, já que Thomas revoava ao meu redor e tirava meus pensamentos de toda aquela merda.

Eu tinha de admitir, porém, que as mudanças, mesmo que bem-vindas e necessárias para que eu saísse da minha concha interior, ainda eram estranhas para mim.

— Thomas?

— Sim, baby? — Ele olhou para mim e segurou meus dedos entre os seus, depositando beijinhos suaves.

— Quem poderia imaginar que você fosse essa pessoa tão... tão... — Eu não conseguia encontrar a palavra ideal.

— Tão?

— Persistente e... tão cheia de surpresas — eu disse. Meus olhos não podiam se afastar de seu perfil.

— Persistente? — Sua sobrancelha arqueou em minha direção.

— Sim. — Sentei meio de lado no banco para que pudesse olhar diretamente para ele. — Olha, sei que não sou a pessoa mais fácil de lidar. Na verdade, em todas as escolas que frequentei ao longo dos últimos anos, praticamente não fiz questão de estabelecer nenhum tipo de amizade ou relação mais íntima com ninguém.

Percebi que ele prestava atenção ao meu discurso. Eu estava ficando nervosa, porque queria que ele entendesse que realmente podia sentir as mudanças nem tão sutis que ele operava na minha vida.

— Nunca olhei mais de duas vezes para um garoto ou deixei que qualquer um se aproximasse muito...

— Espera... nesse meio-tempo tenho certeza de que algum garoto deve ter tentado se aproximar, Rain. Não adianta me fazer acreditar no contrário, porque não engulo essa. — Thomas riu.

— Eu cheguei a ficar com dois garotos.

Ele me olhou atravessado.

— Você perguntou. — Me defendi de seu olhar.

— Não perguntei nada.

— Você acabou de perguntar! Estou apenas dizendo que, em um momento ou outro, algum garoto tentava se aproximar, mas o máximo que me permiti foi dar um beijo em um e no outro. E claro, some a isto um ambiente festivo e um pouco de pressão dos meus pais. Um deles era um vizinho e minha mãe perturbou mais de um mês para que eu desse uma chance ao garoto. — Olhei para a janela tentando me recordar. — Dominic. Era o nome dele. Acabei aceitando ir a uma festinha com ele e deixei que ele me desse um beijo. E sabe o quê?

Thomas parecia irritado, mas ouvia atentamente.

— Não senti absolutamente nada.

— Nada? — Seu tom de voz deixava transparecer sua satisfação.

— Nada. Eu cheguei a pensar que as pessoas superestimavam muito a expectativa de beijos trocados e tudo mais. A teoria das mãos dadas em uma tarde ensolarada num parque... — Suspirei. — Pensei que o problema fosse com eles, quando na verdade o problema era comigo.

— Não, Rain. O problema nunca foi você. O problema é que eles nunca souberam chegar em você. Esse foi o azar deles e a minha sorte. — Thomas piscou desavergonhadamente para mim. — Eu sou muito fantástico.

Revirei os olhos e ganhei um beliscão na bochecha. Ainda bem que ele escolheu a bochecha do lado oposto ao hematoma lindo que eu ostentava.

— Você fica uma gracinha revirando esses olhos para mim, sabia?

— Você é completamente louco, sabia? — retruquei. — Como uma pessoa pode revirar os olhos e ainda assim parecer uma gracinha?

— Não sei. Só sei que em você é fascinante — ele disse. — É bom conseguir tirar você do sério.

Ri e observei as placas indicativas.

— Thomas! Nós estamos chegando em outro estado! Você é louco?

— Você já me perguntou isso e eu respondi que não. Não sou louco. Sou apenas entusiasmado demais com a oportunidade de passar um dia fantástico com minha namorada nerd.

Olhei irritada.

— E o que poderia ser um dia tão fantasticamente *nerd* em seu conceito?

— Vamos passar o dia em uma reserva florestal.

— O quê? O que há de *nerd* nisso? — Ri de sua ideia.

— Você vai ver.

Em dez minutos chegamos ao lugar de que Thomas falava. Abri a boca completamente chocada.

Estávamos em uma reserva indígena, cerca de quase duas horas longe de casa.

Thomas segurou minha mão e saiu praticamente me arrastando pelo lugar depois de trancar o carro.

Se havia uma coisa que eu amava com toda a minha alma era história. Meu sorriso estava congelado no rosto, porque, com certeza, aquele seria um dia memorável.

Esqueci a dor no corpo, a leseira que o remédio havia dado, esqueci tudo aquilo. Resolvi me concentrar apenas na expectativa de um dia fantástico, ao lado de um garoto simplesmente arrebatador, que chegou à minha vida como um furacão devastador.

capítulo

25

— Gostou do dia de hoje, Rain? — Thomas perguntou enquanto voltávamos para casa.

Eu estava muito cansada, mas precisava admitir que o dia havia sido maravilhoso. Nunca ri tanto em minha vida com as explicações ridículas de Thomas sobre cada local visitado.

A caminhada exaustiva, o momento relaxante ao simplesmente contemplarmos a correnteza do rio próximo...

— Ainda estou me sentindo culpado por ter feito você se esforçar demais — ele disse ao contemplar minha feição abatida.

Segurei sua mão e dei um aperto firme, mostrando que não me importava nem um pouco.

Thomas conseguiu fazer por mim, em apenas uma tarde, o que nunca ninguém havia conseguido. Fazer com que eu esquecesse os problemas familiares por alguns momentos, percebesse que era apenas uma adolescente, e lembrasse que precisava viver minha vida plenamente, aproveitando os pequenos momentos e não tentando transformar tudo à minha volta em um caos total.

Sempre odiei as pessoas despreocupadas que agem sem se importar com absolutamente nada. Mas percebi que aos dezessete anos eu precisava de momentos como aquele. Embora tenha sido mais adulta em toda a minha vida do que meus próprios pais, também precisava apreciar as pequenas coisas sem pensar em cada detalhe.

Talvez a maturidade que sempre foi muito característica da minha personalidade, desde criança, tenha servido para um propósito maior. Como o que eu e meus irmãos estávamos enfrentando. Embora eu tivesse somente dezessete, agora era a responsável pela casa e pelo funcionamento adequado da estrutura familiar que havia restado. Pelo menos até o retorno de nossos pais fujões.

Um relacionamento naquela altura do campeonato poderia ser algo fatal, se meu foco ficasse voltado apenas para agradar um namorado. Mas a presença de Thomas ao meu lado serviu para que eu conseguisse enxergar que poderia ser responsável e cuidadosa, mas que também não deveria me perder no processo.

Em suma, ele conseguia que minha seriedade servisse para um propósito, mas fez com que me abrisse para os pequenos momentos da vida, em que apenas o riso ou a espontaneidade serviriam como remédio para todos os meus males.

Quando Thomas segurou minha mão e beijou os nódulos dos meus dedos, minha cabeça voltou para o lugar onde estávamos e deixei que os pensamentos profundos resvalassem para o canto da minha consciência.

— Eu amei passar o dia com você, Thomas. Obrigada — agradeci constrangida e emocionada.

— Não há de quê, gracinha.

— Oh, meu Deus! Você sabe que é ridículo me chamar de gracinha? Ou... ou... simplesmente entramos nessa fase de apelidos carinhosos? — brinquei.

— Claro que não. Posso te chamar de gracinha, anjinho, baby, amor... — Bufei para os nomes, mas senti meu coração palpitar com mais intensidade. — Posso te chamar do que eu quiser.

— Claro que não. Seria estranho se eu começasse a te chamar de... gatinho, amorzinho, querido...

Começamos a rir e trocar pequenos apelidos que poderiam ser insultantes, mas, como estavam atrelados à forma carinhosa que queríamos demonstrar, acabavam ficando apenas engraçados.

O celular de Thomas tocou naquele momento quebrando nosso clima tranquilo de camaradagem. Não sei por quê, mas eu achava que era problema.

— Ei, mãe. — Senti sua mão apertar a minha. — Estou com a Rainbow, por quê?

Eu podia ouvir sua mãe falando agitadamente do outro lado da linha.

— Ela fez o quê? — Thomas perdeu o rumo e freou o carro bruscamente. Meu corpo foi jogado para a frente, mas o cinto me segurou no lugar. — Mãe! Por que você deixou que ela entrasse no meu quarto?

Thomas acelerou o carro e desligou o telefone irritado.

— Merda!

Fiquei receosa de perguntar, mas não me contive.

— O que houve, Thomas? — perguntei, temendo a resposta.

— A puta da Cybella entrou no meu quarto e destruiu tudo o que tinha dentro!

Meu choque deve ter ficado estampado no rosto, porque em seguida ele apertou minha mão tentando me tranquilizar.

— Não se preocupe, baby. Vou resolver isso. — Thomas acelerou o carro. Eu podia sentir a angústia vibrando em seu corpo.

Quando entramos no meu bairro, pensei em pedir que ele me levasse junto, mas desisti imediatamente. Acrescentar minha presença ao local seria muito para um dia. Isso se a louca da prima dele ainda estivesse por lá.

— Vou deixar você em casa, pegar seu carro emprestado e depois trago de volta, *okay*?

— Claro.

Ele colocou uma mão na minha nuca e me puxou para um beijo áspero e rápido.

— Não se preocupe. Vou resolver isso e volto pra você.

Acenei afirmativamente e desci do carro. Mas não podia me enganar. Eu estava preocupada com ele. Percebi que sua prima tinha o poder doentio de trazer o caos sempre que queria.

Depois de uma noite de merda, compensada por um dia maravilhoso como o que passamos juntos, seria pedir muito que não houvesse mais drama ao nosso redor? Pelo jeito seria, já que a Rainha do Drama Máster apareceu para causar tumulto. Eu só podia torcer para que o estrago não tivesse sido tão grave quanto Thomas deixou transparecer...

Thomas

Vou ter que dizer uma coisa... ninguém está preparado para chegar em seu quarto e dar de cara com um visual digno de uma passagem de um tornado F5. Parecia uma parada de realidade alternativa, porque do lado de fora tudo estava tranquilo e belo, mas quando você adentrava no *meu* quarto... porra... o estrago era simplesmente fenomenal.

E eu tinha de dar crédito para a puta do caralho que conseguiu fazer aquilo sozinha. O acesso de raiva que ela teve realmente deve ter sido devastador, porque ela conseguiu arrancar prateleiras fixas das paredes, amassar meus troféus, retorcer medalhas, rasgar blusas, calças jeans, bermudas, casacos. A puta parecia a personificação do capeta com força sobrenatural, sei lá.

Mike entrou imediatamente no meu quarto e passou a mão nos cabelos, em total descrença.

— Caralho, bro. Ela fez isso sozinha? — Sua pergunta espelhava a minha.

Apenas sacudi a cabeça sem nem mesmo saber o que responder.

Meu computador era uma massa sangrenta, se é que um computador sangra, no chão. Não havia sobrado absolutamente nada.

O colchão estava fatiado, como se Edward Mãos de Tesoura, vindo lá dos anos 1980, tivesse passado por ali e resolvido brincar um pouco.

— Essa garota está fora de controle, Thow — Mike disse o que eu já sabia.

Meus pais também estavam preocupados. Cybella estava passando do normal.

Minha mãe entrou naquele momento com uma sacola de lixo, e em seu olhar eu podia ver a desolação.

— Eu nem sei o que dizer, Tommy. Eu... eu...

— Mãe, está tudo bem. Isso não é culpa sua, *okay*?

Mike começou a recolher os pedaços de roupas do chão e... honestamente? Não havia absolutamente nada que pudesse ser aproveitado ali. Tudo estava desintegrado. Wolverine do caralho tinha ido brincar com minhas roupas. Puta que pariu! Minhas cuecas Calvin Klein, Armani! Se havia uma coisa que eu curtia muito e investia era em cuecas boxers de marcas imponentes e que deixavam meus países baixos protegidos e confortáveis. Eu sei que parece a porra de uma propaganda de puro marketing, mas fazer o quê? Era a mais pura verdade.

Minha vontade era sentar na cama e decretar estado de emergência ali. Quero dizer, o estado de emergência já estava decretado. Sorri secretamente, porque a chance de que eu precisava simplesmente apareceu à minha frente.

Só acho que o destino não precisava ter sido tão bruto e apresentado uma oportunidade assim com esse viés tão aterrador. Mas eu não era um cara de perder nenhuma chance.

Acelerei meu momento faxina para colocar em prática meus planos para o fim daquele dia que havia começado de forma maravilhosa, tivera uma interrupção de merda, mas não necessariamente precisava terminar com este gosto amargo na boca.



Minha vontade em pegar o telefone e ligar para Thomas tentando averiguar o que realmente aconteceu era imensa. Sunny e Storm estavam em casa, então, quando cheguei, depois de relatar as aventuras do dia, ainda completei com o breve relato do que Thomas poderia estar enfrentando em sua casa naquele momento.

Arranjei um jeito de passar o tempo e, mesmo com o corpo dolorido pra caramba, aspirei alguns cômodos, lustrei alguns móveis, lavei e guardei roupas, organizei meu quarto e ainda conferi mais de duas vezes se eu havia feito meu trabalho de inglês para segunda-feira. Meu lado TOC estava aflorado em força máxima e nem um frasco inteiro de Tylenol seria suficiente para me derrubar. Eu precisaria de um calmante. Ou dois.

Tomei banho e tentei não roer as unhas enquanto esperava notícias de Thomas. Já estava começando a ficar irritada quando ouvi o som de sua voz abaixo das escadas. Storm estava assistindo TV, então provavelmente tinha atendido à campainha, que passou despercebida por mim, por sinal.

Conferi o relógio e vi que já passava das onze da noite. Sentei na cama e esperei para ver se Thomas subiria ou se eu deveria descer. Eu ainda me debatia em dúvida quando ele entrou no quarto, mostrando toda a exaustão que sentia em seu rosto.

Sem falar nada, Thomas sentou-se ao meu lado e me abraçou, mergulhando a cabeça no vão do meu pescoço. Fiquei em silêncio, dando tempo para que ele revelasse o que quisesse, sem querer pressionar.

— Ela simplesmente destruiu tudo o que havia no meu quarto, Rain. — Thomas suspirou desgostoso. — Todos os meus troféus, medalhas, livros, meu computador, fotos, casacos... tudo. Ela simplesmente surtou e acabou com tudo.

Sua tristeza era palpável.

— O que houve? — perguntei e esperei que ele entendesse que eu queria saber o que havia motivado aquela desgraçada a fazer tudo aquilo.

Thomas deitou-se na minha cama, completamente esgotado.

— Ela chegou em casa e perguntou por mim. Minha mãe disse que eu havia passado a noite com você e que estávamos fora da cidade, passeando. Eu tinha mandado uma mensagem para a mãe

hoje de manhã. — Seus braços cruzados cobriram seu rosto. — A louca apenas sorriu e disse para minha mãe que estava tudo bem, mas perguntou se podia dormir um pouco, já que teria um voo mais tarde. A mãe pensou que tudo estivesse bem e saiu de casa para comprar um lanche ou algo assim.

Deitei ao seu lado e o abracei suavemente. Eu queria consolá-lo, mas não tinha palavras que pudesse usar para esse fim.

— E então?

Thomas suspirou audivelmente e virou o rosto olhando diretamente em meus olhos.

— Quando minha mãe voltou, ela achava que tudo estava bem, até subir as escadas e ver a merda no meu quarto. Acho até que a louca deve ter tentado incendiar alguma coisa, mas desistiu. A puta pichou todas as paredes do quarto. Rasgou absolutamente todas as minhas roupas.

Porra. Aquela prima dele era de dar medo. Honestamente.

— E sua mãe fez o quê, depois?

— Quando ela viu que Cybella já tinha ido embora, minha mãe chamou meu pai e a polícia. Depois de muita discussão, eles decidiram não prestar queixa, mas sinceramente não sei o que pensar. Cybella está completamente fora de si e passou dos limites.

— É. Deu pra notar.

— Caralho... estou sem absolutamente nenhuma roupa! Amanhã vai ser um dia de merda, porque vou ter que ir com meus pais para um outlet perto ou sei lá, ir ao Walmart e comprar ao menos um par de calças e camisetas. Porra! Até minhas roupas de baixo essa puta rasgou...

— Thomas... seus pais não deveriam intervir? Sei lá... impedir que sua prima venha para sua casa, não sei... colocar uma ordem de restrição...

— Você não entende, Rain. Cybella sempre foi louca, mas minha mãe ama aquela garota. O que mais me irrita é que essa cadela tem uma imagem irretocável nas mídias. É requisitada e benquista em todas as revistas e programas de moda. É a queridinha da VS, mas ninguém sabe do que ela é capaz.

— Thomas... você não teme que ela possa fazer algo mais sério? — perguntei e senti um medo extremo. Os noticiários estavam cheios de notícias de pessoas completamente surtadas que faziam atrocidades que ninguém nunca antes havia imaginado ou esperado.

— Nah... enquanto ela concentra seu ódio em mim e faz essas merdas, está tudo bem, baby — ele disse e deitou-se de lado, olhando diretamente para mim. — Não se preocupe, porque nunca vou deixar que ela chegue em você, *okay*?

— Não estou com medo por mim, seu bobo. Minha preocupação é com você.

Thomas passou a mão delicadamente pelo meu rosto.

— Meu quarto está completamente destruído e é impossível ficar lá.

Ergui uma sobrancelha e escondi um sorriso. Ele estava com aquele olhar de garoto perdido.

— Você já disse isso.

— Preciso de um abrigo. Estou sem lugar para dormir.

— Deixe de ser mentiroso. Sua casa deve ter no mínimo três quartos de hóspedes — zombei na sua cara. Mas era óbvio que eu o queria ali comigo.

— Mas são todos tão frios e sem vida. Como vou conseguir dormir sem olhar para o meu amado pôster do Van Halen? — brincou. Somente Thomas conseguia brincar em uma hora daquelas.

— Oh... isso é trágico. Bom, eu tenho um pôster do One Direction, se você quiser.

Quando ele começou a me fazer cócegas por conta da minha piada, quase caí da cama em minha fuga.

— Ai, para. Minhas costelas ainda estão me matando, seu bruto. — Queixei-me e tentei recuperar o fôlego. — Além do mais, o pôster tem todos os integrantes, não é só do Harry Styles, então você não precisa ficar tão enciumado.

— Sacrilégio. Se eu dormir olhando para um pôster desses, sou capaz de entrar em coma em pleno sono. É praticamente como induzir ao coma profundo. É doentio, Rain. Vamos queimar esse pôster. Preciso salvar sua vida...

Ri da besteira e fiz um carinho aleatório em seu rosto. Thomas sempre arregalava os olhos quando eu o pegava desprevenido com um carinho espontâneo, já que aquela não era minha praia.

— Pode ficar tranquilo. Você está seguro aqui. Vou te proteger do lobo mau. — Brinquei. — Ou da loba má...

Storm emprestou uma camisa e calça de pijamas para Thomas e, depois que ele saiu do banho, enxugando os cabelos molhados, foi minha vez de me arrumar para dormir.

O outro dia seria um domingo e, depois da faxina compulsória de mais cedo, seria até mesmo um dia tranquilo.

Voltei para o quarto e Thomas já estava deitado, com um braço dobrado atrás de sua cabeça e o outro sobre seus olhos. Eu podia ver que ele estava cansado. O dia havia sido intenso das duas formas. Tanto em diversão quanto em loucura da prima surtada.

Apaguei a luz e arrastei a coberta para entrar e deitar ao seu lado. Imediatamente ele me puxou para o seu lado e posicionou minha cabeça sobre seu ombro.

Nem bem havia se passado um segundo quando Thomas sussurrou:

— Rain?

— Hummm...

— Você realmente tem um pôster desses merdas do One Direction? — Sua pergunta me chocou.

Agora era a minha vez de rir baixinho ao registrar a sua última preocupação antes que caíssemos no sono mais profundo.

— Vou queimar essa porra eu mesmo...

Cobri a boca para evitar o acesso de risos, mas foi impossível. Depois de alguns segundos de descontração, nos rendemos ao cansaço daquele longo dia.

Abracei Thomas e, naquela noite, eu que dei o conforto que achei que ele precisava. E poxa... aquilo foi simplesmente libertador para mim. Faltava apenas eu criar coragem agora e lhe dizer,

em voz alta, tranquilamente e sem tremer, que o amava. Simples assim.

capítulo

26

A segunda-feira chegou rapidamente e cheia de momentos tensos. Thomas havia passado o domingo inteiro com seus pais, refazendo todo o guarda-roupa e acabou ficando em casa em vez de voltar para a minha. Era quase meia-noite quando ele me enviou uma mensagem avisando que tinha acabado de chegar e que iria ajudar o pai a tentar ajeitar a merda que seu quarto se transformara.

Meus receios estavam relacionados às possíveis fofocas que surgiriam por conta do evento da sexta-feira na casa do treinador. Eu não tinha ouvido nada de Jason, mas Becca havia me ligado no domingo para saber da história, o que significava que alguém havia contado.

Meu rosto ainda ostentava uma mancha roxa não tão grotesca, mas tentei disfarçar com um pouco de maquiagem de Sunny. Prendi o cabelo em um rabo de cavalo baixo e lateral e completei com um pequeno toque de perfume atrás da orelha.

Eu realmente estava um pouco mais vaidosa depois de tudo.

Peguei as chaves do carro e gritei para minha irmã:

— Sunshine! Vamos!

— Já vou! Estou só terminando meu cabelo!

— Não temos tempo para seu momento de beleza, Sunny — ralhei e peguei minha mochila no canto na porta.

Sunshine desceu as escadas às pressas e passou por mim como um furacão.

— Vamos!

Quando me sentei atrás do volante, olhei feio para ela.

— Que eu saiba, era eu que estava te apressando, fofa — disse, rindo.

— Sim, sim... entendi. Mas preciso chegar antes da aula começar e saber notícias quentes.

— Notícias quentes do quê?

— Do fim de semana maravilhoso... — ela ironizou. — Olha, se prepara porque já sabem de sexta-feira, de sábado e de domingo...

Quase freei o carro com força.

— Domingo? O que tem domingo?

— Thomas comprando roupas e mais roupas etc.

— Meu Deus, o que essa escola tem? Informantes?

Sunshine riu.

— Tipo isso, garota. Não se esqueça de que esta é uma cidade pequena, Rain. As pessoas ficam antenadas nos acontecimentos das vidas das outras, como se fosse um *reality show*, ou algo parecido.

— Isso é doentio, Sunny.

E eu achava mesmo. Ficar atrelada aos acontecimentos que rolavam, às fofocas, aos agitos, quem havia ficado com quem, quem havia terminado com quem... bem... mas quem eu queria enganar? O Ensino Médio em todas as escolas do país, se não no mundo inteiro, funciona de maneira praticamente igual. A sistemática era a mesma. Adolescentes eram movidos por eventos caóticos. A escola era um berço dos mais variados tipos de pessoas e futuros cidadãos da humanidade. Do bem ou do mal. Porque há de se convir que muitos sociopatas e psicopatas devem ter tido seu momento de Ensino Médio. Pensar naquilo me deu um calafrio.

Quando cheguei, o carro de Thomas não estava no estacionamento, e resolvi que deveria lhe dar o tempo necessário. Eu também não queria ser a namorada pegajosa e GPS total, querendo averiguar seus passos etc.

Cheguei à sala e todos os olhos estavam concentrados onde? Exatamente onde você pensou. No meu rosto. E em minha tentativa débil de camuflar o hematoma óbvio que sobressaía. Graças a Deus o tempo estava frio e as roupas podiam cobrir meu corpo. Dessa forma eu não teria ninguém vasculhando minhas partes em busca de mais lesões remanescentes da luta corporal onde eu era o recheio do sanduíche.

— Meu Deus, garota! Eu bem que pedi pra você tirar uma *selfie* e me mostrar essa porra e você disfarçou! — Becca disse, nada discretamente.

O professor entrou na sala e me deu uma olhada de esguelha, mas fingi que não percebi. Concentrei meus esforços na aula.

Becca trocava bilhetes esporadicamente comigo.

Me conta o que houve.

Olhei de cara feia para ela e a garota simplesmente riu.

Depois te conto tudo.

Em tempos de modernidades, ainda estávamos trocando bilhetinhos! Morri de rir da situação.

Quando as duas aulas seguintes vieram, o martírio aumentou. Jason estava no mesmo recinto e passou o tempo inteiro incitando seus amigos ridículos, bem como as hienas, a compartilharem bochichos ou alguma coisa que os faziam rir, e receber olhares de repúdio dos professores em questão.

Meu celular vibrou dentro da mochila e, mesmo sem querer, já que eu nunca o averiguava, não controlei o impulso e fui checar. Na esperança de que fosse Thomas.

Suspirei aliviada quando vi que era ele.

Cheguei atrasado. Tenho reunião com o treinador e não vou para o refeitório. Te vejo depois?

Olhei rapidamente para o professor e digitei escondido, com o celular ainda dentro da mochila.

Okay.

Eu estava com uma sensação de frio no estômago e não sabia explicar o porquê, mas quando o sinal para o intervalo tocou, pareceu só intensificar meu mal-estar. Peguei minha mochila, relutantemente, e saí para encontrar Becca. Esta me aguardava com toda a paciência do mundo, afinal estava sedenta por informações.

— Então?

— Meu Deus... é um relato longo... quase tão longo quanto *As Crônicas de Gelo e Fogo,* você tem certeza de que está pronta para ouvir? — zombei e nem sequer me afastei quando ela colocou o braço sobre meus ombros.

— Querida, meus ouvidos podem sangrar, mas eu nunca vou reclamar de escutar uma fofoca daquelas...

Comecei a contar o episódio desde o início, a partir do momento em que nos dirigimos para a festa pós-jogo. Claro que omiti as sensações vertiginosas que senti nos braços de Thomas com aquela dança sensual que me fazia tremer as pernas e a parte baixa da minha barriga até aquele momento, somente com a lembrança.

Nos acomodamos em nossa mesa de sempre e, depois que apanhamos nossa comida, continuamos nossa conversa tranquila e corriqueira. Acabei omitindo algumas coisas, já que alguns fatos pessoais eram de Thomas, não meus.

A mesa onde estavam Jason e seus capangas e as gralhas secas, seguidoras leais de Tiffany, era barulhenta e incomodava pelo riso escrachado. Em algum momento pude sentir o silêncio no salão e todos os olhos estavam voltados para mim. Aquilo foi bem perturbador.

Jason olhou para mim, em seguida fez seu número ridículo chamando a atenção de todos no refeitório. Caminhando calmamente em direção à mesa onde eu e Becca estávamos, ele parou e me olhou com um ódio puro e ardente no olhar.

— Sabe o que eu acho, *Rainbow*? — A maneira como ele disse meu nome fez meu estômago dar voltas. Senti a raiva subir para as ponta dos meus cabelos. — Eu acho que você é uma esquisita. Sua irmã é estranha e seu irmão é ridículo. Que caralhos de nomes são esses, pelo amor de Deus?

Que pais normais dariam o nome de um arco-íris ridículo para a filha? Ou algo a ver com o brilho do sol... e pior ainda... — Ele começou a rir e percebi que a horda de alunos babacas que andava com ele também estava rindo. — O nome do seu irmão deveria ser proibido na face da Terra! É ridículo termos no nosso time uma criatura como aquela. Tempestade de Trovão? Porra! É hilário, para não dizer outra coisa.

Todos riam à custa dos nossos nomes. Olhei para cada um naquele refeitório e marquei seus rostos como sendo pessoas vis que não tinham o mínimo de respeito por ninguém. Apenas alguns que estudavam comigo, e se relacionavam de alguma maneira amigável, não estavam rindo ou cacarejando como a maioria.

Levantei de onde eu estava sentada e afastei minha bandeja de comida para o lado. Fui corajosa o suficiente para chegar à frente de Jason *Babaca* Carson e fulminá-lo com meu olhar. Tempestade? Mal sabia ele a que eu tinha ardendo dentro de mim naquele instante.

Eu sabia que deveria simplesmente virar e ir embora. Era o mais correto a fazer, evitar me envolver em conflitos, ser a parte mais madura e simplesmente sair dali com a cabeça erguida.

Senti Rebecca logo atrás de mim e eu sabia que ela também fervilhava de raiva. Era bom ter uma amiga que estivesse ao meu lado.

— Sabe de uma coisa, Jason? — falei em uma voz suave. — Penso que seus pais devem ter achado o seu nome e retirado daquele personagem de filme de terror dos anos 1980, sabe? Jason? De *Sexta-Feira 13*? Seria até interessante você pesquisar se o dia do seu nascimento não se deu nessa data ou no dia em que o filme passava na TV. — Ouvi o silêncio geral. Poderia alguém ouvir o silêncio? Eu, sim. — Combina perfeitamente com a pessoa horrível que você é. Sua meta é tentar destruir as pessoas que não cedem à sua vontade, certo? Como eu não cedi a nenhum de seus avanços desde que cheguei à escola, essa foi sua forma infantil de vingança.

Agora o pandemônio estava instalado. Ouvi os "ohs" e "ahs" por todo o lugar. Jason estava com o rosto vermelho e aparentemente sua capacidade de falar havia sido perdida em algum lugar lá atrás.

— Eu acho esse tipo de atitude ridícula. Você é um garoto mimado, cheio de pompa, seboso e um projeto patético de adulto prepotente e arrogante. — Eu sentia meu corpo vibrar como um diapasão. Gozassem comigo e tal, mas não metessem minha família no meio. — Meus irmãos podem ter nomes que você acha engraçado e sente a necessidade de zoar, mas por dentro são seres humanos fantásticos e lindos. — Eu quase cuspia. Senti um puxão na minha blusa e vi que era Sunshine tentando me tirar dali. — Nunca... nunca mais ouse erguer os olhos ou abrir essa boca imunda para falar qualquer coisa dos meus irmãos novamente, entendeu?

— Quem você pensa que é, garota? — ele gritou.

Ergui meu corpo com atitude e respondi:

— Eu sou alguém a quem você não tem o direito de achar que pode dirigir a palavra. E provavelmente sou aquela que vai chutar a sua bunda, de alguma forma.

Os risos estalaram, mas Jason estava completamente possuído por um ódio irracional.

Naquele momento, a multidão de alunos afastou-se em um corredor, tal qual o mar vermelho se abrindo, e o diretor chegou ao nosso lado.

— Mas o que está acontecendo aqui? Alguém poderia me explicar? — perguntou em um tom de voz irritado.

Rebecca nem sequer hesitou.

— Esse babaca do Jason veio todo cheio de ofensas para cima da Rainbow e de seus irmãos — ela disse, com ódio fervilhando em seus olhos. — Eles não fizeram absolutamente nada. Estávamos todos aqui comendo nossa refeição e esse babaca já chegou falando merda. Na verdade, esse idiota está pentelhando desde as aulas do início da manhã.

O diretor olhou torto para Becca.

— Controle o linguajar, Srta. Linberg.

Eu sabia que aquele episódio muito provavelmente renderia uma detenção, mas eu não estava nem aí.

— Isso só aconteceu porque o senhor deixou essa gente hippie e esquisita se matricular na escola, diretor Jackson.

— Cale-se, Jason! — ele gritou. — Arrume suas coisas e vá direto para a sala de detenção. Vou chamar seus pais e conversar com eles mais tarde.

Jason perdeu toda a cor do rosto. Eu apenas aplaudi por dentro. Mas senti um medo do caralho de que o diretor também resolvesse chamar meus pais.

— E você, Srta. Walker, queira me acompanhar à minha sala, por favor. — Mesmo que o tom de voz tenha sido enfático, percebi que sua voz havia abrandado.

Sunshine segurou minha mão e percebi que seu intuito era ir junto.

— Não, Sunny. Fique aqui e siga para sua próxima aula — falei e abracei minha irmã, que tinha lágrimas nos olhos. — Não se perturbe com nada que esse babaca falou, *okay*? Eu amo o seu nome e tenho certeza de que muita gente tem inveja de quão estiloso ele é.

— É isso aí, Sunny. Eu mesma queria ter um nome tão legal assim quanto o seu — Rebecca disse e eu sorri em agradecimento.

Sunshine enxugou uma lágrima, me abraçou e perguntou baixinho em meu ouvido:

— E se o diretor resolver chamar a mãe ou o pai, Rain? — Seu sussurro era num tom assustado.

Passei a mão em suas costas, tentando acalmá-la e me acalmar também. Eu tinha de pensar em alguma alternativa.

— Vou pensar em algo, Sunny. Não se preocupe. E não deixe Storm saber disso — falei e olhei bem firme em seus olhos assustados. — Ele já se envolveu na briga de sexta com esse babaca e não pode ter mais nada, ou vai levar uma suspensão, aí, sim, os nossos pais vão ser solicitados... e aí, sim, nós estaremos muito fodidos.

Ela sacudiu o rosto em concordância e se afastou dali, não sem antes olhar para trás. Sentindo orgulho, talvez, de que eu não tinha deixado passar essa porra de *bullying* incólume. Não mais.

Naquele motim todo, senti falta apenas de Thomas, que nem sequer apareceu por ali. Não que eu esperasse que ele viesse a galope em um cavalo branco, com uma armadura brilhante, pronto para ser meu defensor. Eu não precisava de nenhum. Mas seria bom que ao menos ele estivesse ali.

Graças a Deus, Storm tinha treino após a refeição e me avisou que estaria fazendo um lanche qualquer no próprio ginásio, antes de seguir para o campo. Eu não queria que meu irmão tivesse ouvido as ofensas proferidas contra ele, mas sabia que de alguma forma ele acabaria se inteirando de toda a confusão mais tarde. Não poderia impedir que ele sentisse a mágoa que eu tinha certeza de que sobreviria. Mas melhor ele sentir mágoa do que resolver partir para a briga com o idiota.

Peguei minha bolsa e segui o diretor Jackson em um silêncio reservado. Becca seguia ao meu lado, em um silêncio nem um pouco usual, apenas como apoio moral.

Quando chegamos à porta da diretoria, ela me deu um abraço rápido e se afastou para seguir em direção à aula.

Respirei fundo e me preparei mentalmente para o que viria.

capítulo

27

O diretor Jackson já estava sentado atrás de sua mesa, com toda a pompa, com os dedos conectados, naquela típica pose de homem culto e pretensioso.

Sentei-me na poltrona à sua frente e aguardei.

— Srta. Walker, vou ser bem sincero. — Ele começou o discurso e meu coração trovejou. — Acabei ficando surpreendido em vê-la envolvida em alguns conflitos desde sua chegada a esta escola, mesmo que seu boletim escolar me mostre que não há nenhuma falha em você como aluna exemplar.

Congelei meu cérebro por um momento apenas. Ele não estava falando apenas do episódio do refeitório de agora, pelo jeito.

— Sr. diretor, eu, sinceramente, não sei do que o senhor está falando... — Tentei desconversar, ou ao menos fazer com que ele esclarecesse exatamente sobre o que estava falando.

— Veja bem, Srta. Walker. Eu posso não me envolver em muitas áreas ou outras localidades, mas, de tudo o que concerne à escola, sempre estarei ciente. — Seus olhos argutos me observavam. — Sei que houve um conflito na festa na casa do treinador Murray, na sexta-feira, envolvendo, inclusive, o próprio Jason Carson, assim como sei que há um conflito relacionado a você e Cybella, prima de Thomas Reynard, que, por conseguinte, vem a ser seu namorado.

Senti o sangue drenar do meu rosto. Uma sensação súbita de desmaio se apoderou do meu corpo, mas lutei bravamente contra o pânico. Como ele poderia saber sobre isso? Ou fazer essa associação? Como?

Tentei vasculhar em meu cérebro e me lembrei vagamente de que o diretor tinha parentesco com a mãe de Thomas... Algo assim.

— Se... Senhor...

— Eu não estou te recriminando, Rainbow. — Congelei quando ele me chamou pelo meu nome de batismo. — Essas coisas acontecem. Deus sabe que meu Ensino Médio foi uma selva total.

Eu quase sorri. Quase.

— O que preciso é que você me avise se achar que está sob muita pressão.

— Co... co... como assim?

— Veja bem, sabemos de todo o histórico de você e seus irmãos e os comportamentos escolares. Temos todos os relatórios de todas as escolas pelas quais passaram. Vocês nunca tiveram problemas de espécie alguma, mas a referência de todos eles sempre foi a mesma do conselho de classe.

— Que teria sido?

— Vocês sempre sofreram calados o *bullying* relacionado aos seus nomes ou à origem e cultura familiar em que foram criados. — Sua resposta foi categórica. — Podem achar que, por não visitarem a diretoria, não sabemos o que se passa em nossos corredores, mas estão enganados. O grande problema é que, infelizmente, muitas vezes só podemos agir de maneira efetiva quando há um fato comprovado ou uma reclamação formalizada.

Olhei diretamente para aqueles olhos conhecedores.

— Estamos em um mundo onde a política é de tolerância *zero* em relação a *bullying* escolar. Tivemos casos graves de alunos, em outras escolas, com uma sorte sem fim de coisas que não vêm ao caso agora. O que preciso é que você não permita que seus ofensores saiam impunes.

— Eu... eu... não sei se o que fiz foi o certo, Sr. diretor — falei sinceramente. — Normalmente apenas relevo, mas realmente acabo ficando exaltada quando colocam meus irmãos no meio... e eu sei... que... a meta é evitar uma briga.

— Veja, Rainbow, para mim, em meu ponto de vista, você não esteve brigando. Esteve defendendo seu lugar dentro desta escola. Seu lugar como aluna. Que exige respeito. Eu admiro isso. Só queria que soubesse.

Fiquei completamente chocada com a reação do diretor Jackson. Eu não estava esperando aquilo. Esperava uma reprimenda. Um sermão. Uma suspensão. Uma visita à detenção. Sei lá...

Quando ele me dispensou dali, fui direto para o banheiro, tentando organizar meus pensamentos tumultuados. Olhei meu reflexo no espelho e gostei do que vi. Gostei daquela Rainbow mais forte, que lutava para suplantar a mais fraca.

Percebi que daria tempo de seguir para a última aula e, quando estava quase conseguindo chegar, Tiffany parou na minha frente com um copo de suco e o despejou por completo em minha roupa.

— Ops! Meu Deus! Que super sem querer! Rainbow... sua tosca... como assim tropeça em você mesma? — ela disse e as amigas começaram a rir. — Coitadinha... não bastasse ser estranha, ainda é tão passadinha.

Minha ira não tinha tamanho. Eu sabia que se voasse no pescoço dela poderia machucá-la. O que eu deveria fazer? O diretor me deu carta branca para não permitir abusos. Mas até onde eu estava disposta a chegar?

— Olha, vou te dar um conselho, queridinha... se eu fosse você, me afastava do Thomas. Cybella não está para brincadeira, e Thomas é dela, entendeu? Você é a forasteira aqui. Chegou aqui tentando usurpar o que pertence a outra pessoa.

— Thomas não pertence a ela — falei entre os dentes.

— Pertence. Sempre pertenceu e sempre vai pertencer. Não adianta achar que vai conseguir alguma coisa diferente. — Seu tom de voz era mordaz. — Veja aqui... está vendo? — Ela ergueu o celular, mostrando o perfil da página social de Cybella e nela havia várias fotos dos dois juntos. — Os dois se pertencem. Você está apenas tentando estragar o equilíbrio de algo lindo e natural. Você não é nada. Não é ninguém. Não é uma fagulha, uma unha do que aquela mulher divina é. — O tom de idolatria com que Tiffany falava de Cybella era até doentio. — Acorde antes que seja tarde. Estou te dando um aviso de amiga, vá por mim.

— Você não é minha amiga.

— Não. — Ela riu e as outras também. — E nunca serei. E aqui nesta escola, meu bem, você só vai encontrar amizade com as pessoas que foram excluídas por nós, entendeu?

Dizendo aquilo, Tiffany marchou em uma saída dramática, seguida por suas asseclas do mal, e eu? Eu apenas fiquei ali, no corredor, com suco escorrendo por toda a minha roupa.

Vamos lá. Recapitulemos os fatos. Eu estava mudando, mas também não dava para esperar um milagre de um dia para o outro. Thomas vinha mudando minha personalidade? Sim. Espera. Não era *ele* que mudava minha personalidade. Ela já estava ali. Ele apenas era um farol que mostrava o potencial que sempre tive.

Thomas apenas extraía os sentimentos que sempre fiz questão de deixar trancados e bem guardados, porque no fundo, no fundo, eu sempre soube que sentimento tem muito a ver com sofrimento. Não é à toa que as duas palavras começam com "s". E ainda rimam lindamente em um poema fajuto qualquer. Isso é um fato incontestável.

Com seu incentivo, Thomas foi fazendo com que as paredes à minha volta rachassem pouco a pouco. Fui começando a entender que não precisava entrar em crise por me sentir diferente. Só precisava agir diferente, de maneira que me sentisse bem.

Da forma como eu estava, sempre me repudiava. Porque sempre tinha a sensação da não aceitação de mim mesma. De não fazer parte de um todo. Mas o que bastava era que eu abrisse um pouco a concha na qual me encarcerei e olhasse os vislumbres da beleza dos sentimentos exteriores.

Então, em vez de viver amargurada e constantemente em crise, bastava eu *sentir*.

Só que o conceito de sentir é muito amplo, certo? Eu podia sentir raiva, medo, ódio, amor, carinho, rancor, repúdio... uau... citei sentimentos muito parecidos entre si... talvez porque estivesse sentindo apenas isso ultimamente.

O que eu precisava aprender a fazer era ter domínio próprio sobre esses mesmos sentimentos. Não era à toa que este era um dos dons da Bíblia, certo? Porque ter domínio próprio é bíblico, cara. Mas é tipo... muito difícil na sociedade atual. Mas não é impossível.

Respirei fundo e senti que uma torrente de lágrimas seria despejada imediatamente ali. Um tsunami. E aquilo, sim, seria um vexame épico.

Sem nem me dar conta, zarpei pelo corredor rumo à saída da escola. Eu precisava de um momento a sós para internalizar tudo: os sentimentos perturbadores, as mágoas, as palavras ácidas, as feridas; e ainda tentar resgatar um pouco da autoestima que fora pisoteada ali há pouco pela vaca loira Tiffany.

capítulo

28

Com minha fuga intempestiva da escola, veio uma enxurrada de mensagens em meu celular logo depois. Sunshine queria saber para onde eu tinha ido. Becca queria saber se eu estava bem, e ainda queria o resto das fofocas. Thomas estava à minha procura.

Quando cheguei em casa, apenas tive ânimo de tomar um banho e me livrar da roupa melecada de suco, colocar tudo na lavanderia, antes que meus irmãos chegassem e perguntassem sobre aquilo, além de ter tempo para fazer o dever escolar, que eu já havia perdido muito das últimas aulas.

Ajeitei a comida e ainda deixei algo preparado para Sunny e Storm.Queria me enfiar no quarto e ficar por lá. Por favor, alguém me dê o desconto. Estava tentando sair da minha concha pessoal e emocional, mas toda garota que se preze precisa do espaço de seu quarto como uma espécie de santuário sagrado para momentos de TPM pura ou um momento deprê. Embora nem assim eu estaria ligando meu iPod, para não correr o risco de me direcionar a músicas melosas que poderiam me levar a um rio de lágrimas.

Mais uma mensagem de Thomas chegou.

Onde você se enfiou?

Estou com muita cólica. Desculpe.:/

Um momento de silêncio se passou e mais uma mensagem.

Posso ir aí?

Pensei seriamente no que responder.

Desculpa, Thomas. Eu realmente não estou me sentindo bem.

Pronto. Foi isso. Eu esperava que ele não insistisse. Homens deveriam entender quando as mulheres estavam em vias de fato, mergulhadas em dores horrendas, onde a impressão era a de que seus úteros estavam sendo palco de obras com trabalhadores brutais com picaretas sangrentas.

É claro que eu estava mentindo e não estava com cólica alguma. Graças a Deus. Porque, se estivesse, a dimensão daquele meu drama seria muito pior.

Mesmo sem querer fazer, sabendo que o que eu faria era feio e errado e muito, muito imaturo, entrei no google e vasculhei a vida da vaca Cybella. E puta que pariu! Eram muitas as fotos dela e Thomas juntos. Percebi que talvez de dois anos antes, sei lá. Talvez quando ela não tivesse sido tão louca ou surtada.

Eles realmente faziam um casal lindo, digno de filme, seriado teen e essas porras todas. Meu ego frágil tomou um baque homérico e apenas joguei meu celular longe.

Deixei que as primeiras lágrimas caíssem e simplesmente apaguei. Nem sequer dei atenção para o horário que Sunny ou Storm possam ter chegado. Tão lindo foi meu nível de irmã eficaz e cuidadosa... Penso que Sunny pode ter colocado um cobertor sobre mim no meio da noite, mas essa é uma dúvida que terei de tirar depois.

Thomas

Olhei para o celular e fiquei intrigado e ressabiado com sua resposta.

Desculpa, Thomas. Eu realmente não estou me sentindo bem.

Mike havia me passado o que acontecera no refeitório, porque sua irmã presenciara tudo. Pelo que se soube da rádio-corredor, Rainbow fora para a sala do diretor Jackson e ficara um bom tempo lá. Jason levou uma suspensão de dois dias e mais três jogos no banco.

Dali era uma incógnita. Rainbow não voltara para a sala. Eu estava me sentindo um merda porque, com a porra toda da Cybella, passei o domingo e a segunda inteira, praticamente, resolvendo as coisas e recuperando o que ela destruiu. Cadernos, material, tudo.

Nessa leva, comprei um *pen-drive* e resolvi colocar algumas músicas escolhidas para Rainbow, e porra, eu estava piegas e ali, instalando a porra do One Direction. Até que esses merdas tinham letras que falavam o que eu queria que minha garota entendesse. Cheguei ao fundo do poço quando instalei The Vamps e outra *boy band* ridícula, mas eu sabia que ela gostava.

Claro que, para equilibrar um pouco, também coloquei algumas músicas que fossem minha marca registrada. Músicas que eu queria que ela sempre associasse a mim. Inclusive a música sexy pra

caralho que dançamos na festa do treinador Murray.

Passei a mão pelo centro do meu peito, porque sabia que uma angústia estava querendo se acomodar ali. Porque um sentimento perturbador de que Rainbow poderia se fechar de novo, e me deixar de fora, ardia e estava quase me deixando louco.

Cara, eu estava orgulhoso pra caralho do que ela havia feito no refeitório. Ela simplesmente não se calou. Foi lá e falou o que precisava ser falado e colocou aquele merda no lugar que merecia.

Eu só não esperava que Rainbow realmente fosse se trancafiar e deixar tudo o que estávamos vivendo pra fora.

Nos três dias seguintes, ao longo daquela semana, consegui fugir de Thomas de maneira sorrateira. Eu não saberia explicar a razão da minha fuga alucinada, mas não conseguia confrontá-lo. Ou olhar para ele e perceber que realmente seu lugar não era ao meu lado. Realmente aquela vaca loira conseguiu quebrar a pequena fagulha de autoconfiança que eu havia erguido tão bravamente.

Sunny e Storm estavam preocupados porque eu andava mais calada do que o normal. Uau. Era como se eu tivesse voltado à estaca zero, tipo, colocaram o chip da velha Rainbow de volta.

Quando estávamos na cozinha, eles tentavam conversar, mas o máximo que eu fazia era murmurar um *hummmm*. Apenas isso. Eu tinha um hábito ruim. Quanto mais calada ficava, mais meu humor se degringolava. A solidão era uma merda. Eu seria a típica ermitã emburrada.

Becca tentava conversar comigo, mas apenas de olhar para mim ela já sabia. Nas aulas que eu compartilhava com Thomas, dava um jeito de não comparecer. De maneira muito covarde, simplesmente me enfiava no banheiro e ficava lá até o sinal bater.

E meu celular esteve desligado durante todo esse tempo. Era quase uma cura para um viciado cibernético. Dica boa: passe por uma crise existencial e tente se isolar do mundo. Dessa forma você conseguirá se libertar das amarras do mundo virtual e do cativeiro que um celular pode fazer em sua vida.

E, se me perguntar por que eu precisava desse tempo, eu mesma nem saberia responder. Só sei que eu estava no limbo dos sentimentos.

Sabe a sensação do entorpecimento? Era a sensação que eu tinha. Na verdade, tinha a sensação esgotante de estar por baixo da superfície da água, abaixo de uma onda, tentando subir, mas sem nunca conseguir. E aquele mantra do caralho, "continue a nadar", não estava servindo de nada para mim nesse momento. Eu queria respirar.

Ao final do terceiro dia, tal qual uma profecia muito doida e surreal, eu estava escondida no banheiro, quando a horda de meninas do mal entrou.

— Meu Deus, então é verdade que você conseguiu que os dois não ficassem mais juntos? E a Cybella vai te dar uma passagem para Manhattan? — uma vaca qualquer falou.

— Siiim! Não é maravilhoso? Eu amo aquela mulher. Sério! Achei que ela não cumpriria o prometido, mas *tcharam*! Ela disse que vem neste fim de semana e que me leva de volta com ela para passar um sábado inteiro fazendo compras na Victoria's Secret!!!

O grito das gralhas quase fez meus tímpanos explodirem, mas resisti bravamente.

— Os dois não estão juntos. Disso tenho certeza. Aquela songamonga finalmente caiu na real e percebeu que não vale nada.

Porra. Ouvir aquilo doía. Mesmo que eu soubesse que não era verdade.

— Bicha burra. Deixou o caminho livre, do jeito que Cybella precisa.

Com o som das torneiras sendo fechadas, eu apenas esperei para poder fazer minha fuga alucinada dali.

Meu Deus! Minha vida havia se transformado em um caos ambulante. Era um High School Musical do caralho. Espera. Monster High do caralho. Nossa. Qualquer coisa High School do caralho.

Quando eu poderia imaginar que, a partir do momento que resolvi abrir o compartimento de "sentir" as coisas, eu também estaria abrindo minha mente para aquela enxurrada de dramas e mais dramas acompanhados?

Eu achava que a minha vida era um pouco mais fácil antes. Eu. A solidão. O silêncio e meus pensamentos. Claro que era um pouco frio e inóspito, às vezes, mas enfim... pelo menos estava mais bem protegida dessa torrente de vibrações malignas do caralho. Pensei naquele momento que minha boca precisava mesmo de uma lavagem com sabão líquido. Para fazer bastante espuma.

Porque uma coisa eu digo: pessoas ruins nascem e frequentam a escola. Eu já disse isso? E elas começam a alastrar suas maldades e deixar os traumas desde cedo. Estendem suas garras maldosas ainda nos corredores escolares, às vezes com um simples giz de cera na mão. É uma imagem aterradora, mas real.

Saí do banheiro, passei voada pela porta da sala na qual seria minha próxima aula. Estava comprovado agora que, uma vez que você mata aula, fica muito mais fácil repetir esse comportamento e torná-lo padrão. Ignorei o chamado pelo meu nome e voei, se é que isso era possível, pelo corredor afora.

capítulo

29

Corri pelo estacionamento, tentando segurar as lágrimas que teimavam em brotar em meus olhos. Eu odiava chorar na frente de qualquer pessoa. Para mim era um supersinal de fraqueza.

Meu braço foi agarrado e fui puxada repentinamente para trás. Um Thomas muito bravo lançava faíscas em minha direção.

— Que merda há com você, garota?

Eu não conseguia entender a razão de tanta irritação, quando na verdade era eu a pessoa que deveria estar exaltada.

— Não há nada comigo, Thomas. Deixe-me ir. — Meu tom de voz era duro, mas cansado. Eu estava extremamente exausta de tentar lutar contra forças invisíveis todos os dias naquela escola.

— Não! Você precisa se acalmar e me explicar que diabos está acontecendo. Você tem me evitado por três dias, Rainbow!

Senti meu corpo se retrair diante da mágoa em seus olhos.

— Sabe o que está acontecendo, Thomas? — senti a explosão se aproximando. — O que acontece é que esta escola consegue ser uma concha mais fechada do que o meu próprio jeito retraído. Por mais que eu tenha tentado fazer amizade e deixar de ser a garota revoltada que você me acusou... — Ele tentou me abraçar, mas eu não permiti. — Não! Eu preciso falar agora!

Ele ergueu as mãos e ficou calado.

— Tentei ser uma pessoa diferente da que você me acusou. Tentei abrir mais meu leque de oportunidades para ser amiga de outras pessoas, além de mim mesma. E sabe o que aconteceu? Nada! Porque é essa escola elitizada que faz questão de manter os forasteiros completamente de fora de qualquer coisa! E isso é muito pra mim! — Lágrimas caíam dos meus olhos e eu estava me sentindo uma idiota total. — Vou pedir aos meus pais para nos mudar de escola, para nos levar para essa porra de comunidade em Richmond, sei lá... Não há nada que me prenda aqui.

Ele estava chocado. Em seus olhos eu podia ver a dor que estava causando.

Quando me virei para ir embora, achei que ele pegaria minha deixa e se afastaria de mim completamente. Minha vontade de chorar só aumentou. Eu queria o conforto da solidão do meu carro, ou simplesmente o colo da minha mãe.

Thomas me abraçou por trás e simplesmente me impediu de continuar minha caminhada embaraçada.

— Você não pode estar falando sério, Rain! — Seu tom era desesperado. — Não pode fugir assim.

Eu apenas solucei.

— Você não pode simplesmente me jogar para escanteio e dizer que eu não represento nada pra você.

— Eu... eu... não disse isso...

— Em outras palavras, você disse. Não há nada que te prenda aqui? Nada que valha a pena pra você ficar? — Ele me virou de frente para ele e continuou em seu abraço de urso. Seus olhos brilhavam loucamente agora. — O que eu sou pra você? O que nós somos um para o outro? Nesse tempo todo?

Não sabia o que dizer ou o que ele gostaria que eu dissesse. Mentira. Claro que eu sabia o que ele queria. Mas era muito para mim, naquele momento. Expor tudo assim, de maneira tão crua.

— Se você não quer falar, então deixe que falo eu — ele disse e foi andando, levando meu corpo, de costas, em direção ao meu carro. Senti quando ele me apoiou totalmente na lateral do veículo. — Eu te amo, sua boba. Eu te amo tanto que chega a doer, porra.

Eu estava sem fala. Apenas abri a boca. Não esperava que ele simplesmente abrisse o verbo assim tão eloquentemente.

— O... o quê?

Ele pegou meu rosto entre suas mãos e encostou a testa à minha.

— Eu te amo, Rainbow. Não acredito que você nunca tenha realmente percebido a intensidade dos meus sentimentos por você...

Seus olhos intensos apenas mostravam que suas palavras eram verdadeiras.

— Eu... achei que... você gostasse de mim... que...

— Você acha que todas as vezes em que estive com você, durante todo esse tempo, eu estava fingindo, Rainbow? — Seu tom de voz parecia ferido. — Vai me dizer que não sentiu absolutamente nada enquanto estivemos juntos? Por todo esse tempo? Que nunca desconfiou que meus sentimentos por você são tão ou mais profundos que o oceano?

Uau. Como ele estava poético. Espera... aquela não era uma letra de uma música?

— Não... eu... senti... é que...

— Eu usei a desculpa mais esfarrapada de todas para me aproximar de você. Praticamente me humilhei, correndo o sério risco de ter você rindo na minha cara, quando implorei que me ajudasse quanto à minha prima. — Thomas segurou meu rosto como se fosse algo precioso. — Aquilo foi tão perfeito, porque me deu a desculpa ideal para estar ao seu lado.

— Thomas... — Passei as mãos pelo seu rosto lindo que me olhava em desespero. — Eu... não quis dizer daquela forma... que não há nada que me prenda aqui. Eu... eu...

Thomas não esperou nada mais. Ele me puxou para seus braços e me beijou de maneira intensa, ignorando o fato de que estávamos no estacionamento da escola. Poderíamos ser pegos e suspensos.

— Eu te amo, Rain.

Sem esperar minha resposta ou réplica, Thomas me puxou para o seu carro e abriu a porta, me colocando ali dentro como se eu fosse um ser inanimado. Tudo bem que eu estava um pouco estupefata e em choque, mas não precisava exagerar, certo?

Entrando no carro, Thomas simplesmente deu partida no carro e saiu dali.

— Para onde estamos indo? — perguntei, incerta.

— Para um esconderijo secreto, onde escondo o corpo de garotas impertinentes.

Senti o riso em meu rosto, mas em seguida as palavras das meninas maldosas irromperam em minha mente.

— Thomas...

— Não pense em nada, baby.

— Eu preciso pensar — eu disse e virei para olhar diretamente para ele. — Preciso dizer.

Thomas não desacelerou o carro.

— Nós não pertencemos um ao outro, Thomas.

Vi quando o maxilar rangeu e seu semblante ficou petrificado.

— Quem disse isso, Rainbow? — ele perguntou e sua voz denotava irritação.

— Eu... eu...

— Essa é uma das razões por que você tem me evitado estes três dias?

Olhei para o para-brisa, envergonhada da minha atitude infantil.

— Eu não sei o que fazer. Não sei como agir... ou como lidar... — falei simplesmente. — Nem sequer tenho a figura da minha mãe aqui para tirar dúvidas sobre como agir em um relacionamento. Minha fonte de pesquisa é a Sunshine e ela é mais nova do que eu, então veja o quanto sou patética.

— Você não é patética.

Quando Thomas parou o carro, percebi que estávamos na porta da minha casa.

— O que estamos fazendo na minha casa, se meu carro ficou na escola? — perguntei com um sorriso.

— Aqui é seu lugar seguro. O lugar onde você se sente mais confortável, é sua zona confiável. E aqui podemos dar uns amassos sem risco de sermos pegos.

Dei um tapa no seu braço e apenas escutei quando ele riu e saiu do carro.

Quando Thomas abriu a porta para mim, tal qual um cavalheiro, apenas dei um sorriso contemplativo. Oh, meu Deus! Aquele garoto me conduzia pelo dedo mindinho.

Thomas já entrava em minha casa como se fosse a dele. Subiu as escadas me puxando pela mão e, ao chegar em meu quarto, trancou a porta e colocou a chave no bolso.

— *Okay*. Daqui você só sai depois que abrir todo esse seu coração para mim — Thomas disse, andando em minha direção e me encurralando em direção à cama.

— Por que tudo para você tem que terminar com uma conversa de travesseiros?

— Porra... não me fale em conversas de travesseiros, Rainbow — ele disse e apertou a ponta do nariz, como se estivesse sentindo uma dor insuportável.

— Por quê?

Thomas retirou de seu bolso um pequeno *pen-drive* e estendeu para mim. Seu rosto estava no mais belo tom de vermelho que eu já tinha visto. Ele parecia um garotinho completamente envergonhado.

— O que é isso?

— Bom, se eu for seguir seu exemplo e responder sarcasticamente, eu direi que é um *pen-drive*, sabe? — Dei-lhe um puxão no cabelo. — Coloquei algumas músicas pra você aí...

Comecei a rir sozinha quando meu cérebro fez as sinapses certas e associei a piada anterior. Eu era rápida assim.

— Você colocou Pillowtalk, do Zayn, aqui, Thomas? — perguntei e senti que meus olhos brilhavam de pura emoção. — Para mim?

Thomas coçou o rosto e aquele barulhinho gostoso de barba querendo crescer atraiu minha atenção.

— Foi muito torturante fazer isso por você, mas... sabe? — Ele me deu um beijo doce. — Você vale totalmente a pena.

Enlacei seu pescoço e o puxei em direção à cama, aguentando quando seu peso caiu todo em cima de mim.

— Eu te amo, Thomas. Do mais profundo do meu coração.

Vi quando ele fechou os olhos e suspirou com alívio.

— Fico muito feliz, porque se não teria sido um mico muito mais assustador ter feito o download de todas essas merdas musicais que você ama e não saber o que fazer com elas...

Eu o beijei. A iniciativa daquela vez tinha sido minha. Totalmente minha. Agarrei os cabelos lindos que aquele garoto tinha e simplesmente resolvi possuir sua boca.

Não é preciso dizer que Thomas rapidamente pegou o gatilho e correspondeu prontamente, assumindo o comando. Raios de garoto dominador.

Suas mãos moviam-se no mesmo ritmo frenético de seus lábios, percorrendo meu corpo, fazendo arder algumas chamas indeléveis e muito particulares...

Eu podia não estar pronta para o grande salto no abismo, mas também não significava que não poderia deixar meu corpo "sentir" um pouco mais aquelas emoções arrebatadoras que somente ele conseguia despertar.

— Eu te amo, Rain.

— E eu te amo.

Éramos uma dupla melosa de declarações poéticas e cheias de profundidade.

Quando Thomas percebeu que seu controle já estaria por um fio, resolveu frear nosso arroubo apaixonado e recostou sua testa à minha.

— Porra, eu te amo.

Eu ri sozinha, porque acho que ele tinha falado aquela frase pelo menos umas vinte vezes. Mas quem estava contando? Eu.

Olhando para mim com aqueles olhos de gato, um verde magnético e cheio de energia sedutora, Thomas passou as mãos pelo meu rosto delicadamente.

— Agora me diga o que vem te atormentando. Por favor.

Como ele permitiu que nos ajeitássemos na cama, sem que nossos corpos estivessem tão em contato e naquela fricção louca e maldosa, eu me preparei para compartilhar minhas dúvidas.

— Tiffany meio que me fez ver que nós não somos compatíveis, Thomas.

Senti seu corpo ficar retesado e ondas de ódio vibrando em seu peito.

— Porra... e quem é ela para te dizer isso? E por que você tem que dar ouvidos a ela?

— Eu sei que agi de maneira imatura ao dar ouvidos e... de acordo com o que elas esperavam...

— Elas?

— Pelo jeito não passou de um plano de sua prima para me fazer cair na real para o fato de você pertencer a ela e pronto.

— Puta que pariu!

Thomas agora estava puto. Ele levantou-se da minha cama, como se seu corpo tivesse sido ejetado por uma mola.

— Essa mulher está completamente louca! Eu juro, já estou perdendo totalmente a paciência!

Segurei minha língua para dizer que ele já devia ter perdido há muito tempo, mas fiquei quieta. Se era assunto familiar, eles que se resolvessem.

— Thomas... eu só peço desculpas, porque acabou que, com todo o negócio do Jason essa semana e Tiffany me jogando suco no corred...

— Jogando suco no corredor? Como assim?

Opa. Esqueci que ele não sabia.

— No mesmo dia do Jason. Assim que saí da sala do diretor. Foi daí que ela começou a me acossar e me falar das fotos com sua prima e em como vocês eram felizes e faziam um casal lindo e tal.

Thomas andava de um lado para outro.

— Sua prima vem este fim de semana, você sabia?

Ele olhou para mim rapidamente.

— Como assim? Como você sabe?

— Tiffany comentou com as amigas no banheiro hoje. Parece, inclusive, que Tiffany vai a Manhattan com Cybella, por ter conseguido nos afastar.

— Ou assim elas pensam — Thomas disse puto.

— Ou assim elas pensam.

Thomas voltou para a cama e, quando me abraçou, escutamos as batidas na porta do quarto.

— Muito bem, vocês dois! Podem acabar a putaria aí, agora! Eu cheguei e aqui nesta casa não haverá fornicação!!! — Storm gritou a plenos pulmões.

Começamos a rir, os dois, do próprio desatino de Storm, bem como da situação.

Depois de um tempo em silêncio, simplesmente olhei diretamente em seus olhos e perguntei:

— Por que você me ama, Thomas? O que viu em mim?

— Não só o que vi, mas o que vejo, Rain.

— E o que é? O que me faz tão diferente e atrativa pra você, quando tudo e todos tentam me fazer crer o contrário?

— Você é linda, Rainbow — ele falou finalmente. — Apenas você não se enxerga assim. Eu consigo quase ler sua alma através dos seus olhos. Eles são reveladores. Você se sente diferente dos outros, muito porque carrega um nome atípico, mas se sente um peixe fora d'água em qualquer lugar que vá. Não consegue se relacionar com as pessoas porque você mesma se isola em sua bolha pessoal.

— Acho que você já me disse isso uma vez — respondi amuada.

— Sim. E falo outra vez. Sendo assim, não consegue enxergar a beleza que existe em você. — Ele passou as mãos pelos meus cabelos enquanto me olhava por todo o rosto. — E não digo apenas fisicamente. Mas por dentro.

Senti quando a primeira lágrima tentou descer furtivamente. Ali. À espreita. Sorrateira. A próxima já quis liberar o comboio e, quando vi, eu me debulhava em lágrimas espessas, em cima do peito de Thomas, fazendo uma lambança em sua camiseta, mas pouco me importando com a coisa toda.

— Eu não acho que mereça você, sabe? — eu disse entre os soluços. — Porque... porque... eu nem... sou uma pessoa tão legal... assim...

— Ei! Quem disse isso? — ele perguntou e olhou diretamente para mim. — Esqueça essa pergunta. Eu sei quem te disse isso, mas te pergunto: por que se importa com a opinião dessas pessoas e simplesmente ignora a opinião daqueles que realmente se importam com você?

Sacudi a cabeça sem saber o que responder.

— Rainbow... você é a pessoa mais doce que já conheci.

Olhei para ele com uma sobrancelha erguida, em pura descrença.

— É sério. Sua doçura vem de dentro. E não estou falando dessas porras de troca de insulina, caralho. Estou falando daqui. — Sua mão cobriu meu coração novamente. — Você é leal, você é forte...

— Não sou... eu sou fraca...

— Não! Não é!

— Thomas, eu simplesmente me enfiei neste quarto e fiquei aqui três dias seguidos porque não estava com coragem de enfrentar o mundo. Ou você. Ninguém. Em muitos momentos simplesmente me vejo em um túnel completamente escuro onde não consigo ver a luz no fim.

— Rainbow... quando se sentir em um túnel escuro e não conseguir ver a luz láá á no final... — ele disse e me beijou ternamente. — Lembre-se de que eu vou estar lá, tentando iluminar o local, nem que seja com um palito de fósforo.

Comecei a rir.

— Um palito de fósforo queima muito rápido, seu bobo. Quando eu pensar que vi a luz, puft! Apagou.

— Eu queimo um atrás do outro. E seguro o palito, até que queime meus dedos, mas estarei lá, simplesmente para te mostrar que basta você seguir reto. Eu vou estar te esperando.

Meu Deus. Poderia haver declaração mais linda do que essa? Em um dia medonho e quando minhas emoções estavam esfarrapadas?

— Então é melhor que eu não entre nesse túnel escuro, não é?

— Concordo plenamente, meu amor.

Bam! Bam! Bam!

— Eu vou dar três segundos inteiros para vocês dois vestirem as roupas, que espero que não tenham sido retiradas em hipótese alguma, para descerem aqui e prepararem alguma coisa para comer. Estou com fome pra caralho. Ah... e Rainbow?

Demorei a responder, já que tentava controlar meu riso e Thomas ria com a cabeça enfiada no vão do meu pescoço.

— Sim?

— Estou muito farto de macarrão. Vamos inovar, *okay*?

Meu irmão era absolutamente sem noção. Mas eu o amava. E minha irmã desmiolada também. E o cara lindo que estava ali ao meu lado e servindo de farol para me guiar em meus momentos mais sombrios.

Thomas

Admitir que eu poderia estar um pouco amedrontado porque Rainbow esteve fugindo de mim por três longos dias podia acabar me enquadrando no time dos maricas, mas o sentimento era mais forte do que eu.

Durante aqueles últimos dias, Rainbow não respondera a nenhuma tentativa minha de contato. Me dispensou com poucas palavras, alegando estar muito cansada, ou qualquer merda de meninas. Eu sabia que havia algo estranho ali. Aquela não era minha garota.

Quando, por fim, consegui acuá-la na escola, e ouvi suas palavras saltando de sua boca, alegando que não havia nada que a prendesse ali, senti como se mil punhais penetrassem meu peito. Simultaneamente. E girando, para fazer um efeito mais devastador nos meus órgãos internos.

Era minha sorte que Rainbow fosse tão transparente quanto um copo de cristal. Seus olhos reveladores não conseguiam esconder nada. E estava nítido que havia alguma coisa que a tinha deixado preocupada ou com algum grilo na cabeça.

Graças a Deus consegui que minha garota não fechasse a porta de seus sentimentos na minha cara. E que confessasse seu amor por mim, da mesma forma que eu dedicava totalmente o meu amor a ela.

Era incrível que eu estivesse completamente apaixonado aos dezessete anos. Se alguém me dissesse essa merda há algum tempo, eu riria na cara da pessoa e seria capaz de dar um soco para completar o quadro.

Mas ali estava eu, Thomas Reynard, sem saber ao certo o que fazer da vida, se uma certa garota não fizesse parte do cenário. Eu sabia, inclusive, que Rainbow não aplicara nenhum formulário de faculdade. Com a indecisão do que ela faria, nem eu conseguia decidir ao certo o meu próprio caminho.

Quão imbecil poderia ser isso? Mas isso era o que o amor fazia com a pessoa. Eu não conseguia atinar com a possibilidade de me jogar em uma universidade longe da minha garota. Em hipótese alguma.

E se eu tivesse que esperar um pouco para ver aonde os nossos caminhos nos levariam, eu faria. Porém, sabia que a decisão chegaria rapidamente. Cinco universidades já estavam na minha cola. Meu pai já estava perturbando para saber qual seria a minha escolha.

Mas não deixaria ninguém forçar a barra nas decisões que eu precisaria tomar. Especialmente quando meu coração estava totalmente envolvido no assunto. E foda-se o resto. Simples assim.

capítulo

30

Eu estava tentando sair o mais rápido possível depois que o sinal informou o término das aulas. Aquela semana estava sendo tensa, já que, com a chegada de Cybella à cidade, Thomas resolveu acampar definitivamente em minha casa e nem sequer voltou para a dele. Sua mãe já estava avisada e, na tentativa de evitar um episódio como o do último surto psicótico da vaca louca, Alyce concordara que era melhor Thomas se manter afastado mesmo.

A ideia dele não poderia ser melhor. Simplesmente tomou posse do meu quarto e dos meus pensamentos. Para piorar, tínhamos alguns trabalhos finais para serem entregues e as provas estavam chegando, enquanto a expectativa do baile de formatura tomava nossas mentes. Seria dali a uma semana. Meu coração pulsava em agonia, já que, com a ausência da minha mãe, eu não teria o famoso ritual de arrumação e choros e lágrimas por uma etapa sendo cumprida. Eu acreditava que meus pais nem mesmo se dariam ao trabalho de vir à formatura.

Em duas semanas estaríamos nos formando no Ensino Médio e cada um já deveria saber o que faria. Eu apliquei algum formulário para alguma faculdade? Claro que não. Por conta de realmente não saber o que fazer com meus irmãos ou se meus pais estariam de volta.

Minha mochila estava cheia de papéis que Thomas fizera questão de enfiar ali dentro, com o intuito de me convencer a olhar para aquelas opções de universidades. Eu nem estava pensando, honestamente.

Estava mais do que agradecida que a sexta-feira havia chegado, porém, com ela, viria a ausência certa de Thomas, que já devia estar no treino de futebol naquele momento. Aquilo me daria um tempo para fazer um bolo de chocolate, talvez. Com toda certeza os garotos chegariam do jogo mais tarde com muita fome.

Meu carro estava parado um pouco mais distante do que o usual e a chuva fina que caía cobria meus olhos, impedindo que eu enxergasse tudo com clareza. Passava as mãos nervosas sobre meus

olhos, afastando os cabelos do rosto, tentando segurar a mochila e ainda proteger um pouco da minha roupa seca por dentro do casaco.

Quando coloquei o pé na pista, descendo da calçada, vi o carro guinchar à distância. Reconheci o carro de Thomas e um sorriso bobo aflorou em meu rosto. E sumiu com uma velocidade recorde quando percebi que o carro vinha a toda velocidade e exatamente em minha direção. Thomas gostava de dirigir perigosamente em estradas retas e longas, e nunca havia recebido uma multa de trânsito. Na área da escola ele era absolutamente correto, obedecendo à velocidade da via. O que causou certa estranheza.

Na verdade, acredito que foi coisa de segundos até eu perceber que algo estava muito errado e que um frio incompreensível percorria meu corpo. Você já ouviu dizer que, muitas vezes, diante de uma situação real de perigo, consegue ver o filme inteiro de sua vida passando até mesmo em câmera lenta? Bom, eu não vi nada porque foi tudo muito rápido. A não ser que minha vida fosse uma reles propaganda de comercial de 17 segundos ao invés de um filme bacana.

Quando abri a boca para gritar, simplesmente ergui os braços contra meu rosto e me preparei para o impacto. Porque sabia que haveria um. Só não sabia o que seria de mim depois dele.

***

O som de uma ambulância conseguiu despertar a alma vivente que gemia. A alma vivente era eu. E se era vivente ainda significava que eu não estava morta. E se eu não estava morta, podia agora agonizar diante da dor que sentia em cada partícula do meu corpo.

Não consegui abrir os olhos. Não faço a mínima ideia da razão. Minha boca estava obstruída com alguma coisa e tudo o que eu podia sentir era dor. Dor na potência máxima da palavra. Que raios havia acontecido comigo?

Meus ouvidos conseguiram captar vozes distintas e nervosas, um choro compulsivo, que eu rezava para que não fosse eu, já que odiava chorar em público, e o som de bipes característicos de algo que eu não conseguia atinar.

Então, de repente toda a cena veio à minha memória. Meu corpo agitou-se e senti uma mão tentando me conter.

— Calma, garota. Tudo vai ficar bem... estamos levando você para o hospital, *okay*? — De quem era aquela voz tranquilizadora?

— Rain... Rain... — A voz suave que choramingava continuava como um cântico nos meus ouvidos.

Sunshine. Minha irmã Sunny. Era ela que chorava. Graças a Deus. Ao menos não era eu. Ou pelo menos gostei de afirmar para mim mesma que eu era durona.

Porém, a vontade de chorar veio subitamente, por conta da dor horrível que eu estava sentindo e por conta das lembranças.

Eu tinha sido atingida pelo carro de Thomas. No estacionamento da escola. Lembrei que havia estranhado o comportamento e a velocidade com que o carro dele estava vindo em minha direção. Meu cérebro ainda tentava conjecturar o que ele fazia ali, já que deveria estar no treino.

Depois disso, não me lembro de absolutamente mais nada.

Thomas

Meu celular tocou quando estava me preparando para ir para o treino. Estranhei o fato de minha mãe estar ligando naquela hora, mas atendi prontamente.

— Ei, mãe. O que houve? — perguntei enquanto acionava o alarme do carro.

— Tommy! Venha para casa urgente! Agora!

— Mãe, eu tenho treino agora... — Tentei me desvencilhar. Eu sabia que provavelmente a vaca da Cybella já deveria ter ido embora, mas não queria arriscar.

— Tommy! Era para Cybella ter embarcado mais cedo. Eu a deixei na merda do aeroporto, mas ela voltou pra casa enquanto eu estava fora. Ela está aqui agora! Destruindo a casa! De novo, porra! — Para minha mãe xingar era porque a coisa era grave.

— Mãe, calma! Eu estou indo pra casa. Você chamou a polícia?

— Tommy! Você sabe que não quero envolver a polícia nesse assunto! Que merda! Só chegue aqui, porque essa garota está possuída pelo demônio, só pode! Minha casa parece que foi invadida pelo *Poltergeist*!

Acelerei meu carro em direção à casa e o estacionei de qualquer jeito na garagem, sem nem tirar a chave da ignição.

Entrei em casa e Cybella estava completamente descabelada, parecendo uma mulher louca, com um pedaço de madeira na mão, que percebi ser a perna de uma cadeira, detonando as prateleiras de vidro da mãe.

— Cybella! Pelo amor de Deus! Pare com isso! — minha mãe gritava, entre nervosa e desesperada. Quando ela me viu, seus olhos mostraram preocupação.

— Cybella!

A louca parou o ataque aos móveis e se virou para mim.

— Eu te avisei, Thomas! Eu te avisei! Você não deveria ter me desafiado! Como se atreve a ter saído de casa e ido se enfiar na casa daquela vagabunda? Como se atreve? — ela gritava, enquanto jogava alguns objetos da prateleira em minha direção.

— Cybella, você não quer essa merda pra você. Pense na sua carreira, porra. Pare com isso! Você tem sorte que a mãe não quer envolver a polícia nisso — falei enquanto desviava e tentava proteger minha mãe de algum resquício.

A porta de casa se abriu e meu pai entrou, largando a pasta de trabalho no sofá, de qualquer maneira.

— Cybella!!!

Com o grito enfurecido do meu pai, a louca pareceu criar juízo e caiu ajoelhada no chão, aos prantos.

Minha mãe tentou se aproximar, mas meu pai a impediu.

— Vá pegar um copo com água e açúcar para ela, Alyce — meu pai disse simplesmente. — Thomas, vá buscar uma vassoura para começarmos a limpar essa zona. Cybella, não se mova daí. O chão está cheio de cacos de porcelana.

Eu não entendia por que porra meu pai ainda estava preocupado com a saúde daquela maluca. Por mim, eu deixaria que ela se cortasse toda e se esvaísse em sangue.

Saí da sala e peguei minha mãe chorando na cozinha. Eu a abracei fortemente.

— Mãe, me desculpa...

Minha mãe agarrou minha camisa e me olhou intensamente.

— Você não tem que se desculpar por nada, Tommy. Nada. Nós é que devemos desculpas a você, quando te empurramos essa merda anos atrás. Nunca imaginei que chegaria em um nível assim...

Estávamos ainda abraçados quando escutei o grito do meu pai.

— Cybella!!!

Eu e minha mãe corremos para a sala e vimos o pai desesperado, na porta de casa.

— Ela... ela... levou seu carro, filho.

Quando aquela informação bateu em meus ouvidos, senti meu coração afundar no estômago. Porque algo muito ruim passou pela minha cabeça.

Eu sentia no fundo do meu ser qual seria o destino que Cybella tomaria. Era quase o horário de as aulas acabarem.

Peguei a chave do carro do meu pai sem nem ao menos pedir permissão. Acelerei pelas ruas, amaldiçoando cada sinal vermelho que encontrava pelo caminho. Pense no desespero quando um pequeno engarrafamento se formou nas ruas subjacentes que eu precisava cruzar para alcançar o bairro para onde Cybella fora.

Quando os limites da escola já podiam ser avistados pelos meus olhos, meu celular tocou no bolso. Com muito custo consegui retirar o aparelho e atender, sem olhar o visor.

— Thomas! — O grito de Sunshine quase fez com que meu coração parasse. — A sua prima acabou de atropelar a Rainbow na porta da escola!

Vi as luzes da ambulância e da polícia antes de desligar a ligação que quase me matou um segundo antes. Parei o carro de qualquer maneira e vi que os paramédicos estavam atendendo minha garota, já devidamente instalada em uma maca, sendo encaminhada à ambulância. Sunny seguia ao lado de sua irmã. Um aglomerado de alunos observava chocado toda a cena.

Westwood era uma cidade pequena. Some o fato de a estação de polícia e bombeiros, com equipe de socorro e paramédicos ser a menos de uma quadra do lado da escola, e você consegue ter uma noção de como tudo foi muito rápido, mas ainda assim ser grato por poder ver o desenrolar grotesco como uma cena de filme. Parecia algo em câmera lenta.

Olhei para o lado e vi Cybella sentada na calçada, com um corte no supercílio e parecendo em choque. Dois policiais estavam ao seu lado. Meus olhos varreram o lugar e identifiquei meu carro destruído, mas o que mais puxou todo o meu temperamento para fora foi ver a marca do corpo de

Rainbow na lataria do carro e toda a trama de estilhaços do para-brisa, mostrando claramente que seu corpo aterrissara exatamente ali. Além do sangue... Porra. Tinha sangue ali.

— Você, sua louca! Filha da puta! — Saí gritando em direção à garota que tinha por objetivo arruinar a minha vida. — Sua assassina do caralho! Eu vou matar você! Se alguma coisa tiver acontecido com a Rainbow, reze muito, porque vou acabar com você, sua filha da puta!

Um dos policiais tentava me conter. E era bom que ele fizesse mesmo, porque, se eu chegasse nela, era capaz de esganar aquela louca filha da puta.

— Calma, filho. Tenha calma ou teremos que te dar uma ordem de prisão.

Mike chegou correndo naquele momento e me puxou para longe.

Eu só conseguia sentir as lágrimas descendo pelo meu rosto. Queria ir ao encontro da minha Rainbow. Eu não podia acreditar que aquela merda estava acontecendo.

Coloquei as mãos nos cabelos e fiquei parado, sem saber o que fazer. Meu mundo desabando ao redor. Meu chão ruindo completamente. Eu só conseguia sentir o desespero.

— Vamos, mano. Vou te levar ao hospital e você vai em busca do teu arco-íris, porra.

Mesmo a tentativa de brincadeira ridícula de Mike não conseguiu me fazer sair da merda onde minha mente se enfiou.

capítulo

31

Quando acordei novamente, depois de entrar e sair de meu estado de inconsciência, finalmente consegui abrir os olhos. Um tubo horrível ainda estava na minha boca e a sensação era de que eu estava entalada com algo, o que fez com que automaticamente tentasse arrancar o que quer que fosse.

Ouvi um grito ao meu lado.

— Rain, não! — A voz ralhou comigo enquanto minhas mãos faziam uma busca frenética ao redor e sentia lágrimas deslizando pelo meu rosto. Eu estava sufocando. — Enfermeira!

Em questão de poucos segundos ouvi o burburinho no quarto e senti uma picada leve em meu braço. Depois apenas a escuridão veio me dar um abraço.

Não consigo me lembrar de quanto tempo depois finalmente voltei a ser gente. O que significa, em meu linguajar dramático, que voltei a acordar para a vida e buscar respostas.

Uma coisa era boa. Eu não estava sentindo dor alguma. Sentia meu corpo um pouco mais pesado, ainda mais quando tentei erguer o braço e não consegui.

O movimento foi o suficiente para que atraísse a atenção de alguém que segurava a minha mão.

— Rain... — aquela voz grave e rouca eu conhecia. Só poderia ser o meu Thomas. Mas parecia que ele havia chorado. Ou uma lixa tinha passado em sua garganta, o que me levou a perguntar pela milionésima vez, nos poucos espaços de consciência que eu tinha, por que raios ele dirigia com tamanha imprudência.

Tentei falar alguma coisa, mas minha garganta parecia como se a mesma lixa que eu havia pensado que usaram em Thomas tivesse sido instalada ali.

— Á... água... — consegui pedir.

Rapidamente ele largou minha mão e percebi que pegou um copo em algum lugar e colocou um canudinho na minha boca.

— Devagar... o médico disse que você tem que ir devagar... você acabou machucando sua garganta quando tentou arrancar o tubo de oxigênio... — ele falou calmamente e em um tom pesaroso.

Bebi aquelas poucas gotas milagrosas e meus olhos acabaram se encontrando com os dele. Abaixo de seus olhos eu podia ver as manchas roxas que mostravam o grau de cansaço em que ele se encontrava. O que me levava ao pensamento de como deveria estar a minha aparência. Era melhor eu não pensar naquilo ou pediria ao médico para me anestesiar para que não fosse testemunha dessa minha desgraça visual.

Como um pensamento tão ridículo e frívolo como esse passou em minha mente eu não faço ideia, já que deveria estar muito mais preocupada com o estrago que o carro poderia ter causado no meu corpo.

Quando larguei o canudo, consegui erguer a cabeça, que parecia pesar três toneladas, e olhar para o meu corpo em busca de avarias.

— Você quebrou três costelas, e a perna esquerda, mas não houve necessidade de cirurgia ou implantação de pinos. A fratura foi compacta e você está apenas imobilizada. Você tem um edema na cabeça, o que te fez ficar apagada por quase dois dias, mas os médicos acreditam que o líquido já esteja drenando e não haverá sequelas.

Thomas falava com um tom de voz embargado e, quando olhei para ele, pude ver nitidamente as lágrimas caindo sem rumo em sua camiseta cinza. Era um momento louco, mas a cor da camiseta fez com que eu conseguisse distinguir as gotas que caíam livres.

Ele pegou minha mão e levou aos seus lábios, chorando compulsivamente, mas eu não conseguia mexer meu outro braço para tentar consolá-lo.

— Por que não consigo mexer meus braços? — Uma preocupação sorrateira deslizou em minha mente: talvez ele estivesse escondendo alguma lesão medular. Mas eu podia sentir meus braços e pernas, então acreditava que estava intacta.

— Porque eles te deram uma dose cavalar de tranquilizante quando você tentou arrancar o tubo... e deve estar sentindo os efeitos ainda — ele disse e fungou um pouco. — Deus, Rain... eu nunca estive mais assustado em toda a minha vida. Eu... eu... nem pude acreditar quando recebi a ligação de sua irmã. Cheguei na escola e você já estava sendo levada na ambulância. Enquanto eu seguia para o hospital, meu celular não parava de tocar, as pessoas me dando o relato do que aconteceu.

Olhei firmemente para ele e senti uma onda de amor imenso me inundar. Uma lágrima havia acabado de deslizar por nossas mãos unidas e eu acompanhava o trajeto da mesma.

— E o que aconteceu? — perguntei finalmente.

Observei o pomo de Adão de Thomas subir e descer nervosamente, e seu aperto ficou um pouco mais firme. Em seus olhos verdes eu podia identificar tanto medo quanto ódio. Dois sentimentos bem distintos.

— Cybella roubou meu carro da garagem e partiu em direção à escola. Tive que ir para casa mais cedo, antes do treino, porque minha mãe ligou dizendo que ela tinha voltado do aeroporto e estava quebrando a casa. Novamente — ele disse revoltado. — Quando ela esteve para o fim de semana, se comportou, e minha mãe achou que ela estivesse bem. Chegou a comentar que em breve teríamos encerramento da escola, com o baile de formatura e tudo mais. Como fiquei meio que escondido na sua casa, não acompanhei a interação de Cybella com as notícias. — Thomas falava e eu podia sentir a tensão tomar seu corpo. — Minha mãe pensou que ela iria embora tranquilamente no voo agendado e que estava tudo bem. Só que Cybella voltou do aeroporto sem que ninguém soubesse e, depois de causar uma destruição tremenda em casa, esperou que eu chegasse e, sem que percebêssemos, fingindo estar mais calma, correu para a garagem, levando meu carro.

Eu ouvia atentamente tudo o que ele estava falando. Realmente não consegui identificar o motorista, já que usei os braços para proteger meu rosto e simplesmente fechei os olhos esperando o impacto.

— Quando me dei conta do que ela poderia fazer, peguei o carro do meu pai e, quando estava chegando à escola, recebi a ligação de Sunny... e quando cheguei... — Sua voz se embargou completamente. Ele fechou os olhos e respirou fundo em busca de calma. — A ambulância estava lá e os carros de polícia. E... e... no chão eu só conseguia ver você sendo socorrida pelos paramédicos e... completamente imóvel... — ele continuou e beijou minha mão. — Mas pensei que se... que se você estava sendo atendida então estava viva e... quando estava indo em sua direção eu soube o que aconteceu. Cybella estava sentada na calçada, meu carro destroçado e o *airbag* acionado. Os policiais estavam ao lado dela, que parecia estar em choque, mas eu não pude me conter. Comecei a gritar com ela, acusando-a de tentativa de assassinato, e só não consegui agredi-la fisicamente porque um policial me impediu e porque, logo em seguida, Mike chegou para me assegurar que iríamos para o hospital.

Ergui uma sobrancelha e senti uma dor pontiaguda logo acima. Quando ele percebeu, passou o dedo em minha testa.

— Você tem algumas escoriações aqui e ali.

Era oficial. Eu deveria estar me assemelhando a um desastre de trem ambulante.

— Então... Cybella me atropelou, foi isso? — perguntei, chocada ainda com a atitude da prima louca de Thomas.

Uau. Quando ela realmente ameaçou minha vida, estava sendo séria sobre o assunto. Penso que eu deveria estar agradecida pelo estrago não ter sido tão devastador, já que, considerando a velocidade que um carro poderoso como aquele pode atingir, suspeita-se que o impacto não deixaria nem a poeira do objeto atropelado.

Cara... quando eu estava me recuperando de uma surra passiva no chão, dias atrás, com meu corpo todo dolorido, eis que acontece algo para provar que aquilo não era nada comparado ao que eu poderia sentir na pele realmente. E nos ossos. E músculos. E ligamentos.

— Ela está presa, minha mãe fez questão de assegurar isso. E também prestei queixa e os policiais virão colher seu depoimento aqui — ele disse e beijou meu rosto delicadamente. — Meu Deus, Rain... ainda estou completamente assustado pela simples ideia de quase ter perdido você.

— Bom, isso prova que seu *Porsche* é uma merda de carro e que eu sou praticamente uma cria do Wolverine, certo? — Tentei fazer graça com a situação para ver se arrancava daquele rosto lindo, que eu tanto amava, a tristeza que estava alojada ali. — E meus irmãos? Onde estão?

— Sunny foi para casa para descansar um pouco, já que não saiu do seu lado, e Storm esteve em casa aguardando notícias dos seus pais, que estão incomunicáveis.

Blé... pense em um golpe mais dolorido do que o para-brisa impactante do carro de Thomas. Pelo jeito, meus pais realmente levaram ao pé da letra adotar o esquema de largar todas as comodidades do mundo capitalista para lá.

Respirei fundo, porém me arrependi imediatamente. A dor nas costelas acabou me lembrando de que eu havia, sim, sido atingida de maneira brusca e total.

— Quando poderei sair? — perguntei angustiada.

— Por que a pressa? — ele brincou. — Prefiro você aqui monitorada por essa equipe em tempo integral. É garantia certa de que vai se recuperar.

— Que dia é hoje? — perguntei ressabiada.

— Domingo.

— Thomas, como conseguirei ir ao baile de formatura desse jeito? — Tudo bem que eu não queria ir, mas também não precisava escapar daquela forma. — Com esse gesso e essas costelas, vai ser praticamente impossível eu estar inteira até o dia. Ah, não... Thomas... não era nesse mesmo baile que você receberia a premiação pelo excelente trabalho como *quarterback* e astro da escola? — Eu estava chocada.

Thomas apenas riu e beijou novamente minha mão.

— O diretor resolveu adiar o baile por conta do acontecimento traumático que rolou nos arredores de sua escola — ele disse, tirando sarro do diretor certinho. — E eu pouco me importo com a premiação. Sem você ali, não haveria sentido comparecer e eu tampouco sairia do seu lado por conta disso.

Sorri maravilhada com a declaração de Thomas.

— Eu te amo, Rain. Nada para mim é mais importante do que você. Nada. Nem mesmo o futebol, ou a possibilidade de seguir jogando por uma universidade, ou meu carro idiota, ou qualquer outra merda que você esteja tentando colocar na cabeça.

Eu ri porque, até mesmo sendo romântico, meu Thomas conseguia ser tosco ao extremo.

— Eu também te amo, Thomas — falei e dei um bocejo nem um pouco educado.

— Durma mais, querida. Eu não vou sair daqui do seu lado. — Ele beijou meus lábios ressecados. — Fiquei com tanto medo de você simplesmente me dispensar por conta do que Cybella fez. Resolver não querer ter nada a ver comigo, já que eu trouxe essa merda para a sua vida...

Consegui, por fim, mexer minha mão espontaneamente e passei pelos seus cabelos desgrenhados. Ainda assim ele era lindo.

— Você não tem culpa de sua prima ser louca. Linda, mas louca de pedra — falei, fazendo uma careta. — Sua culpa talvez tenha sido só ter tido alguma coisa com aquela vaca louca e aí ela nunca conseguiu partir para outra e ficou nessa obsessão toda.

Ele sorriu.

— Durma, Rain. — Thomas passou os dedos suavemente sobre minhas sobrancelhas, num carinho típico que se faz em bebês, quando são colocados para dormir. — Não vou sair daqui em momento algum.

Com essa promessa doce, acabei me rendendo ao sono dos justos.

Thomas

Quando cheguei ao hospital e soube do estado geral de Rainbow, quase surtei. Minhas pernas falharam, mas tive de me fazer de forte, já que Sunshine estava ali e Storm também. Ou seja, precisava demonstrar força e não fraqueza. Até mesmo para que pudesse ajudá-los em qualquer coisa.

Assim que sentei na sala de espera, peguei meu celular e avisei meus pais. Meu pai correu imediatamente para a delegacia, prometendo que, dessa vez, Cybella não sairia impune. Seus atos haviam ido longe demais. Eu não deixaria meus pais passarem a mão na cabeça de Cybella dessa vez, como se nada tivesse acontecido.

Mais de duas horas haviam se passado quando uma médica veio nos dizer o estado geral de Rainbow. Nossa sorte foi que minha mãe havia chegado ao hospital e fez-se passar por parente, não dando margem a nenhum tipo de problema com a assistência social.

Quando a médica nos informou que Rainbow estava desacordada, em uma espécie de coma induzido, por conta do inchaço no cérebro, devido à pancada que levou na cabeça, não pude segurar o choro. Sunshine me abraçou e devolvi o abraço, porque... honestamente? Eu precisava daquele consolo de que minha garota ficaria bem.

Graças a Deus não ouvi nenhuma merda de recriminação de seus irmãos, alegando que eu trouxera Cybella à vida de sua irmã mais velha. Acho que eu não teria aguentado aquela verdade jogada na minha cara.

Eu já estava com um medo do caralho de que, quando Rainbow acordasse, porque ela iria acordar, simplesmente resolvesse me dispensar de toda aquela merda e desgraça que minha bagagem lhe trouxe.

Sunny tentou fazer contato com seus pais, mas estavam meio incomunicáveis. Senti raiva deles naquele momento. Não sabíamos a extensão das coisas, mas provavelmente Rainbow gostaria da presença de seus pais, não?

Fizemos um sistema de escala para permanecer no hospital com Rainbow, e sempre fiz questão de manter o turno da noite. Na verdade, eu não fazia questão de sair do seu lado.

Até mesmo Becca participava das escalas, mas, se dependesse de mim, eu assumiria integralmente o cargo e nem mesmo iria para casa.

O diretor Jackson adiou o baile, as provas foram ajustadas para que ela fizesse depois. Eu consegui cumprir alguns trabalhos, inclusive garantindo notas duplicadas para Rainbow, já que alguns professores colocaram os trabalhos em dupla. Becca também estava dando uma força nesse quesito, cumprindo os trabalhos em dupla nas matérias que faziam juntas.

Tudo estava se ajustando. Meu mundo entraria nos eixos novamente quando aqueles olhos verdes que eu tanto amava se abrissem e me olhassem com todo o amor que ela havia professado a mim dias antes.

capítulo

32

Dias depois, já em casa, depois de um arroubo de criatividade pós-ociosidade, eu ria sozinha no meu quarto quando Thomas entrou, carregado de sacolas de compras.

Levantei o rosto e franzi as sobrancelhas diante da curiosidade em saber o que seria tudo aquilo. Thomas depositou um beijo no topo da minha cabeça e disse:

— Por que você está com esse sorriso de Cheshire no rosto? — Meu sorriso se alargou mais ainda diante da recordação do infame gato da Alice, aquela loira do País das Maravilhas.

— Fiz um poema maravilhoso. Acredito que possa até mesmo me valer uma entrada em alguma universidade por conta da intensidade do texto, ou talvez até mesmo um prêmio fantástico... — eu disse e peguei o papel em que havia escrito minhas belas palavras.

Ajeitei a perna ainda engessada na cadeira à minha frente e aprumei o corpo para que eu pudesse declamar aquela pérola.

— Está preparado?

Thomas sentou-se bem à minha frente e acenou positivamente com a cabeça. Em seu rosto um belo sorriso desenhado quase tirou minha concentração para o que eu iria fazer.

— Não ria, Thomas — alertei antes de tudo. — São palavras que saíram diretamente do meu coração.

— *Okay* — ele disse, já rindo.

Dei início, por fim.

Oh, bela Cybella...
de bela não tens nada,
apenas um torpe coração de cadela.
Por que carregar tamanha beleza
se carregas a alma de Cruela?

Tudo isso por conta
apenas de uma garota,
que se encontrava na dela.

Não sei como consegui terminar de ler meu poema sem cair no riso diante de Thomas com a mão na boca, tentando esconder seu choque e o sorriso de escárnio.

Quando nos entreolhamos, acabamos caindo na gargalhada, sem poder acreditar que eu conseguia ver humor até mesmo no que poderia ter sido uma tragédia.

Era um fato consumado. Eu deveria ser considerada uma das maiores poetisas da atualidade. Dizem que os melhores textos resultam de emoções cruas passadas para um papel. A minha emoção feroz estava ali. Claro que agora eu conseguia encontrar uma forma de rir diante do que a cadela fizera. Mas não deixava de ser verdadeiro o sentimento que eu tinha sempre que pensava na prima de Thomas.

Tão linda e perfeita por fora, completamente destruída por dentro. Bom, talvez agora a beleza da criatura minguasse um pouco, diante do fato de que estaria presa por alguns anos ainda. E sua carreira havia ido pelo ralo quando deixou-se guiar pelo ciúme doentio que sentia de Thomas. Uma coisa tenho de confessar: ficamos com medo da louca acabar saindo isenta de qualquer culpa por conta da fama ou por alguma alegação de quadro mental perturbado.

Claro que sabíamos que ela tinha realmente um quadro mental perturbado, um transtorno de personalidade ou algo assim. Mas o laudo médico caracterizou que ela estava em sã consciência quando decidiu tentar pôr fim à minha pacata vida.

O que me leva à grande e brilhante dedução de tudo em minha vida. Uma pessoa linda, perfeita aos olhos do mundo, dona do que o dinheiro pudesse comprar, não conseguiu vencer os conflitos interiores e passar por cima disso. Era uma pessoa cheia de traumas e problemas tão graves que a levaram a agir de maneira perturbada.

Eu, em contrapartida, um ser comum, tranquila, com tão pouco dinheiro que mal podia comprar um McDonald's, em bons tempos, consegui vencer aquilo que me mantinha cativa dos meus sentimentos e enfrentei os medos que me enclausuravam em uma redoma de vidro, me isolando dos sentimentos mais belos do exterior.

Deixei de ver o mundo com os olhos de uma revolta intensa, onde tudo era motivo de escárnio ou apto a ser ignorado, e passei a valorizar cada pequena coisa, cada pequena fagulha de sensações que poderiam ser despertadas das mais variadas maneiras.

Pisar descalço em um chão frio, em um dia de calor, tocar a pétala de uma rosa, abrir um bombom, beber um gole de água quando se tem sede, sentir a tortura delicada de um beijo doce, transformado em algo curiosamente incandescente...

Passei a olhar o mundo com outros olhos. Passei a me enxergar com outros olhos. Porque agora eu conseguia me enxergar como Thomas me via. Agora conseguia valorizar a pessoa que eu era. Descobri, inclusive, que, antes de dedicar meu amor a ele, precisei passar a amar uma pessoa muito mais importante. Eu mesma. Simples assim.

Olhei para Thomas, que me contemplava como se estivesse embevecido. Senti meu rosto ficar vermelho. Eu detestava quando alguém me pegava no flagra, em pleno momento de divagação, quando meus pensamentos vagavam ao longe.

— Onde sua cabeça está? — ele perguntou.

— Estou pensando em como sou feliz por ter você na minha vida.

Thomas se levantou e ajoelhou-se à minha frente, beijando uma das minhas mãos.

— O que me leva ao assunto pendente...

— Que seria? — Minha sobrancelha se ergueu em uma indagação.

— Estas sacolas contêm um vestido lindo, um sapato e alguns apetrechos para você ficar mais magnífica do que já é para o nosso baile.

Senti meu rosto esquentar. Eu ainda tinha de aprender a lidar com os elogios eloquentes de Thomas.

— Você pode me dizer como vou conseguir ir ao baile com esta perna engessada?

— Do mesmo jeito que está aí agora. Sentadinha nessa cadeira de rodas.

— Ah, não... Thomas... isso é ridículo... o cúmulo do horror adolescente... eu, um baile, o cara mais lindo do baile e... a inaptidão de dançar com esse cara mais lindo do baile.

Thomas riu.

— E desde quando você dá valor ao que a sociedade pensa? Faça apenas o que você quer. E eu quero. — Thomas beijou minhas bochechas. — E eu quero você lá comigo. Ou não vai fazer sentido algum.

Olhei ressabiada para aquele garoto que aquecia meu coração, tal qual o sol aquecia o sistema solar inteiro.

— Você tem um poder de convencimento muito bom, Sr. Reynard.

Estávamos nos beijando no meu quarto quando ouvimos a porta se abrir lá de baixo.

— Alguém em casa?

Meu coração quase parou na garganta. Era a voz da minha mãe. Nem sei ao certo quais eram os sentimentos que se formaram em meu peito naquele momento.

— E agora? — perguntei assustada.

— E agora o quê? Vá ver seus pais, ué. Contar as boas novas, reportar as fofocas.

Nós dois rimos porque eu sabia que o humor sarcástico de Thomas estava em pleno andamento.

Thomas me pegou no colo e segurei um grito de choque. E dor. Afinal de contas, minhas costelas ainda reclamavam um pouco, dependendo do aperto.

— Desculpa, amor.

Quando chegamos lá embaixo, Sunshine já estava abraçada aos nossos pais, e Storm continuava recostado na parede da sala, olhando meio desconfiado.

— Pai, mãe.

— Rain... — O choque nos olhos de nossos pais foi hilário. Para não dizer outra coisa. — O... o que aconteceu?

— Então... se vocês tivessem atendido ao celular, teriam sabido que Rainbow foi atropelada por uma louca psicopata, que quase foi para os braços do Criador, mas voltou de uma experiência extracorpórea porque não conseguia ficar longe daquele cara ali, que por sinal é o namorado dela, que por sinal vem dormindo aqui em casa e fazendo as vezes de homem da casa — Storm vomitou as informações, enquanto eu abria a boca em choque. — Embora essa porra de homem da casa seja um golpe muito baixo, já que não há exemplar de macho mais fantástico do que eu, vejam bem.

Ali estava meu irmão. Achava que o tinha perdido em algum lugar daquele drama todo.

Meus pais olharam de Thomas para mim. Esqueci de falar que Thomas ainda me mantinha em seus braços? Então...

— Acho que precisamos ser atualizados de todo o assunto.

— Acho que sim, mãe — eu disse, simplesmente. — Mas estou muito feliz que vocês estejam de volta.

O sorriso no rosto dos meus pais valeu por todas as lágrimas derramadas pela decepção que eles possam ter nos causado naquele último mês.

***

Depois de toda a atualização feita e detalhada, graças a Deus, por Sunshine, me despedi de Thomas, chateada por não poder comparecer ao último jogo do campeonato.

O Westwood estava na semifinal, mas dificilmente levaria o título, já que muitas coisas aconteceram ao longo dos meses. A própria ausência de Jason, transferido pelos pais, depois da suspensão dos jogos, fez com que o time sentisse os efeitos, mas Thomas conseguiu levar a equipe até as semifinais, garantindo ainda os convites das universidades em volta.

Qual não foi minha surpresa quando Thomas revelou que aceitaria o convite de Princeton, para ingressar no time de futebol americano, fazendo o sonho do pai, já que estava em uma universidade da Ivy League, uma das oito mais prestigiosas do país, e ainda cumpriria o sonho da carreira que sempre tivera.

Melhor que isso. Princeton ficava a pouco mais de uma hora e meia de distância de Westwood. O que daria um bom motivo para que ele não se mantivesse longe de casa. Ainda custava admitir que a razão que ele dera era exatamente o fato de não querer ficar longe de mim, enquanto eu ainda não houvesse tomado minha decisão de qual faculdade cursar.

Eu não tinha metas estabelecidas de me afastar de casa. Até mesmo porque não sabia quais seriam os próximos passos dos meus pais. E não poderia deixar meus irmãos desprevenidos. Havia algumas opções em Nova Jersey que poderiam ser favoráveis e funcionar na logística familiar Walker. Além de eu permanecer ao alcance de Thomas Reynard.

***

A noite seguinte seria exatamente a noite do baile. Thomas ficara de passar em casa depois do jogo, alegando que fugiria da festa logo após, então era para eu deixar meus pais já avisados da dinâmica que acontecia todas as sextas-feiras.

Quando, mais tarde, já deitada em minha cama, apenas observando o delicado vestido azul-escuro que Thomas conseguira para mim, ouvi a porta do meu quarto se abrir, meu sorriso foi instantâneo.

— Conseguiu escapulir das garras de todas aquelas líderes de torcida? — perguntei brincando, apenas observando Thomas retirar a camiseta e tentando não babar ou me engasgar com a língua.

Thomas tirou os tênis e os jogou de qualquer forma no canto do quarto e, quando fez a ameaça de abrir o zíper da calça, minha sobrancelha se ergueu em choque.

— Relaxa, mulher. Estou com um short de pijama por baixo. Deus me livre ter que enfrentar a fúria daquela espátula voadora de Storm de novo — ele disse enquanto retirava os jeans e se deitava em minha cama.

Comecei a rir, porque a cena realmente foi engraçada. Em uma das vezes que Thomas havia dormido no meu quarto, no meio da madrugada, ele dera um jeito de retirar a calça jeans.

Na manhã seguinte, quando abrimos os olhos, quase morremos de susto, já que Storm estava parado diante da minha cama, com uma espátula de fazer panquecas, ameaçando toda a sorte de crimes hediondos contra as partes baixas de Thomas, a menos que sua roupa íntima ainda estivesse posta.

Foi preciso que eu levantasse e erguesse o cobertor e mostrasse que Thomas ainda estava devidamente vestido com um short, além do fato de eu ainda vestir meus pijamas mais bem-comportados.

— Aquela espátula vai perturbar meus sonhos por muito tempo — Thomas admitiu.

Abracei meu namorado perfeito, que me entendia mais do que eu mesma, e apenas me deixei cair nas garras de um sono reparador, já que, no dia seguinte, havia a promessa de um baile inesquecível que marcaria o começo do resto de nossas vidas.

epílogo

— Pelo amor de Deus, Rain! Decida-se. Ou cabelo preso ou solto — Sunshine falou irritada.

— Mas é você a grande conhecedora desses lances de estilo. Como anda a tendência dos bailes agora? — perguntei, enquanto vasculhava o google em meu celular, em busca de informações das *it girls*. Só não poderia ser de nenhuma Kardashian, pelo amor de Deus.

— Bom, o seu vestido é de um azul muito bonito. Você vai estar sentada em uma cadeira de rodas horrenda, eu vou fazer uma maquiagem fantástica... Acho que podemos fazer um estilo meio solto, meio preso... que tal?

Revirei os olhos diante da explicação.

— Sunny. Faça a sua merda aí e pronto.

— Era isso o que eu precisava ouvir, maninha.

***

Depois de quase uma hora de pura tortura, depilação de um lado só, já que uma perna estava engessada, pinças malditas em minhas sobrancelhas, cremes e toda a sorte de coisas que Sunny alegara ser vital para o grande dia — como se aquele fosse meu casamento, pelo amor de Deus —, eu estava semipronta.

Minha mãe entrou no quarto, toda orgulhosa, e sorriu diante do resultado.

— Oh, vocês duas estão lindas, mas você, Rainbow... você está espetacular — ela disse de maneira sentimental. — Aquele garoto ali embaixo vai ficar completamente abobalhado. Com a sensação de que um caminhão de flores atropelou sua alma.

Rimos da besteira da mamãe.

— Mãe, o que tem a ver um caminhão de flores ser o atropelador? — perguntei.

— Nada. Mas fica mais romântico. E se a pessoa morrer atropelada, pelo menos as flores do enterro já estarão ali.

— Ai, mãe... que horror! — Sunny falou e rimos as três juntas.

Eu senti falta daquilo, daquela camaradagem entre nossa mãe e nós duas. Sabia que aquele tempo em que eles se mantiveram longe foi importante por muitos fatores. Estávamos inclusive preparados para, eventualmente, em um futuro próximo, os dois resolverem se aventurar novamente.

— Você prefere que eu chame seu pai, Storm ou seu Thomas para vir buscá-la aqui em cima? — mamãe perguntou.

Minha resposta não poderia ser diferente.

— Thomas.

Quando minha mãe o chamou em meu quarto para me buscar, meu coração estava na boca, batendo acelerado. Eu queria ver sua reação. Estava nervosa e excitada ao mesmo tempo.

— Rain? — Thomas chamou do lado de fora.

— Entra!

Ele entrou no meu quarto, meio incerto, nem sei por quê, já que ele deveria estar mais do que acostumado, afinal, fizera seu ninho ali. Quando seus olhos se conectaram aos meus, senti toda a incerteza se esvair.

A admiração e as sensações que Thomas me trazia, de ser amada plenamente pelo que eu era, estavam ali... imperando como coraçõezinhos flutuantes em meu peito.

Aqueles olhos verdes tão magnéticos simplesmente me diziam o que eu precisava saber. Que ele me achava bonita da maneira que eu era, do jeitinho que estava. Sentada naquela merda de cadeira de rodas, com uma perna tropegamente engessada e sem poder me dar ao luxo de extravagâncias, já que minhas costelas ainda gritavam de dor. Se é que costelas podiam gritar, claro.

— Uau... você está...

Comecei a rir porque me lembrei do início.

— Diferente.

Um sorriso enviesado tomou conta de seus lábios.

— Absolutamente maravilhosa e estupendamente linda.

Aquele elogio era exatamente para não deixar dúvidas do que ele queria dizer.

— Você é a garota mais linda do mundo para mim.

Thomas se abaixou e me pegou no colo. Meus olhos ficaram no nível dos seus naquele momento. Nossos lábios estavam tão próximos que nossas respirações podiam ser sentidas um pelo outro.

— Eu te amo, Rainbow Walker.

— E eu te amo, Thomas Reynard.

Nossos lábios se conectaram em um toque sutil e acalentador, apenas uma doce exploração de algo maravilhoso que sabíamos que teríamos pela frente.

E foi assim que meu príncipe, mais parecido a um roqueiro sexy juvenil, completamente a estampa de tudo aquilo que eu sempre repudiei, o garoto mais popular da escola, o astro do futebol, simplesmente conquistou meu coração. Sem fazer muito alarde, sem precisar de uma marreta. Ele simplesmente perfurou minha armadura, rachou a proteção que teci ao meu redor e me mostrou que meu mundo não precisava ser cinzento e sem cores. Meu mundo poderia ser tão colorido quanto a paleta de cores que meu nome evocava, ou até mais.

Thomas me mostrou que sentimentos são lindos para serem sentidos em sua plenitude e que podemos apreciar todas as gamas de sensações que o mundo pode oferecer, desde as mais simples às mais intensas.

Thomas me mostrou o principal durante todo aquele processo. Ele me mostrou a mim mesma. A verdadeira Rainbow. E o que vi foi simplesmente lindo. Foi tão brilhante quanto um belíssimo arco-íris logo após um dia de chuva.

Fim

agradecimentos

Primeiramente, sempre agradeço a Deus pelo presente da escrita criativa, permitindo que minha mente possa fluir e correr solta.

Ao meu marido, Érico, e aos meus filhos, Annelise e Christian, que sabem dividir a minha pessoa, a esposa e mãe, da escritora louca que muitas vezes se enfurna no quarto com o computador à sua frente, não lhes dando a devida atenção. Amo vocês. Obrigada por estarem sempre ao meu lado e por sentirem orgulho de quem sou.

À minha família, pai, mãe, irmãos, cunhados, sogra, sogro, primos, tios, sobrinhos... todo mundo que me dá o apoio tranquilo e favorável para eu continuar colocando no papel as histórias que povoam a minha mente. Amo vocês.

À minha sobrinha, Ana Flávia, que deu vida a este projeto, já que ela é minha Rainbow, minha conchinha, meu biscoitinho amado. Escrevi este livro pra você, em um momento em que todas as minhas palavras foram usadas para te ajudar de alguma forma. Espero que tenha surtido efeito em seu coraçãozinho. João Pedro e Ana Beatriz não precisam ficar enciumados, já que fazem parte da tríade e também estão em meus planos, se Deus permitir... vocês são aqueles que inspiram minha Sunny e Storm.

A todos os meus amigos que me amam do jeitinho que eu sou, me apoiam sempre e fazem questão de incentivar cada passo que dou pela frente. Andrea Beatriz, tão longe, mas tão perto. Lisa, sempre a primeira apoiadora. Alê, minha *advofriend*. Mimi, Mércia, que sempre resmungam por causa do meu afastamento temporário. Elisa Lili, Lully, minha Kiki, Gaby Canano... caracas... eu tenho certeza de que deixarei de citar nomes que terão sido imprescindíveis em alguma etapa... É injusto isso. Mas vocês sabem quem são. Ao meu GV, que, com suas orações e torcida organizada, tem me mantido forte na jornada que resolvi seguir.

Agora um agradecimento às minhas colaboradoras fiéis e dedicadas. Aquelas guerreiras que acompanham o processo criativo do livro desde o início e vão até o final, quando chega o momento de enviar o "filho" para ser avaliado. Minhas betas, que fazem um trabalho fantástico de apontar detalhes que muitas vezes passam despercebidos por mim, que sugerem, palpitam, mostram, elucubram, clareiam. Caras... vocês são demais. Sério. Vocês se sujeitam a ler o que ainda está meio "informe e vazio", e quando vemos o resultado impresso, em mãos, sintam-se beijadas, porque ali também tem a essência de cada uma. Lud, sempre positiva e operante, com os melhores comentários *eeever*; Samantha, com olhos de águia e observações fantásticas. Te amo, Sam; Biia Rozante, pela maravilhosa dedicação de ler e fazer a degustação do material; Josi, que também

topa tudo e abraça meus livros com carinho, além de ouvir meus delírios, e Cristiane Saavedra, que, além de curtir todas as etapas, ainda viaja comigo nas ideias e me ajuda em todos os detalhes divulgacionais, sempre no apoio operacional e emocional. Posso dizer que tenho uma equipe fantástica. My Backup Team. Amo vocês de um tanto inexprimível.

Babi A. Sette, obrigada por pegar minha trupe juvenil e degustar por puro carinho pela minha pessoa.

Aos meus blogueiros parceiros megafofos, que fazem da minha caminhada um percalço mais suave, já que, com o trabalho de vocês, tudo se agiliza e prolifera. Vocês são lindos. Obrigada de coração. A todos vocês, que me acompanham desde sempre. Mari Sales, Lay, Diana, Marissa, Debinha, Alphas Literárias (todas), Joyce, Elimaaaaaar, Josi and the Bitches Cats (mudei pra fazer o trocadilho infame), Anastacia, Carol Cadiz, Jessicas, Mari, Adrianas, Thaisa, Marinas... putz. É injusto citar porque sei que muitas são parceiras por puro amor. Mas eu amo vocês.

Aos meus leitores fantásticos e surpreendentes, que me acompanham em cada projeto louco em que me jogo. Não tenho palavras para expressar minha gratidão e amor por cada um. Talvez por isso eu faça questão de sempre agarrá-los quando tenho oportunidade. Hehehe...

Um agradecimento mais do que especial à Dri K.K., que expressou na capa deste livro, a alma e o coração da personagem central.

Por último e não menos importante, um agradecimento bem grandão a toda a equipe da Editora Pandorga, desde a poderosa e fantástica Silvia Vasconcelos à Thalu, Gio, Nayara, Petúnia, Bruno, Lucas e todo mundo que está por trás do livro e que nunca vemos, como a galera da diagramação, revisão etc. Vocês são lindos. Também amo vocês.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES

E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

www.editorapandorga.com.br

